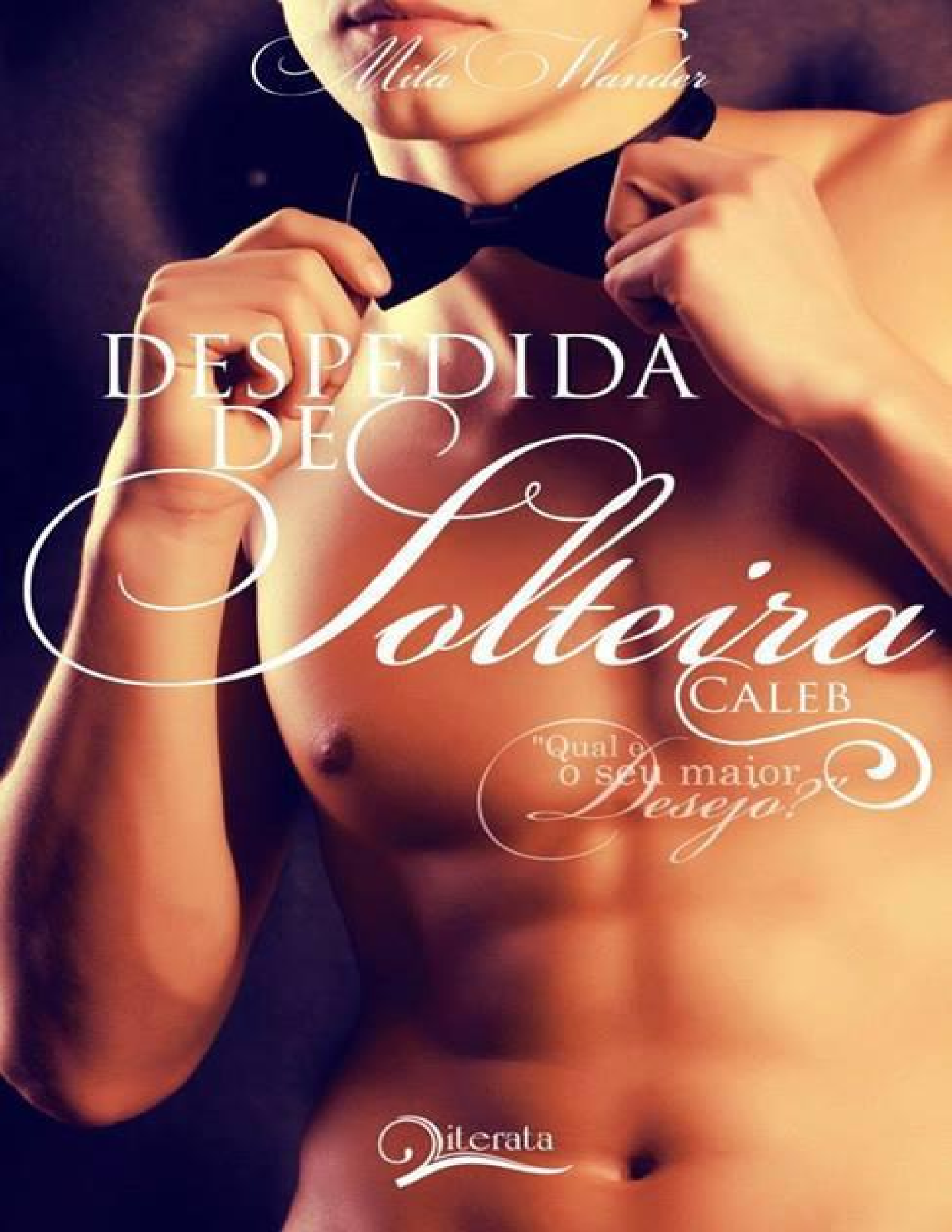
Mika Wander
DESPEDIDA DE
Solteira
CALEB
"Qual é o seu maior Desejo?
Literata

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.club*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Despedida de Solteira
-Caleb -
Mila Wander

Agradecimentos

Preciso agradecer aos leitores do Wattpad. Digo e repito: vocês são demais! Graças a vocês o Caleb tem um texto completo só dele. Graças aos seus comentários, suas palavras de incentivo e o carinho imenso que dedicaram à Despedida de Solteira. Nem imaginava que as coisas tomariam proporções tão grandiosas. Só tenho a agradecer, de verdade, a cada um de vocês.

Agradeço também à querida Giulia Ladislau. A ideia de escrever uma versão do Caleb surgiu depois de um papo com ela e, desde então, só tem me ajudado, incentivado e puxado a minha orelha. Obrigada por revisar Despedida tão perfeitamente! Você é a melhor revisora/amiga/leitora/incentivadora que alguém poderia ter.

Não posso me esquecer das queridas amigas Cristiana Moura e Danila Melo. Vocês são minha dose diária de alegria e altos papos sem noção, os quais não me vejo mais sem.

Mesmo que ele nunca chegue a ler nada disso, preciso agradecer ao Ian Somerhalder. Chegou a ser fácil e natural até demais me inspirar numa pessoa tão impressionante. O mérito pelo Caleb ser tão incrível é totalmente dele.

Beijos, Mila Wander

1º Capítulo
Bem-vindo ao meu mundo

É complicado fazer o que eu faço. Cansativo também. Pode parecer divertido, sei que muitos caras sonham em estar no meu lugar. Afinal, sexo é uma coisa que não sai da cabeça de noventa por cento dos homens. A ideia de poder transar sem compromisso algum pode ser considerada um sonho no universo masculino. Ganhar muito dinheiro para transar então... é uma conveniência tão grande que chego a agradecer todos os dias.

Eu gosto de sexo e acredito que isso não seja incomum. Não é errado gostar de sexo; todo mundo gosta, claro, desde que seja bem feito. Entrei nesse tipo de vida sabendo bem o que queria: transar por dinheiro. Um sonho. Pois é, um sonho que pode se transformar em pesadelo de um minuto para o outro.

Sim, de um simples minutinho...

Estava extremamente feliz há um minuto, quando deixei a casa de uma das minhas clientes mais gostosas. A mulher é um espetáculo: morena, cabelos longos, olhos felinos, corpo escultural. Às vezes fico até envergonhado de cobrar alguma coisa dela, mas infelizmente – ou felizmente – este é o meu trabalho. A coitada não tem a mínima ideia do quanto é bonita. Ela não precisa contratar meus serviços, qualquer cara dormiria com ela sem pensar duas vezes, mas a tal da crise de inferioridade é uma tristeza mesmo.

Sei disso porque a maioria das mulheres com quem saio tem a autoestima lá embaixo. Meu dever é reerguê-la por meio de sexo prazeroso. Trato a infeliz com o maior carinho do mundo, faço ela se sentir especial, dou carícias, pego de jeito, empurro na parede, fodo a criatura... e pego o meu dinheiro.

Esta é a minha vida. Este sou eu. Trinta e um anos experientes.

Pode ser assustador. Muitos o consideram assim. “Como você consegue fazer isso, Caleb?”, é o que me perguntam. A resposta é simples: conseguindo. Como dizia antes, as coisas podem ser muito prazerosas, principalmente quando a cliente é uma gostosa mal amada.

Tudo fica complicado mesmo quando tenho que encarar pessoas como a que estou prestes a encontrar. Podia simplesmente desmarcar o compromisso, mas é muito tentador ganhar o meu máximo: três mil reais a hora. Nem todo mundo tem esse dinheiro para gastar com um garoto de programa, tenho consciência disso. Nem eu mesmo me pagaria tal valor, mas bem... Há quem pague. É também um desafio, pois tenho que manter a calma – e a ereção, principalmente a ereção – diante de uma mulher que não me atrai de forma alguma.

Depois de quase dez anos fazendo isso, devo confessar que sou ótimo. Parece até que estou realmente excitado por causa da cliente. Mal sabe ela que meu pensamento está longe, imaginando que estou fodendo loucamente alguma celebridade tipo a Angelina Jolie ou a Julia Roberts. Às vezes penso até em outra cliente, apesar de ser estranho quando acontece. Não gosto de pensar, lembrar, imaginar ou ter qualquer outro tipo de relação mais íntima com ninguém. Isso pode ser perigoso, apesar de, depois de tantos anos, achar impossível algum envolvimento da minha parte.

Simplesmente não me apaixono. É um fato. Porém não significa que eu não tenha sentimentos, nem que não tenha vontade de me envolver, principalmente quando percebo que uma cliente que considero legal se apaixonou por mim. Acontece mais do que gostaria de

admitir, e a minha única saída é inventar desculpas dizendo que a minha agenda está lotada. Cheguei até a dizer a uma louca que ficava me ligando de um em um segundo que não trabalhava mais no ramo e tinha me mudado para outro país. A coitada esperneou ao telefone, fiquei com dó. Mas o que posso fazer? Nada. É o meu trabalho. Ponto final.

Cheguei ao apartamento luxuoso da cliente – uma cobertura que valia, no mínimo, cinco milhões de reais –, sendo atendido por uma funcionária. Ela pediu para que eu aguardasse na sala. Aquele lugar era incrível, não posso negar. Tudo inspirava requinte e elegância; os quadros bem colocados, a iluminação embutida no teto... O ambiente era moderno, amplo, arejado e discreto, todo em tons pastéis. Parecia pertencer a alguém de muito bom gosto, mas aposto minha BMW, a Charlotte, que não havia sido ela quem decorou o espaço. Era noite de quinta-feira, portanto sabia bem o que ela queria.

Estava vestido com o meu terno mais elegante, gravata cinza – como o exigido – e tinha as mãos no bolso. Acredito que estava muito bem apresentado, ela não se decepcionaria. Estava completamente saciado por causa da outra cliente, mas tinha que encontrar alguma fonte de desejo, sabe-se lá de onde. Ainda bem que eu sempre a encontrava. É por isso que me dou bem fazendo o que faço, minhas vontades parecem não ter fim.

– Christian – ouvi a sua voz. Precisei tomar fôlego. Odeio quando me chamam de um nome que não é o meu. Mas ela estava pagando caro para me chamar do que quisesse. Tenho culpa se a maldita acha que sou o Christian Grey, do livro "Cinquenta tons de cinza"?

– Anastasia – falei, sorrindo. Ok, o nome dela não era Anastasia, mas a filha da mãe estava pagando para que eu a chamasse de qualquer coisa. Minha vontade, naquele momento, era chamá-la de louca, desprezível, ridícula, masoquista dos infernos ou qualquer outra coisa que não fosse a coitada da Anastasia Steele, que sequer existia. A maldita me fez ler o livro inteiro só para ter o prazer de ser dominada por mim em um sexo selvagem e sem sentido, repleto de chicotadas e demais coisas que não me passavam pela garganta.

Só porque sou um garoto de programa não significa que goste de todo o tipo de sexo. Não me entenda mal, curto dominar. Gosto quando fico no controle, sinto prazer em comandar o sexo. Porém, não sou a favor de qualquer tipo de agressão. Não sinto prazer em chicotear ninguém, embora faça isso mais vezes do que gostaria. Essa mulher não era a primeira, e certamente não seria a última, a querer ser agredida deliberadamente e ainda gozar muito gostoso enquanto levava uma surra. Estranho. Enfim...

Prefiro sexo "normal", se é que me entende. Também gosto de ser dominado, mas não daquela forma. Adoro mulheres decididas, que sabem o que querem e o que pretendem. Gosto de ser conduzido e fico impressionado com a capacidade que algumas mulheres têm de comandar até mesmo o momento certo do clímax. Deixo-me levar completamente por clientes com este dom.

Contudo, odeio quando algumas inventam de me amarrar ou algemar. Não vejo necessidade para isso, se querem que eu fique parado e quieto, simplesmente fico. Custa pedir? Bom, pelo menos, naquele caso, Christian Grey jamais se deixaria algemar, nem pela própria Ana Steele. Sorte a minha, não precisaria passar por aquele tormento. Meu tormento seria outro; ter que manter uma ereção e transar com aquela mulher como se estivesse muito a fim de fazer isso.

Depois de ter passado uma hora perfeita com uma cliente gata... Aquilo. Ótimo, que seja. Bem-vindo ao meu mundo.

A mulher se aproximou de mim. Encarei-a, contracenando minha expressão mais sensual. Olha, ela não era feia, só velha demais. Acredito que tinha quase sessenta anos, mas acho que fazia tanta plástica que o rosto já estava todo esticado. Contudo, ela tinha cabelos legais, loiros e compridos. Bom, não loiros, aquilo com certeza era tintura. Sua pele estava amarrotada de tanto creme hidratante que, claro, não funcionava tanto assim. A flacidez era visível, mas eu nada enxergava naquele momento. Estava concentrado imaginando os olhos azuis da Ana Steele. Ela seria a vítima dos meus pensamentos daquela noite.

Transar loucamente com uma ministra não é tão ruim, tirando o fato de ela ser velha e ter gostos incomuns. Entretanto, permaneci aéreo enquanto a penetrava de todas as formas e a amarrava em braçadeiras, até que finalmente se cansou e dispensou os meus serviços. Um encontro de apenas uma hora acabou durando duas, mas a maldita não se importou em me pagar o dobro. Seis mil reais. O bom de tudo isso é que ela jamais se apegou a mim, apesar de ser uma cliente antiga – e muito importante no cenário político. Sempre me pagou bem, de forma que só o que ganhei com ela foi o bastante para comprar a minha BMW.

Sei que você deve estar aí se perguntando: "valeu a pena, Caleb?". Minha resposta é muito simples: ganhei seis mil reais em apenas duas horas fazendo o que não queria. Tem gente que trabalha o mês inteiro sem querer, oito horas por dia, às vezes até nos fins de semana, e ganha bem menos do que isso.

O que você acha? É claro que vale a pena.

Naquele fim de semana começaria um novo trabalho junto com alguns colegas. Era um empreendimento novo, mas tinha uma ideia muito interessante envolvendo despedidas de solteiras. Sempre adorei despedidas, as mulheres ficam ensandecidas e fazem coisas que jamais fariam no cotidiano. Gosto de observá-las; gosto tanto que nem pensei duas vezes antes de aceitar o serviço. Nem foi pelo dinheiro, apesar de ter gostado bastante da questão financeira. Estava ansioso para começar, tinha certeza de que seria divertido. Precisava me lembrar de ligar para o Edu pela manhã, a fim de ficar atento aos últimos preparativos.

Cheguei ao meu apartamento. Estava cansado. Saldo do dia: três clientes devidamente satisfeitas, sete mil e seiscentos reais no bolso e um braço doendo de tanto chicotear uma vadia. Eu fazia com força mesmo, na esperança de que ela achasse ruim e quisesse algo mais *light*. Infelizmente aquilo só surtia o efeito contrário.

Praticamente me atirei no sofá branco da minha sala, ouvindo o silêncio como se ele quisesse me dizer alguma coisa. Admito que aquele era o pior momento dos meus dias; quando anoitecia e me via sozinho, sem uma companhia agradável ou alguém para me perguntar se eu estava bem.

Bom, isso nunca me importou. A solidão pode ser reconfortante às vezes. Ela me faz companhia como ninguém, de modo que me sinto em casa. Sentia-me mais seguro daquela forma.

De quê mais eu podia precisar?

2º Capítulo
Ménage

Acordei no meu sofá, todo quebrado. Parecia ter levado uma surra, como se a ministra tivesse me chicoteado, e não o contrário. O despertador do celular estava tocando freneticamente. Peguei-o e abri a agenda virtual. Tinha duas clientes marcadas dali a uma hora. Estava todo dolorido, suado e morrendo de fome. Odiava dormir no sofá. Isso era cada vez mais comum nos últimos meses, pois estava trabalhando demais.

Tudo por uma boa causa: precisava juntar dinheiro para o meu estúdio. Por mais que eu goste do que faço, admito que já estou de saco cheio dessa vida. Preciso me dedicar a uma coisa mais calma e ao mesmo tempo interessante. Adoro fotografias, desde pequeno. Deve ser por isso que virei modelo aos dezessete anos, sem pestanejar. Vivi por muito tempo diante das câmeras, mas minha vontade profunda sempre foi estar por trás delas.

Fiz um curso há alguns anos, como *hobby*, e simplesmente me apaixonei. Prometi a mim mesmo que iria montar um estúdio fotográfico e desde então venho juntando uma boa grana. Quero tudo completo, organizado e planejado, de modo que possa continuar vivendo bem com a nova carreira. Não quero diminuir os padrões da minha vida, pois estou acostumado a não me preocupar com dinheiro.

Infelizmente meus planos tiveram que se atrasar um pouco por causa da Anelise, uma ex-namorada – ou sei lá o que éramos – que tive há quatro anos. Gostava de sua companhia, apesar de não saber dizer se gostava dela. Havia a conhecido na festa de um colega, numa boate bem agitada. Saímos, jantamos juntos, transamos... Depois de um mês, ela colocou na cabeça que queria me namorar.

Bom, eu tentei.

Estava disposto a engrenar em um relacionamento sério, mas precisava do meu estúdio pronto. Infelizmente ela descobriu o que eu era antes que pudesse concluí-lo, nem me pergunte como. Só sei que Anelise teve tanto ódio que simplesmente colocou fogo no estúdio que eu estava montando. Sei disso porque ela mesma me disse, com todas as letras, antes de ir embora e nunca mais aparecer de novo.

O que eu fiz? Nada.

Fiquei tão desanimado e triste comigo mesmo que simplesmente tratei de esquecer essa história. Continuei trabalhando duro, mas apenas para me manter ocupado. Desisti de montar o estúdio, havia perdido o resultado de um trabalho que necessitou de anos de planejamento. Tinha tudo de que precisava anotado em um caderno, mas decidi guardá-lo e deixar para lá.

Minha irmã Júlia soube do acontecido e, como a única pessoa capaz de me fazer refletir e mudar de opinião – posso ser bastante cabeça dura quando quero –, tentou me convencer a continuar juntando dinheiro. Admito que menti inúmeras vezes para ela, dizendo-lhe que estava economizando. Tudo balela. Gastei meu dinheiro todo muito rapidamente: adquiri uma BMW, troquei de apartamento, reformei tudo umas duas vezes até ficar satisfeito, comprei os melhores produtos, móveis, enfim... Saí rodeando a mim mesmo de coisas caras.

Resultado: tive que começar do zero. Aprendi da pior forma possível que não adianta

fugir de um sonho. Ele sempre vai existir, e vou ficar me sentindo um pedacinho de lixo enquanto não fizer nada que me dê esperança, nem que seja um pouquinho. É diferente fazer as coisas com alguma expectativa, a sensação de que a situação pode mudar. Difícil mesmo é viver dia após dia sem rumo, sem um direcionamento. Considero o sonho da construção do meu estúdio um caminho a ser seguido quando todos os outros me sufocarem de modo insuportável. A ideia me faz bem, por isso decidi parar de enganar a minha irmã – e a mim mesmo.

Tomei um banho quente. Devia ter desmarcado aquele compromisso, afinal, precisava estar descansado para o fim de semana. O problema era que aquele encontro era imperdível. Jamais desmarquei nenhum horário com as gêmeas. Sim, pasme, ia me encontrar com duas garotas que eram irmãs gêmeas idênticas. Apesar de lindas e bem-humoradas, ambas possuíam um gosto incomum. Elas têm verdadeiro prazer em fazer sexo a três, mais conhecido como ménage à trois.

Incrivelmente elas não se tocavam; ainda bem, pois seria muito estranho se o fizessem – seria a mesma coisa se eu dissesse que era fissurado em transar com a minha irmã, o que é ridículo, gosto nem de pensar nisso. Morro de ciúmes da Júlia. Bom, o fato é que, apesar de não fazerem sexo entre si, as meninas adoram abusar de mim como se eu fosse um brinquedinho compartilhado. Nem reclamo. Na verdade, cobro o valor mínimo por esse joguinho.

Comi qualquer coisa que estava na geladeira, vestindo uma roupa mais esportiva; tênis, jeans escuro e uma camisa branca. Elas gostavam de simplicidade. Para ser sincero, arrancariam aquilo em um segundo.

Meu braço ainda doía – maldita ministra! –, e a cabeça girava um pouco. Acabei tomando um *Tylenol* e partindo para mais uma aventura.

Depois da sessão ménage, como sempre maravilhosa, decidi voltar para casa e organizar as minhas coisas. Liguei para o Edu, e ele me informou que deveríamos partir às três da tarde. Viajaríamos rumo a uma casa de praia especialmente arquitetada. Lá receberíamos um grupo de seis garotas, que estariam comemorando uma despedida de solteira. Seguiríamos em uma *van*, que também fazia parte do empreendimento, portanto marcamos de nos encontrar na casa do Marcelo, outro colega nosso.

As gêmeas tinham acabado com a minha raça. Estava tão cansado que decidi dormir o máximo que pudesse, tomando o cuidado de deixar meu despertador no volume mais elevado.

Não podia me dar o luxo de perder aquela despedida.

3º Capítulo
Reconhecendo as clientes

– E aí, Caleb! – cumprimentou Edu, dando-me um abraço com batidinhas nas costas. – Beleza?

– Beleza.

Havia chegado à casa do Marcelo um pouco depois do previsto. Os outros rapazes já estavam entrando na *van*. Ainda bem que não os deixei esperando, cheguei na hora exata da partida. Cumprimentei todos eles com um aperto de mão. Pareciam tão animados quanto eu, mas nunca fui de demonstrar empolgação.

Marlos, nosso coordenador naquele fim de semana, entregou-me uma pasta com algumas informações necessárias. Já tínhamos realizado alguns treinamentos antes, mas nada se comparava ao que vinha a seguir; iríamos finalmente colocar tudo em prática. Fui informado de que aquela despedida serviria como um teste, as meninas nada estavam pagando pelo serviço, embora o dinheiro que nos pagaria estivesse vindo de algum lugar – sabe-se lá de onde. Não tive interesse em perguntar. Não faço perguntas, apenas cumpro meu dever e recebo a minha remuneração.

Sempre fui um cara muito quieto, na minha. Nunca fui de conversar muito, gosto mais de escutar e me manter atento. Os meus colegas iniciaram conversas aleatórias sobre esportes de um modo geral e, claro, mulheres. Mais propriamente as que iríamos conhecer em breve.

– Elas são muito bonitas – comentou Marcelo, animado. Ele estava sentado na minha frente, portanto eu tinha uma visão completa do seu cabelo preto, longo e escorrido. Marcelo era legal, tinha traços orientais e uma habilidade magnífica com copos e garrafas. Já o conhecia de alguns trabalhos anteriores e, sinceramente, nunca vi alguém que fizesse malabarismos tão perfeitos. – Todas elas. Estamos com sorte, sem barangas.

Não evitei acompanhar os risos. Fiquei animado, pois estava farto de mulheres feias, embora considerasse a beleza algo muito relativo. Já passei noites maravilhosas ao lado de mulheres longe dos padrões, momentos mais prazerosos do que com as lindas, consideradas gostosas. Só esperava não dar de cara com uma louca sadomasoquista. O resto dava para aguentar numa boa.

– Amém! – gritou João, outro colega. O cara era negro, enorme e musculoso. Parecia um guarda-roupa ambulante, mas as mulheres gostavam de tipos como ele. Nunca entendi por que, mas vai saber, né? – Essa semana foi complicada pro negão aqui. Nunca vi tanta baranga na minha vida. Contrataram meu mano Henrique aqui e eu para uma festa entre mulheres... – João deu uns tapinhas no ombro do Henrique, um homem loiro de cabelos bem cacheados. Não o conhecia. – Pra quê? Nenhuma se salvava!

– Verdade. Parecia um circo dos horrores – concordou Henrique, gargalhando. Os rapazes o acompanharam. – Mas a grana era preta, muito boa.

Soltei um suspiro. Pelo menos eu não era o único a suportar certas coisas. Mas bem, não vou reclamar. Como já disse antes, tem pessoas que trabalham a vida toda sem gostar do que fazem e ainda ganham bem menos.

O que acho mais legal quando converso com outros garotos de programas é o fato de eles não ficarem reclamando da vida que levam. No fim, o dinheiro sempre vence a questão, e o assunto é dado por encerrado. Pode parecer estranho, mas isso me deixa confortável. Odiaria ter que ouvir lamentações, afinal, fazemos aquilo porque queremos. Ninguém ali era obrigado a continuar.

Toda a conversa sobre possíveis lamentações foi trocada por um conteúdo que detesto: ficar exaltando a própria capacidade de manter a ereção por três, quatro vezes seguidas, bem como o modo como consegue dar conta de três, quatro, cinco mulheres de uma só vez. Sou muito discreto e odeio contar vantagem. Não interessa a ninguém o que consigo fazer; só devo satisfações às minhas clientes e tenho certeza de que elas estão bem satisfeitas com o meu trabalho.

Por isso comecei a ignorar a conversa entre os rapazes. Abri a pasta que Marlos me entregou, estava curioso com relação ao conteúdo. Havia algumas cópias de contratos, já devidamente assinados. Tinha feito aquilo assim que aceitei o serviço, na semana retrasada. O documento falava sobre tudo o que era permitido e proibido – por exemplo, não podíamos levar celulares e nenhum outro aparelho eletrônico –, apresentava uma descrição minuciosa do trabalho que realizaríamos e um acordo de silêncio para proteger a reputação das clientes. Havia também alguns contratos de segurança física, bem como cópias dos exames que tive que fazer para garantir que sou uma pessoa saudável.

Nunca gostei de fazer aqueles exames, mas os faço periodicamente. Sou um cara muito prevenido, jamais realizei um programa de forma insegura. Algumas clientes não gostam do uso de preservativos, por isso exijo sempre que façam exames em um laboratório em que confio. Cada programa só é realizado sem proteção mediante a entrega de exames novos, atualizados. Até porque não faço ideia se a cliente está dormindo com outro cara que, por sua vez, pode ter alguma doença. Odeio correr riscos, não sou considerado um cara imprudente. Minhas coisas são certas, organizadas, planejadas e meticulosamente calculadas.

Juntei todos os contratos na pasta. Havia um envelope grande no fim; não sabia do que se tratava, pensei até que já fosse o pagamento. Para minha surpresa, dei de cara com seis fotos grandes; eram a identificação das garotas a quem serviríamos na despedida.

Lembrei-me de imediato que o combinado era tratá-las pelo primeiro nome – o único que saberíamos –, e também nos referir a elas sempre como "senhoritas", até mesmo a única mulher entre elas que era casada. Isso era uma regra geral que não podia ser corrompida, visto que manter o profissionalismo constante podia significar diretamente o sucesso do empreendimento. Como passaríamos o fim de semana inteiro com as garotas, e não somente algumas horas, manter o relacionamento em um nível profissional era uma necessidade inquestionável. Tanto que beijo na boca foi considerado íntimo, sendo incluso na lista das coisas proibidas.

A primeira foto me chamou atenção logo de cara. Estava escrito "Amande", e ao lado "noiva". Interessante. Era uma mulher muito bonita, embora estivesse séria demais na foto. Sou um adorador de sorrisos. Ela tinha cabelos escuros, lisos e curtos, mal chegava a bater nos ombros. Os olhos eram castanhos bem tradicionais, porém algo neles me fez parar um pouco. Havia intensidade no olhar daquela mulher. Não consegui identificar o que era, por isso tratei de ignorá-lo. Sua pele era morena, meio dourada eu diria, mas fiquei na dúvida se aquela coloração era original. Podia ser resultado de algumas sessões de bronzeamento.

Amande tinha também uma boca pequena e avermelhada, mas ao mesmo tempo carnuda. Formava um desenho perfeito, que só ficava mais atraente com a presença de um pequeno sinal no canto direito do lábio superior.

– Esta é a noiva – apontou Fernando, o cara que estava ao meu lado. Conhecia-o vagamente. Ele tinha os cabelos compridos e meio ondulados, chegando até sua cintura. Não sei como conseguia mantê-lo, o meu já dava muito trabalho daquele modo. Era difícil deixá-lo comportado sem usar gel. – Bonita, não?

– Sim... Pena que é a noiva – soltei. Nem sei dizer por que disse aquilo.

– Não faz tanta diferença assim, você sabe. Essas noivas acabam se revelando em festas deste tipo. Já me diverti com tantas noivas que nem conto mais nos dedos – ele disse, vangloriando-se.

– Tem razão – respondi, sabendo que Fernando estava certo. Eu mesmo já havia transado com muitas noivas em despedidas de solteira. Sinceramente, elas nem me pareceram arrependidas.

Tudo isso me faz chegar a uma única conclusão: mulheres são todas iguais. O que é uma pena, pois bem no fundo eu gostaria de ser surpreendido.

Achei melhor verificar as outras fotos. Fernando já estava me encarando de modo esquisito enquanto eu observava cada contorno dos olhos da tal Amande. Mal sabe ele que sou apenas um curioso. Gosto de observar os detalhes de tudo o que me rodeia e é por isso que amo fotografias. Posso exprimir meu ponto de vista e admirá-lo quando estiver de mau humor. Retratos me confortam de um jeito que nem sei explicar.

A outra garota se chamava Jéssica. Eu a conhecia de alguns serviços realizados no passado, sabia que trabalhava no ramo. Participamos de um *swing* bem louco há muitos anos, porém não cheguei a transar com ela. Foi Jéssica quem entrou em contato com o nosso grupo. Não me demorei admirando sua foto, apesar de achá-la gostosa. Tinha a beleza padronizada: loira, olhos verdes, decote sempre à mostra. O tipo de mulher com quem eu transaria sem pensar duas vezes, desde que não abrisse a boca para falar. Psicologicamente ela não fazia o meu estilo.

O próximo retrato era de uma mulher que parecia mais madura. Seu nome era Cláudia, e havia um alerta de "casada" ao lado. Cláudia tinha cabelos curtos e muito cacheados, bem armados, como se fosse uma modelo afro, apesar de sua pele não ser tão escura. Ela também não parecia tão magra ou alta. Tinha os olhos clarinhos, meio esverdeados. A boca era grande e carnuda.

– Linda, não é? – Fernando se intrometeu de novo. – Quando vi esses lábios, confesso que saí do foco.

– Ela é casada – respondi.

– E daí? – Edu, que prestava atenção na conversa, comentou.

– Noventa por cento das minhas clientes são casadas – completou Marcelo, já se envolvendo no papo.

Aquilo chamou a atenção dos outros rapazes, fazendo-os parar de conversar sobre energéticos e o uso de *Viagra*. Claro que ninguém ali confessava que já tinha tomado, mas até eu já havia ingerido uma vez, antes de encarar cinco clientes marcadas em um dia só – logo quando eu estava indisposto, duvidando de que alguma coisa tivesse a capacidade de ficar ereta. Aquilo acabou me rendendo uma bela dor no meio das pernas, passei quase uma semana

sem trabalhar. Pelo menos as meninas ficaram satisfeitas, as cinco.

– As minhas também – disse João. – Todas casadas e mal amadas. Os maridos não sabem agradá-las. Uma de minhas clientes nunca havia atingido um orgasmo com o marido. Tenho raiva quando fico sabendo de algo assim. Como um cara tem a capacidade de gozar sozinho?

– Verdade, o que mais gosto é de vê-las gozar – disse Edu, sorrindo maliciosamente.

Todos concordaram com ele. Isso é mesmo um fato. Ver uma mulher atingindo o orgasmo me causa um prazer absoluto. Pode ser o que for; bonita, feia, gorda, magra, velha, nova, casada, solteira... Se ela gritar como uma louca ou se permanecer silenciosa. Não importa. Uma mulher entrando no clímax é uma obra de arte. Dá vontade até de fotografar.

Peguei outro retrato enquanto os caras comentavam sobre orgasmos. Minha concentração se esvaiu completamente, o assunto já não me interessava mais. Devo ter algum problema, eu sei, porém estou acostumado comigo mesmo. Minha personalidade introspectiva não me era um incômodo.

A mulher diante de mim era bem interessante. Parecia a mais nova entre elas, tinha um rosto que chegava a ser infantil. Lara é o seu nome. Estava séria demais na foto, mas daquela vez não me importei. Lara era branquinha e rechonchuda. Tinha as bochechas redondas e os olhos escuros amendoados. Seus cabelos compridos e pretos estavam ao vento, contracenando um efeito bem bacana. O mais interessante era sua boca pequenina, em formato de coração. Parecia uma boneca de porcelana.

– Fiquei apaixonado por essa daí – comentou Fernando. Acho que estava disposto a tecer comentários sobre cada uma das clientes. – Nunca vi gordinha mais linda.

– Verdade, ela é diferente – falei. – Parece divertida, mas ao mesmo tempo tem inocência.

– Vou gostar muito se for inocente – completou Fernando. – Ou se for complexada com as gordurinhas.

Fiz uma careta, franzindo o cenho.

– Gosta de mulheres em crise? – perguntei. Odiava mulheres que não sabiam se dar valor. Também detestava conversar com elas; clientes mal amadas costumam chorar incessantemente e gritar para os quatro cantos, expondo o modo como se sentem feias. Um garoto de programa é uma espécie de psicólogo, não posso negar, mas confesso que não sou de dar conselhos. Minha receita nunca muda: uma boa dose de sexo. Pego a criatura de jeito e pronto. Num instante ela se sente novinha em folha.

– É mais emocionante – Fernando respondeu, sacudindo os cabelos. – Não o fato de a cliente ter crise, mas poder ajudá-la é um grande desafio.

Certo. Gosto de desafios. Não é o desafio que me deixa irritado, são as coisas que a cliente fala. Evito me envolver ao máximo com a situação, levando o desafio apenas para o plano sexual, e não das ideias. Nunca precisei convencer ninguém a transar comigo, portanto não fazia sentido ficar de ladainha. Parece difícil de entender, mas na minha mente tudo se encaixa. Talvez só nela.

Achei que Lara já tinha ganhado muito a minha atenção, por isso dei uma bela olhada na próxima cliente: Fabiana. Cabelos longos, castanho-médio, olhos também castanhos e um belo rosto. Tinha uma beleza muito natural, mas sem dúvida era interessante. Parecia magra demais para o meu gosto, mas o modo como posava na foto não me permitiu pensar em algum comentário negativo. Fabiana trajava um terninho feminino elegante, dando-lhe um ar

inteligente e sofisticado. Adorei.

– Gostosa – Fernando comentou. Suspirei fundo. Estava começando a me incomodar com ele, mas deixei para lá. Sou meio chato mesmo.

– Quem? – perguntou Marcelo, interessado. Como ele estava na minha frente, não conseguia ver as fotos, logo não sabia de quem estávamos falando.

– Fabiana – respondi por falta de opção.

– Ela é gata – comentou Edu.

Passei a foto rapidamente, pois não queria que o assunto se prolongasse. A última garota era linda; traços orientais marcantes e bochechas rosadas. Adoro olhos puxadinhos. O cabelo dela era tão liso e comprido que imaginei a mim mesmo puxando-o para trás. Às vezes consigo ter pensamentos adolescentes, é bem engraçado quando acontece. O nome dela era Paloma, e certamente havia me deixado interessado.

– Adoro uma japa! – Sabia que Fernando ia comentar alguma coisa, portanto apenas sorri. Também adorava orientais, embora elas não tivessem muitos atributos físicos. Normalmente são pequenas e meio infantis, tenho medo de machucá-las. Bom, elas nunca pareceram ter o mesmo receio.

Juntei todas as fotos e devolvi para o envelope. Guardei tudo dentro da pasta e a fechei. Já havia decorado o nome de cada uma das clientes, pois tenho boa memória fotográfica. Definitivamente, o fim de semana ia prometer. Fiquei mais animado do que antes, louco para chegar.

Felizmente o tempo passou rápido, e abri um grande sorriso quando senti o cheirinho de maresia.

4º Capítulo
Últimos preparativos

O clima estava muito tranquilo na beira da praia. Sempre fui apaixonado pelo mar; as melhores fotografias que já fiz em toda a minha vida foram tiradas no litoral. O sol estava morrendo no horizonte quando a *van* parou na frente de um muro alto, coberto por uma vegetação bem interessante que incluía flores pequenas e amareladas.

Descemos do veículo bem depressa, todos pareciam animados. Eu, particularmente, não via a hora de chegar. Marlos tratou de abrir os portões. Ainda não conhecia a casa, embora a maioria dos garotos a tivessem visitado durante a semana. Mesmo assim, Marlos nos apresentou a cada aposento com muita paciência e dedicação. Ele era mesmo um cara muito competente; embora mantivesse um sorriso constante no rosto, era impossível não levá-lo a sério. Todos pareciam respeitá-lo da mesma forma, visto que permaneceram calados, escutando atentamente cada informação que nos passava.

Havia algumas pessoas montando uma espécie de estande na enorme área de lazer, perto da churrasqueira. O espaço era tão grande que fiquei admirado. Um jardim de muito bom gosto se mostrou presente logo na entrada, acompanhado por uma piscina retangular. A casa em si era grande, moderna e bem equipada; fiquei impressionado com a parede de vidro que ocupava toda a sala de estar, com vista direta para a área externa. As suítes estavam devidamente limpas; havia dez, mas, como receberíamos apenas seis mulheres, quatro delas permaneceram fechadas.

Depois de nos explicar como funcionaria a "festinha" que daríamos hoje à noite – na qual eu faria, junto com o Edu, um show de pirofagia –, Marlos nos guiou pela lateral da casa. Apresentou-nos a uma sauna a vapor – que cheirava a eucalipto – e a uma sala de massagem muito bem equipada. Adorei. Sou formado em massoterapia, havia feito um curso completo há alguns anos. Aposto que os meninos também tinham algum tipo de formação na área, afinal, havíamos sido escolhidos a dedo pelos sócios do empreendimento.

Após o reconhecimento do local, Marlos nos indicou as nossas instalações individuais. Havia um pequeno casebre nos fundos – na verdade ele não era tão pequeno assim – e seria lá que realizaríamos nossas refeições e momentos de descanso. Nosso contrato dizia claramente que devíamos servir às clientes em tempo integral, permanecendo sempre à disposição delas, porém era permitido que tirássemos quatro horas por dia para descanso e mais meia hora a cada refeição. Os horários não eram fixos, sendo assim, teríamos que encaixar nossas necessidades de acordo com a necessidade das clientes.

O casebre era todo moderno, mantendo os padrões elevados do restante do lugar. Infelizmente não havia tantos quartos quanto na casa, e eles não eram suítes, portanto ficou definido que eu dividiria um deles com o Fernando. Os armários da cozinha estavam repletos dos mais variados alimentos. A geladeira estava cheia, e Marlos nos explicou que podíamos consumir qualquer coisa que quiséssemos, menos bebida alcoólica. Tudo bem, não costumo beber em serviço. Gosto de ficar sóbrio e consciente, sabendo exatamente o que estou fazendo.

Pegamos nossas malas na *van* e as levamos para os quartos no casebre. Marlos nos deu duas horas de descanso antes de começarmos a organizar as coisas para receber as meninas. A chegada estava prevista para as onze e meia da noite, um pouco tarde porque uma delas trabalhava até depois do horário comercial. Não fazíamos ideia de quem elas eram ou onde trabalhavam, também não tínhamos permissão para perguntar. A identidade das clientes era um mistério, e assim seria por todo fim de semana.

Fernando entrou no quarto que dividiríamos, carregando uma mala que considerei exagerada. Eu estava deitado em uma das camas de solteiro do jeito que tinha chegado – jeans e camiseta, só tirei o tênis –, não queria perder tempo trocando de roupa ou fazendo qualquer outra coisa. Precisava tirar um cochilo urgente, pois as gêmeas realmente tinham me deixado exausto. Ainda conseguia sentir suas bocas frenéticas me sugando como se fosse um sorvete, enquanto lhes oferecia meu sêmen. As vadias sugaram tudo numa boa. Balancei a cabeça, tentando dispersar aqueles pensamentos. Queria ficar excitado na hora certa, precisaria de toda a minha energia para encarar aquela despedida.

O problema era que o Fernando não estava disposto a dormir. Ele logo tirou a camisa que vestia, exibindo um bocado de tatuagens e mostrando o quanto era mais sarado do que eu. Sinceramente, nem ligo para isso. Malho apenas para manter as coisas no lugar; não quero e nem pretendo deixar meus músculos estufados. Não costumo tomar suplementos, apenas mantenho uma dieta equilibrada e nunca passo mais do que uma hora na academia. Não é preguiça, é preferência.

– Estou ansioso – disse ele, mexendo nas gavetas de alguns móveis que compunham o quarto. Suas mãos pararam logo na primeira gaveta de uma cômoda pequena. Havia um monte de pacotes de preservativos ali. – Cara, odeio isso.

– É mais seguro assim – murmurei. Uma das regras primordiais, devidamente exposta no contrato, era o uso de preservativos. Os sócios não queriam saber de problemas relacionados à DST e gravidez. Sexo inseguro ficou terminantemente proibido.

– Eu sei, mas não gosto.

Permaneci calado. Fechei os olhos, indicando que adoraria ser deixado em paz. Entretanto, Fernando parecia incapaz de ficar quieto.

– Se pudesse escolher, quem escolheria? – perguntou meu colega de quarto.

– O quê? – Sinceramente, não fazia ideia do que ele estava falando.

– As garotas. Sabemos que a noiva vai escolher os pares, mas se pudesse escolher...

– Tanto faz – respondi, interrompendo-o. Ficou decidido que, como o grupo de mulheres era bem reduzido e a única que sabia o que aconteceria era a Jéssica, iríamos com calma. Cada rapaz ficaria responsável por apenas uma mulher durante todo o fim de semana. Significa que não transaríamos com todas elas, apenas com uma – na melhor das hipóteses, já que não são obrigadas a transar.

– Ah, Caleb, duvido. Deve ter alguma que tenha te chamado a atenção.

– Todas são belas – falei.

– Queria ficar com a Lara – ele confessou, deitando-se na outra cama de solteiro.

– Gamou, foi?

Fernando riu.

- Claro que não. Mas eu a escolheria. Vai, me diz quem você escolheria.

– Não sei... Acho que a Amande. – Tudo bem, não devia ter dito aquilo em voz alta.

Porém, não tenho culpa se prefiro um olhar enigmático a um par de seios volumosos.

– A noiva? – Fernando pareceu admirado.

– Sim.

– Você gosta de desafios, então.

– Quem não gosta?

Fernando riu novamente, e acabei o acompanhando. Ok, ele não era tão ruim assim. Só meio falante e intrometido, mas era gente fina.

Quando menos esperamos, ouvimos algumas batidas na porta. Fernando se levantou prontamente e a abriu.

Marlos apareceu com uma sacola enorme.

– Aqui estão todas as roupas. Em cada uma tem um papel com o horário em que será utilizada.

Ah, sim, as roupas. Tirei minhas medidas quando assinei o contrato, sabendo que algumas vestimentas seriam providenciadas para que mantivéssemos o padrão. Começaríamos usando ternos escuros e muito elegantes, no primeiro jantar que seria servido quando as clientes chegassem. Depois a festinha seria iniciada e usaríamos apenas uma tanguinha mínima, junto com gravatas-borboleta. Eu poderia até achar ruim, se não estivesse acostumado com aqueles trajes. Sempre achei meio desconcertante, mas as mulheres piram. Tento não julgar, afinal, fico louco quando vejo mulheres circulando de biquíni. Mais um comportamento adolescente para a minha lista.

Deixamos as roupas separadas em cabides, dentro dos armários, de modo que seria difícil nos confundirmos.

Após míseros quarenta minutos de cochilo – que sinceramente não me serviram para nada –, começamos a organizar algumas coisas para mais tarde. Os equipamentos estavam todos guardados dentro de um galpão que ficava ao lado do casebre. Fiquei impressionado com o tamanho do terreno, tudo ali era enorme. Não me admirei quando fiquei sabendo que aquela mansão ocupava canto a canto do quarteirão.

Marlos nos mostrou cada detalhe do que precisaríamos fazer, mas o Edu e eu acabamos nos separando do pessoal para treinar um pouco de pirofagia. Fazia um tempo que não praticava, portanto pegamos as tochas e começamos a treinar no jardim. Pirofagia – ou cospe-fogo, como alguns a chamam –, é a arte de manipular o fogo através de movimentos ritmados; engolindo, cuspindo ou passando pelo corpo. Não me considero *expert* nisso – o Edu arrasa muito mais –, porém tenho algumas habilidades com malabarismo de bastão.

Iniciamos o treinamento com as tochas desligadas e só depois pegamos o querosene. Não tente fazer isso em casa. Para realizar um show de pirofagia é necessário muito treino e a presença de um profissional para orientar. Os movimentos precisam ser muito bem calculados, e os materiais têm que ser especializados.

– Muito bom, Caleb – disse Edu, que estava se sentindo um verdadeiro professor. Melhor para mim, pois ganhei algumas dicas de coisas que ainda não sabia. – Acho que já estamos prontos.

– Você não pode achar! – falei, rindo. – Corremos o risco de pegar fogo.

Edu também riu.

– Tenho certeza de que estamos prontos, então!

– Melhorou!

Apagamos as tochas e vestimos nossas camisas bem na hora em que o Marlos apareceu, alertando que fôssemos nos arrumar. Já eram dez horas da noite.

5º Capítulo
O primeiro jantar

Gosto de vestir terno. Aliás, gosto de me vestir bem, mas me sinto muito atraente usando terno. Elegância e inteligência são dois atributos que me atraem drasticamente, e as roupas às vezes acabam falando por nós. Claro, tudo isso tem que estar de acordo com as atitudes. Entretanto, um terno bem cortado, composto por um tecido refinado, junta esses dois atributos de uma forma interessante.

Sempre fui vaidoso. Não me considero metrossexual, mas mantenho uma rotina estética necessária para o meu trabalho. Mantenho-me devidamente depilado e perfumado. Meus cabelos pretos são cortados periodicamente, e também faço minhas unhas das mãos e dos pés. Não costumo usar hidratantes, mas faço limpeza de pele mensalmente numa clínica. Fiquei acostumado com essa rotina, pois sou modelo desde que me conheço por gente. Beleza é uma coisa que venho tentando manter, e não acho isso errado. Já não sou mais tão jovem, preciso continuar me cuidando.

Minha barba estava por fazer, visto que as gêmeas adoravam quando as arranhava com ela. Por este motivo, não havia passado o barbeador pela manhã. Tinha trazido o aparelho de barbear na minha mala, mas achei que estava com o rosto mais maduro daquele modo. Sendo assim, decidi deixar como estava.

Os rapazes ficaram elegantes também. A mesa de jantar já estava organizada perto da piscina, e os meninos iam e vinham, ajudando a deixar tudo pronto. Marcelo e Henrique iriam ficar no minibar, montado especialmente para as clientes. Edu e eu serviríamos o primeiro jantar, já que a escolha dos acompanhantes só seria feita na hora da festa. Depois que cada cliente tiver definido sua companhia, cada qual ficará responsável por lhe servir.

Fomos apresentados ao Sr. Amoretto, um cozinheiro renomado que havia sido contratado especialmente para a ocasião. Havia dois auxiliares o ajudando a preparar o jantar, o Gabriel e o Vinícius. Gente finíssima. Mais cedo, fizemos um reconhecimento geral da cozinha – montada perto da churrasqueira –, de modo que já sabíamos onde ficava cada coisa.

Às onze e meia, já estávamos com tudo pronto, e a notícia da chegada das meninas correu muito rapidamente. Fiquei impressionado com o profissionalismo de cada um; em pouco tempo, todos já estavam posicionados para recebê-las.

Quando as clientes atravessaram o portão, fiquei absolutamente quieto, admirando-as. Suas reações perante a mansão foram de muita surpresa, de modo que não pararam de soltar gritinhos finos altamente femininos. Sorri um pouco. Mulheres são interessantes.

– Uau! – a voz dela me chamou a atenção. Na verdade, fiquei olhando para ela por muito tempo, observando seus trajes simples: shorts jeans, blusinha e sandálias rasteiras. Parecia à vontade, usando o cabelo em um rabo de cavalo pequeno. Sim, estou falando da Amande.

– Jéssica, sua filha de uma... Como conseguiu isso? Como fez isso? – disse Fabiana. Pessoalmente ela era ainda mais bela.

– Cara! – alguém gritou.

– Já falei, nada como ter muitos amigos. E amigos de amigos de vizinhos de primos... – comentou Jéssica. Ela parecia bem satisfeita, trajando um vestidinho curto que deixava suas pernas torneadas à mostra. Gostosa demais. – Venham, vamos entrando. Jorge vai tirar nossas malas da *van*. – Jorge era o motorista.

– Nossa! Mas este lugar é... incrível! – Voltei minha atenção para Amande. Ela estava mesmo muito impressionada, observando tudo com brilho nos olhos.

– Vamos, meninas, não se acanhem! – Jéssica chamou as garotas. Assim que elas se aproximaram, entramos em formação para cumprimentá-las. Fizemos uma reverência elegante, que acabou as deixando ainda mais admiradas. Acho que gostaram da gente. Aliás, tenho certeza.

Lara deu uma bela olhada em cada um de nós. Na verdade, foi a única que fez isso; o restante das meninas mal sabia para onde olhar, de tão admiradas que estavam. Ela fez uma careta de modo engraçado. Acho que começava a perceber o que viemos fazer ali. Ou não. Só sei que Lara sorriu depois de alguns segundos, como sinal de cumprimento. Sorrimos de volta. Bom, pelo menos o Fernando e eu sorrimos. Sei disso porque o procurei com o olhar.

As meninas gritavam mil exclamações de agradecimento e excitação. Foi neste momento em que Marlos se aproximou. Ele estava muito elegante trajando o seu terno, e o sorriso que nunca deixava seus lábios permaneceu intacto.

– Senhoritas, sejam bem-vindas! – falou. – Meu nome é Marlos. Fiquem à vontade, esta noite foi feita especialmente para vocês. Acompanhem-me, preparamos um jantar fabuloso. Nosso *Cheff*, Sr. Amoretto, irá cumprimentá-las em breve.

Marlos conduziu as meninas até a mesa de jantar, que já estava montada de maneira impecável. Edu e eu fomos pegar as bandejas para começar a servi-las. A entrada seria salada de camarão, que por sinal estava bem deliciosa. Havíamos jantado antes das meninas chegarem.

– Fabiana – disse o Edu, enquanto colocávamos as coisas nas bandejas. – Quero ela, e você?

– Qualquer uma – murmurei.

– Fala sério, Caleb!

– Vamos logo com isso – falei, sorrindo meio torto.

Cheguei perto da mesa, esperando Marlos terminar de dar alguns direcionamentos às meninas:

– Senhoritas! Nosso prazer será lhes servir até o fim. Desejamos que tenham uma ótima comemoração, somos especialistas em despedidas de solteira. Neste fim de semana magnífico, iremos tratá-las do modo como merecem. Começaremos por este delicioso jantar! Edu e Caleb irão lhes servir; enquanto isso, Marcelo preparará as bebidas. – Apontou para o minibar. Marcelo já fazia acrobacias com os copos. Show de bola. Podia ficar observando seus movimentos, mas tinha que servir às clientes. – Vocês podem escolher o que quiserem, temos uma lista completa de *drinks* ao lado do guardanapo de cada uma.

Logo em seguida, Marlos fez um sinal com os dedos, indicando para começarmos a servir. Ia começar pela Amande – já que ela era a noiva –, mas Edu pulou na minha frente e foi lhe servir. Bom, que seja. Dei meia volta, servindo à Fabiana e à Cláudia, que começaram a cochichar. Claro que falavam de nós, visto que nos encaravam sem desviar os olhos. Estavam flertando.

– Garotas, acho que vou de vinho! – Jéssica falou animadamente. Ela estava analisando o cardápio de bebidas com muito afinco. Acabei lhe servindo com salada. – Quem me acompanha? Este vinho *rosé* deve ser magnífico. Vai cair muito bem com nosso jantar.

– Por mim, tudo bem, amiga! Adoro vinho! – respondeu Fabiana, que encarava o Edu e se abanava com o guardanapo de linho. Ele sorriu para ela.

– Hoje estou topando tudo! – Nem vi quem tinha dito isso.

– Por mim tudo bem também. – Ok, estava começando a reconhecer aquela voz. Era um timbre firme, que indicava certeza no que dizia, mas ao mesmo tempo doce. Inspirava feminilidade. Amande realmente tinha uma bela voz.

Fiquei um pouco perturbado com isso, portanto decidi me afastar. Já tínhamos terminado de servir as saladas. Marlos apareceu com uma garrafa de vinho e lhes serviu pessoalmente, com a ajuda do Edu, que levou taças especiais para aquele tipo de bebida.

Fui à cozinha e limpei a bandeja, pegando outra garrafa de vinho. Certamente elas não beberiam apenas uma. Nossas clientes comiam a entrada no mais completo silêncio. Ficavam olhando para todos os lados; acho que estavam tão admiradas com a surpresa que nem sabiam o que conversar entre si.

Edu se aproximou de mim e praticamente me roubou a garrafa de vinho.

– Vou precisar disso! – falou, sorrindo.

Vi quando o espertinho encheu a taça da Fabiana – que já estava vazia –, recebendo um agradecimento com direito a uma piscada. Ele voltou para o estande logo em seguida.

– Ela está na minha – concluiu.

Não consegui conter uma gargalhada.

Marlos avisou às meninas que o prato principal seria servido; assado de salmão ao molho de mostarda, batatas *sauté*, arroz de frutos do mar e casquinhas de siri. Tudo estava uma delícia e exalava um aroma fantástico. Tratei de colocar as travessas na bandeja, aproximando-me da mesa das garotas depois de receber o consentimento do Marlos.

Edu foi recolhendo os pratos sujos e colocando os novos, enquanto fui servindo primeiramente o salmão e as batatas. Daquela vez, deixei a Amande por último de propósito. As meninas estavam muito quietas, mas Paloma, a japonesinha, começou a falar quando finalmente ia servir à noiva.

– Então, Amande, o vestido está pronto mesmo ou terá a última prova?

– Está prontíssimo! A última prova foi feita há duas semanas. Irei buscá-lo nesta segunda! – respondeu. Ouvi sua voz ainda mais de perto e constatei que era mesmo diferente. – Obrigada – disse quando lhe servi, porém ela sequer olhou para mim.

– Você é uma noiva perfeita! – alguém falou. Nem soube dizer quem foi, pois já me afastava para pegar as casquinhas de siri no estande. – O casamento vai ser um sucesso, nunca vi algo tão bem planejado. Às vezes dou uma olhada no site e fico encantada com todos os detalhes que posta!

Peguei a bandeja das casquinhas, mas o Edu puxou das minhas mãos e foi flertar com a Fabiana mais uma vez. Comecei a rir. Ele estava exagerando com aquela história. No fim, a única que podia decidir nossas acompanhantes era a Amande. Não ia adiantar ficar flertando com ninguém. Sendo assim, peguei a garrafa de vinho e me aproximei da mesa, verificando se havia alguma taça vazia.

– O quê? Você ainda tem aquele problema de não dormir com ninguém? – disse Fabiana.

Estava olhando para a Amande como se estivesse admirada, portanto achei que se referia a ela.

– Deixem a coitada! – completou Paloma.

– Ah, gente... Só não gosto. João respeita isso, porém agora as coisas vão mudar. Não posso me negar a dormir com meu próprio marido – Amande falou. As garotas começaram a rir dela.

"Como é que é?", pensei. Fiquei pasmo. Acho que cheguei a parar um pouco no tempo, imaginando os motivos daquela mulher nunca ter dormido com ninguém. Ela era virgem? Difícil de acreditar.

Uma noiva virgem. Que ótimo! Todas as minhas esperanças se esvaíram naquele momento. Se eu tinha alguma vontade de ser escolhido pela Amande, havia ido embora muito depressa. Afinal, possuo o mínimo de princípio. Não ia seduzir uma mulher que havia se guardado para o futuro marido.

– Ah, amiga... Nem acredito, você finalmente vai se casar – continuou Lara, a gordinha que o Fernando queria. – João deve estar tão feliz! Ele sempre te amou muito.

"O nome do noivo é João? Ótimo, ela certamente não vai escolher nosso negão sarado", pensei, rindo sozinho.

– É verdade, também estou muito feliz. Posso ser sincera com vocês? Também estou morrendo de medo! – Amande admitiu.

– Isso é altamente normal – respondeu Cláudia, a única mulher casada entre elas. Seus lábios grossos eram mesmo incríveis. – Tenho certeza de que vai adorar a vida de casada. É tudo muito diferente, mas é gratificante.

Edu passou por mim, dando um tapinha no meu ombro. Aquilo me fez desviar a atenção da conversa das clientes.

– Acorda, Caleb, olha a taça das meninas! – sussurrou o meu colega.

Definitivamente eu tinha mesmo parado no tempo. Acordado do transe, percebi que a taça da Amande estava vazia. Tomei fôlego e fui enchê-la, enquanto a ouvia dizer:

– Não me vejo sendo mãe. Acho que isso vai demorar muito para acontecer. Talvez jamais aconteça.

Ela me agradeceu quando lhe servi, porém não a encarei. Senti seus olhos se voltando para a minha direção, mas mantive os meus afastados. Sinceramente, eu não queria seduzi-la de forma alguma. Tenho consciência de que meus olhos azuis são bonitos, não sou tão idiota assim. Minhas clientes falam isso o tempo todo – algumas dizem que eles são a minha principal arma. Enfim, não queria tentar nenhum "ataque" direto contra Amande.

Enchi a taça das outras garotas, porém confesso que não prestei mais atenção na conversa delas. Achei que já tinha escutado o bastante daquele papo. Afastei-me depressa, voltando para o estande com a garrafa vazia.

Encontrei o Edu no meio do caminho.

– Dá pra acreditar? Ela é virgem! – desabafei baixinho, nem sei dizer por que.

– Quem? – ele perguntou, interessado.

– A noiva.

– Sério? – Edu gargalhou. – Que delicinha!

– Enlouqueceu? Estou fora.

– Ai, Caleb... Você é tão certinho que nem parece que trabalha com isso há anos. Devia

saber mais do que eu que quanto maior o desafio, melhor o prêmio.

Balancei a cabeça, negando. Detestei o comentário do Edu, de verdade. Não achava certo aquele tipo de coisa. Nunca joguei sujo daquela forma, mas creio que os outros rapazes não estão nem um pouco interessados em manter a integridade de alguém.

Virei-me na direção da mesa. As garotas faziam um brinde animadamente, juntando as taças de cristal. Olhei para Amande; ela sorria de maneira despreocupada. Tão... bonita e delicada. Nas mãos daqueles caras, o que seria dela? E se acabasse escolhendo o Edu? Certamente ele a seduziria com sua beleza óbvia.

Não... Aquilo não podia acontecer. Amande precisava me escolher para que permanecesse preservada. Acabei tomando uma decisão; iria seduzi-la no começo, apenas para que me escolhesse. Depois eu a trataria com todo respeito do mundo durante o fim de semana.

É isso aí.

6º Capítulo
Preparando a festinha

Depois de serem apresentadas ao *Cheff*, Sr. Amoretto, nossas clientes decidiram tomar alguns *drinks* no minibar. Marcelo tratou de iniciar seu show de acrobacias, sendo ajudado pelo Henrique. As meninas ficaram encantadas com eles. A animação estampada no rosto de cada uma era bem óbvia.

Edu e eu começamos a retirar as coisas da mesa. Fomos ajudados pelo João e pelo Fernando, que tinham permanecido dentro do estande durante o jantar.

– Vou guiar as garotas para seus aposentos – avisou Marlos, aproximando-se de nós. – Assim que elas entrarem, podem começar a montar a festa do mesmo jeito que foi combinado.

Aquiescemos, concordando. Ele guiou as meninas para dentro da casa, então seguimos até o galpão, onde os equipamentos já estavam semimontados. Confesso que não prestei atenção em muita coisa. Permaneci reflexivo, tentando analisar a situação. As palavras da Amande ecoaram na minha mente, como se ela estivesse falando no meu ouvido:

"Ah, gente... Só não gosto. João respeita isso, porém agora as coisas vão mudar. Não posso me negar a dormir com meu próprio marido."

Talvez eu tenha me precipitado na análise. Afinal, quem não gosta de sexo? E que espécie de noivo seria esse tal de João se respeitasse o fato de ela não gostar de transar? Estranho demais!

Acabei chegando à conclusão de que Amande quis dizer aquilo literalmente falando, ou seja, dormir neste caso não seria transar. Seria apenas deitar, fechar os olhos e etc. Enfim, dormir.

Balancei a cabeça, tentando dispersar os pensamentos. Aquela dúvida estava me corroendo, embora não soubesse dizer o porquê. Minha maior vontade era chegar até ela e perguntar na maior cara de pau, porém claro que eu não ia fazer aquilo. Seria ridículo, constrangedor e altamente antiético. A única coisa que queria saber, de verdade mesmo, era por que estava me importando tanto. A virgindade de ninguém nunca me interessou; já tirei várias. Pasme, existem mulheres que preferem perdê-la com um garoto de programa para não causarem receio nos caras de que estão a fim, o que é bem idiota, pois a primeira vez de todo mundo devia ser algo especial.

É assim que eu penso. Sexo para mim é algo muito natural e simples, sem complicações, mas isso não significa que eu não atribua valor à ação. Não me envolvo com as clientes nem relaciono o ato a algum tipo de sentimento além do desejo. Contudo, falando sério, a primeira vez em que se transa é algo que não sai da nossa cabeça pelo resto da vida. Falo isso por pura experiência. Já transei com tantas garotas que não lembro sequer da metade, no entanto tenho consciência de que jamais me esquecerei da Janice.

Bom, eu só tinha treze anos de idade, ela também. Estudávamos na mesma escola e éramos muito amigos. Janice sempre foi a fim de mim, mas eu era muito imaturo, só queria sua amizade. Ela era especial, pois gostava de jogar videogame – vício que cultuo até hoje – e futebol de botão. Considerava Janice um amigo; nem me importava com o fato de ela ter uma

vagina. Até que um dia a louca deixou super claro que tinha uma.

A menina, que era doce e envergonhada, praticamente virou bicho enquanto forçava um beijo. Foi muito constrangedor, claro, mas se eu disser que não gostei estarei mentindo. Meus hormônios adolescentes estavam começando a aflorar, portanto minha imaginação foi longe quase de imediato. Não deu outra; fizemos amor de um modo inexperiente, estranho, sem noção e quase patético. Mas bem, não vou reclamar. Acho que aquela foi a única vez em que fiz amor na minha vida. Ou talvez não, não me lembro. Tive algumas namoradas, mas sempre fui um cara desinteressado em manter relacionamentos. Nunca fui fiel a uma mulher só, essa é a verdade. Sempre queria mais, sempre fui além. Meu desejo foi despertado pela Janice, e às vezes tenho vontade de procurá-la para ver se ela seria capaz de domá-lo. Ok, vou admitir: cheguei a procurá-la. Mas ela está casada e muito feliz. Melhor assim.

Conseguimos organizar tudo com uma velocidade impressionante. Os sofás emplumados, a pista de dança improvisada, o sistema de som, o jogo de luzes, as gaiolas ao redor da piscina... Ah, preciso falar delas. Pensamos na possibilidade de não usá-las, mas chegamos à conclusão de que seria muito engraçado. As gaiolas são nada mais nada menos do que armações feitas de um material leve, onde cabe apenas uma pessoa, podendo ser facilmente manuseadas. Iríamos usar três naquela noite; João, Fernando e Henrique as ocupariam. Basicamente eles estariam usando suas tangas e contracenando danças sensuais dentro delas.

Os rapazes eram mesmo muito profissionais e competentes, o trabalho em equipe fluiu de modo impecável. Quando Marlos apareceu, vinte minutos depois de ter entrado na casa, apenas o som faltava ser instalado. João e Fernando já estavam mexendo nos fios, ajudando o Luís – um cara que havia sido contratado para cuidar da trilha sonora naquela noite –, portanto o restante resolveu trocar de roupa, a fim de ficarem prontos de uma vez.

Vesti a maldita tanguinha e a gravata-borboleta. Havia um espelho grande dentro do quarto, portanto dei uma olhada geral. Confesso que iniciei uma gargalhada. Feito um idiota, comecei a rir sozinho. Como alguém podia achar aquilo sexy? Não sei responder, mas as garotas nunca reclamaram.

Fernando entrou no quarto no exato momento em que lágrimas começaram a sair dos meus olhos. Tinha rido tanto que comecei a chorar do nada. Meu estômago se contorcia depressa, deixando-me quase sem fôlego. Meu colega já estava usando sua própria tanguinha, e aquilo me fez rir mais ainda. Claro, ele acabou me acompanhando.

– Também acho ridículo se quer saber! – ele disse, enquanto pegava um pente e passava nos longos cabelos. – Mas as mulheres ficam loucas, fazer o quê?

– Ai, ai... Bom, vamos logo com isso – falei, tentando me recompor. Fazia um tempo que não ria daquele jeito, acho que desde a última visita da minha irmã, no mês passado. Ela sempre me faz rir com seu jeitinho extrovertido.

Encontrei o Edu na pequena sala do casebre. Ele já estava pronto, pegando as tochas e o querosene que usaríamos no show de pirofagia. Separei algumas garrafas de água e um extintor de incêndio, caso um de nós pegasse fogo. Seguimos para a área externa, carregando nossos equipamentos. Estava muito ansioso e um pouco nervoso também, porém tentei manter o foco. Precisaria de toda a minha concentração para realizar os malabarismos.

As coisas já estavam em seus devidos lugares; o ambiente havia se transformado muito depressa. As luzes do globo rodopiavam e forneciam efeitos bem legais, dignos de uma bela

fotografia. Posicionei-me ao lado do Edu, perto da pista de dança, acendendo as tochas com bastante cautela. Ficaríamos esperando o sinal do Marlos, visto que só começaríamos o show quando as garotas saíssem da casa.

Vi quando João, Fernando e Henrique entraram nas gaiolas. Edu começou a rir, e acabei o acompanhando. Na verdade, os próprios caras ficaram se zoando diante da situação, mas de onde estávamos não dava para ouvir direito o que diziam.

– Elas vão gostar disso – comentou Edu, apontando para as gaiolas. – Acho que mais do que o nosso show.

– Duvido muito – retruquei. – Quando entro numa coisa é pra fazer bem feito.

Ele riu de leve.

– Vou tirar a Fabiana para dançar. Amande vai perceber que formamos um belo casal. Por falar nisso... Já se decidiu?

– Decidi o quê?

– Decidiu tirar a virgindade da noiva? – Gargalhou.

Não vi graça naquilo, por isso sorri meio torto.

– Quero que ela me escolha – admiti. Estava realmente disposto a seduzi-la com aquele propósito, mesmo a questão da virgindade não estando clara. O fato é que decidi não contar ao Edu que talvez tivesse me precipitado ao concluir que Amande era virgem, o que foi uma péssima ideia, pois sei que, se os caras descobrissem, cairiam em cima dela como abutres.

– Sabia que você não ia resistir – ele comentou.

Não ia perder meu tempo explicando para o Edu que queria ser escolhido apenas para deixá-la em paz, até porque ele estranharia muito a minha reação. Até eu estava me estranhando, pois não posso negar que a desejo. E, quando desejo alguém, costumo obter muito facilmente.

– Pessoal, vocês estão prontos? – Marlos falou um pouco mais alto, chamando nossa atenção. Ele estava diante da porta que separava a sala de estar da área externa. As cortinas estavam fechadas, portanto as clientes não podiam nos ver através da parede de vidro.

– O fogo está pronto! – Edu gritou de volta.

Com tudo dentro dos eixos, Marlos permitiu que começássemos a festa. O som foi ligado no último volume, fazendo ressoar batidas de *techno*. Adorei. A música ajudaria muito na minha concentração, por isso tratei de iniciar os movimentos de acordo com ela. Edu entrou no mesmo estado de transe que eu, e iniciamos nossa apresentação sem sequer olhar para os lados.

A única coisa da qual me lembro bem foi de ter ouvido gritos insano vindos das nossas clientes.

7º Capítulo
Uma dança

Durante toda a apresentação, simplesmente não prestei atenção em mais nada além dos meus próprios movimentos. Percebi que as garotas estavam bem próximas e gritavam bastante a cada vez que Edu e eu cuspíamos o fogo para os ares. Gostava muito de fazer aquilo, estava satisfeito com meu desempenho.

Depois de vinte minutos de danças, movimentos curtos, rápidos e precisos, já me sentia confiante para tentar novas acrobacias. Edu arrasava mais do que eu, porém tínhamos combinado que ele iria "maneirar" um pouco, para que assim a diferença entre nossas técnicas não ficasse muito gritante. A música servia como verdadeira gasolina para nós. Particularmente estava tão empolgado com o ritmo que achei que deveria me dedicar um pouco mais à pirofagia. Era uma ótima terapia, dava-me tranquilidade.

Quando nos cansamos, quase uma hora depois, apagamos as tochas e limpamos nossas bocas com as garrafas de água. O querosene que usamos para cuspir o fogo não podia ser ingerido sob nenhuma hipótese.

Edu se aproximou das meninas sem pensar duas vezes. Foi então que dei uma olhada geral; Jéssica, Fabiana, Cláudia e Lara estavam na pista, dançando como loucas enquanto bebiam *drinks* coloridos. Procurei Amande pela área externa, encontrando-a sentada num sofá, ao lado da Paloma. Ambas estavam muito sorridentes e também bebiam.

Comecei a dançar com as garotas na pista de dança, por falta de melhor opção. Jéssica foi a primeira a se aproximar de mim.

– E aí, Caleb, tudo bem? Quanto tempo, né?

– Pois é. Tudo beleza, e com você?

– Tudo ótimo também! Vocês estão arrasando! – Ela piscou um olho. Acho que Jéssica só tinha vestidos escandalosamente curtos em seu guarda-roupa, podia até apostar. Bom, o fato é que estava chamando muita atenção para si, principalmente por que era a mais empolgada na dança.

Jéssica estava tão empolgada que se permitiu contracenar passos sensuais na minha frente, incitando-me a acompanhá-la. O que eu podia fazer? Nada, além de demonstrar a mesma empolgação. Puxei-a pela cintura e a embalei numa dança meio louca, mas muito... quente.

Olhei para Amande de soslaio. Ela ainda conversava com Paloma, observando os garotos que dançavam nas gaiolas. Estava ignorante ao que acontecia na pista, ainda bem. Aos poucos Cláudia foi se aproximando, e comecei a dançar com as duas, um pouco mais afastado. Edu já se engraçava para a Fabiana, mas às vezes puxava a Lara para que não ficasse afastada demais.

Sempre gostei de dançar e sou obrigado a fazê-lo com frequência, mas prefiro ritmos mais lentos e uma boa companhia a tiracolo. Apenas uma é o suficiente. A dança tem que ser um momento tão íntimo quanto o sexo; os movimentos precisam estar encaixados, e a sintonia deve existir obrigatoriamente. Sinto muito prazer quando estou dançando com alguém.

Como se estivesse ouvindo meus pensamentos, Luís trocou a música eletrônica por uma balada romântica. As luzes diminuíram de velocidade, e o ambiente ficou ainda mais escuro. No impulso, olhei para o sofá. Paloma aceitava dançar com o Henrique – que havia saído das gaiolas, bem como os outros rapazes –, segurando sua mão.

Jéssica praticamente voou para os braços do João, que se aproximava depressa, exibindo seus músculos dignos de algum evento repleto de fisiculturistas. Estava me sentindo muito idiota parado no meio da pista, sem saber o que fazer. Vi quando Fernando chamou a Amande para dançar, mas desviei os olhos depressa. Puxei a Lara de repente, começando a dançar com ela. Olho por olho, dente por dente. Fernando sabia que eu queria a Amande, por isso tratei de envolver meus braços na cintura da gordinha por quem ele gamou.

– Oi – Lara murmurou no meu ouvido. Confesso: sua voz era fininha, chegava a ser infantil, de modo que alguns pelinhos do meu braço arrepiaram.

– Oi, tudo bem? – perguntei.

– Tudo! Estou adorando a festa, vocês arrasam!

– Obrigado, fico feliz por estar se divertindo.

Girei a Lara para o lado direito, tentando encontrar a Amande na pista de dança. Não tive sucesso, mas vi o Fernando dançando com a Cláudia. Que estranho! Fiz outro movimento e tornei a encarar o sofá; Amande ainda estava sentada, desta vez sendo convidada pelo Marcelo. Vi quando negou, balançando a cabeça.

– Vocês são de alguma agência ou o quê? – perguntou Lara. Nossos rostos estavam meio grudados, só que, como ela era baixinha, seu cabelo roçava na minha barba. A sensação era boa.

– Somos treinados para proporcionar toda diversão possível – murmurei, sem saber direito o que responder. Não queria assustar a garota, ela parecia tão inocente. O que eu ia dizer? "Somos garotos de programa, e aquele colega meu ali quer te foder"?

– Ah...

Vi quando Marcelo se aproximou e praticamente roubou a Fabiana do Edu. Ele, por sua vez, foi seguindo na direção da Amande. Para minha surpresa, ela também o rejeitou.

Depois de girar o corpo mais uma vez, dei de cara com o Fernando. Ele fez uma careta e sinalizou para trocarmos de par.

Não sou idiota, esperei o momento certo para fazê-lo. Não queria dançar com a Cláudia, tinha que começar a agir. Dali a algum tempo seria o momento de fazer as escolhas, e todo meu plano daria errado se não tivesse sequer uma chance de trocar meias palavras com a Amande.

Sendo assim, aguardei o Edu retornar à pista de dança. Assim que se aproximou – sei que ele ia acabar pegando a Fabiana de volta –, adiantei-me e puxei o Fernando para a Lara. Com outro movimento, juntei o Edu com a Cláudia e finalmente me vi livre. Quase ri de tudo aquilo, não fosse o nervosismo que tomou conta de mim a partir do momento em que me dei conta de um detalhe: eu podia ser rejeitado pela Amande com a mesma facilidade que ela havia rejeitado os outros rapazes.

Suspirei profundamente, saindo da pista de dança. Amande parecia distraída, encarando alguma coisa além da piscina. Meu estômago começou a doer de verdade, e meu coração batia cada vez mais acelerado. Reações esquisitas até demais para a minha compreensão. Nem tentei explicá-las; simplesmente cheguei o mais perto que consegui, rezando mentalmente para

não ser descartado.

Havia treinado umas trezentas frases de efeito no percurso da pista até o sofá, mas quando Amande notou minha presença e virou seu rosto na minha direção... perdi a fala. Sim. Eu, Caleb, trinta e um anos de conquistas, não soube o que dizer para uma mulher. E olha que nem consegui vê-la direito, o ambiente estava demasiado escuro.

Totalmente desnorteado, senti-me um idiota enquanto estirava uma mão na direção dela, sem nada dizer.

– Desculpe, eu não quero dançar – ela disse, com a mesma voz delicada de sempre.

Claro que não queria dançar. Já tinha notado isso sozinho.

– Se me der apenas um bom motivo, prometo que ninguém lhe incomodará – consegui responder.

– Tenho um perfeito: não sei dançar – Amande respondeu. Pareceu meio envergonhada.

Então era isso? Ela não sabia dançar e estava com medo?

Não consegui conter um riso.

– Isso pode ser um motivo, mas não é um problema – falei. Minha mão ainda estava esticada, esperando sua aceitação. – Venha comigo, você não vai pisar no meu pé. E, se assim fizer, tenho certeza de que não acharei ruim.

Não acharia mesmo.

– Bom, na verdade eu não apenas não sei dançar, como também não gosto. Simplesmente não me atrai.

"Como não?", pensei. Em minha opinião, poucas coisas conseguem ser mais envolventes do que uma dança. A resposta da Amande só havia me deixado ainda mais curioso com relação a ela. Uma mulher que não dorme com o noivo e não gosta de dançar. O que mais não se permitia fazer?

– E o que te atrai, senhorita Amande? – questionei, aproximando-me um pouco mais. Minha mão já estava ficando dormente, porém a mantive no ar.

– Muitas coisas me atraem. O que te atrai, senhor...?

Senhor? Nunca me senti tão velho em toda a minha vida. E por que ela queria saber o que me atraía?

– Pode me chamar só de Caleb – falei.

– Caleb?

– Sim, é o meu nome.

– Então, Caleb, pode me dizer o que te atrai?

"Você", pensei.

– Neste momento, estou tentando atraí-la para uma dança – respondi, sentindo-me meio sufocado. Como era possível uma mulher ser firme e delicada ao mesmo tempo, como se misturasse força e suavidade de modo a compor um misto perfeito? Aquilo estava me tirando do foco.

– E isso iria te atrair? – Amande perguntou, insinuante.

– Consideravelmente – respondi e fui muito sincero.

Quase não acreditei quando sua mão pequena finalmente segurou a minha. Puxei-a do sofá com delicadeza, sem saber direito por que me sentia tão estranho. Amande trajava um vestido preto simples, mas muito elegante, combinando com sandálias de tiras com saltos, também pretas. Seu cabelo estava solto e balançava um pouco por causa do vento marítimo.

Entrelacei meus dedos nos dela, guiando-a até a pista de dança. A música suave preenchia meus ouvidos e me levava a um lugar meio longe da realidade. Tive que controlar a minha excitação quando finalmente envolvi os braços na cintura dela.

Amande era uma mulher não tão magra; tinha quadris largos e seios médios. Desculpa, não deixei de reparar no seu decote discreto. Ela era alta também, de modo que, usando aqueles saltos, estávamos quase da mesma altura. Nossos rostos se colaram, e fiz questão de trazê-la para bem perto. Loucamente, aquela mulher enigmática ergueu os braços e os entrelaçou no meu pescoço.

Seu cheiro logo invadiu os meus sentidos; adocicado, parecia uma mistura de flores exóticas. Era uma fragrância marcante, intensa, mas ao mesmo tempo feminina. Devo ter respirado fundo umas quinhentas mil vezes, pois havia gamado no seu perfume.

Aquilo só fez meu desejo aumentar ainda mais. Definitivamente, eu a queria em um nível incompreensível. Poderia fodê-la ali mesmo, na pista de dança. Acho que era o desafio que me instigava. O doce sabor da novidade misturado com doses de mistério e o velho gostinho do proibido. Tudo isso sempre me atraiu.

Amande se afastou de mim quando dançávamos a terceira música. Nenhuma palavra havia sido proferida, nem por ela, nem por mim. Eu não queria que parasse, mas as coisas boas costumam durar pouco. Já estava acostumado com isso.

– Acho que já foi o bastante para quem nunca dançou na vida – ela falou baixinho, deixando um rastro de arrepios percorrendo o meu corpo com certa liberdade.

– Tudo bem – respondi, sem querer forçar a barra.

Fiz uma curta reverência, soltando Amande de vez. Ela se distanciou muito depressa, caminhando na direção do bar, onde Marcelo conversava com a Paloma.

Fiquei sobrando na pista de dança, por isso segui para o estande. Não havia sinal do Sr. Amoretto, mas seus ajudantes preparavam alguns petiscos.

Foi quando Marlos se aproximou de mim.

– Chegou a hora, Caleb – avisou, depois deu meia volta e foi para o minibar. Vi quando ele trocou algumas palavras com a Amande, que depois seguiu para dentro da casa. Acho que ela ainda nem sabia que ia precisar escolher.

Suspirei profundamente.

Por que raios estava tão nervoso?

8º Capítulo
Selecionando produtos

Marlos convidou as garotas a irem para a sala, dizendo-lhes que uma surpresa especial as aguardava. A música parou de ser tocada, e me juntei aos meninos perto das gaiolas. Eles estavam ansiosos, mas não demonstravam. Procurei fazer o mesmo, fingindo normalidade.

De fato, tudo aquilo era normal. Não devia estar nervoso com algo tão idiota. Todos ali eram adultos, sabiam se cuidar. Nenhuma cliente era obrigada a fazer nada, portanto minha preocupação era infundada e, por que não dizer, tola.

Marlos saiu pela porta de vidro, fechando-a atrás de si. Seu velho sorriso sempre o acompanhava, seja qual fosse a situação.

– E então? – foi João quem decidiu perguntar.

– Ficaram bem surpresas – ele disse, aproximando-se um pouco mais. – Amande pediu um minuto a sós com elas. A coitada ficou branca como um papel. – Gargalhou. Os caras o acompanharam, mas não achei graça.

Qualquer pessoa comum ficaria chocada com a situação. Quem não era acostumado àquele tipo de coisa certamente acharia tudo um absurdo. Eu me decepcionaria muito se Amande tivesse agido com naturalidade mediante à proposta do grupo. Não quero dar um de santinho e nem ser hipócrita a ponto de dizer que prezo por pessoas recatadas, afinal, minha vida é feita de luxúria. Gosto de liberdade sexual e acredito que todo mundo precisa dela para se sentir bem consigo mesmo. É questão de autoestima e autoconhecimento.

No entanto, existe um "quê" de mistério enraizado em mulheres inocentes. Curto a inocência, é uma coisa que me atrai, talvez por ser algo que não possuo há muito tempo. Tudo bem, sei que sou um poço de contradições, visto que na hora do sexo jamais diferenciaria uma gostosa libertina de uma virgenzinha pura. Para mim, são todas iguais. Meu tratamento é exatamente o mesmo, em ambos os casos dou o meu melhor. No fim, não importa muito o que me atrai ou a minha opinião sobre a inocência. Tente me compreender; eu sou obrigado a transar do mesmo modo. Meu desejo está à venda para quem quiser comprar.

Os garotos conversavam sobre coisas que sequer chegavam a ser processadas pelo meu cérebro. Estava absorto e muito concentrado, por isso vi o exato momento em que Amande abriu a porta de vidro. Ela parecia desconcertada. Sua pele estava levemente rosada nas bochechas.

– Marlos, pode fazer o que deve ser feito – disse com a voz vacilante. Depois, tornou a entrar na sala de estar.

– Vamos lá, meninos. Boa sorte! – Marlos falou, e o acompanhamos para dentro da casa.

A sala estava bem iluminada, pude ver perfeitamente os rostos das meninas. Elas estavam sentadas no sofá preto de couro, silenciosas. Ficaram nos observando de cima a baixo, um por um. Permanecemos de pé, formando uma fila horizontal, expondo nossos corpos como se fossem produtos num supermercado. É isso aí. Meu corpo é um produto; faço a propaganda, o controle de qualidade e vendo para a cliente que pagar mais. Pode parecer chocante colocar as coisas desse jeito. Bom, pode ser, mas este sou eu. Não adianta ficar me mascarando,

aprendi a assumir o que sou.

Amande estava olhando para o chão, admirando algum ponto inexistente do piso de azulejos brancos. Parecia nervosa, assustada... Balançava a cabeça de leve, quase imperceptivelmente. Talvez estivesse travando alguma batalha interna. Daria tudo para ler seus pensamentos.

Os caras permaneceram calados, muito quietos e sérios, assim como eu.

– Amande, querida, é só escolher. Irei apresentá-los agora. Este você já conhece, é o Marcelo – disse Marlos, apontando para o meu colega.

Marcelo sorriu, mas Amande o encarou com um olhar sério e rígido. Reparei melhor nos seus olhos; grandes e amendoados, continham um brilho intenso, provavelmente resultado do reflexo fornecido pelas lâmpadas acesas.

– Este é o Henrique. – Marlos continuou a apresentação.

Amande desviou o olhar para ele. Prendeu os lábios de leve, e seu rosto inteiro ficou vermelho. Uma reação meio óbvia para mim, pois a recebo o tempo todo; ela tinha gostado do Henrique. Ele era belo, claro, não posso negar. Também não posso negar que senti um gosto amargo na boca. Fiquei com medo. Sim, medo. Acredita? Que bom, porque eu não acreditei.

– Este é o Edu.

Aquela mulher misteriosa guiou seus olhos na direção do meu parceiro de pirofagia. Pensei em não ver suas reações, pois não ia gostar muito se escolhesse o Edu. Sabia que ele era um dos mais atraentes ali, mas, por incrível que pareça, Amande não corou ou prendeu os lábios. Nem fez mais nada além de encarar os olhos claros do meu colega com um pouco de desinteresse. Bom, não apenas os olhos. Percebi quando ela inclinou o rosto e deu uma bela sacada no corpo dele.

Fiquei com raiva. Uma raiva muito grande, nem sei dizer do quê. Acho que dela, por estar me fazendo ficar nervoso. Eu só queria protegê-la, e a imbecil ficava de gracinha com os outros caras? Àquela altura do campeonato, iria achar bem feito se escolhesse o Edu.

– Este você também já conhece, é o Caleb – continuou Marlos. *Opa!*

Acordei do estado de transe para o qual meus próprios pensamentos haviam me guiado. Nem tinha percebido que ia ser o próximo, estava chateado demais. Fechei a cara e observei a Amande com a expressão mais séria que consegui reunir. Ela se aproximou de mim, fazendo nossos olhares se encontrarem.

Amande ficou absolutamente parada, olhando diretamente nos meus olhos. Não os desviou, e eu também não estava a fim de fazê-lo. Daria tudo para saber o que pensava, pois sua reação externa foi praticamente nula. Ela não prendeu os lábios, não corou, não olhou para o meu corpo nem suspirou... Nada, nada. A maldita só me encarou profundamente, até eu começar a me sentir invadido. Ela parecia enxergar a minha vida inteira; tudo o que fui e sou, o que fiz e faço, o que penso e no quê acredito. Parecia me desvendar com um simples olhar; direto, insistente, firme.

Perturbadora. Nunca vi mulher tão perturbadora quanto aquela.

O sangue circulava em um ritmo acelerado pelas minhas veias, e achei que fosse explodir. Tentava manter a seriedade, oferecendo uma expressão tão livre de traduções quanto a dela. Porém, acabei sendo vencido. Minha boca se moveu, e contracenei um sorriso torto.

Foi então que sua reação veio. Mínima, mas veio. Amande abriu ainda mais seus olhos grandes, desta vez fitando a minha boca. Ótimo! Perdi uma batalha, mas venci a outra. Aquela

reação era tudo de que eu precisava para manter a esperança; precisava vencer a guerra. Era questão de honra.

– Este é o João – ouvi a voz de Marlos muito distante. Sério, nem sei dizer se nos encaramos por segundos ou por horas. O tempo pareceu ter parado.

Amande finalmente tirou seus olhos de mim, voltando-se para o João. Resfolegou profundamente enquanto o encarava, soltando todo o ar dos pulmões. Admito: tive uma vontade séria de matá-la. Como ela podia reagir aos caras de maneira tão óbvia e a mim de um modo tão sutil? Devo estar mesmo muito ruim na fita. Talvez precisasse malhar um pouco mais, sei lá. Ou talvez meu cabelo estivesse assanhado. Que droga, não dava para acreditar que estava encucado com aquilo! Minha aparência nunca foi um problema. Nunca. Nunca, nunca, nunca!

– E por último, o Fernando. – Marlos apontou para o meu colega de quarto cabeludo.

Fernando sorriu amplamente, e Amande devolveu o sorriso com a mesma intensidade. Um sorriso. Dá pra imaginar? Seus dentes ficaram à mostra de um jeito impressionante, enquanto seus lábios desenharam uma expressão leve, divertida e, ao mesmo tempo, doce. Os olhos dela brilharam com ainda mais força, e o sinalzinho escuro presente no canto do lábio superior ficou esticado. O maldito havia lhe arrancado um sorriso. E o que eu consegui arrancar? Merda alguma. *Droga, droga, mil vezes droga!*

– Espero que já tenha a sua escolha, senhorita Amande – concluiu Marlos.

Amande se afastou um pouco, dando alguns passos para trás. Parecia analisar cada um de nós, mas fiquei surpreso quando me encarou mais uma vez. Isso mesmo, ela não olhou para os caras. Olhou apenas para mim. Passou alguns segundos daquele modo, enquanto eu tentava decifrar suas expressões.

Depois de um tempo incalculável, Amande fitou o chão e disse:

– Marcelo pode ficar com a Paloma, e o Edu pode ficar com a Fabiana.

Bela escolha. Muito boa. Edu certamente havia ficado contente com aquilo, e eu fiquei mais ainda; agora tinha menos dois concorrentes. Faltavam mais três.

Amande me fitou de novo, com a mesma expressão indecifrável. Estava começando a cansar daquilo, mas me mantive sério. Meu estômago se contorcia por causa da adrenalina. Esperança é mesmo uma droga; não temos paz enquanto ela não para de martelar nosso juízo. Às vezes acho melhor não ter esperança. Pode parecer esquisito, mas nunca gostei de esperar para surpreender ou ser surpreendido. Pelas coisas, pelas pessoas, pela vida... Não sou daqueles que esperam acontecer. Simplesmente faço.

– João fica com a Jéssica – completou Amande. João riu.

Faltavam dois.

– Henrique pode ficar com a Cláudia.

Puts! Não aguentava mais tanta pressão. Que merda de destino era aquele? A decisão ia ficar entre o Fernando e eu. E entre Amande e Lara. Seria cômico se não me causasse tanto pânico. Como passaria o fim de semana inteiro com a Lara, sabendo que Fernando a queria? E o contrário?

Droga. Milhões de vezes droga!

Amande pareceu estar em dúvida. Fitou o chão, meio desconcertada.

"Oh, não, meu bem, não tenha dúvidas... Escolha a mim", pensei. Bom, na verdade soou mais como uma oração do que como um pensamento.

De repente, ela virou para trás. Buscou a amiga com os olhos. Lara estava linda, sentada no sofá com as pernas grossas cruzadas. Ela sequer olhou para mim; fitou Fernando e depois sinalizou para Amande, alisando os próprios cabelos.

O sinal havia sido bem óbvio, uma referência ao tamanho do cabelo do meu colega. Lara preferia o Fernando.

Antes que eu pudesse deixar a ficha cair, Amande se virou na minha direção, tirando o meu fôlego com apenas um olhar e seis palavras:

– Fernando pode ficar com a Lara.

Pirei. Um calor sinistro tomou conta do meu corpo. Tive que fazer um esforço absurdo para não deixar minhas pernas vacilarem.

Amande continuou me encarando seriamente, mas não consegui me controlar. Meu velho sorriso torto – o que ofereço quando sinto mais vergonha do que graça – se fez presente.

9º Capítulo
Bela adormecida

– Perfeito – disse Marlos.

"Perfeito não... Perfeita!", pensei, encarando Amande fixamente.

Ela não desviava os olhos, o que deixava claro que alguma coisa estava acontecendo entre nós. Afinal, ninguém livre de intenções mantém um olhar sobre uma pessoa por tanto tempo. Aquilo me animou muito, em um nível que me encheu de excitação. Meu plano tinha dado certo.

– Bom, senhoritas, continuaremos com a festa! Rapazes... – Marlos fez um sinal para que começássemos a trabalhar.

Sinceramente, não consegui me mexer. Estava bastante ocupado mantendo o olhar da Amande sobre o meu. Os caras se juntaram às meninas no sofá, guiando-as de volta à área externa. Luís já tinha ligado o som novamente, e uma balada divertida foi iniciada.

Decidi me aproximar depois que ficamos sozinhos na sala. Cheguei muito perto e peguei sua mão. Segurei-a com carinho e me curvei para beijá-la, mas sem desviar os olhos. Demorei um pouco no processo, sentindo sua pele macia acariciando meus lábios.

– É uma honra para mim ser sua companhia, senhorita Amande – sussurrei.

Ela então pareceu ter acordado de um sono hipnótico. Imediatamente retirou a mão e se afastou um pouco, dando alguns passos curtos para trás.

– Caleb, não precisa de tudo isso – falou. – Sejamos sinceros, vou me casar daqui a uma semana e não pretendo viver fortes emoções na minha despedida de solteira, se é que me entende.

Hum.

Se ela estava falando sobre aquilo logo de cara, certamente era porque tinha pensado a respeito. Quero dizer, Amande realmente pensou na possibilidade de viver fortes emoções. Talvez até tenha imaginado coisas que achava que não devia.

Confesso, isso me instigou. Saber que podia mexer com ela acordou em mim uma fera que eu já conhecia. Conhecia tanto que já sabia o que ia acontecer; não desistiria tão fácil. Não me renderia ou aceitaria aquele papo de "vou casar na semana que vem". Parece estúpido da minha parte, até porque meu plano era ser escolhido pela Amande apenas para protegê-la, mas a quem estava enganando? Eu a desejava. Já disse uma vez, mas vou repetir: quando desejo alguma coisa, costumo obter com facilidade.

– E o que pretende viver na sua despedida de solteira, senhorita? – incitei.

– Só quero me divertir com as minhas amigas – ela respondeu na defensiva.

– Suas amigas estão se divertindo. – Apontei para a porta de vidro. De onde estávamos, dava para ver os casais dançando de modo divertido, curtindo um ao outro. O clima lá fora estava bastante descontraído, totalmente diferente do clima dentro da sala de estar.

– Eu sou diferente. Tenho outras concepções de diversão.

"Ah, é?", pensei. Interessante. O que será que Amande gosta de fazer, afinal? Dançar com certeza não é uma opção.

– Diga-me suas concepções e iremos nos divertir. É para isso que estou aqui – murmurei.

Ela permaneceu calada, oferecendo-me mais doses de seu olhar enigmático. Estava louco para desvendá-lo. Aliás, não queria desvendar apenas o olhar, mas também todo o restante. Queria conhecer cada pedacinho da Amande, começando por aquele sinal em seu lábio, que me chamava quase aos berros. Pena que beijo na boca estava proibido, do contrário tentaria lhe roubar um.

– Neste momento quero apenas sentar e beber mais um pouco – ela respondeu.

– Como quiser. Vem comigo.

Segurei a mão dela novamente, entrelaçando meus dedos nos seus. Saímos da sala e caminhamos até o sofá mais próximo do minibar. Fiz um movimento, permitindo que se sentasse. Acompanhei-a logo em seguida.

– O que vai querer beber? – perguntei.

– Alguma coisa forte. Bem forte mesmo, com muito álcool.

– Trago em um minuto – falei, sabendo que estava sendo o mais profissional possível. A verdade é que não queria que ela bebesse, podia ser perigoso. Do jeito que eu estava louco para tê-la, não conseguiria responder por mim. Se ela não mantivesse o juízo, quem iria manter?

Marcelo não estava mais no bar, desta vez ele estava sendo ocupado pelo Gabriel, um dos auxiliares de cozinha. Decidi fazer um *drink* eu mesmo. Sabia fazer apenas os meus favoritos, pois a época em que tive que dar duro de *barman* havia ficado no passado. Preferi esquecer cada detalhe; é difícil me imaginar todas as noites em um boteco de meia tigela, sendo paquerado por mulheres barra pesada, que me pagavam cinquenta reais a hora. Sim, já fiz programa por míseros cinquenta reais. Na verdade tenho uma vaga lembrança de ter feito alguns por trinta.

Ninguém começa de cima, certo? Tive que ralar muito para chegar aonde cheguei. Já passei por muitas humilhações e momentos desconcertantes. Engoli tantos sapos que às vezes me sinto entalado. Mas tudo bem, não há nada na vida que não possa ser superado.

Acabei errando um pouco na medida, por isso o conteúdo somou dois copos. Resolvi levar os dois, pois tinha a leve impressão de que Amande ia gostar deles; apesar de forte, era doce e muito saboroso. Entretanto, para minha surpresa, ela não estava mais sentada no sofá. Procurei-a por toda área externa e nada. Marlos percebeu a minha confusão – ele estava observando a festa, sentado em uma cadeira ao redor da piscina – e apontou para a porta de vidro.

Entrei na sala, finalmente encontrando Amande. Ela parecia estar passando mal.

– Está se sentindo bem? – perguntei, preocupado de verdade.

– Sim, só a música que está me incomodando. Fecha a porta quando passar, por favor?

– Claro. – Fiz o que ela pediu. Com a porta fechada, o ambiente se tornou bem mais silencioso. As luzes estavam acesas, mas o fato de estar sozinho com Amande no mesmo lugar mexeu com a minha imaginação.

Entreguei um dos copos para ela, que nem perguntou do que se tratava o conteúdo – tomou tudo de uma só vez, fazendo uma careta.

"Não se embebede, Amande..."

– É forte!

– Trouxe outro – avisei, depositando o segundo copo em cima de uma mesa de centro.

Logo em seguida, sentei-me no sofá ao seu lado.

– Pensei que fosse sua – ela disse, referindo-se à outra bebida.

– Não bebo quando estou trabalhando. – E nem gosto. Meu maior prazer é permanecer sóbrio enquanto sei que posso causar o mesmo efeito de dormência e desinibição que causa uma taça de vinho.

– Ah... – Amande soltou um suspiro. Mais do que depressa, afastou-se de mim no sofá, virando-se um pouco de frente.

Nossos olhares se cruzaram de novo. Aquela mesma reação esquisita invadiu meus sentidos; coração acelerado, sensação de que o tempo podia parar... Uma doideira que eu não conseguia entender. Acho que meu desejo nunca havia atingido aquele limite, por isso tais reações desconhecidas. Atribuí aquilo tudo à minha vontade quase absurda de puxar Amande pelas pernas e lhe arrancar o vestido ali mesmo.

– Então... Você trabalha com isso há muito tempo? – ela perguntou. Parecia meio sem assunto, mas eu definitivamente não queria falar sobre aquilo.

– Um pouco. Suas amigas são bastante animadas.

– São sim, bem diferentes de mim.

Franzi o cenho.

– Por quê?

– Não sei, sou anormal – admitiu, pegando o outro copo na mesinha. Tomou um gole e o devolveu. – Sei que devo estar parecendo super antipática, desculpe-me por isso. Só não gosto de certas loucuras. Prefiro viver sem riscos, sabe?

Intrigante. Uma mulher que não dorme com o noivo, não gosta de dançar, não quer viver fortes emoções, não gosta de loucuras e prefere viver sem riscos. Só me restou pensar sobre a pergunta que não queria calar: por quê? Será que Amande era uma daquelas mulheres corretinhas demais? Uma santinha que não fazia nada de errado? Sei lá... Talvez ela fosse apenas uma mulher madura e responsável. Consciente.

– Compreendo, mas isso não faz de você uma pessoa anormal – falei. – Apenas uma mulher sensata.

– Acredite, se um dia chegar a me conhecer o bastante, saberá. – O timbre de sua voz veio carregado por uma dose de tristeza que me deixou incomodado.

– Isso é um convite para que eu te conheça o bastante? – soltei. Havia pensado alto demais. Arrependi-me quase de imediato por ter feito aquele comentário, apesar de ter sido sincero.

Amande apenas me encarou. Permaneceu daquele modo durante muito tempo, até que finalmente me deu uma cortada:

– Acho que vou dormir. Estou cansada... Meus pés doem.

"Não... Não vá..."

– Posso lhe fazer uma massagem – propus, sem saber o que fazer para que ficasse um pouco mais.

Ela me fitou de novo. Acho que não se cansava de me perturbar com seus olhos escuros. Se soubesse o quanto eu já estava louco, não ficaria me incitando daquela forma.

– Não... Não, Caleb – murmurou. Sua voz vacilou consideravelmente. Vacilou tanto que definitivamente não me convenceu. Ela queria a massagem, era um fato. Assim como algumas clientes gostavam de gritar "não" enquanto eu as fodia como um louco. O não, neste caso,

queria dizer sim, com certeza, sem dúvida, agora mesmo, vai mais rápido, está gostoso... Enfim. Tudo, menos um não.

– É sério, você vai gostar. Vem aqui. Apenas relaxe – respondi, tentando controlar meus próprios pensamentos.

Antes que ela pudesse negar, puxei suas pernas para mim. Amande não mostrou reação contraditória, apenas se esgueirou no sofá, depositando a cabeça nas almofadas. Retirei suas sandálias com paciência, tocando-a com mãos leves.

Adorei sentir seus pés. Eram belos, embora não fossem pequenos, afinal, ela era alta. Mesmo assim, suas unhas estavam bem feitas, pintadas com um esmalte rosa bem clarinho. Comecei a estimular alguns pontos cruciais, sabendo que Amande relaxaria num instante. Usei toda a técnica que conhecia para lhe causar o maior prazer possível.

Sempre gostei de fazer aquilo, mas o curso realmente me abriu um leque de informações e possibilidades. Nunca cobrei à parte por uma massagem, pois sempre achei que ela precisava estar inclusa nos meus serviços. Um bom momento de relaxamento é o mínimo que um homem preocupado com o prazer da parceira pode proporcionar a ela.

Nem sei dizer quanto tempo passei massageando os pés da Amande. Estava muito concentrado no que fazia, sentindo sua pele entre meus dedos. Todavia, quando menos esperei, fui surpreendido pela Jéssica, que entrou na sala acompanhada pelo João.

– Ela dormiu?

Só então percebi que Amande estava completamente apagada no sofá.

– Acho que sim... – falei.

– Hum... Nós vamos subir – avisou Jéssica.

"Vocês vão transar", pensei.

– Vou levá-la daqui a pouco, fique tranquila – afirmei, sem largar os pés da Amande.

– Tudo bem. Cuide dela, Caleb. Amande é especial.

"Percebi."

Jéssica piscou um olho e segurou as mãos do João, arrastando-o para as escadas. É... A noite seria ótima para eles. Que seja. Estava sendo para mim também.

Observei Amande com cautela. Parecia muito relaxada, cada músculo do seu corpo estava entregue ao sofá. Os cabelos escorreram ao redor da almofada, e a boca pequena e bem desenhada permanecia intacta. Os olhos fechados mostravam cílios longos e pretos. Lembrou-me uma princesa, a Bela Adormecida.

Meus pensamentos voaram longe. Longe mesmo, mais precisamente para a minha infância. Júlia, minha irmã mais nova, costumava dormir daquele modo: barriga para cima, braços ao redor do corpo. Ela ficava tão calma e natural que às vezes pensava que tinha morrido enquanto dormia. Sempre conferia sua respiração quando isso acontecia.

Sendo assim, involuntariamente decidi fazer o mesmo. Ajoelhei-me no chão e me aproximei da Amande, colocando meus dedos no seu pescoço. Sim, ela ainda respirava. Tão bela... Tão... Sei lá.

Uma música soou nos meus ouvidos. Recordar-me da infância e da minha irmã sempre me remetia àquela canção. Quem cantava era o meu pai. Ele sempre cantou para Júlia, não para mim. Bom, ele nunca me suportou, eu acho. Sou meio velho para questionar os seus motivos e não o vejo há mais de sete anos. Meu relacionamento com ele nunca foi bom e piorou quando descobriu qual era o meu "emprego". Depois disso, jamais me direcionou uma

palavra.

Baixinho, comecei a cantar:

Dorme princesinha
No bercinho de cristal
Dorme princesinha
Pois ninguém te fará mal
Dorme princesinha
Meu destino é te proteger
Dorme princesinha
Estarei aqui até amanhecer

Amande não se mexeu. Claro, senti-me um completo idiota. O que eu estava fazendo, afinal?

Balançando a cabeça freneticamente, resolvi me levantar. Apoiei Amande em meus braços e fui subindo as escadas. Ela se mexeu um pouco, mas não abriu os olhos. Talvez a princesa estivesse precisando de um beijo para que, enfim, pudesse acordar.

O problema era que eu estava longe de ser um príncipe.

10º Capítulo
Persuasão

Tinha acabado de subir as escadas e atravessar a porta do maior quarto da mansão – o que tinha a sacada maravilhosa – quando Amande começou a se remexer em meus braços. Ficou inquieta por alguns segundos, até que finalmente abriu os olhos.

– O que está fazendo? – murmurou com sua linda voz.

Observei-a com atenção, oferecendo-lhe um sorriso torto.

– Você dormiu no sofá, vou te colocar na cama.

– Não... – Amande começou a se contorcer, mas mantive firmeza. – Não precisa, ponha-me no chão.

– Estamos chegando – falei.

Rapidamente, depositei Amande em cima da cama de casal que havia no quarto. Parecia bem confortável, e os lençóis exalavam um cheiro bom de limpo. Peguei um edredom, que estava dobrado no canto inferior, e a cobri completamente. O clima ali em cima estava meio frio por causa da brisa que vinha do mar.

Logo em seguida curvei-me diante dela e a observei de perto. Seus olhos prenderam os meus de novo.

– Tem algo mais que eu possa fazer pela senhorita? – perguntei aos sussurros. Minha voz quase não saiu. Sei que a pergunta pareceu meio insinuante, mas eu realmente estava livre de intenções. Pelo menos naquele momento sim.

Amande não respondeu. Continuou me olhando com uma expressão esquisita. Daria a minha vida para ler seus pensamentos.

– A senhorita está bem?

Ela aquiesceu, balançando a cabeça, porém sem desviar os olhos.

"Oh, Amande, o que está pensando? O que pretende?"

– Precisa de alguma coisa? – tornei a perguntar.

– Não... Não sei se vou conseguir dormir – ela disse. Parecia meio assustada, sei lá. Estava amuada por trás do edredom, como se eu pudesse de alguma forma lhe causar mal.

Suas palavras me encheram de imaginação. Não consegui conter um sorriso. Tudo o que eu mais queria era jogar aquele edredom para longe, beijar sua boca, talvez tirar seu vestido preto... Ou não, podia apenas levantá-lo e arrancar sua calcinha. Qual seria a cor da calcinha que usava? E como era? De renda? Algodão?

A dúvida me perturbava.

– Perdeu o sono? – perguntei, ainda sorrindo.

– Você... poderia fazer aquela massagem de novo? Só até eu dormir... – pediu meio relutante, parecendo travar uma batalha interna para propor uma coisa tão simples. Mal sabia ela que eu faria qualquer coisa que me pedisse – e coisas que não pedisse também.

– Será um prazer – falei, afastando o edredom até deixar suas pernas descobertas. Sentei-me na beirada da cama e puxei seus pés novamente.

Iniciei outra sessão de massagem, reunindo toda a concentração de que precisava para não dar asas à minha imaginação. Não queria ficar excitado antes da hora, mas a situação inteira estava mexendo comigo. Amande e eu, sozinhos no quarto, tendo ela deitada confortavelmente na cama, amolecendo aos poucos enquanto eu a massageava. Não via a hora de pular aquela etapa, mas aprendi a ser paciente e curtir cada momento como se fosse único.

Avancei minhas mãos para a panturrilha bem desenhada de Amande. Ela tinha belas pernas, e meu maior desejo foi poder alcançar suas coxas. Não queria assustá-la, por isso, sequer cheguei a ultrapassar os joelhos. Contive-me ao máximo.

Não conferi nem por um segundo se Amande já estava dormindo. Perco a noção de qualquer coisa quando estou concentrado numa massagem. Só os movimentos me interessam. Sim, eu sei que é estranho, mas deve ser por isso que gosto tanto de massagear alguém. É uma terapia para mim.

Depois de um bom tempo, fiquei meio surpreso quando percebi que Amande ainda me encarava com seus olhos grandes mais abertos do que nunca.

– Ainda não dormiu? – perguntei aos sussurros. Meus desejos estavam se realizando ou era impressão minha? Claro que não queria que ela estivesse dormido, queria Amande bem acordada e pronta para mais uma etapa.

– Desculpa. Pode se recolher, vou ficar quietinha esperando o sono chegar.

"Esqueça, Amande, não vou deixá-la sozinha tão cedo."

– Sou seu por tempo integral até o domingo – avisei, encarando-a fixamente.

Amande devolveu o olhar por alguns segundos, mas se desvencilhou de mim muito depressa. Assustada, afastou-se para o outro lado da cama como se eu fosse um animal selvagem prestes a dar o bote. Bom, eu era mesmo.

– Caleb... Vá embora, por favor. É sério, quero dormir em paz. – Amande foi muito firme desta vez. Estranhamente firme.

Ótimo. Uma bela de uma cortada. Mas... Por quê? Por que ela resistia a mim? Isso jamais aconteceu antes. Ninguém nunca resistia. Será que ela amava mesmo o tal noivo? Era isso o que a impedia? Só podia ser.

– Tem certeza de que este é o seu maior desejo? – perguntei. Estava pronto para ir embora se aquela fosse a questão. Não envolvo sexo com sentimento algum, mas já assisti a muitos filmes. Sei que, quando o amor acontece, as coisas mudam de figura. Não que isso tenha acontecido comigo, infelizmente não sei o que é amor. Nunca amei ninguém além da minha irmã e dos meus pais.

– Meu maior desejo não lhe interessa. – "Engano seu", pensei. – Quero que me respeite, eu vou me casar.

– Peço perdão se por algum milésimo de segundo tenha deixado parecer que eu agi desrespeitosamente com a senhorita – falei na defensiva. – Meu dever primordial é proporcionar prazer e diversão, portanto se...

– Já disse – Amande me interrompeu, taxativa. – Não me divirto com este tipo de coisa. Não tenho desejos secretos, fantasias... nem nada que não possa fazer com o meu futuro esposo.

Amor. Só podia ser, estava certo. Ela ama o noivo, vai se casar na semana que vem e provavelmente também esteja se guardando para ele. E eu, idiota, pensando em besteira. Devia ter mantido o plano original desde o começo, só assim não teria que saborear o

gostinho da decepção. Mas tudo bem, pelo menos ela permaneceria intacta.

– Fico muito feliz pela senhorita. Tenho certeza de que será extremamente bem sucedida em seu casamento – falei. E estava sendo sincero. O noivo dela tinha muita sorte; ter uma mulher bonita, decidida e fiel não é para qualquer um.

– Sim, serei – murmurou.

Ok. Agora sim ela havia soado vacilante. Não fiquei convencido.

Será que Amande estava tentando enganar a si mesma? Será que estava apenas com medo de se entregar a mim? Tenho certeza de que ela me desejava, tinha todos os indicativos em minhas mãos. Seus olhares não negavam o desejo que sentia.

Juntando tudo o que tinha descoberto sobre Amande, tirei uma simples conclusão: ela estava se fazendo de santinha. Ou... Era realmente uma santinha, daquelas que não se permitem nada. Qual é, ela nem dormia com o noivo!

– Isso é muito bom e muito raro. Só espero, de coração, que não esteja enganando a si mesma – falei. Queria deixar as coisas mais claras. – Espero que o motivo verdadeiro pelo qual não queira se divertir seja a pura certeza no que diz, faz e sente. E não pela dor da dúvida ou o arrependimento que poderia ferir o seu orgulho ou seus valores, pois isso não existe aqui.

Amande fez uma careta, criando algumas rugas de confusão.

– O que quer dizer com isso, Caleb?

– Quero dizer que aqui você não tem nada a perder ou temer. Ninguém te julgará ou punirá; cada detalhe não pulará esses muros – expliquei. – Aqui você é livre, você pode ser você, inteira, sem problemas, sem dúvidas.

– Estou sendo eu! – ela disse, parecendo bem chateada. – Esta sou eu; com cada um dos recalques. Sim, sou uma recalcada. Tenho valores, tenho moral, tenho ética... Aqui ou em qualquer lugar, jamais serei uma pessoa passional. Não ajo por impulso, essa coisa de "a carne é fraca" não existe para mim. Sou o que penso.

Confesso que me controlei para continuar com as mesmas expressões, apesar de sentir o coração apertar até me deixar sufocado. Finalmente Amande abriu o jogo, mostrando-me que tipo de mulher era. Eu estava certo. Ela me desejava, mas era sensata demais para prosseguir. Era meio santinha também; falando sobre moral e valores, devia achar um absurdo o fato de eu ser um garoto de programa. Ela sabia que qualquer envolvimento comigo seria um erro, prezava pela fidelidade e não ia se deixar levar pelo desejo.

Interessante. Perturbador. Raro... Muito raro. Uma mulher racional. Uma mulher que não se deixa levar pelos sentimentos. Raríssimo!

Precisava tê-la. Agora não era questão de honra ou de orgulho. Era uma necessidade física que pulsava em todo o meu corpo, implorando para convencê-la a ficar comigo. Desculpa, sou egoísta. Admirar a beleza de longe fazia o meu estilo, afinal, sou um fotógrafo. Mas, tem momentos que o que mais quero é tocar, obter, manusear. Além do mais, sinceramente... Deve ser horrível viver apenas pensando.

"Sou o que penso", ela disse. Se eu fosse apenas o que pensava, seria pior do que sou agora. Sem dúvida. As únicas coisas mais legais em mim são os meus instintos, minhas vontades e desejos. O resto é tudo uma chatice.

– Compreendo tudo o que diz, senhorita Amande, e concordo com algumas coisas na medida do possível. Entretanto, posso te provar o contrário. Posso te mostrar um mundo que não conhece – falei.

– O que você pode me provar, Caleb? Que estou certa?

– Posso te provar que, às vezes, você pode ser apenas o que sentir e não o que pensar.

– Está falando de sentimentos? Pensei que isso não existisse aqui. – Ela riu. Mesmo sendo um riso desdenhoso, adorei a forma como sua boca se moveu, era sexy.

– Estou falando de instintos. Desejo, prazer, vontades... Entenda como quiser. Existe um lado seu que quer fazer diferente daquilo que você pensa.

"E é exatamente este lado que eu quero que você escute", pensei.

– Como tem tanta certeza disso? – Amande perguntou, fazendo uma caretinha engraçada.

– Eu não tenho certeza, não conheço a senhorita – sussurrei. Não sei por que, mas não consegui manter seu olhar. Acabei virando o rosto para o lado, fitando algum ponto da cama. - Por isso falei, espero que seus pensamentos e desejos estejam em sintonia.

– Uma coisa no que disse não faz sentido.

– O quê exatamente? – perguntei, tornando a encará-la.

– Você falou que temos instintos... Que às vezes não agimos de acordo com o que realmente queremos. Tudo bem, concordo, mas tenho motivos. Às vezes queremos coisas insensatas demais... Nossos sentimentos ficam confusos, eles se enroscam e não nos levam a parte alguma. Apenas a razão nos bloqueia, freia toda a insensatez... – Amande sentou na cama. – Você propõe um momento sem bloqueios como se isso fosse o correto. Eu não concordo, pois quem vive a vida seguindo apenas os instintos não chega a lugar algum.

Ela estava certa. Não somos animais irracionais; sair por aí como um bicho no cio é uma loucura. Sei disso porque já agi desta forma. Hoje estou mais centrado no controle. Meu desejo aparece na hora em que quero e vai embora do mesmo modo. Porém às vezes costumo ser guiado pelas minhas vontades. Sinto-me bem deixando meus instintos falarem mais alto. A vida precisa de equilíbrio.

– Não devemos ser escravos dos nossos instintos, mas engaiolá-los nunca ajudou ninguém – completei.

– O que você propõe então, Caleb?

"Proponho que você deixe de pensar tanto e passe esta noite comigo", pensei.

– Proponho que se permita, que experimente unir desejo e ação. Resumindo: faça o que tiver vontade.

"Ou seja, passe esta noite comigo."

– Isso pode ser perigoso. E muito, muito insensato – respondeu Amande.

– Oh, é sim. Mas é apenas um momento. Um simples gesto que pode mudar a sua vida. Você percorre as lembranças e diz: "sim, eu fiz porque eu quis, e foi bom". Não há arrependimentos quando fazemos o que sentimos. E se houver, é um arrependimento justificável – falei. Estava sendo sincero, apesar de querer convencê-la a ficar comigo. Nunca havia me arrependido de ter feito alguma coisa que sentia.

Ela fez a careta engraçada de novo. Tive vontade de rir, mas me segurei.

– E se eu... E se isso acabar afetando a minha vida? Pode ser um momento sem importância, mas... E se não for tão desimportante assim? Se acabar envolvendo sentimentos?

Ótimo, ela estava com medo de se apaixonar por mim? Isso não podia acontecer e nem ia. Uma noite de sexo é apenas uma noite de sexo. Ponto final. Porém, se acontecesse algo assim – Deus me livre –, só provaria o quanto ela não ama o noivo.

– Bom, então finalmente irá descobrir o que quer. Ninguém merece viver numa prisão

criada por si mesmo. É a pior de todas, e muita gente vive nela.

Amande refletiu sobre aquilo. Era óbvio que também estava presa dentro da própria gaiola. Ela parecia ser o tipo de mulher que era enjaulada pela autocrítica.

– É assim que você se justifica? – perguntou de repente.

– Como assim?

– É desse modo que justifica o que faz? Seu maior desejo é viver assim, agradando mulheres e as ajudando a agradarem a si mesmas?

"Claro que não!"

– Meu maior desejo não está em questão, senhorita Amande. Desculpe, mas não vou falar sobre isso – recuei. Odiava falar sobre mim, ainda mais sobre o meu trabalho. Por que ela me desafiava daquele modo?

– Então você também é escravo de alguma coisa. Deseja falar sobre isso, mas não pode ou não se dá o direito. Viu que não podemos viver apenas fazendo o que desejamos?

Naquele momento reconheci a minha derrota. Amande era inteligente demais para ser convencida tão facilmente. Havia feito papel de bobo, e o tiro acabou saindo pela culatra. Aquilo seria muito mais difícil do que imaginei. Estava diante do maior desafio de toda a minha vida.

Achei melhor recuar de vez. Aproximei-me da Amande, deixando nossos rostos muito próximos. Ela piscou os olhos inúmeras vezes, reação que adorei observar. Queria avisá-la de que eu ainda podia ganhar a guerra, apesar de ter perdido feio aquela batalha.

– Na verdade, senhorita Amande, eu não desejo falar sobre isso. De verdade – falei, dando-lhe um beijo na testa. – Tenha um bom dia.

Meio chateado comigo mesmo, confuso e cheio de dúvidas, fechei as cortinas da varanda e deixei o quarto. Nem sei como consegui achar o caminho até o casebre. Já era dia, mas estava cansado e muito perturbado. Amande tinha acabado comigo, não fisicamente, mas psicologicamente. O que era pior.

Que mulher intrigante! Era difícil chegar a alguma conclusão. Como ela podia ser tão frágil e firme ao mesmo tempo? Como conseguia ser meiga e forte, decidida e confusa? Ela era uma contradição sem fim, e isso fez meus pensamentos ficarem da mesma forma, como se tivessem pego a mesma doença.

Sinceramente, não fazia ideia do que queria com aquilo. Com ela. Por que estava agindo daquele jeito, fazendo tanta questão de desvendar os mistérios que Amande carregava? Por que estava tão preocupado com tudo, como se realmente me importasse, como se fizesse diferença na minha vida? Claro que não fazia. Amande era apenas uma cliente; não era a mais bonita nem a mais simpática. Na verdade, ela chegava a ser chata com aquela mania de me encarar como se me desejasse e depois dar cortadas como se não quisesse me ver nem pintado de ouro. Isso era irritante.

Fui à cozinha, pois estava morrendo de fome. Pretendia comer alguma coisa antes de ir dormir, mas acabei dando de cara com o Fernando. Ele tomava um copo de leite e mastigava um sanduíche enorme.

– E aí? – perguntou, sorrindo.

– Zero a zero – desabafei, mas me arrependi logo em seguida. Devia ter ficado na minha.

– Você não foi o único. – Ele balançou a cabeça, parecendo meio insatisfeito. Ótimo,

dois garotos de programa desconsolados por serem rejeitados pelas clientes.

– Ela é tão difícil! – continuei, pensando alto demais. Peguei um copo de leite para mim e roubei o outro sanduíche que estava no prato do Fernando. Ele nem ligou.

Sentei-me ao seu lado numa mesa pequena de madeira.

– Nem me fale. Não que a Lara seja difícil, ela deixou claro que queria ficar comigo, sabe? Só que achou que não era o certo a ser feito.

Ri de leve, sem nada comentar. Amande não tinha deixado nada claro, além de sua capacidade de me deixar maluco.

– Mas não vou desistir, cara. Não vai passar de amanhã, escreve o que estou te dizendo – completou.

Balancei a cabeça, ainda sorrindo.

– E você? – perguntou Fernando.

– Eu o quê?

- Acorda, Caleb! Vai desistir da noiva?

Encarei-o.

– Nem morto – respondi.

11º Capítulo
Separando as calcinhas

Dormi muito pouco. Estava sem paciência, tudo parecia me incomodar dentro do quarto. Fernando não roncava, mas respirava alto de um modo irritante. Não gosto de dormir com o quarto todo escuro, é mania minha. Também prefiro cama de casal, pois fico me remexendo o tempo todo. Como já era dia, estava um pouco quente no quarto, apesar de dois ventiladores grandes trabalharem incansavelmente.

Antes das sete da manhã, decidi tomar um banho e ver se o Marlos precisava de mim para alguma coisa. Vesti uma sunga preta e uma camiseta branca, estava morrendo de calor.

Acabei encontrando o Edu na cozinha, tinha acabado de chegar.

– Ela é... demais! – falou, animado. – Estou morto, cara! Ainda bem que a Fabiana não vai acordar tão cedo. Preciso dormir.

– Viu o Marlos? – perguntei sem dar muita bola.

– Deve estar dormindo ainda. Você já acordou? São seis e... – Edu conferiu o relógio de pulso. – Quarenta e dois.

– Estou sem sono, acho que vou dar uma volta na praia.

– Ah, beleza.

Havia dois seguranças perto dos portões. Ambos estavam cochilando, sentados debaixo de uma tenda pequena. Fiquei meio desconcertado, mas um deles acabou acordando e abrindo os cadeados para mim. Alertei-o de que não pretendia demorar muito, e ele avisou que era só eu dar algumas batidas no portão quando voltasse.

Alcancei a praia, sentindo-me um pouco melhor. A areia branca estava limpa, e não tinha ninguém circulando naquela região. A água do mar era de um azul profundo, cintilante nas partes em que os raios solares tocavam. O céu estava livre de nuvens, ou seja, um dia maravilhoso com direito a paisagens de tirar o fôlego.

Meu primeiro instinto foi correr na beira da praia. Comecei devagar, sentindo os músculos se esquentarem aos poucos. Depois de cinco minutos, acelerei o passo e corri o mais rápido que pude. Tentava não pensar em nada e até consegui. O exercício me fez um bem enorme; estava me sentindo um pouco preso dentro daquela casa. Pensar em Amande estava me sufocando, e o mar acabou levando minhas dúvidas embora quando resolvi dar um mergulho.

Tudo era muito simples; eu estava trabalhando. Agiria como sempre agi nesses dez anos de experiência, esquecendo-me do surto inicial da noite anterior.

Com as energias recarregadas, voltei para o casebre. Tomei outro banho e vesti os trajes que haviam sido combinados para aquela manhã; sunga e camiseta brancas. Marlos já estava acordado, bem como alguns dos rapazes. As clientes tinham ido dormir bem tarde, por isso ainda estavam dormindo.

O horário do café da manhã passou sem que houvesse sinal das garotas. Sendo assim, o almoço começou a ser preparado, e eu me prontifiquei a ajudar. Estava separando alguns talheres dentro do estande, na área externa, quando alguma coisa me chamou a atenção. Olhei

para cima; Amande estava na varanda, admirando o mar com uma empolgação notável. Sorria abertamente, sem desviar os olhos.

Fiquei a observando durante longos minutos. Às vezes ela abria os braços como se quisesse abraçar o mundo. Realmente o dia estava muito bonito, e a vista da sacada devia estar bela. Confesso que fiquei admirado com sua reação. Parecia tão despreocupada, como se nada pudesse lhe perturbar. Naquele momento, cheguei a invejá-la. Ela ainda trajava o mesmo vestido da noite passada, embora ele agora estivesse amarrotado.

De repente Amande pareceu se dar conta de que estava sendo observada. Olhou para baixo, oferecendo-me seus olhos escuros indecifráveis. Um calor intenso tomou conta do meu corpo; o velho desejo estava de volta, porém o descartei de imediato. Não ia mais dar uma de idiota como na noite passada.

– Bom dia, senhorita Amande! – saudei. – Dormiu bem?

– Muito bem. Bom dia! – Ela sorriu abertamente. Bela demais... – O dia está lindo, você já viu isso? – Apontou para algum ponto além dos portões.

– Não hoje! – falei, referindo-me à vista de sua sacada.

– O que está esperando? Venha ver!

"Só se for agora!"

– Chego em um minuto – avisei, sorrindo também.

Olha só, finalmente Amande estava sendo agradável comigo. Esperava que mantivesse o ritmo durante o dia, seria muito melhor daquele jeito. Animado, subi as escadas quase voando e cheguei ao seu quarto tão rápido quanto foi possível.

Encontrei Amande saindo do banheiro, com uma expressão horrorizada estampada na face.

– Preciso de um banho! Urgentíssimo! – falou. Parecia entrar em desespero, mas percebi quando estacou e me deu uma olhada de cima a baixo. Sim, Amande realmente demonstrou algum tipo de interesse físico em mim. Aleluia!

Claro que eu fiquei contente, mas, repetindo, não ia agir como antes. Manter o profissionalismo se tornou a minha melhor saída, por isso apenas procurei pelas coisas dela dentro do quarto. Percebi que ainda estavam dentro da mala, que jazia aberta em cima de um pequeno sofá.

– Ainda não desfez as malas? – perguntei.

– Não... Nem sabia que seria necessário.

Ri um pouquinho.

– Tem toalhas limpas no banheiro. Posso arrumar suas coisas no armário enquanto toma banho – propus.

– Faria isso por mim? – ela perguntou com uma voz manhosa que me fez pensar alto demais.

– Faria tudo, senhorita Amande – murmurei.

Amande me encarou daquele jeito misterioso, mas seu nervosismo se tornou evidente. Ela acabou desviando os olhos, desconcertada. Não perdi o meu tempo me arrependendo do que disse.

– Vou só pegar meu biquíni – falou baixinho, indo buscar suas coisas dentro da mala. Foi ao banheiro logo em seguida, evitando olhar para mim.

Ótimo. É assim mesmo que me sinto bem. Melhor intimidar do que ser intimidado, não

estava mais a fim de bancar o fraquinho.

Peguei a mala da Amande – não estava tão pesada quanto imaginei – e encontrei as roupas organizadas de um jeito incomum. Digamos que estavam dispostas do mesmo modo como eu arrumo as minhas, separadas por cores.

– Era só o que me faltava – murmurei sozinho, sentindo o meu estômago se contorcer. Amande também era uma mulher rígida quando o assunto é organização? Isso não devia ter me admirado, mas não pude evitar sentir tamanha surpresa. Compreenda; nunca havia encontrado alguém tão irritante quanto eu com relação à limpeza e arrumação.

Peguei suas roupas com as mãos meio trêmulas. Aquilo tudo estava saindo do meu controle. Só consegui ficar mais calmo quando suas blusas estavam na gaveta, devidamente arrumadas. Mantive o mesmo padrão: classificação de cores, tamanho e tecido. Se ela era tão chata quanto eu, certamente iria ficar satisfeita com o meu trabalho.

Deixei suas calcinhas por último. Estavam em um compartimento separado, e pensei até em não tocar nelas, mas simplesmente não consegui. Comecei pelos sutiãs e biquínis, tentando evitar ao máximo a vez das calcinhas. Sabia que ia começar a ter pensamentos adolescentes – e realmente não estava enganado.

Enquanto ordenava as peças íntimas da Amande, imaginá-la as usando foi uma verdadeira tortura. Tudo piorou quando, no impulso, levei uma calcinha branca de renda ao meu nariz, inspirando profundamente. Claro que não senti nada além de um aroma fraco de amaciante, mas não tive como conter minha excitação. Estava agindo como um adolescente; parecia um otário virgem cheirando a calcinha da prima.

Decidi acabar logo com aquela palhaçada; terminei mais do que depressa e simplesmente fitei a gaveta aberta – esgueirado no chão –, pensando no quão estranho estava me sentindo. Uma onda de desespero invadia o meu corpo, e eu respirava num ritmo intenso, buscando calma.

"O que está acontecendo comigo?", pensei.

Balancei a cabeça, buscando respostas. Foi quando senti Amande se aproximando devagar, atrás de mim.

– Ah... – resfoleguei, um pouco assustado. – Você foi rápida.

Levantei-me mais do que depressa e tive o vislumbre magnífico do corpo dela. Senti o meu sangue escapando para algum lugar que não fazia parte de mim. Amande estava usando um biquíni cor-de-rosa, que emoldurava seus seios com perfeição. Tive que me controlar para não tocá-los. Sua barriga estava à mostra; não era chapada ou sarada, chegava a ter uma leve saliência que provavelmente a incomodava, mas a mim não incomodou nem um pouco. Muito pelo contrário, quis ter a minha boca exatamente ali.

– Vou pegar uma blusinha – Amande falou, parecendo muito envergonhada. Certamente tinha percebido o meu olhar ousado, pois não consegui ser sutil.

– Na segunda gaveta. – Apontei, fingindo que nada havia acontecido.

Ela se curvou na direção da gaveta e, instantaneamente, soltou um gemido fraco. *Droga!* Será que eu tinha errado a posição de alguma coisa?

– O que houve? – perguntei. – Se quiser que arrume de outra forma, eu posso...

– Está ótimo! Obrigada.

Amande pegou uma peça qualquer e se virou de costas para mim. Contei até dez mentalmente, observando-a enquanto vestia a maldita blusa. Logo em seguida fechou o

armário e me olhou, oferecendo-me um largo sorriso.

Aquele sorriso podia ser muito inocente, mas para mim soou como um alerta fatal. Um alerta que piscava a palavra perigo.

12º Capítulo
Uma partida de polo aquático

Amande me mostrou a vista da sacada; era realmente de tirar o fôlego. Queria estar com uma máquina fotográfica, mas não era permitido. Meu maior desejo, naquele momento, era tirar um retrato dela, tendo a paisagem apenas como pano de fundo. Seria uma fotografia perfeita, sem dúvidas, e me faria recordá-la quando achasse necessário. Este pensamento fez com que eu agradecesse o fato de não estar com uma máquina. Para quê ficaria encarando uma foto da Amande? Fala sério!

Não trocamos uma palavra sequer enquanto observávamos o horizonte. Eu, particularmente, não tinha nada a dizer, e ela pareceu muito à vontade com o silêncio – até que ele foi partido pelas suas amigas, que apareceram na área externa. O almoço já estava pronto há algum tempo, portanto propus a Amande que descêssemos.

Estava pegando uma bandeja enquanto Marlos falava com as clientes – que estavam sentadas ao redor da mesa:

– Senhoritas! Preparamos um delicioso cardápio para vocês, com várias opções. Hoje seus acompanhantes irão atendê-las particularmente. Espero que sejam muito bem servidas! Bom apetite!

Providenciei o prato da Amande, terminando de enfeitá-lo com dedicação. Os rapazes faziam o mesmo pelas suas acompanhantes, mas acabei me demorando um pouco mais. Por fim, coloquei-o na frente dela. Fiquei esperando que me perguntasse do que se tratava, mas Amande simplesmente começou a comer.

Cansado de esperar, curvei-me e sussurrei no seu ouvido:

– O que quer beber, senhorita?

Amande deu um pulo, meio assustada. Não consegui conter um riso.

– Me surpreenda – ela murmurou de um jeito meio insinuante. Ótimo, como sempre, o tiro saindo pela culatra. Não cheguei a pular de susto, mas sua voz fez meu coração acelerar até demais. E o pior de tudo é que ela nem precisou olhar para mim.

Atordoado, segui na direção do estande e passei um minuto decidindo o que servir. Se ela queria ser surpreendida, então eu faria o possível para surpreendê-la. O clima estava quente, portanto tinha que ser algo refrescante. Acabei fazendo uma mistura que aprendi há algum tempo: refresco de guaraná, chá mate e hortelã. Peguei um copo grande e misturei o conteúdo com bastante gelo. Decorei com um canudo cor-de-rosa bem diferente, ela parecia gostar daquela cor.

Coloquei o copo na frente da Amande, e de novo ela não me perguntou do que se tratava o conteúdo. Simplesmente deu goles generosos e voltou a comer com muita normalidade. Não conseguia entender por que ela não me olhava nem falava comigo. Estaria me evitando? Por quê?

– Gostou? – decidi perguntar, sussurrando no seu ouvido como da outra vez.

– Muito bom, obrigada – respondeu, mas de novo não me olhou.

Afastei-me um pouco da mesa, mantendo-me próximo para o caso da Amande precisar de

mais alguma coisa. Ela chegou a pedir outro copo do refresco, mas foi apenas isso. Era notável que tentava ignorar o meu olhar.

Logo após o almoço, as garotas quiseram tomar banho de piscina. Estavam animadas e muito falantes, mas eu não prestava atenção em nenhuma conversa. João acabou propondo uma partida de polo aquático – homens *versus* mulheres –, e o desafio foi recebido por todos com muita excitação.

Ajudei a buscar duas traves de ferro no galpão; iríamos colocá-las uma em cada lado da piscina. Fizemos algumas marcações a fim de limitar a área, pois as regras seriam mais ou menos as mesmas do esporte tradicional.

– Vamos acabar com vocês! – gritou Fabiana. Ela já estava na piscina, bem como o restante das clientes. Juntaram-se em um canto e começaram a traçar estratégias. Os caras nem se deram ao trabalho de armar alguma jogada, era óbvio que iríamos ganhar.

Aos poucos os rapazes foram caindo na piscina. Tirei a camiseta branca e mergulhei com tudo. A água estava super agradável, o calor que sentia foi aplacado com facilidade. Assim que emergi, passei as mãos pelos cabelos e procurei Amande com o olhar. Para minha surpresa, ela estava me olhando, porém desviou os olhos assim que os meus a encontraram.

Foi então que tive a certeza de que ela estava me ignorando de propósito.

O jogo foi iniciado e, como previsto, os homens fizeram o primeiro ponto. Contive uma gargalhada; as garotas fizeram expressões horrorizadas muito engraçadas.

– Vocês são lindas, mas não jogam nada! – João gritou, colocando ainda mais lenha na fogueira.

– Isso é o que vocês verão! – Cláudia, a mulher casada dos lábios grossos, incitou.

O jogo recomeçou, e a Cláudia teve força e coragem o bastante para conseguir a bola. Jogou para Fabiana, que estava ao meu lado, por isso fui em cima. Ela conseguiu se desviar no último segundo, mas se complicou quando passou a bola, que acabou sendo atirada nas mãos do Henrique. Contudo, Amande estava bem atrás dele; com um toque preciso, conseguiu lhe roubar. Marcelo ainda tentou intimidá-la, mas ela pensou rápido e jogou a bola para Paloma, que estava perto da barra e acabou marcando o primeiro ponto das garotas.

As meninas soltaram gritos finos e histéricos.

– Valeu, Lomita! – berrou Amande, rindo de orelha a orelha.

Assim que passei por ela para retomar a minha posição, falei:

– Você foi bem.

Amande me ignorou, fingindo que não havia escutado. Aquilo estava começando a irritar, de verdade.

Decidi parar de enrolar e começar a jogar pra valer. Admito que pretendia maneirar nas jogadas – e até me fingir de desentendido para que as meninas pudessem ganhar –, mas havia ficado chateado e acabei fazendo birra como um garotinho imaturo. No fim do jogo o placar marcou vinte e cinco a onze para os homens. Fiquei satisfeito.

– Rá! Eu disse que não são de nada! – João falou, gargalhando.

– Duvido que me vençam no pôquer! – Cláudia rebateu, travando um novo desafio.

Eu era ótimo no pôquer, por isso também fiquei bastante animado. Finalmente um desafio de verdade seria travado com as meninas, pois o polo aquático havia sido quase patético. Estava curioso para ver Amande blefando, mas minhas esperanças foram por água abaixo quando ela se recusou a jogar, alegando que não conhecia muito bem as regras do jogo.

– Você aprende fácil – disse Paloma, que já separava algumas cartas. Duas mesas redondas foram providenciadas, e o grupo já tinha se dividido em dois.

– É, senta aí! – completou Lara.

– Vocês sabem que sou horrível em blefar – ela falou, forçando um sorriso. – Relaxem, acho que vou dar uma volta na praia enquanto isso. Estou numa boa!

– Eu vou contigo – soltei. Acho que falei alto e rápido demais.

Amande sequer me dirigiu o olhar, mas me incluiu no passeio quando perguntou:

– Alguém quer vir conosco?

Desta vez todo mundo a ignorou, pois já estavam concentrados decidindo as regras que seriam válidas ou não. Achei benfeito e até sorri um pouco.

Vendo que ninguém a acompanharia além de mim, Amande suspirou profundamente, como se estivesse tomando coragem.

– Vamos então, Caleb? – perguntou, ainda sem me olhar.

– Claro.

Amande virou as costas e foi seguindo na direção dos portões. No impulso, alcancei-a e segurei sua mão, entrelaçando seus dedos nos meus. Ela se soltou como se eu estivesse pegando fogo.

– Posso ver por onde ando – murmurou.

Ok. Quer saber? Estava cansado. Precisava parar de me importar. Urgente.

13º Capítulo
Cai a máscara

Caminhamos silenciosos até o portão. Mantive distância da Amande, não queria levar outro fora. Fiz um sinal para os dois seguranças; eles indicaram que os cadeados estavam abertos, portanto eu mesmo os abri. Amande saiu e, sem esperar por mim, atravessou a pequena rua. Antes de pisar na areia, no entanto, retirou as sandálias. Foi o tempo exato para que me aproximasse.

– Posso segurá-las? – perguntei, temendo nova represália.

– Ok.

Ela me ofereceu as sandálias, ainda sem me encarar, e simplesmente saiu correndo até a beira da praia. Seu movimento brusco me assustou um pouquinho, mas não perdi tempo praguejando mentalmente. Fiquei a observando enquanto seguia devagar; Amande parou quando sentiu a água do mar em seus pés e abriu os braços, erguendo a cabeça para o céu.

Estava tão... linda. Trajava apenas o biquíni cor-de-rosa, deixando seu corpo tão exposto quanto jamais tinha visto. Sua pele naturalmente dourada parecia reluzir com o brilho dos raios solares, e os cabelos castanhos ficaram um pouco mais claros. Daria tudo, qualquer coisa, para tocar sua pele. Talvez até pagasse para isso se fosse possível, mas sabia que Amande não tinha preço. Ela não era como eu.

– Espero que tenha colocado protetor solar – falei assim que a alcancei. Não queria que sua pele sofresse por causa do sol. Também não queria que aquela cor mudasse.

– Na verdade, não coloquei – ela admitiu, ainda de braços abertos e o rosto virado para o céu.

– Então não vamos demorar muito, o sol está quente demais.

– O sol sempre está quente, Caleb. Ele *é* quente.

Não evitei um riso bobo.

– Tem razão, fui redundante.

De repente Amande deixou os braços caírem ao lado de seu corpo e me encarou. Aleluia! Estava ficando louco com sua indiferença. Quase tive um enfarto quando ela finalmente decidiu quebrar o gelo, oferecendo-me o mesmo olhar enigmático e fixo pelo qual eu tinha me apaixonado.

"Tinha o quê, Caleb? O quê? Hem? Responda-me!", pensei, sem desviar os olhos dela. Sentia-me envergonhado.

"Para de pensar em merda, Caleb", alertei a mim mesmo. Estava atingindo um limite nunca ultrapassado de confusão e tortura mental.

– O que está pensando, senhorita Amande? – perguntei e no fundo rezei para que ela também estivesse pensando em besteiras. Só assim eu não me sentiria tão idiota por ser o único.

– Não sei... Acho que em nada e em tudo – ela respondeu simplesmente.

– Isso é bom?

– Não defini ainda.

Sorri meio torto.

– Andei pensando no que você me disse. Não muito, mas pensei – Amande completou, começando a caminhar vagarosamente pela beira da praia. Acompanhei-a no impulso.

– Pensou? Isso é bom então.

Cheguei realmente a pensar que tudo o que eu tinha lhe dito sobre a gaiola interior havia entrado em um ouvido e saído pelo outro. Mas pelo visto Amande era boa no pôquer; escondia muito bem o que estava sentindo, como se uma muralha a segurasse ou uma máscara estivesse estampada em seu rosto, impedindo qualquer pessoa de reconhecê-la.

– Sim – sussurrou.

– Chegou a alguma conclusão? – decidi perguntar.

– Mais ou menos. Sabe, você tem razão sobre algumas coisas. Refleti bastante e... acho que me engaiolo muito. Sou escrava do meu raciocínio.

Este lado da Amande já estava deixando de ser um mistério; ela realmente era uma mulher sensata demais. Pensava tanto em estar certa ou errada que não conseguia se permitir certos exageros. Podia visualizá-la no seu cotidiano, seguindo um milhão de regras impostas por si mesma. Cansativo demais para qualquer ser humano. Mas ela parecia presa nas próprias concepções, na própria mania de se julgar.

– Hum... Continue – pedi.

– Há coisas que sempre quis fazer, mas nunca tive coragem. Nunca parei para pensar se estava sendo legal com as pessoas... Sei lá, sempre ajo de acordo com o que penso, que pode ser diferente do que quero e diferente também daquilo que as pessoas esperam de um indivíduo comum.

Interessante.

– Por exemplo?

– Bom, eu... não bebo, quero dizer, ontem bebi não sei como. Não consigo fazer nada sem ser planejado. Fico me julgando o tempo todo, tenho mania de limpeza... Também não danço.

"Bingo!", pensei, vangloriando-me por ter acertado tudo antes que Amande precisasse, de fato, dizer. Saber que eu finalmente tinha um perfil de sua personalidade era um conforto, mas, ao mesmo tempo, eu me sentia meio estranho. O motivo era meio óbvio; estava preocupado com o que disse sobre si mesma. Quanto mais eu descobria, mais percebia que ela precisava de ajuda.

– Você dançou ontem – falei, por falta de comentário melhor.

– Ontem fiz coisas que nunca havia feito. Aquela não era eu.

Ótimo, fiquei confuso de novo. Afinal, quem era aquela mulher? Até que ponto ela se escondia, em que momento se mostrava? Será que a máscara nunca iria cair? E por que eu fazia tanta questão de desvendá-la?

Acabei fazendo a pergunta que não queria calar:

– Então, quem é você?

– Quando te ignoro estou sendo eu mesma.

Não esperava por aquela resposta. Fiquei absolutamente surpreso, até parei de caminhar. Ela acabou fazendo o mesmo, sem desviar os olhos de mim.

Quer dizer que Amande era a versão chata, que me ignorava e me dava foras? Era a que achava normal não dormir com o próprio noivo, não viver fortes emoções e jamais se permitir? Se assim fosse, então quem era a mulher incrível que me encarava de maneira

insinuante? Quem era a que sorria inocentemente e abria os braços para o sol? Impossível acreditar que eram a mesma pessoa, portanto cheguei a mais uma conclusão: ela estava se enganando. Não conhecia a si mesma, porque jamais havia seguido os próprios instintos. Por incrível que possa parecer, sempre acreditei que só conseguimos nos autorreconhecer quando deixamos nossos desejos aflorarem e não quando raciocinamos em demasia. Não adianta pensar sobre o que somos, temos que simplesmente ser.

– E quando não? – perguntei, ainda transtornado. Amande sequer sabia quem era. Por isso tinha demorado tanto a desvendá-la. Como conhecer alguém que não se conhece?

– Quando não, estou sendo alguém que desconheço.

"Bingo número dois!"

– Então, neste momento, você está sendo alguém que desconhece? – questionei, mas já sabia a resposta.

Amande pareceu extremamente confusa.

– Não sei direito.

– Posso responder por você? – propus.

– Tente.

Refletindo um pouco mais, cheguei àquela conclusão e a expus sem pensar duas vezes:

– Quando você não me ignora, está sendo o que sente. Quando me ignora, está sendo o que pensa.

– Talvez... – Amande balançou a cabeça freneticamente. Estava visivelmente confusa, embaraçada. – Talvez.

Eu sabia que tinha acertado. Amande me desejava, queria viver fortes emoções comigo. Mas seu poder de discernimento a impedia e me rejeitava automaticamente. Ela ficava se julgando por me desejar, como se fosse um erro sem tamanho. Provavelmente aquela mulher nunca tinha passado por uma situação parecida; em que seu desejo estava prestes a ganhar a batalha. Seu raciocínio calculado jamais havia lhe deixado brechas, portanto as justificativas eram baseadas inteiramente na sensatez. E os instintos? E as vontades? Tudo isso passava longe.

– Desculpe-me a indelicadeza, senhorita, mas quantos anos você tem? – Estava curioso.

– Vinte e sete.

– Nesses vinte e setes anos, em algum momento, já foi unicamente o que sentia?

Amande pareceu refletir. Eu já sabia a resposta, mas queria que admitisse a si mesma. Ela, de repente, retomou a caminhada. Deu alguns passos vagarosos e falou alguma coisa ininteligível. Permaneci no mesmo lugar.

Percebendo que eu tinha ficado para trás, ela se virou e finalmente respondeu:

– Não me lembro!

"Bingo número três!"

– Foi o que pensei – falei.– Você quer, de coração, fazer algo a respeito?

Mal sabia o que queria propondo aquilo. Certo, eu sabia muito bem, mas não queria assustá-la. Sinceramente, não sentia mais aquela vontade de fodê-la como se fosse qualquer uma de minhas clientes. Queria fazê-la sentir... Despertar seus instintos e vontades. Queria ajudá-la, apesar de isso nunca ter feito o meu estilo. Nem sabia por que ainda estava conversando, nunca conversei tanto com uma cliente em toda a minha vida.

Amande balançou a cabeça, voltando a enganar a si mesma.

– Não.

– Sente-se completamente satisfeita com seu senso de racionalidade? – perguntei.

– O que é isso? Teste dramático de revista *teen*? Onde devo marcar um xis? – Ela riu, mas permaneci muito sério. Não via graça em nada daquilo, eu não estava brincando.

– Apenas me responda se for possível, senhorita Amande.

Vi quando os olhos dela se encheram de lágrimas, enquanto contracenava uma expressão que fez meu estômago apertar.

"Oh, não... Não, não chore", pensei, começando a me desesperar. Já estava arrependido por tudo – inclusive por ter nascido –, querendo trazer qualquer palavra que a tivesse magoado de volta para minha boca. Mas era tarde demais. Além de começar a chorar, Amande também gritou:

– Quer saber, Caleb? A verdade? Eu me sinto um lixo a maior parte do tempo! Sou certinha demais, perfeita demais... Quero tudo no lugar exato, o tempo todo! Odeio surpresas, odeio não saber o que fazer, o que falar, como agir, para onde ir... Eu quero ter controle sobre tudo! Compreendo perfeitamente que a vida não pode ser assim, por isso sofro demais! Mas, por mais que sofra, nunca mudo! Esta sou eu, Caleb! Satisfeito?

Meu coração quase saiu pela boca. Ele batia tão acelerado que achei que fosse desmaiar. Foi difícil manter a compostura, mas continuei encarando Amande enquanto lágrimas doloridas lhe molhavam a face. Estava com vontade de sumir. Odiava quando as clientes davam chilique, mas senti muito mais do que ódio naquele momento. Senti pena... Raiva, angústia... Era um misto difícil de explicar.

Aproximei-me devagar, chegando muito perto dela. Amande me encarou, mas seus olhos, sempre vivos, não brilhavam mais. Estavam apagados, tristes, de modo que minha vontade real foi de morrer. Ergui a mão e lhe enxuguei uma lágrima. Nunca tinha feito aquilo antes, nunquinha. Enxugar lágrimas? Eu? Nem pensar...

– Vou repetir a pergunta: quer fazer algo a respeito? – sussurrei. Minha voz saiu vacilante, um murmúrio rouco indefinido.

Amande olhou para o céu além de mim.

– O que vai fazer comigo? – perguntou com a voz tão vacilante quanto a minha. Seu receio era visível.

"Oh, Amande, podia começar por um longo beijo, mas não posso."

– Tudo o que você quiser e sentir, mas nada daquilo que pensar – respondi.

14º Capítulo
A sala de massagem

Amande aquiesceu, e ficamos nos olhando por um longo tempo. Eu não sabia o que fazer, muito menos ela. Meu maior desejo era lhe roubar um beijo, mas diante desta impossibilidade, simplesmente travei.

De repente, ela se afastou e foi caminhando devagarzinho de volta para a mansão. Acompanhei-a sem falar nada. Amande permaneceu muda, mas sua expressão era de puro nervosismo. Senti que precisava relaxar... Necessitava de um pouco de descanso mental, pois sua mania de pensar em tudo parecia fazê-la se sentir exausta. Foi então que tive uma ideia.

Assim que cruzamos os portões, segurei sua mão com a maior delicadeza que consegui reunir. Desta vez Amande não reagiu.

– Vem comigo – pedi.

Por um segundo cheguei a pensar que ela se recusaria, mas me enganei. Ainda muito quieta, Amande me seguiu rumo à lateral da casa. Ninguém percebeu nossa presença. Eu estava com uma ideia fixa na cabeça, e aquilo ia ter que ajudá-la de alguma forma. Estava disposto a qualquer coisa – não sabia até onde iria, mas minha preocupação era real. Além do desejo e de todos os instintos que me levavam até Amande, estava também o medo de machucá-la, de fazê-la ficar pior e de ser rejeitado.

Entretanto, não fiquei muito tempo pensando nas consequências ou nas coisas que aprendi a temer desde que a conheci. Iria dar o meu melhor. Ponto final. Se tudo o mais desse errado, justificaria alegando que estava fazendo o meu trabalho; o que, de fato, não seria uma mentira.

Havia duas salas com portas brancas na parte de trás da casa. Era uma construção à parte, mas que estava interligada à mansão por um telhado de vidro e madeira. O lugar era interessante; todo decorado com plantas que formavam um pequenino jardim.

Cruzamos a porta que indicava a sala de massagens. Senti a mão da Amande apertando a minha, ela estava nervosa. Confesso que também morria de medo. Meu coração batia acelerado, como se nunca tivesse feito o que estava prestes a fazer. Isso era, no mínimo, esquisito. Porém, estava começando a me acostumar com a estranheza das minhas reações.

– Não sabia que tinha isso aqui. – A voz da Amande quase tirou o meu fôlego, mas mantive uma aparência natural superconvincente.

– Íamos trazê-las amanhã, mas todo espaço pode ser utilizado quando quiserem.

Atravessamos uma sala enorme, composta por inúmeras mesas de massagem profissionais. Poderia ficar por ali, mas queria um ambiente mais reservado para nós. Queria que Amande se sentisse extremamente confortável e achei que a salinha existente no fim da que estávamos era uma ótima pedida.

Abri uma porta e entramos na tal sala. Era pequena, mas estava limpa, cheirando super bem. O melhor de tudo é que ela era equipada por uma mesa de massagem grande e mais confortável do que as que tinham no lado de fora. Além disso, tinha ar-condicionado – o qual liguei de prontidão, pois o clima estava meio quente –, som e um armário que continha alguns hidratantes e óleos. Também havia uma prateleira com toalhas limpas.

– Sente-se aqui – murmurei, apontando para a mesa.

Amande fez o que pedi, mas não pude deixar de perceber que ela tremia enquanto olhava para cada ponto dentro da sala. Seu nervosismo evidente me comoveu de verdade. Tanto, que senti a necessidade de tranquilizá-la.

Curvei-me diante dela, encarando-a com firmeza.

– Quero que, primeiramente, relaxe. Fique tranquila... Só irei fazer uma massagem em você. Uma massagem completa, não apenas em seus pés. É só se deitar, fechar os olhos e relaxar. Tudo bem?

– Certo – disse, com uma voz fina quase infantil. Na verdade ela parecia mesmo uma criança; perdida, inocente e temerosa. Claro que isso só fez meu desejo de beijá-la aumentar. Cheguei a detestar o fato de não poder fazê-lo.

Ajudei Amande a se deitar confortavelmente. Ela estava tensa, ia ser um desafio e tanto deixá-la calma, mas tudo era um desafio mesmo! Aquele era só mais um que eu estava disposto a encarar.

Amande ainda trajava apenas seu biquíni cor-de-rosa. Nem preciso dizer o quanto fiquei louco quando ela deitou completamente, desenhando a mesa com seu corpo delicioso. Quero dizer, eu nem sabia se era delicioso, jamais havia provado. Entretanto, quando visualizamos uma torta bem bonita na vitrine de uma doceria – aquelas com chantilly, morangos e leite condensado espirrando –, a gente meio que tem certeza de que está uma delícia. Ficamos com água na boca de imediato. Pois então, foi o que aconteceu comigo; Amande era uma fatia de torta, e eu estava faminto.

– Feche os olhos. Apenas sinta, evite pensar. Ok? – sussurrei em seu ouvido, sentindo todo o meu desejo saindo através da minha boca e se traduzindo naquelas palavras.

– Ok.

Amande fechou os olhos. Cheguei a me curvar um pouco, fitando sua boca, mas me controlei. Fui até o *microsystem* e coloquei um CD da Enya que estava em cima da prateleira. Aquilo ia funcionar. Liguei em som ambiente, e a voz melodiosa trouxe calma ao recinto. Até eu me senti mais tranquilo.

Respirei fundo e fechei os olhos. Precisava me concentrar no que ia fazer. Aquela massagem ia ser completa, tocaria Amande da cabeça aos pés, explorando cada parte de seu corpo. Claro que ia me dar um tesão sem limites, por isso precisava manter o foco.

Comecei pelos seus cabelos curtos. Eles eram lisos e cheios, por isso a sensação foi deliciosa. Meu coração batia depressa, mas minhas mãos não vacilaram. Massageei seu couro cabeludo da forma mais relaxante que minhas experiências puderam comprovar. Estava dando tudo de mim.

Meus dedos foram seguindo o trajeto até o rosto de Amande. Ela estava de olhos fechados, e assim permaneceu. Toquei sua testa, suas bochechas, nariz, queixo... Cada contorno da sua face foi estimulado com muita paciência. Definitivamente não tinha como eu ter pressa. Estava vivendo o momento ao máximo, pois sabia que uma hora ele havia de acabar. Bem como todas as coisas boas da vida.

Desci minhas mãos na direção do seu pescoço, escorrendo pelos braços. Eu estava posicionado atrás da cabeça de Amande, mas precisei ficar ao lado para lhe massagear as mãos. Estimulei todo o seu braço esquerdo, depois dei meia volta ao redor da mesa e repeti os movimentos no direito. Amande estava quente e macia; sentir sua pele dourada entre os meus

dedos era uma sensação maravilhosa.

– Vire-se de costas – sussurrei rouco. Ardia em desejo.

Amande demorou um pouco para mudar de posição. Na verdade chegou a corar de vergonha, mas não abriu os olhos. Pensei até que fosse desistir, mas então ela finalmente se virou, oferecendo-me uma visão espetacular da sua bunda farta. Minha vontade real foi de apertá-la com força, mas consegui me conter.

Pulei diretamente para os ombros dela, espalhando meus dedos pela sua nuca e percebendo que estava com pontos de tensão. Aquilo ia doer um pouquinho, mas pretendia dissolvê-los um por um. Amande não reclamou durante o processo, mas às vezes seu músculo se contorcia, sinal de que realmente estava sendo dolorido. Tudo por uma boa causa; quando a tensão saísse, ela se sentiria muito melhor e mais relaxada.

Depois que terminei com os pontos de tensão, deixei minhas mãos escorrerem por toda sua coluna, contracenando movimentos diversos. Meus dedos pararam no único fio que prendia seu biquíni.

– Posso? – perguntei, tocando no fecho. Nem sei como consegui fazer aquela pergunta, mas minha voz saiu estranhamente firme.

– Não me pergunte nada.

"Ai! Tem certeza, Amande?"

– Tudo bem – respondi, sem evitar um sorriso.

Abri a parte de cima do biquíni, percebendo que ele havia deixado uma pequena marca de bronze na pele dela. Meus braços começaram a tremer quase de imediato; a excitação atingia o auge, enquanto via as tiras do biquíni caírem para os lados. Não deu para evitar. As coisas lá embaixo ficaram bem... duras.

Decidi pegar um pouco de óleo para me ajudar nos movimentos. Queria fazer uma massagem relaxante completa nas costas de Amande. Acabei pegando o primeiro que vi no armário; era de frutas e tinha a palavra "afrodisíaco" logo na frente. Ótimo, ia servir.

Abri a tampa do pote e derramei uma quantidade generosa em Amande, imaginando que estava colocando calda em um sorvete delicioso. Adoro sorvetes. Hum... Sorvete de Amande. Deve ser uma maravilha.

O líquido logo incensou o ambiente; cheiroso e estimulante. Comecei a espalhá-lo com desenvoltura, movimentando meus dedos com ainda mais vontade. Minha excitação não queria ir embora e, por mais que eu tentasse voltar ao normal, o desejo latejava o meu corpo, enraizando-se na minha alma. Sabia que aquilo só acabaria quando finalmente eu o colocasse para fora em forma de clímax.

Estava cansado daquele maldito zero a zero. Chegava a hora de ousar.

– Continue relaxada – consegui murmurar, sentindo a pele de Amande se arrepiando por inteira. Ela definitivamente não ajudava.

Com um movimento lento e preciso, minhas mãos seguiram na direção do seu lindo traseiro. Toquei-o com vontade, apertando-o do jeito que queria fazer desde que o vi. Amande ficou rígida contra a mesa de massagem, mas felizmente não tentou me impedir. Permaneceu calada, quietinha.

"Maravilha... Fica tranquila aí, meu bem."

Meu maior desejo, naquele momento, foi arrancar a parte de baixo de seu biquíni e subir naquela mesa. Amande nem precisaria mudar de posição. Iria fodê-la por trás até cansar,

espalmando-lhe a bunda deliciosa. Cheguei até a imaginar toda a cena, mas respirei fundo umas mil vezes para não agir por impulso. Não queria assustá-la daquela forma.

Forcei a mim mesmo a prosseguir com a massagem. Desci pelas suas coxas grossas, apalpando-lhe a carne com muita vontade. Meus dedos brincavam com a sua pele; ora usava de muita delicadeza, ora de uma força calculada. A pele de Amande estava ainda mais quente, sabia que estava estimulando seus desejos. Não podia ver seu rosto, mas suas vontades estavam sendo afloradas tanto quanto as minhas. Entretanto precisava manter a calma. Tudo tem o momento certo para acontecer.

Acabei me demorando nos seus pés. Queria esfriar um pouco, pois estava muito excitado. Ela ia perceber quando eu pedisse que virasse de frente novamente – afinal, eu estava usando apenas uma sunga branca –, portanto trabalhei por ali até sentir as coisas voltarem ao "normal", se é que me entende. Confesso que foi bem difícil, por isso que demorei tanto.

– Vire-se de frente – murmurei, retomando o fôlego.

Amande sequer pestanejou. Segurando a parte de cima do biquíni – infelizmente, pois tive a esperança de que se esquecesse de segurar –, esgueirou-se para frente e, sem abrir os olhos, esperou. Sua expressão não era tranquila ou calma, mas algo estranho que não soube identificar. Fiquei sem saber se ela estava gostando ou detestando a massagem. *Droga!*

Massageei a parte da frente de suas pernas. Estava disposto a ousar ainda mais, portanto as ergui – uma de cada vez – nos meus ombros, enquanto lhe massageava as coxas com lentidão forçada. Deixei clara a intenção erótica do que estava fazendo quando decidi passar minha barba por fazer pelas suas pernas, arranhando-lhe de leve. Amande permaneceu com os olhos fechados, mas vi quando prendeu os lábios e depois os soltou, abrindo um pouco a boca deliciosa.

Ela estava excitada. Com toda certeza.

Fechei os olhos e continuei o movimento, passando minhas mãos pela parte interna de suas coxas, bem perto da virilha. Quis muito colocar meus dedos dentro do biquíni da Amande, a fim de conferir o nível de sua excitação, mas me controlei. Àquela altura, minha ereção já tinha voltado com força total.

Tornei a abrir os olhos e soltei as pernas dela. Estava na hora de subir um pouco mais. Alcancei sua barriga e comecei a lhe massagear por ali, concentrado no que fazia. Pensei em lhe perguntar se podia retirar a parte de cima do biquíni, por isso olhei para ela. Para minha surpresa, Amande estava com os olhos bem abertos, observando-me com uma expressão que inspirava o mais puro desejo.

Foi então que eu soube que não precisaria perguntar nada. Até porque ela havia me dito para não fazer perguntas. Se por um acaso achasse ruim o que eu estava prestes a fazer, poderia usar aquela justificativa.

Não ousei desviar meus olhos dos dela. Nem se eu quisesse. Eles estavam me prendendo, jogando laços que me amarravam dentro daqueles dois lagos profundos de águas escuras. Também queria ver suas reações, e assim foi feito. Puxei a parte de cima do biquíni de Amande para o lado, deixando seus seios expostos para mim.

Apesar de desejar encará-los, não ousei. Ver Amande corando de vergonha e abrindo a boca de excitação foi uma cena que posso considerar como sendo perfeita. Simplesmente perfeita. Comecei a massagear seus seios, mas meus olhos ainda estavam presos nos seus. Fiz movimentos circulares delicados, depois fui apertando-os um pouco mais, claro, cuidando

para não machucá-la.

Sentir os seios da Amande em minhas mãos foi... incrível. Eles eram macios e durinhos ao mesmo tempo – tinham o tamanho da palma da minha mão em concha, de forma que pude segurá-los completamente. Queria muito sugá-los e beijá-los, minha boca estava coçando para tal, mas não o fiz.

Acabei usando os meus dedos para puxar a ponta de seus seios e quase pirei quando Amande soltou o primeiro gemido. Havia sido bem fraquinho, mas minha pele inteira se arrepiou. Vê-la excitada era impressionante. Sua expressão era magnífica, chamava-me aos berros. Precisava tê-la urgente. Queria-a como jamais quis alguém em toda a minha vida.

Estava quase descendo as mãos para dentro da parte de baixo do seu biquíni, porém o receio de ser ousado demais me travou. Tinha medo de ser rejeitado pela Amande, mesmo compreendendo o desejo que estava sentindo naquele momento. Bom, não quis arriscar. Ela era uma caixinha de surpresas, podia esperar qualquer coisa vinda dela.

– Preciso fazer uma pergunta – murmurei. Decidi que não ia pular a etapa sem saber se Amande realmente queria que eu o fizesse.

– Faça logo – falou, mas soou mais como um gemido. Adorei.

– O que você quer? – perguntei, ainda massageando-lhe os seios.

Amande não refletiu antes de falar, com a voz mais baixinha que já ouvi nela:

– Me surpreenda.

Acha que eu ia pensar duas vezes? De modo algum. Com o sinal verde piscando na minha direção, levei uma mão até o seu sexo, tocando-o com delicadeza. Não queria fazer movimentos bruscos. Percebi que estava todo depilado, deixando a pele bem lisinha. Estava também molhado demais; meus dedos foram lambuzados de imediato. Tinha que vê-lo urgentemente.

Com um movimento rápido, retirei as fivelas que prendiam seu biquíni na lateral do quadril. Deixei Amande toda exposta para mim, mas incrivelmente ainda não me sentia pronto para tirar seus olhos dos meus. Suas expressões eram as melhores, impagáveis.

Abri suas pernas e voltei para o fim da mesa. Coloquei umas delas nos meus ombros e, ainda olhando Amande nos olhos, fiz alguns movimentos no seu sexo. Foi então que resolvi fechar os olhos e beijar suas lindas pernas, começando pelos pés. Fui descendo aos poucos, passando por sua panturrilha e ultrapassando os joelhos. Tudo bem devagar. Se ela queria ser surpreendida, precisava surpreendê-la com calma.

Foi então que observei o seu sexo todo exposto, pronto para mim. Lindo demais! Será que era cheiroso? Saboroso? Como eu queria prová-lo!

Atendendo aos meus próprios pedidos, retirei meus dedos de lá e os coloquei na boca. Suguei o líquido com vontade, lambendo meus dedos. Divino. Era um manjar dos deuses. Meu prato favorito, e agora sabia onde encontrar a melhor fonte. O gosto da Amande era simplesmente perfeito, e eu sabia que me viciaria rapidinho.

– Você é deliciosa – murmurei, encarando-a.

Em resposta, ela apenas fechou os olhos e corou. *Linda!*

Tornei a colocar meus dedos no seu sexo, mas, desta vez, comecei a fazer movimentos mais intensos. Chacoalhei tudo ali embaixo, sentindo mais doses daquele líquido saboroso brotando de sua fonte. Meu desejo já era palpável. Estava decidido; queria que Amande tivesse um orgasmo daquele modo, e só depois eu iria transar com ela em cima da mesa de

massagem.

Acelerei meus movimentos, chamando-a para mim. Amande começou a se contorcer velozmente, empurrando o ventre na direção dos meus dedos. Soltou outro gemido, causando-me uma nova onda de arrepios. *Gostosa!* Meus dedos não paravam de trabalhar, até que ela abriu ainda mais as pernas. Seu corpo soltou um espasmo delicioso, convidando-me a introduzi-la. E assim foi feito. Coloquei dois dedos dentro dela, sem dó nem piedade.

Amande soltou um gemido alto.

– Caleb... – ela murmurou.

Quase não acreditei. Ela disse o meu nome?

O meu nome?

Por quê?

"Não diga o meu nome, Amande. Não diga", pensei, mas o ritmo dos meus dedos continuou o mesmo. Não ousei parar ou desacelerar.

Amande estava com os olhos fechados, envolta pelos meus movimentos. Ela ia chegar rápido, mas eu podia acelerar as coisas. Tinha pressa em pular a etapa. Estava excitado demais e, depois que falou meu nome, considerei como sendo minha obrigação possuí-la até que se fartasse de mim.

Curvei-me diante das pernas dela e caí de boca em seu sexo, sugando-o com vontade. Seu gosto e cheiro invadiram os meus sentidos, levando-me para um lugar surreal, como se estivesse longe da realidade. Era bom demais para ser verdade. Meus dedos ainda trabalhavam, ritmados com as danças que minha língua encenava.

"Vem pra mim, gostosa, quero me embriagar de você", pensei.

Acho que Amande ouviu meus pensamentos. Só pode ser. Afinal, depois que minha mente a chamou, ela simplesmente obedeceu. Explodiu na minha boca, expelindo doses deliciosas de seu gosto na minha língua.

– Caleb! – gritou o meu nome.

Aquilo só me fez bebê-la com ainda mais vontade.

15º Capítulo
Balde de água fria

As pernas de Amande relaxaram, e só então tive a capacidade de parar o que estava fazendo. Retirei os dedos e lambi meus lábios, provando os últimos resquícios de seu sabor. Nem deu tempo de eu raciocinar direito; quando menos percebi, Amande já estava de pé, procurando pelas partes do seu biquíni. Sua expressão era de puro horror.

Ainda estava morrendo de excitação, querendo ter o meu próprio alívio, mas confesso que fiquei muito preocupado. Depois de ver o rosto dela se contorcendo de culpa e arrependimento, não pude sequer pensar em mais nada além de seus sentimentos. Por isso, alisei seus cabelos com cuidado, depois a puxei pela cintura, trazendo-a para mim. Amande tinha colocado a parte de cima, mas ainda estava despida embaixo.

– Me solta... Por favor, me solta. Falo sério – ela disse, e sua voz foi quase um choramingo.

"Não fica assim, Amande, por favor... Não faz isso."

– Senhorita Amande... Olhe pra mim – pedi aos sussurros. Tinha começado a entrar em desespero. Se ela chorasse novamente, não sabia do que seria capaz. Àquela altura, meu coração estava tão espremido quanto jamais ficou.

Amande me ofereceu seus lindos e hipnóticos olhos. O efeito sobre mim foi o mesmo; senti-me perdido dentro daquela escuridão. Tudo piorou quando ela entreabriu os lábios, convidando-me para um beijo que não aconteceria.

– Você fez o que quis e o que sentiu – falei seriamente. – Pela primeira vez.

– Não importa o que eu quis, se o que fiz foi errado – retrucou, fazendo uma expressão ainda mais horrorizada, como se o que eu tinha acabado de dizer fosse uma besteira sem tamanho. – Solte-me, quero me vestir e ir embora.

"Oh, não... Não vá..."

Soltei-a devagarzinho. Tive ódio de mim mesmo por não ter o direito de tentar impedi-la. Tive ódio por me importar tanto, ódio por tê-la deixado arrependida. Ódio por ser quem sou, ódio por ela estar noiva e não poder ser minha, ódio de tudo e de todos. Mas, por fora, eu estava apenas sério. Cumprindo o meu dever.

– Para onde vai? – perguntei, engolindo aquele sapo sem um pingo de água para ajudar.

– Tomar um banho. Estou lambuzada. Por favor, você está dispensado, não quero mais vê-lo – Amande respondeu, terminando de vestir a parte de baixo do biquíni. Depois, pegou uma toalha e enrolou no corpo.

Havia ficado paralisado com o que ela falou. Senti uma parte de mim caindo no chão, mas reuni toda a coragem possível para perguntar:

– Tem certeza?

Amande evitou os meus olhos, mas suspirou profundamente.

– Não, não tenho certeza. Só preciso pensar um pouco, está bem?

O alívio invadiu os meus sentidos. Eu não ia suportar ser rejeitado daquela forma. Não me pergunte por que, apenas não suportaria, está bem? Estava confuso e estranho com relação

a ela.

– Tudo bem. Só não pense muito – respondi.

Amande saiu da salinha sem se despedir ou olhar para trás. Seu lindo rosto ainda carregava a expressão de culpa e pesar, que lhe oferecia uma ruga de preocupação bem no meio da testa. Será que ela ia ficar bem? Não fazia a menor ideia. O simples fato de tê-la machucado de alguma forma me causava nojo.

– Você é um desprezível, Caleb – murmurei para mim mesmo, sentando na mesa de massagem.

Suspirei fundo. Precisava raciocinar melhor sobre aquilo; sobre aquela coisa sinistra que acontecia quando eu estava com ela ou pensava nela. Não podia ser normal. Não era normal... Já havia passado por tantas situações na minha vida!

O que Amande tinha de tão diferente para mexer comigo daquele jeito? Não era apenas o desafio de conquistá-la que me atraía. Não era somente sua inocência, afinal, já transei com trezentas mil mulheres virgens – coisa que certamente ela não é, minhas dúvidas quanto a isso foram embora. Seu jeito sensato chegava até mesmo a ser chato. A inteligência era uma vantagem, mas o fato de pensar demais era, sem dúvida, um defeito.

Não me leve a mal, sou um cara calculista tanto quanto ela. Gosto de organização, limpeza... Faço cálculo mental constantemente e adoro quando os pingos ficam nos is. Mas não sou nenhum louco de pedra feito ela. Eu me permito viver, adoro seguir meus instintos, não ignoro meus desejos. Enfim, sou equilibrado. Às vezes tudo o que faço é simplesmente não pensar. Às vezes passo horas raciocinando. Sinto-me bem diante deste misto. Razão e emoção são complementares; uma não faz sentido sem a outra.

Balancei a cabeça. Estava cansado, exausto, na verdade. Amande havia acabado comigo, e nem tínhamos transado ainda. Decidi pensar enquanto estivesse deitado; daria a mim mesmo algum tempo de descanso, pois tinha certeza de que a minha cliente misteriosa iria fazê-lo. Só esperava que não estivesse se martirizando em demasia.

Depois daquele banho de água fria – a tarde havia terminado de um modo que não planejei –, tomei realmente outro banho, só que de água quente, bem relaxante. Vesti uma bermuda simples e deitei na maldita cama de solteiro. Tentei tirar um cochilo, mas não conseguia me desligar. Não havia sinal algum dos rapazes dentro do casebre, e agradeci por isso. Não estava a fim de dar satisfações, embora estivesse trabalhando e certamente precisasse dizer alguma coisa ao Marlos.

Depois de quarenta minutos me remexendo na cama, Fernando apareceu.

– E aí, cara? Você sumiu! Aliás, vocês sumiram! – falou de um jeito divertido.

– Sala de massagem – respondi simplesmente.

– Eita, maravilha! Rolou?

– Não – menti. Sei lá se "rolou". Na minha perspectiva, não havia rolado. *Mesmo*.

– A noiva é durona, hein?

"Você não faz ideia."

– Onde vocês estavam? – perguntei, mudando de assunto. Não queria falar sobre a Amande.

– Na praia. Foi bem divertido, as garotas são muito simpáticas. Lara está me tentando... Fica me jogando indiretas e depois recua. Mas de hoje não passa.

– Boa sorte – falei.

– Temos uma hora de descanso antes do jantar – avisou.

– Ótimo.

Aquela uma hora, inexplicavelmente, rendeu algum sono. E então acabei dormindo de verdade, cheguei até a sonhar. Nem me pergunte com o quê, pois sempre me esqueço do que sonhei assim que acordo. De qualquer forma, aquele descanso foi muito bem-vindo. Acordei me sentindo outra pessoa, embora nada, de fato, tivesse mudado.

Vesti um terno escuro muito elegante, com direito a gravata cor-de-rosa. A mistura ficou interessante, inspirando formalidade e charme. Agradeci por não ter que vestir tanguinha e gravata-borboleta de novo, seria desconcertante.

Encontrei os caras na cozinha do casebre. Estavam sentados ao redor de uma mesa maior, jantando e conversando animadamente. Juntei-me a eles, percebendo que estava faminto. Enchi o meu prato e mandei ver.

– E aí, Caleb? A noivinha continua virgem? – perguntou Edu enquanto enfiava a comida goela abaixo.

Droga, Edu!

– *Tá* brincando! Amande é virgem? – perguntou João.

– É sério? – Marcelo largou o copo de Coca-Cola ao lado do prato. – Conta essa história direito!

– Ela não é – decidi falar logo de uma vez.

– Não é ou não é mais? – completou Henrique, gargalhando. Os caras o acompanharam, mas eu permaneci sério.

– Não é, tinha entendido errado.

– Que pena! – falou Edu. – Mas, finalmente, rolou ou não?

– Não.

Minha vida é sexo, afinal, é o meu trabalho, o ar que respiro todos os dias. Sexo, sexo, sexo... Sexo pra lá e pra cá. Falar sobre isso nunca me deixou envergonhado. É tão natural! Embora não goste de sair contando vantagem ou de expor a intimidade de alguma cliente, nunca me senti estranho como naquele momento. Queria que mudassem de assunto. Estava prestes a pedir que fizessem isso, na verdade. Ia dar uma de chato, mas não me importava. Tudo, menos ouvir um bando de homem falando sobre Amande como se ela fosse... Sei lá, alguma coisa que não era.

Graças aos céus Fernando apareceu do nada, trajando seu próprio terno, e me salvou.

– É hoje! – disse, animado.

– Estamos fazendo uma aposta, Fernando – comentou Edu, piscando um olho. – Eu aposto que você não vai conseguir nada com a Lara.

Todos riram, até eu. Claro que aquela aposta não existia, Edu estava apenas zoando com o Fernando e sua paixãozinha.

– Ninguém a meu favor? – ele perguntou, fingindo indignação.

– Você vai conseguir – falei, só para ser agradável. A verdade era que não me importava nem um pouco se ele conseguiria ou não. Estava mais preocupado com minhas próprias conquistas, que até aquele momento foram mínimas.

– Acho que o único que não vai conseguir é o Henrique – comentou João.

– Verdade – completou o Edu.

– Ih, já desisti – disse Henrique. – Cláudia é uma mulher casada e bem amada.

Acreditem, elas existem!

Todos riram.

– Menos mal, agora já posso manter a esperança de um futuro casamento – falou Marcelo.

– Casamento? Você quer se casar um dia? – perguntei, meio admirado. O comentário dele realmente havia me chamado atenção. Acho que chamou a dos rapazes também, pois todos olharam para ele.

– Claro que sim. Não quero terminar sozinho. Vai dizer que ninguém aqui pensa nisso?

– Quero nem pensar – disse Fernando.

– Já pensei, mas desisti – admitiu Edu. – Mulheres são complicadas demais. Só servem para nos satisfazer e pronto. Algumas são bem inteligentes, legais para conversar. Mas, quando se fala em relacionamento, são todas iguais... A maior cilada. Não tem uma que se salve, sei disso por experiência.

– Será que sou o único? – questionou Marcelo, revirando os olhos.

– Penso em ter uma namorada legal, não em me casar – confessou Henrique. – Isso aí já é demais. Quem em sã consciência teria algo mais sério conosco sabendo o que fazemos, mesmo se deixarmos de fazer? Nossas vidas serão marcadas para sempre por termos sido garotos de programa.

Silêncio geral. Depois daquele comentário, todos ficaram pensativos. Observei o Marcelo; ele chegou a prender os lábios e olhar para baixo como se estivesse ressentido.

– Vocês estão se lamentando? – perguntei, franzindo o cenho. Mal sabia o que pensar sobre aquilo, minha cabeça tinha dado um nó.

– Talvez seja mais fácil pra você, que trabalha com isso há mais tempo que todos nós juntos – Marcelo rebateu, encarando-me com firmeza.

– Caleb tem razão – defendeu Edu. – Vamos mudar de assunto, cada um pensa o que quiser sobre isso.

Eu estava prestes a rebater, mas sinceramente não sabia o que falar. Só tinha certeza de que cada um ali havia escolhido o próprio destino. Quem quisesse parar, parava. Era simples até demais. Ninguém nunca disse que as coisas seriam fáceis, mas todos já conheciam as consequências o suficiente para realizar novas escolhas. Nenhuma escolha é definitiva, e é por isso que estou montando o meu estúdio.

Se pretendo me casar? Não sei. É difícil acreditar que exista alguma mulher que me satisfaça completamente; não apenas com relação a sexo, mas com todo o restante. Sou um homem complicado e chato, odeio futilidades, joguinhos... Sou amante da naturalidade e da inteligência. Gosto de admirar qualquer coisa que for artística e posso passar dias sem fazer nada além de ficar em casa assistindo a filmes. Prefiro cozinhar a frequentar bons restaurantes, arrumo minha própria casa, não consigo ver nada fora de ordem, odeio cigarros, adoro vinho e minha vida só faz sentido por causa dos meus gatos.

Quem poderia me acompanhar nesta doideira?

16º Capítulo
O desafio do karaokê

Começamos a organizar as coisas para o jantar. Sr. Amoretto já estava preparando inúmeros pratos da culinária japonesa, sendo auxiliado por seus dois ajudantes. Edu e Henrique começaram a pôr a mesa enquanto Marlos levava João e Fernando para a sala de estar – eles instalariam um sistema de karaokê profissional. As meninas iam gostar daquilo.

Marcelo começou a montar o minibar novamente, e decidi ajudá-lo. O clima entre nós não havia ficado muito bom depois de seu comentário na cozinha do casebre.

– Você ficou chateado comigo? – ele decidiu perguntar de uma vez, enquanto organizava algumas garrafas de vodca.

– Não – respondi, e fui sincero. Eu tinha ficado mais surpreso do que chateado, propriamente dito. Não sou um cara que guarda rancor. Também sou péssimo para brigar, não importa com quem. Demoro séculos para perder a cabeça e, quando perco, não costumo me alterar. Sei que é estranho, mas sou muito tranquilo mesmo.

– Ótimo, não é nada pessoal – continuou. – Só acho que vou parar. Não vai demorar muito.

– Isso é bom, Marcelo. Sério. Eu também vou parar – confessei, colocando alguns morangos em uma tigela.

Ele ergueu a cabeça e me observou com uma expressão engraçada.

– *Tá* brincando!

– Juro. Vou parar, está decidido.

Marcelo balançou a cabeça como se estivesse incrédulo, mas sorriu amplamente.

– Já sabe o que vai fazer da vida? – perguntou.

– Montar um estúdio fotográfico. Tenho quase tudo pronto, devo parar no mês que vem.

– E o contrato?

Realmente, o contrato que havíamos assinado tinha duração de dois meses. Pretendia cumpri-lo até o fim, mas seria o meu último trabalho. Caso desistisse antes do combinado, teria que pagar uma multa meio salgada.

– Assim que ele terminar estarei dando adeus.

Marcelo sorriu ainda mais. Comecei a enxugar alguns copos e depositá-los lado a lado em uma bandeja. Queria muito saber se Amande estava bem, não conseguia ignorar a minha preocupação. Olhei para a varanda na esperança de vê-la, mas não havia sinal dela. Será que ficaria chateada comigo? Começaria a me ignorar de novo?

Suspirei profundamente. A dúvida me corroía por dentro.

– Acha que vai se adaptar? – Marcelo tornou a me dirigir a palavra.

– Não sei.

– Quero dizer, você deve ter muitas clientes. Acho que algumas vão continuar te procurando.

– Provavelmente sim.

"Começando pela ministra masoquista que acha que sou o Christian Grey", pensei.

– Talvez você também sinta falta.

– Eu sei – confessei, sentindo-me meio cansado de repente. – Fiz isso durante toda a minha vida, qualquer coisa pode acontecer. Só preciso tentar, eu não aguento mais fazer isso. Tenho que começar a pensar em mim.

Marcelo balançou a cabeça, aquiescendo. Permaneceu calado depois disso, atitude que agradeci mentalmente. Nunca fui de me abrir para ninguém – exceto para a minha irmã –, mas me senti um pouco melhor depois que o bar ficou pronto. O assunto não voltou a ser abordado, contudo a minha mente trabalhava a todo vapor. Estava pensando em me colocar à prova quando finalmente parasse de vender o meu corpo. Pretendia ficar sem transar durante algum tempo e só fazê-lo quando encontrasse alguém realmente especial. Ia ser difícil, claro. Muito difícil, afinal, estou acostumado a manter relações diariamente. Posso até ter me viciado nisso sem ter me dado conta. Talvez faça mais falta do que posso suportar. Ou talvez não. Era um risco que eu precisava correr.

Estava separando algumas bandejas no estande quando as meninas apareceram na área externa. Fiquei impressionado com a beleza de cada uma. Todas estavam lindas, arrumadíssimas. Conversavam animadamente, rindo de modo despreocupado. Eram barulhentas, mas mulheres reunidas costumam fazer muito barulho. Observei-as atentamente, até que senti falta de alguém; Amande não estava entre elas.

Fabiana foi a primeira a notar o mesmo.

– Ué, gente, cadê a Amande? – perguntou.

Suas amigas já tinham sentado ao redor da mesa de jantar.

– Não sei, acho que pegou no sono! – comentou Lara.

– Vou buscá-la! – propôs Paloma, levantando-se.

Ela voltou cinco minutos depois. Sei disso porque contei mentalmente.

– Amande está vindo – alertou Paloma. – Tinha mesmo pegado no sono.

– Só podia ser Amande! – disse Jéssica. – Em vez de dormir em casa, perde tempo fazendo isso em plena despedida de solteira!

– Ela anda tão cansada por causa do casamento! – defendeu Lara.

"Aposto que o casamento não foi o real motivo de seu cansaço", pensei.

As clientes mudaram de assunto, começando a falar sobre o passeio que deram na praia. Amande e eu o havíamos perdido, mas não trocaria um pelo outro nem morto. Terminei de fazer o que estava fazendo e peguei uma bandeja para mim. Percebi que os garotos já serviam alguns *drinks* para suas acompanhantes.

Fiquei de pé a uma distância razoável da mesa, mantendo uma posição formal enquanto aguardava. Edu se juntou a mim um tempo depois, mas não disse nada. Manteve a mesma posição e simplesmente esperou o jantar ser iniciado. Para isso, a noiva precisava estar presente.

Foi quando eu a vi.

E acreditei piamente que era a coisa mais linda que já tinha visto em toda a minha vida. Amande parecia ter luz própria enquanto cruzava a área externa, desfilando em cima de sandálias douradas de salto. Elegantíssima. O vestido que usava era de um amarelo tão dourado quanto sua pele, de modo que não pude discernir quem estava brilhando mais: ela ou

ele. Os cabelos curtos estavam soltos, balançando a favor do vento marítimo. Um sorriso amplo lhe estampava a face, deixando sua expressão serena, feminina e muito, muito charmosa. Tudo piorou quando ela passou por nós. Mantínhamos certa distância, por isso não nos viu, mas isso não me impediu de notar que a parte de trás do seu vestido era aberta, deixando suas costas expostas. Apenas uma faixa o prendia no pescoço.

– Fecha a boca, Caleb – murmurou Edu.

Acordei do transe imediatamente. Meu corpo inteiro havia esquentado, e minha cabeça parecia ter dado *tilt*.

– Gostosa demais, hein? – ele comentou, encarando Amande com o mesmo desejo evidente em mim. Bom, não o mesmo. Duvidava de que ele estivesse sentindo *aquilo*.

– Cala a boca – falei.

Edu me encarou fixamente, esboçando uma expressão divertida.

– Ciúmes, Caleb?

– Não seja idiota.

– Foi o que pareceu.

– Ela vai se casar – enrolei.

– E daí? Ela é gostosa, não sou cego. Se eu fosse você, parava com essa ladainha. Ia direto ao ponto.

Permaneci calado. Queria muito ir direto ao ponto, minha vontade de fazer isso só crescia. Só que também desejava preservá-la. Queria que se mantivesse intacta. Odiaria se fosse machucada, principalmente por mim. Não fazia sentido, eu sei.

– E então, amiga, está se sentindo bem? – Fabiana perguntou assim que Amande se sentou em uma das cadeiras. Estava de costas para mim.

– Estou ótima! – respondeu, rindo. Uma onda de alívio e alegria me preencheu. Tive vontade de rir, mas permaneci sério. – E faminta também. O que será o jantar?

– Não faço ideia! – respondeu Cláudia. Parecia bem animada também. – Esses garotos sempre nos surpreendem. Olhem lá, o meu anjinho! – Apontou para o Henrique, que conversava com o Marcelo no minibar. – Lindo, não é?

– Nem me falem, o João é magnífico! – completou Jéssica.

– O Edu também, gente, um arraso! – Fabiana não fazia ideia de que o Edu estava ouvindo aquilo. Olhei para ele e não segurei o riso.

– Ui, um arraso! – falei.

Edu riu maliciosamente, mas não disse nada.

– Vai Paloma, conta aí, como é o Marcelo? – perguntou Fabiana.

– Muito fofo.

Edu e eu seguramos uma gargalhada.

– Hummm, muito fofo, hein, amiga? – Jéssica brincou, fazendo as garotas gargalharem.

– Fofo é a última palavra que eu diria sobre o Fernando – disse Lara. Ela parecia meio envergonhada, visto que seu lindo rosto corou de leve. – Ele é... selvagem.

Meu estômago já ardia de tanto que tentava segurar o riso.

– Droga, o maldito vai conseguir – disse Edu. – Perdi a aposta.

– Existe uma aposta? – Franzi o cenho.

– Pior que sim, entre o Henrique e eu. Mil mangos.

– Sério? – Ri de verdade.

– Sério! Colocava mais fé na Lara.

– Conta aí, Amande, e o senhor misterioso dos olhos incríveis? – perguntou Jéssica.

Minha atenção se voltou para a mesa, pois certamente estavam se referindo a mim. Meu coração deu um salto como se estivesse em plenas Olimpíadas. Edu também permaneceu atento, mas ele estava só esperando alguma resposta para que pudesse zoar com a minha cara.

– Ah... O... O Caleb... Ele é... – Amande gaguejou. Seu desconcerto era óbvio, mas minha curiosidade era maior. Não fazia ideia do que ia dizer ao meu respeito. – É incrível, como os olhos dele.

Resfoleguei. Não consegui manter os olhos sobre a mesa, desviei-os de imediato.

Como era de se esperar, ouvi a risada do Edu.

– "Incrível como os olhos dele" – falou, imitando uma vozinha chata.

– Ah, vai pro inferno – murmurei, sentindo meu rosto inteiro pegar fogo. Sabia que devia estar vermelho como um pimentão.

Ouvi as garotas gargalharem.

– Elas olharam para cá – avisou Edu, ainda rindo.

– Ótimo – ironizei.

– Sinto muito te informar, mas sua noivinha pseudo virgem não é tão santa assim. Ela está totalmente na sua, não vacile.

– Será? – perguntei. As dúvidas e o receio de ser rejeitado ainda me martelavam por dentro, e o pior era que eu não sabia explicar os motivos. Sempre confiei no meu taco, e o fato de jamais ter sido dispensado me fazia crer que ninguém nunca o faria. Estava enganado ou me achando demais.

– Você ainda duvida? Depois do que ela disse? Se não pegar essa mulher hoje, vou desconfiar seriamente da sua sexualidade, Caleb. – Riu.

– Não exagera. Se eu não gostasse de mulher, já teria desistido de fazer o que faço.

– Só estou querendo pôr mais lenha nessa fogueira.

Marlos fez um sinal para nós, aproximando-se da mesa das garotas. Edu e eu fomos pegar os pratos enquanto ele conversava com as clientes, indicando os alimentos japoneses que iríamos servir no jantar. A primeira rodada era composta por vários tipos de *sushis*. Estavam bem organizados e apetitosos; o Sr. Amoretto havia caprichado.

Os rapazes também começaram a servir às garotas. Sem pressa, aproximei-me de Amande e depositei o prato na sua frente. Ela não me olhou; pegou seu *hashi* e começou a comer com vontade. Inclinei-me na sua direção, quase encostando minha boca no seu ouvido.

– A senhorita gostaria de saquê? – perguntei aos sussurros. O cheiro dela praticamente me golpeou, lembrando-me de que o tiro sempre sairia pela culatra. Quanto mais eu atacasse, mais seria atacado.

As coisas pioraram bastante quando ela virou o rosto, fazendo nossos olhares se cruzarem novamente. Achei que fosse ter um enfarto, pois meu coração acelerou em descompasso. Seus lindos olhos escuros desceram, passando dos meus olhos para a minha boca. Prendi a respiração.

– Por favor – respondeu com aquela voz que me deixava louco.

– Seu desejo é uma ordem – murmurei e, sentindo-me fraco, caminhei de volta ao estande. Precisei respirar fundo umas mil vezes antes de finalmente sentir que o coração estava no lugar certo.

"Que mulher é essa?", pensei.

Servi o saquê para Amande sem ousar me aproximar de novo. Ela me empurrava contra a parede apenas com o olhar, deixando-me sem saídas e, principalmente, sem ter o que pensar a respeito. Era surreal, esquisito, uma coisa longe de qualquer lógica. Tinha medo de me aproximar, mas ao mesmo tempo a desejava mais do que tudo. Amande não me enganava com seu jeitinho meigo e delicado; sabia que tinha uma força interior e uma personalidade forte que me vencia muito rápido. E eu achando que era o caçador... Não passava de uma caça assustada.

O jantar acabou sem que eu ao menos percebesse. Paloma e Marcelo começaram a contar histórias sobre suas famílias – ambas de origem japonesa –, o que tornou o papo bem interessante. Fiquei muito calado e introspectivo. Notei que Amande fez o mesmo. Não se envolvia em conversa alguma, apenas fingia que estava rindo quando todo mundo ria.

Convidamos nossas clientes para curtir o karaokê instalado na sala. Como previsto, a animação foi geral. Jéssica foi logo tratando de quebrar o gelo; escolheu algumas músicas de axé agitadas e começou a cantar como se fosse a própria Ivete Sangalo. Alguns garotos dançavam, mas como Amande estava quietinha no sofá, apenas ajudei o Marcelo a servir as bebidas. As garotas estavam, basicamente, enchendo a cara. Até a Amande estava bebendo um bocado.

– Ei! Tive uma ideia! – gritou Fabiana, depois que Cláudia tinha acabado de cantar uma música. Cláudia era uma mulher muito divertida, sua risada incomum fazia todo mundo rir junto. – Vamos fazer uma competição! Cada uma de nós canta uma música; quem tirar a nota maior faz quem tirar a menor pagar uma prenda!

Todas concordaram com muita animação, até mesmo a Amande, que passou um tempão observando um caderno a fim de escolher a música que iria cantar. Fiquei a observando no canto da sala. Ela não olhou para mim nem por um segundo, tentava me evitar de propósito.

Inexplicavelmente, Amande decidiu não me evitar quando começou a cantar a música que havia escolhido. Conhecia e sempre gostei muito da canção, era a "Como eu quero", da banda Kid Abelha.

"Diz pra eu ficar muda, faz cara de mistério
Tira essa bermuda que eu quero você sério
Tramas do sucesso, mundo particular
Solos de guitarra não vão me conquistar...
Uh, eu quero você, como eu quero..."

Claro que ela não era nenhuma Paula Toller, mas sua voz cantando era boa, apesar de não conseguir alcançar o tom certo em alguns trechos. Amande não olhava para a tela do karaokê. Não... Ela me olhava. Eu estava de pé rente à porta de vidro, do outro lado da sala. Permaneci daquele modo, mas a encarei seriamente. Era óbvio que cantava aquela música para mim, e eu sinceramente não sabia dizer se estava gostando ou achando estranho. Ela não era de fazer aquilo, ainda mais deixando tão claro. Como diz o ditado; quando a esmola é demais, o santo desconfia.

"O que você precisa é de um retoque total
Vou transformar o seu rascunho em arte final
Agora não tem jeito, cê tá numa cilada
Cada um por si, você por mim, e mais nada...

Uh, eu quero você, como eu quero...”

Amande ainda me olhava fixamente. Eu estava começando a ficar desconfortável, queria muito desviar os olhos. Não o fiz. Aguentei o máximo que pude até que, contra toda a lógica, ela ergueu uma mão para frente e me chamou. Não fazia ideia do que queria, achei que fosse me pedir uma bebida ou algo do tipo. No entanto, qual não foi a minha surpresa quando ela envolveu seus braços no meu pescoço quando me aproximei.

“Longe do meu domínio, cê vai de mal a pior
Vem que eu te ensino como ser bem melhor
Uh, eu quero você, como eu quero...”

Continuou cantando como se nada estivesse acontecendo. Sua naturalidade me espantou, acho que ela tinha bebido demais. Só pode. Não tive tempo para perguntar se estava bem. Sentindo o meu coração bater tão rápido quanto nunca havia batido na vida, enlacei meus braços na cintura dela e iniciei uma dança lenta. Inspirei seu cheiro e ouvi a sua voz de perto até a música acabar. Bem que aquela canção podia ser eterna. Jamais reclamaria em passar o resto dos meus dias daquele modo.

Este pensamento me fez recuar depressa quando Amande parou de cantar. Sua nota não havia sido muito alta: setenta e dois. Havia a chance de ela perder o desafio, e foi o que acabou acontecendo. Cláudia ficou com o primeiro lugar – nem me pergunte como, pois ela estava meio bêbada –, por isso devia fazer a Amande pagar a tal prenda.

Foi quando Jéssica se levantou e deu um grito:

– Já sei, tive uma ideia! – Ela praticamente pulou no pescoço da Cláudia e começou a lhe dizer coisas no ouvido.

– Vejam lá o que estão aprontando, hein! – alertou Amande, pegando um copo de tequila em cima da mesa de centro. Deu um gole generoso e depois o devolveu. Sim, certamente ela estava alterada.

– Que doideira, Jess! Você pensou em tudo isso agora? – Cláudia gritou, abraçando Jéssica de um jeito bem engraçado. – Boa ideia, mas é meio forte, hein?

– Conta, conta, conta! – disse Paloma, tão animada quanto.

– Ai, meu Deus... – ouvi Amande murmurar.

– Vai ser assim, amiga... – começou Cláudia, meio trôpega. A coitada estava mesmo bêbada. Bebinha da Silva, eu diria. – Vamos vendar os seus olhos com um pano... Você não vai ver nada... Nadinha!

Eita. Já tinha gostado daquilo. Os garotos se aproximaram para escutar qual seria a prenda a ser paga.

– Uhul! – gritaram Jéssica e Fabiana, levantando os braços para o ar.

– Então... Nós vamos pedir aos meninos que te deem um beijo bem rápido... Um... Como é o nome Jess? – disse Cláudia.

“O quê?”

Minha primeira reação foi essa: incredulidade. Um beijo? Tipo, um beijo *mesmo*?

– Um selinho! – gritou Jéssica.

– Sim! Isso mesmo! Você vai ter que descobrir qual foi o beijo do Caleb! – continuou Cláudia. – E o quê mais, Jess? Eu esqueci! – Gargalhou de um jeito engraçado. Todo mundo também riu.

Estava de queixo caído. Amande ia ter que adivinhar o meu beijo? Eu ia beijá-la?

Tudo bem, seria apenas um selinho, mas mesmo assim era alguma coisa. Minha vontade finalmente ia ser saciada. Beijos na boca estavam proibidos, mas aquela brincadeira certamente não faria mal.

– Se você não descobrir, terá que pular na piscina do jeito que está – explicou Jéssica, piscando os olhos. – Mas, se acertar, todas nós pularemos na piscina com roupa e tudo!

Desta vez até os meninos gritaram. Eu ainda estava absolutamente surpreso, sem saber o que pensar. Amande não ia aceitar aquilo, era quase uma certeza absoluta. Edu dava cotoveladas de leve no meu braço, rindo maliciosamente.

Para minha surpresa, Amande riu e berrou:

– Feito! Eu topo!

Os gritos aumentaram, e eu não consegui conter um sorriso torto. Amande olhou para mim. Ainda sorria despreocupadamente. *Linda!*

Estava mais do que pronto para beijá-la.

17º Capítulo
Na mosca

Puxaram Amande até o meio da sala como se ela fosse uma marionete. João foi providenciar alguma coisa para lhe cobrir a visão e voltou cinco minutos depois com uma máscara preta de dormir. Colocou-a no rosto dela com bastante cautela.

Todo mundo falava de uma só vez, parecia uma feira. Até os garotos estavam excitados com aquela louca brincadeira. Isso me fez lembrar que eu não seria o único a beijá-la; todos os meus colegas iriam fazer o mesmo, e provavelmente Amande sequer acertaria o meu. O ânimo que eu sentia foi embora muito rapidamente.

– Confere direito, hein? Não pode roubar, Amande! – gritou Jéssica.

– Ei, Caleb! Estava falando com os caras, e vamos entrar no desafio. Se ela errar, vocês dois caem na piscina. Pode ser? – perguntou Marcelo.

– Po... Pode.

– Acabamos de aumentar o desafio! – bradou Marcelo em alto e bom som. – Se Amande acertar, todos nós cairemos na piscina, menos ela e o Caleb! Se errar, os dois cairão!

Todo mundo começou a gritar como bichos num zoológico.

Eita! Aquilo ia ser muito interessante. Se Amande não acertasse, pelo menos a acompanharia em um mergulho. Um mergulho extremamente frio por sinal, a água da piscina devia estar congelante. E eu estava usando terno, então a sensação seria, no mínimo, bem esquisita.

– Vamos começar! Façam uma fila aqui, garotos. – Jéssica gritou, apontando para um canto da sala. Fui até lá e fiquei atrás do Henrique, na segunda posição. –Fiquem desordenados! Não, fica aqui, Caleb! – Jéssica me puxou para trás, e acabei ficando em quinto. *Droga!* Ia ter que esperar aquele povo todo beijar a Amande e ainda seria obrigado a assistir?

As garotas começaram a gritar como loucas:

– Você vai perder, Amande! Não tem a menor chance!

– É isso aí, vai perder feio!

– Espero que o seu sapato não seja caro, amiga!

Aquilo tudo só fazia o meu coração bater ainda mais rápido. Estava super nervoso, ansioso, confuso... Mal sabia definir direito o que tanto me tirava do sério.

– Ela vai terminar com o meu gosto na boca – murmurou Edu, que estava atrás de mim. Não sei qual era o seu objetivo me dizendo aquilo, mas certamente coisa boa não era. E o pior é que tinha funcionado; o sangue ferveu no meu corpo.

– Ela nem vai ligar pro seu quando sentir o meu – retruquei.

Edu soltou uma gargalhada.

– Vamos começar! – Jéssica gritou. – Amande, preste atenção! Você vai beijar o cara número um agora. No final, é só dizer o número. Combinado?

– Combinado! Estou pronta – ela respondeu, sorrindo. Percebi sua confiança de imediato. Amande não parecia temerosa. Estava tranquila e sorridente. O que algumas doses de tequila

não são capazes de fazer?

– Tem um último pedido? – perguntou Fabiana, aproximando-se.

– Não... Nenhum. Estou numa boa.

Muito tranquila. Tranquila até demais. Como ela podia ter tanta certeza de que iria adivinhar o meu beijo? Jamais havíamos nos beijado.

– Vai lá! Este é o número um! – Jéssica segurou a mão do Henrique e o guiou na direção da Amande. Ele não pestanejou, deu-lhe um beijo rápido e estalado. Meu estômago se contorceu. Fui obrigado a desviar os olhos.

– Agora vai o número dois! – gritou Fabiana. João se aproximou da Amande e se curvou um bocado, visto que ele era muito mais alto do que ela. Deu-lhe um beijo um pouco mais demorado. Obriguei a mim mesmo a assistir, mas confesso que um gosto amargo de insatisfação invadiu a minha boca. Aquilo estava sendo um martírio.

– Muito bem, agora este é o número três! – Jéssica puxou o Fernando.

Antes de beijá-la, o idiota olhou para trás e piscou um olho para mim. Tive vontade de socá-lo até a morte, mas apenas desviei o olhar e me recusei a assistir àquela cena deprimente.

– Você está com ciúmes, Caleb. Admita – murmurou Edu.

– Nada a ver – respondi.

Edu riu.

– Se eu não te conhecesse e não soubesse que trabalha com isso há tanto tempo, diria que está caidinho pela cliente – completou.

Não pensei em nada plausível que servisse de resposta. Portanto, apenas deixei a frase do Edu no ar. Não quis refletir sobre aquilo por muito tempo, pois sei que ultrapassaria os limites do meu próprio entendimento. Confesso que as coisas estavam meio estranhas, mas uma paixão por uma cliente que ia se casar era demais até para mim. Longe de qualquer possibilidade. Amande apenas mexia comigo. Somente. Eu me sentia responsável por ela, como se fosse uma fera protegendo a cria.

– Número quatro! – as garotas berraram.

Marcelo saiu da minha frente, aproximando-se de Amande. Forcei-me a assistir, mas desviei os olhos bem na hora H. Não conseguia. Simplesmente não podia vê-la sendo beijada por outro cara, era mais forte do que eu.

– Agora, o quinto! – Jéssica fez um sinal para que eu prosseguisse. Meu corpo inteiro estacou como se estivesse congelado no tempo.

Edu deu um empurrãozinho nas minhas costas, e então o gelo derreteu e recuperei os meus movimentos. Aproximei-me da Amande devagar. Vi o exato momento em que ela parou de rir e entreabriu os lábios. Foi então que percebi que ela sabia. De alguma forma, Amande sabia que eu estava ali.

Visualizei o sinal lindo estampado em sua boca perfeita. Mirei nele e, sem pensar em nada, uni nossos lábios. O beijo foi rápido, mas o suficiente para distribuir choques pelo meu corpo. Esquentei por completo, sentindo o desejo reavivando meus sentidos. Os lábios da Amande estavam quentes e úmidos, maravilhosos. Sentir aqueles contornos delicados foi incrível, e minha única vontade sobressalente foi de beijá-la por mais tempo.

Afastei nossos lábios devagar e só então percebi que todo mundo estava gritando. Por um segundo, não consegui ouvir nada. Tudo estava em câmera lenta. O meu mundo se resumia

apenas a Amande, e ele nunca esteve tão bonito.

– Agora o último, Amande! – disse Jéssica. – O sexto! Pode ir.

Virei as costas quando o Edu se aproximou dela. Não queria ver. Na verdade, nem me interessava. Estava absorto no sabor daqueles lábios. Ainda podia senti-los como se estivessem nos meus. Precisava beijá-la de novo. Precisava tê-la. Era uma urgência, uma necessidade que se instalava em mim.

Quanto mais pensava sobre aquilo, mais tinha certeza de que devia convencê-la a ficar comigo naquela noite. Eu a queria muito. Queria seus olhos nos meus, encarando-me fixamente. Queria seu cheiro me deixando embriagado. Queria sua pele quente e dourada em minhas mãos. Queria sentir o gosto de seu prazer de novo. Queria vê-la gozar enquanto gritava o meu nome.

– E então, amiga, pode falar! – disse Fabiana, acordando-me do transe. Já haviam retirado a venda dos olhos da Amande. A sala estava silenciosa, esperando pela sua resposta.

– É, sem enrolar, você tem cinco segundos! – gritou Cláudia, com as mãos para os ares. – Cinco! Quatro! Três...

Todo mundo iniciou uma contagem regressiva frenética, menos eu. Apenas sorri torto e permaneci calado, na minha, observando as expressões da Amande. Ela estava tranquila, muito calma. Minhas pernas ficaram dormentes quando ela, de repente, virou o rosto na minha direção.

– Número cinco! – gritou, ainda me encarando.

Na mosca.

As meninas iniciaram gritos frenéticos, e os meninos as acompanharam na gritaria. Eles começaram a bagunçar os meus cabelos, dando batidas nas minhas costas e ombros. Sem conseguir me controlar, comecei a rir de verdade. Aquilo ajudou a desabafar a doideira que acontecia na minha mente; estava confuso demais. Nada melhor do que uma boa gargalhada para aliviar as tensões.

– Não vale! Ela roubou! – gritou Fabiana, apontando um dedo para Amande.

Amande finalmente desviou os olhos sobre mim, fazendo uma careta.

– Meu sapato é de camurça! – Paloma reclamou.

– Eu não roubei nada! Só adivinhei! – Ela se defendeu.

– Logo vi que Amande estava confiante demais! – Paloma parecia realmente perturbada com o fato de estar usando um sapato que não podia ser molhado.

– Como você adivinhou? – perguntou Cláudia. Ainda bem que fez aquela pergunta, pois eu provavelmente a faria depois. Estava curioso demais.

– Eu só adivinhei, galera, conheço o perfume do Caleb – Amande explicou, e vi quando seu rosto ficou vermelho de vergonha. Nem sabia que podia reconhecer o meu cheiro. O perfume dela era tão magnífico que o meu chegava a ser fichinha. – Só senti o perfume dele e pronto. Nada demais!

"Nada demais? Para mim isso é tudo, meu bem", pensei.

– Então, vamos correr para piscina! – Jéssica gritou e, sem esperar por ninguém, saiu em disparada pela porta de vidro. Louca, porém divertida. Os caras fizeram o mesmo, pegando suas acompanhantes e correndo para a área externa. Paloma parecia ser a única desanimada para cair na piscina.

Vi quando Amande deixou a sala sem olhar para trás. Caminhou devagar enquanto morria

de rir do pessoal, que gritava reclamando da água fria. Agradeci mentalmente por não precisar dar um mergulho. Graças à Amande e sua inusitada capacidade de reconhecer o meu cheiro. Se ela podia me reconhecer, significava que eu mexia com seus sentidos de alguma forma. E se eu mexia com seus sentidos, meio caminho estava andado para o meu objetivo de conquistá-la.

Acompanhei-a com os olhos até que se sentou em um sofá um pouco distante da piscina. Continuou observando a galera, que havia iniciado uma guerra de água congelante. Eles gritavam e riam com animação, ensopados dos pés à cabeça. Suas roupas grudavam no corpo de um jeito que me fez sentir alívio.

Sentei-me ao lado da Amande. Bem perto mesmo, de modo que nossas pernas se encostaram. Foi de propósito.

– Você foi ótima – falei. – Pensei que não acertaria.

– Se eu não soubesse que iria acertar, teria desistido do desafio – respondeu, mas sem olhar para mim.

Confiança. Logo notei que ela estava muito confiante. Mas de onde vinha aquela certeza? Só do meu cheiro? Não podia ser possível.

– Ainda bem que sou um homem perfumado, não estava a fim de molhar o terno. – Ri.

Amande se afastou um pouco, fazendo nossas pernas se afastarem. Ainda evitava o meu olhar. *Droga!* Por que ela tinha que ser tão difícil?

– Pois é. Duvido que acertaria se fosse o contrário.

– O quê? Se eu estivesse com a venda e beijasse suas amigas? – perguntei.

– Exatamente.

Foi então que percebi que Amande não sabia absolutamente nada sobre mim. Não fazia ideia do que eu estava sentindo, do desejo absurdo que invadia meu corpo só de olhá-la. Não sabia que eu a queria em um nível incompreensível e nem que poderia reconhecer o seu doce perfume a quilômetros de distância.

– Acertaria do mesmo modo – sussurrei, admitindo aquilo para ela e para mim mesmo.

– Ah, é?

– Sim.

Amande fez uma expressão esquisita. Ainda olhava para a piscina, mas pareceu entrar em profunda reflexão. Seus pensamentos deviam ser bem conturbados, pois uma ruga de preocupação e estresse sobressaltou na sua testa. Já a conhecia. Sabia que ela estava pensando demais, colocando o certo e o errado em uma balança e se horrorizando por dentro. Devia ser assim que se martirizava diariamente.

Entretanto, sua nova reação me deixou chocado. Depois de raciocinar como uma mulher sensata ao extremo, pensei que Amande ia apenas se afastar de mim ou continuar me ignorando como se eu fosse um nada. Preferia assim. Sem dúvida, preferia a rejeição a ter que presenciar o que aconteceu: Amande simplesmente começou a chorar.

– Você está chorando? Por quê? – perguntei, entrando em desespero. No impulso, ergui uma mão e lhe toquei a face com a ponta dos dedos. Ela se afastou imediatamente. – Senhorita Amande, o que...

– Pare! – interrompeu, entre lágrimas. – Apenas pare, Caleb! Isso não tem graça!

"Como assim? O que eu te fiz?", pensei. Sabia que minhas expressões estavam muito confusas, não consegui contê-las.

– Mas, o que eu... – murmurei, mas quase nada saiu da minha boca.

– Essas mentiras, esse mundo de ilusão que criaram! – Amande explicou, falando um pouco alto. – É tudo uma falsidade! Pode ser divertido às vezes, e cheguei a achar que realmente fosse. Oh, sim, seria perfeito se fosse verdade. Mas, não é!

Era isso? Amande pensava que eu estava mentindo? Que estava apenas fazendo o meu trabalho? Não... Não estava apenas fazendo o meu trabalho. O que eu sentia não estava descrito em um contrato estúpido. Talvez os caras estivessem ali porque eram obrigados, mas eu estava ali porque simplesmente queria. Embora não devesse...

Decidi me aproximar dela. Desta vez Amande não recuou. Enxugou as próprias lágrimas, ainda olhando para a piscina. Aquilo me irritou.

– Olhe pra mim, Amande – pedi seriamente. Minha voz saiu mais rígida do que pude calcular, e realmente me esqueci de chamá-la de senhorita.

Ela não pestanejou. Virou seu lindo rosto na minha direção, obrigando-me a tomar uma dose drástica de autocontrole. Minha vontade real era de beijá-la como se não houvesse amanhã. Teria feito se não fosse proibido.

Segurei-lhe o queixo com delicadeza, observando sua boca deliciosa. Foi automático; meus dedos já estavam alisando o sinalzinho que fazia dos seus lábios algo extremamente apetitoso.

– Não estava mentindo – murmurei. Nem sabia se podia dizer aquilo em voz alta, mas disse mesmo assim. – Juro. Estou falando o que quero e o que sinto. Sem pensar. Acredite, não menti.

Amande continuou me observando. Não desviou os olhos por nada. Meu desejo se espalhava depressa demais. Foi impossível evitar; aproximei nossos rostos até nossas bocas quase se encostarem. Vi quando ela fechou os olhos. Estava pronta, esperando um beijo meu. Não seria rejeitado como temia.

Eu não conseguia raciocinar. Não podia beijá-la ali, no meio da área externa, com todo mundo olhando. Marlos devia estar em algum lugar assistindo àquilo. Ia levar uma advertência muito chata, mas quem se importava? Só queria beijá-la, e o resto que se explodisse.

18º Capítulo
Confissões

De repente, Amande reabriu os olhos e se afastou um pouquinho. Certamente havia percebido que seria loucura nos beijarmos ali. Claro que ela tinha outros motivos, pois duvidava de que soubesse sobre a proibição dos beijos. Eu havia demorado demais, esperado muito, perdido a oportunidade.

– Eu sou uma infeliz – ela murmurou. A certeza em suas palavras havia sido tão evidente que me senti assustado.

– Por quê? – sussurrei.

Amande se afastou ainda mais, desvencilhando-se completamente de mim. Refletiu um pouco, talvez pensando se era correto ter aquele tipo de conversa comigo.

– Eu... Eu nunca tinha feito o que fizemos hoje à tarde. – Sua face corou de vergonha. – Nunca permiti.

Tenho certeza de que fiz uma expressão de surpresa.

– Seu noivo... nunca... nunca te...

"Chupou?"

Impressionante. Como um cara podia não ter vontade de chupar aquela mulher? Aproveitei a primeira oportunidade que me apareceu, e nem fazia vinte e quatro horas que tínhamos nos conhecido.

– Não. – Amande balançou a cabeça muito confusa. Aquilo realmente a perturbava. – Jamais. A culpa foi minha... Nunca me senti à vontade o bastante, entende? Mas hoje, eu... Quando você estava lá... Não pensei que fosse assim.

"A culpa não é sua por não ter permitido, é dele por não te fazer se sentir à vontade", pensei. Tive muita vontade de dizer isso em voz alta, mas meu profissionalismo não permitiu; eu não tinha nada a ver com a vida dela. Quem era eu para sair falando mal de seu noivo? Além do mais, o que me fazia achar que era melhor do que ele?

– Bom, foi uma experiência, Amande. – Sorri, mas não senti graça alguma. Chamei-a só pelo nome pela segunda vez, mas agora foi de propósito. Sabia que era um erro, mas... – Agora você sabe que gosta, e seu noivo poderá te agradar melhor. Uma algema sua foi solta.

"Abri o caminho pra um otário."

Ela suspirou.

– Sim... Talvez.

– Está triste por causa disso? – perguntei. – Não deveria. É assim que funciona, agora você é livre para deixar seu noivo explorar melhor o seu corpo.

Tudo bem, aquilo não era mentira. Perdi as contas de quantos "caminhos" tive que abrir para outros caras. Muitas clientes me procuravam apenas para ganhar experiências e, consequentemente, fazer coisas que não tinham coragem antes com os namorados ou maridos. Basicamente eu as fazia perder o medo.

– É mais complicado, Caleb – respondeu Amande.

– Conte-me, o que é tão complicado? Estou aqui para ajudá-la.

Não, não estava ali para ajudá-la. Estava para fazer o meu trabalho: servir, proporcionar prazer, divertimento... Estava para fazer tudo, menos ajudá-la a resolver seus problemas com o noivo. Nem devia estar ouvindo Amande falar sobre ele, muito menos dando conselhos. Não sou de dar conselhos, nunca fui. Mas o que podia fazer? Sua aflição com relação àquele assunto me preocupava.

– Eu... Eu... Nunca... – disse, mas parou desconcertada. Seu rosto ficou vermelho novamente. Desviou os olhos e prosseguiu: – Jamais senti o que senti hoje, Caleb. A verdade é que... eu nunca tinha... Nunca tinha experimentado um orgasmo na frente de alguém.

– O quê?

Ok. O cara era mais do que um otário. Além de nunca ter feito sexo oral naquela mulher incrível, também não a tinha feito gozar? Como podia ser possível?

– Nunca gostei de nada relacionado a sexo – continuou, explicando-se. Claro, para mim aquilo não tinha explicação. Era injustificável. – Tenho algumas vontades, mas quando chega na hora... Não consigo me concentrar... Não relaxo, fico pensando sem parar... Acho que não nasci para isso.

– Amande, isso é mais comum do que você imagina, mas... Seu... Seu noivo sabe disso? – perguntei.

Ela balançou a cabeça, negando.

Era só o que me faltava. Idiota. Como não percebia que ela não gozava? Só um otário mesmo, um Zé Mané. Sei o exato momento em que minhas clientes atingem o clímax. Sei também quando fingem. Algumas clientes com dificuldades para se concentrar, como a Amande, às vezes tentam fingir orgasmo, mas comigo isso não funciona, nem que eu invente trezentas formas de estimulá-las. Só descanso quando as vejo se contorcendo para mim, oferecendo-me seu prazer até se saciarem.

– Finjo orgasmo todas as vezes que transamos – completou Amande. – Caleb, eu não tenho excitação com o João Pedro. Nunca o desejei como desejo vo... – Parou de repente.

– Como o quê?

– Nada. É só isso o que tenho a dizer, mas quero mudar de assunto. – Ela suspirou profundamente e voltou a me encarar. Prendi a respiração. – Vamos falar sobre você.

– Sobre mim?

Eu ainda estava surpreso por causa de sua confissão. O fato de tê-la feito gozar me enchia de honra, mas ao mesmo tempo havia me deixado bastante preocupado. Amande tentava melhorar suas expressões, mas eu sentia que, no fundo, ela estava completamente perdida. Agora entendia melhor por que sua mania de pensar demais lhe fazia mal. Imagina as coisas que já tinha deixado de fazer por puro medo de parecer ridícula, de não gostar, de não se permitir?

– Sim, por favor. Já me abri demais para você, de todas as formas, literais ou não – ela disse, corando. – Quero saber alguma coisa sobre a sua vida.

Ô-hô. Área restrita prestes a ser invadida. Aquela conversa não podia ser prolongada de forma alguma. O fato de ela ter me contado um segredo não significava que eu tinha que contar os meus. Podia ser perigoso, nossa relação era meramente profissional. Sei bem que Amande sabia disso, mas estava ignorando.

– Meu nome é Caleb, tenho trinta e um anos. Pronto. – Ri, sentindo-me um pouco desconfortável.

– Não é o bastante. Diga-me, trabalha com isso desde quando?

– Não sei, faz muito tempo.

Ela se virou de frente para mim, oferecendo-me seus lindos olhos escuros.

– Como começou? Quando? Estou curiosa.

Não consegui manter meu olhar sobre ela. Seus olhos me desconcertavam, era como se estivessem me desvendando sem a minha permissão. Sentia-me exposto, vulnerável diante deles. Virei o rosto e pensei inúmeras vezes se falaria alguma coisa sobre mim.

– Sempre trabalhei como modelo, desde os meus dezessete anos – soltei, achando que estava ficando louco. Péssima escolha aquela. – Trabalhava muito, o dia todo, arduamente, e fazia dietas malucas. Era uma vida difícil, e eu ganhava pouco. Certo dia, descobri que podia ganhar muito mais de um jeito mais fácil.

Amande aquiesceu como se estivesse me compreendendo.

– Como descobriu? Pode me dizer?

"Não, não posso", pensei. Entretanto, acabei fazendo o contrário.

– A dona da agência. Ela estava... meio carente. Ofereceu muito dinheiro em troca de favores sexuais. Eu aceitei. Amande, ela me pagou o valor que ganharia em seis meses de trabalho.

– Não tente se justificar, Caleb. Para mim, nada te justifica. Só quero mesmo saber. – Suas expressões mudaram para uma que eu conhecia muito bem: preconceito. Ela estava me julgando por eu ser o que sou.

– Por que quer saber tanto? – perguntei, contrariado. – Sou o que sou. Não preciso de sermões; sou homem e faço a minha vida do jeito que quero.

– Esse é o seu maior desejo? – Amande perguntou, devolvendo-me a pergunta que eu já tinha feito para ela.

Encarei-a fixamente. O meu maior desejo não lhe interessava. Ela mesma havia me dito isso uma vez, mas não tive vontade nem coragem de lhe devolver a resposta malcriada. Muito pelo contrário, acabei soltando mais uma informação sobre mim:

– Não.

– Eu sabia! – gritou, sorrindo amplamente. – Sabia! SA-BI-A!

– Como você mesma disse, nem sempre fazemos o que queremos. Eu não desejo isso, mas foi a melhor saída – expliquei e estava sendo muito sincero. – Não faria de novo, mas não me arrependo. É simples.

– Por que foi sua melhor saída? Podia fazer uma faculdade e ir trabalhar como uma pessoa normal. Desculpe-me, você é normal, não quis dizer isso...

Ótimo. Amande continuava me julgando. Talvez ela não soubesse que era difícil se manter sozinho em prol de um sonho. Quando era mais novo, sonhava em ser modelo. Queria as passarelas, as revistas, as viagens... Queria todo aquele glamour. Meu pai nunca aceitou isso, sempre quis que eu cursasse uma faculdade de Direito como ele e o meu avô. Recusei-me a viver do jeito que ele queria, por isso saí de casa aos dezoito anos. Logo, fui contratado em uma agência de pequeno porte, mas nem tudo foram flores.

Mesmo diante das dificuldades, jurei a mim mesmo que venceria na vida, que teria dinheiro o suficiente para esfregar na cara do meu pai, provando que podia ser alguém bem sucedido sem precisar ser um advogado. Provaria que ele estava errado, que não devia ter me menosprezado por querer ser diferente. Prometi a mim mesmo que meus sonhos não seriam

sonhados em vão.

O problema era que as dificuldades pareciam não ter fim, e as contas se acumulavam muito depressa. Quanto mais esforço fizesse, mais achava que estava nadando contra a corrente. Minha vida era vazia, e as pessoas que me cercavam também. Sempre tive uma boa educação – isso meus pais me deram –, portanto nunca fui um cara fútil, que preza mais o corpo do que o cérebro. Inteligência me atrai tanto quanto um par de seios volumosos, talvez até mais, de modo que simplesmente não tinha amizade alguma no meio. Não quis me envolver com gente mesquinha, só queria ser modelo e viver em paz. Este foi o começo da minha solidão. E, a partir dali, dei-me conta de que estaria sozinho para sempre. Por conta própria.

A proposta da dona da agência me livrou de uma dívida fundamental; estava devendo quase cinco meses de aluguel. Se não pagasse a tempo, seria despejado e não teria para onde ir. Meu pai simplesmente não me aceitaria de volta, e meu orgulho certamente não me levaria para casa.

Mas Amande não sabia disso e nem iria saber.

– Não disse que não tive escolhas, disse que foi a melhor saída – respondi simplesmente.

– Não acha que essa saída é feita para pessoas que têm preguiça de correr atrás do que querem? Uma vida fácil, confortável e cheia de riquezas... Isso não é nada se tiver que abdicar do caráter e do valor moral. Nossos valores são as únicas coisas que temos de verdade.

– Não abdiquei de valor moral algum, além daquele que a sua sociedade tem a hipocrisia de dizer que deve ser mantido. Liberdade sexual não significa desvio de caráter – falei, chateado de verdade. Além de não saber das minhas dificuldades, Amande ainda queria dizer que não tenho moral? Era só o que me faltava. – Só porque transo por dinheiro não quer dizer que eu seja uma pessoa ruim. Sou um cidadão, tenho os mesmos direitos e deveres que você. Além do mais, Amande, você não faz ideia do quanto é difícil fazer o que faço. Não chame a minha vida de "fácil, confortável e cheia de riquezas", isso é ignorância de sua parte.

– Tudo bem, Caleb, não quero discutir contigo – ela falou. – Cada um faz o que quer, eu te respeito muito. É sério.

Aquilo me desarmou totalmente. A palavra respeito sempre foi muito importante para mim, e saber que ela me respeitava, apesar de tudo, era um alívio.

– Obrigado – murmurei, encarando-a.

Amande permaneceu calada, mantendo seu olhar sobre o meu como se isso não a abalasse. Pelo menos não parecia abalá-la tanto quanto a mim. Ela era tão linda... Tão doce e inteligente. Possuía um poder único de me tirar do sério.

Era difícil acreditar que estivesse prestes a se casar com um cara que não a merecia. Isso mesmo, não a merecia. Um homem que não sabe agradar sua mulher simplesmente não a merece.

– Amande, fiquei preocupado com você – confessei. Chamei-a pelo nome de novo. Isso estava ficando esquisito, mas depois da conversa mais íntima que tivemos, soou natural. Parecíamos velhos amigos. Pelo menos eu jamais havia falado tantas coisas sobre mim para alguém, exceto para a Júlia, claro. Tentei não me sentir vulnerável demais com isso, afinal, Amande nunca tinha gozado durante a relação. Estávamos quites.

– Comigo? – Ela franziu o cenho, fazendo uma caretinha linda.

– Sim. Tudo isso que me falou... sobre o seu noivo. Eu... Estou preocupado com o seu casamento. – Estava mesmo. E se Amande casar e as coisas permanecerem iguais? Se

continuar sem sentir prazer durante o sexo? Se jamais gozar novamente?

Ela suspirou.

– Não quero falar nisso. Conte-me, Caleb, você disse que seu maior desejo não é viver assim. Então qual é o seu maior desejo?

Sorri torto. Amande estava mesmo disposta a me desvendar. O que eu podia fazer? Ignorar? Com aqueles olhos me encarando de um jeito tão perfeito, era impossível lhe negar alguma coisa.

– Gosto muito de fotografia. Já fiz vários cursos e estou montando um estúdio – soltei.

– Pretende largar essa... vida? – perguntou. Parecia incrédula.

– Pretendo, Amande. Beleza não dura para sempre. Os anos vão passando e não tenho mais a mesma paciência que tinha.

– Não parece. Foi tão paciente comigo.

"Como não ser? Você é perfeita."

– Não falei de você, prometo. Você não me irritou em momento algum, exceto, talvez, quando disse que sou um mau caráter. Mas não te julgo, é sério.

– Me desculpa – ela falou, fazendo uma expressão diferente.

Para minha total surpresa, Amande ergueu os braços e os entrelaçou no meu pescoço, dando-me um forte abraço. Inspirei o seu cheiro de imediato, sentindo-me tonto com sua aproximação repentina. Segurei-lhe a cintura, retribuindo o gesto com igual intensidade. O conforto que sua pele causava na minha era notável. Desejei que o momento jamais tivesse fim. Inexplicavelmente, senti-me em casa.

– Me conta mais... Você tem namorada ou já teve? – ela perguntou, desvencilhando-se devagar.

Fiz uma careta. Foi automático. Não esperava por uma pergunta daquele tipo depois de um abraço tão aconchegante.

– Não tenho namorada desde os vinte e dois anos. Não daria certo. A escolha que fiz para mim exige muita solidão. Não acho ruim, gosto de ficar sozinho. Uma vez tentei ter uma namorada, mas ela... – Eu não ia contar aquilo, ia? – Ah, esquece.

– Não, vai... Conta! – Amande riu de um jeito infantil.

Como negar? Diga-me, como negar?

– Ela descobriu sobre o meu verdadeiro "emprego" e colocou fogo no estúdio que eu estava montando antes. Ainda bem que eu não estava lá. Isso foi pior para ela, pois pretendia parar assim que ele estivesse pronto. – Sorri. Não queria assustá-la com aquela história, afinal, já tinha superado tudo. Anelise fazia parte de um passado que eu fiz questão de esquecer.

Entretanto, as expressões da Amande foram de puro horror.

– Faz quanto tempo isso? – questionou, contracenando uma carranca que, nela, ficava a coisa mais linda.

– Uns quatro anos. Fiquei desanimado demais para construir outro estúdio e acabei torrando todo o dinheiro que tinha guardado. Passei algum tempo sem economizar, mas voltei neste ano. Está na hora de recomeçar.

Meu Deus, estava passando dos limites. Não devia ter falado sobre a minha vida, ainda mais algo tão pessoal. Contudo, sentia-me confortável demais. Era como se soubesse que podia confiar na Amande, como se ela fosse a pessoa pela qual eu procurava; alguém que,

enfim, me compreendesse.

– Ela foi presa por causa disso?

– Não. Não abri processo algum contra ela. Fingi que havia sido um incêndio natural.

– Por que fez isso? – Amande franziu o cenho. Parecia estupefata com aquilo.

– Não sei. Acho que me senti merecedor. – Soltei um longo suspiro. De fato, coloquei-me no lugar da Anelise. Se eu descobrisse que minha namorada era uma prostituta, ficaria extremamente irritado. Claro que não colocaria fogo em nada, mas vai saber, né? Cabeça quente, atitudes impensadas.

– E falta muito? Digo, para concluir seu novo estúdio? – Amande levou uma mão à boca, perturbada.

– Nem tanto. Ando trabalhando demais nos últimos meses. – "Ou seja, ando transando demais", pensei. – Basicamente, só falta o espaço para colocar minhas coisas. É difícil arranjar um lugar bacana no Centro, e não queria alugar.

– Tem razão, eu me virei em duas para conseguir um lugar bom. Tenho uma loja de cosméticos no Centro – comentou, fazendo-me conhecer mais um detalhe sobre a sua vida. – Ei! Uma loja de calçados vai ser desocupada ao lado da minha! Eles vão vender, tenho quase certeza! Posso pegar o contato para você!

– Sério? Eu adoraria, seria... ótimo! – respondi no impulso. Foi totalmente espontâneo, eu juro. Queria muito um lugar bom no Centro, mas era óbvio que não podia me estabelecer ao lado de uma ex-cliente. Principalmente sendo a Amande. Jamais daria certo.

– O que foi? – ela perguntou, notando minha confusão.

– Nada. Relaxa.

Sorriu.

– Seu portfólio é bom? Queria vê-lo depois. Ah! Tive uma ideia! Por que não aparece lá no meu casamento e faz umas fotos? Eu já contratei um fotógrafo, mas queria ter umas fotos suas. Que tal? – Amande estava realmente animada com a possibilidade.

– Não sei... A gente vê – respondi. Ela tinha enlouquecido? Por que estava me convidando para o seu casamento? Estranho demais!

– Você tem um cartão de visitas?

Balancei a cabeça, aquiescendo.

– Eu quero, faço questão!

– Está... Não tenho um aqui comigo.

– Mas você trouxe?

– Acho que sim, devo ter alguns na minha carteira.

– Pode pegar?

– Cla... Claro – respondi, ainda muito surpreso. Amande sempre me surpreendia, era impressionante. Suas atitudes são verdadeiras caixinhas de surpresas. Não faço ideia do que vai acontecer quando estou com ela. Isso é constrangedor, mas ao mesmo tempo excitante.

Levantei-me do sofá e caminhei vagarosamente na direção do casebre. A sensação de torpor que a presença da Amande me causava ainda circulava junto com o meu sangue. Tentei não pensar em nada, mas foi impossível. Não conseguia parar de refletir sobre a vontade absurda que ainda me sufocava, vontade de tê-la para mim.

Será que aquilo teria fim em algum momento? Estava cansado de desejá-la, mas a exaustão só podia ser curada com a mesma dose de desejo. Amande era, ao mesmo tempo, o

meu veneno e o meu remédio. Não havia saídas ou meios-termos; precisava dela e ponto final.

19º Capítulo
Surge uma fantasia

Peguei o cartão de visitas bem depressa. Não sabia direito o que estava fazendo; podia ter dito à Amande que não tinha trazido ou até mesmo ter sido sincero, dizendo que não desejaria manter contato com ela após aquele trabalho. Mas o problema era justamente esse: uma parte de mim queria que ela me ligasse. Não para conversarmos sobre a loja que está sendo vendida ao lado da sua, muito menos sobre o seu casamento. Tudo bem, tirando essas duas coisas, Amande me ligaria para quê? Nem eu mesmo sabia responder.

Voltei para a área externa. Estava tão envolvido com a Amande que sequer tinha reparado no pessoal. Olhei para a piscina, mas não havia ninguém lá. Por isso tudo tinha ficado em silêncio. Paloma estava entrando na casa junto com a Cláudia, mas não vi as outras garotas.

Foi então que percebi que apenas Marcelo e Henrique estavam arrumando as coisas com a ajuda de Marlos e um dos auxiliares do Sr. Amoretto. O restante dos caras provavelmente tinham se dado bem; deviam ter levado suas acompanhantes para "dormir". Não posso negar, meu objetivo era fazer exatamente igual.

Para o meu azar, Amande se levantou do sofá assim que me aproximei.

– Estou indo dormir, Caleb. Ando meio cansada. O dia foi longo.

– Tudo bem. Posso acompanhá-la, senhorita? – perguntei na maior cara de pau. Situações urgentes pedem medidas drásticas. Não podia deixá-la ir sem mais nem menos.

Amande me encarou fixamente. Seus olhos vacilaram, então eu soube que ela queria, no fundo, dizer sim, só era sensata demais para se permitir, para dar vazão ao desejo que sentia. Não estava enganado; Amande me desejava. Era visível.

– Não sei. – Balançou a cabeça freneticamente. Estava realmente pensando na possibilidade, caso contrário teria negado de vez. – Acho melhor não.

– Este é o seu maior desejo? – incitei. Era óbvio que não era, só queria que enxergasse isso. Quem sabe parasse de pensar tanto e começasse a fazer o que sentia?

Amande ainda me olhava de um jeito profundo. Os olhos grandes, muito abertos, indicavam a guerra que se travava no seu interior. Por um segundo quis estar exatamente lá, empunhando uma espada e finalmente matando o dragão que a impedia de dizer sim. O dragão chamado consciência, sensatez, discernimento. Não sabia seu nome, mas queria acabar com ele.

– Eu tenho um desejo – ela murmurou, inspirando como se estivesse sem ar.

Mal deu para acreditar. Um desejo? Quer dizer, uma fantasia? Não sei se tinha entendido direito, mas meu coração acelerou drasticamente. Bateu tão depressa que achei que não suportaria.

– Posso realizá-lo – respondi.

"Posso e quero realizá-lo. Por favor, pelo amor de Deus, deixe-me realizá-lo", implorei mentalmente.

– Eu sei.

– Você disse a mim que não tinha desejos – soltei. Não devia ter dito aquilo, mas realmente fiquei curioso. Amande havia falado, na noite passada, que não possuía vontades, desejos ocultos ou fantasias diferentes. Pelo menos não que não pudesse realizar com o noivo. Palavras dela. Só que o otário não sabia fazê-la gozar, duvidava muito de que seria capaz de lhe realizar um desejo.

Melhor para mim.

– Acho que a tal algema que me amarrava os prendia – disse Amande, soltando um longo suspiro. – Não vai haver nada, Caleb, acredite. Só preciso de você e de leite condensado.

Leite condensado e eu? Eu e leite condensado? Mistura interessante e inacreditável. O que Amande faria com o leite condensado? Não fazia ideia, mas minhas palavras de ordem eram: só se for agora.

Não contive um riso torto.

– Leite condensado? – sussurrei. Minha voz quase não saiu. Ainda estava pasmo com a situação; Amande topando realizar uma fantasia envolvendo leite condensado. Comigo. Comigo!

COMIGO!

– Sim. Pode conseguir isso? – ela perguntou. Estava envergonhada, o que só a deixava ainda mais atraente.

– Só se for agora.

– Ok...

Ela piscou os olhos várias vezes. Seu desconcerto era perceptível, mas eu precisava tranquilizá-la. Só que, para isso, tinha que tranquilizar a mim mesmo. Estava tão excitado com a ideia que tive que controlar seriamente uma ereção.

Aproximei-me um pouco.

– Vá para o seu quarto. Chego em alguns minutos, vou pegar o que me pediu – falei.

Amande aquiesceu e, sem olhar para trás, entrou na casa.

Não pude me controlar; sorri amplamente depois que ela se foi. Balancei a cabeça, mal acreditando naquilo. Era bom demais para ser verdade.

20º Capítulo
Eu tenho escolha?

Não queria perguntar para o Marlos onde podia conseguir leite condensado. Vergonha era a última coisa que eu tinha, mas não queria expor a Amande daquela forma. Fui ao estande e abri a geladeira sem pedir licença, aproveitando que todos estavam ocupados demais desmontando o minibar.

Achei um tubo de calda de leite condensado logo na porta. Aquilo havia de servir; apesar de não ser leite condensado propriamente dito, tinha quase o mesmo sabor. Peguei-o rapidamente e segui para dentro da casa. Ninguém me viu, ainda bem. Eu devia explicações, mas sei que relacionariam o meu sumiço com o trabalho, cedo ou tarde, o que me fez pensar que Amande seria exposta do mesmo modo. Aquilo me irritou, mas pensaria em alguma coisa depois.

Naquele momento não parava de pensar nas possibilidades de uso do leite condensado. O que Amande faria? Iria derramá-lo em mim? Será que me chuparia com aquela boca deliciosa? Nossa... Já estava excitado demais só com a ideia, tinha certeza de que, quando acontecesse, seria difícil controlar o clímax. Eu ia chegar rapidinho e então veria Amande tomando meu sabor junto com o do leite. Pela cor, ela mal ia saber qual era qual.

Praticamente voei pelas escadas, alcançando o quarto da Amande o mais rápido que me foi possível. Pensei em bater na porta, mas desisti; simplesmente a abri e fechei, trancando com a chave. Assim que me virei, Amande estava de pé, olhando-me fixamente. Estava com medo, sem dúvidas. Mas também tinha algo mais estampado nos seus olhos. Sabia bem o que era: desejo.

Ergui o tubo de calda na direção dela.

– Isto serve? – perguntei, entregando-o.

Amande olhou o conteúdo rapidamente.

– Serve – murmurou.

– Sou todo seu, senhorita Amande – falei, mas minha voz vacilou de novo. Estava vencido pelo desejo absurdo que sentia por ela. Totalmente entregue. Naquele momento, eu realmente a pertencia.

– Por favor, só Amande. A partir de agora, só Amande. Ok?

– Como quiser – respondi, ignorando o fato de aquilo ser uma regra previamente combinada. Bom, e daí? Fodam-se as malditas regras. Se ela queria ser chamada apenas de Amande, assim eu faria.

Ela olhou para os lados, totalmente desconcertada. Era óbvio que não sabia o que fazer, mas sua inocência não me irritou nem por um segundo; muito pelo contrário, atiçou ainda mais minhas vontades. Pagaria tudo o que tinha para vê-la perdendo a vergonha, aos pouquinhos.

– Tenho uma condição. Uma condição muito séria, Caleb.

– Aceito qualquer condição – apressei-me a responder.

– Só vou fazer qualquer coisa contigo se me garantir que também quer.

“O quê?”, pensei, erguendo uma sobrancelha.

– Você precisa ser sincero consigo mesmo – completou. Parecia muito nervosa. – Assim como eu estou sendo. Unir o sentir e o agir, certo? Foi você quem me ensinou isso. Não vou obrigá-lo a nada. O que tiver de acontecer será porque nós dois queremos de verdade.

Amande só podia estar de brincadeira. Meu desejo dali a pouco se materializaria e diria “olá”. Como podia sequer imaginar que eu não queria estar com ela? Mesmo assim, algo no que disse me deixou abalado. Por mais que quisesse estar com ela, não podia negar o fato de estar sendo pago para aquilo. Amande precisava estar ciente disso, acima de qualquer coisa.

– Amande... Estou sendo pago para isso – admiti.

– Certo – ela respondeu muito depressa, sem me dar a chance de prosseguir com a ideia. Entregou-me de volta a calda de leite condensado. – Pode ir embora. Obrigada por ser sincero. De verdade.

Ela realmente achava que eu iria embora? Nem morto!

– Você não entendeu – murmurei. Não sabia por que estava me sentindo tão confuso com aquilo. Podia dizer logo de uma vez: “sim, eu quero estar aqui. Estou sendo pago, mas eu quero, não se esqueça.”

É. Realmente soaria muito ridículo. Somada ao fato de nenhuma cliente ter me perguntando se eu realmente queria estar com ela, a esquisitice da situação ficava bem pior. Escolher nunca me foi permitido. Não costumava ter escolha; só fazia e pronto.

– O quê eu não entendi?

Balancei a cabeça, desconcertado.

– Desculpe-me, nunca aconteceu isso antes. Não sei o que dizer. Estou trabalhando, meu dever é te satisfazer... – falei, odiando-me por estar tão vacilante. – Amande... De verdade, o que quiser fazer com esta calda vou querer fazer também.

– Preciso da verdade.

– Falo sério. Prometo. Quero estar aqui, é o meu desejo – admiti.

– Comigo?

– Contigo.

21º Capítulo
Leite condensado com Caleb

Encarei Amande por um tempo muito prolongado. Ela estava desconcertada, muito nervosa e meio sem saber o que fazer. Mas, mesmo assim, deixei que tomasse a iniciativa. Afinal, eu nem sabia o que ela queria fazer comigo e aquele tubo de leite condensado.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, Amande puxou o tubo das minhas mãos e falou com a voz mais excitante que já ouvi nela:

– Deite-se.

O pedido soou como uma ordem. Talvez fosse mesmo. Minha pele se arrepiou de imediato. Ela ia controlar tudo, então? Ia ser a dominadora? Adoro.

Fiz o que Amande pediu, ou melhor, mandou. Tirei os sapatos e as meias antes de me aconchegar na cama de casal enorme que tinha naquele quarto. O cheiro dela estava espalhado por toda parte, causando-me uma sensação curiosa de sufoco. Um delicioso e excitante sufoco.

Amande sentou na beirada da cama e me olhou como se eu fosse aquele tal bolo na vitrine da doceria. Não faço ideia se eu estava apetitoso, mas com leite condensado tudo caía bem.

– Tire o seu terno... e a camisa – mandou.

– Gostaria de tirar para mim? – perguntei bem baixinho, queimando de desejo. Ia ser extremamente mais erótico se ela mesma retirasse as minhas roupas.

Amande acabou cedendo; inclinou-se para frente e segurou as duas abas do terno. Levantei-me um pouco, facilitando a saída da vestimenta. Ela o jogou para bem longe, sem deixar de me encarar com seus lindos olhos escuros. Com um movimento curto, folgou o nó da gravata e a retirou por cima da minha cabeça. Suas mãos assanharam meu cabelo durante o percurso, mas não liguei. Senti que havia sido de propósito, visto que Amande soltou um longo suspiro.

Seus dedos não hesitaram em segurar o primeiro botão da minha camisa. A sensação foi deliciosa, e a expressão de desejo estampada em sua face me enchia de tesão. Minha vontade real foi beijá-la e tirar seu vestido, jogando-o no mesmo lugar onde o terno tinha parado. Entretanto, precisei me conter. Em vez disso, ajoelhei-me na cama e a puxei pela cintura, de modo que ficamos frente a frente. Não tive a capacidade de desviar os meus olhos dos dela.

Amande terminou de tirar o primeiro botão. Soltou outro suspiro, fazendo meus braços se arrepiarem por completo. Aquilo me fez lembrar que a camisa possuía botões nos punhos. Sendo assim, ergui a mão esquerda, mostrando-os a ela. Amande os desabotoou com maestria e paciência. Suas mãos tocando a minha pele estavam me deixando louco.

Assim que terminou com os botões do punho, Amande se voltou para o segundo botão da camisa. Tirou-o devagar, e cada segundo que demorava parecia uma eternidade. Tive que tomar muitas doses de autocontrole. Tentei me contentar com o fato de estar com ela, em cima de uma cama, enquanto me tirava a roupa. Isso, sem dúvida, era um grande avanço. Minhas expectativas estavam em alta; sabia perfeitamente o que ia acontecer depois dali. Era o fato de saber que me deixava um pouco mais calmo.

Amande tirou o terceiro botão, e, àquela altura, seus dedos conseguiram tocar de leve o meu peitoral. Não contive um longo suspiro de excitação. Meu coração já batia acelerado, e minha pele respondia a cada detalhe; seu toque, seu cheiro, seu olhar... Como era difícil me controlar diante dela! Logo eu, que era tão acostumado a manter a rigidez, estava prestes a perder a cabeça.

De repente, Amande fez uma careta e puxou os dois lados da camisa, aplicando uma grande força até fazer o quarto e o quinto botão cederem e voarem para longe.

– Não tenho muita paciência – disse, com a voz carregada de desejo.

Amei. Simplesmente amei. Sua selvageria repentina me fez sorrir.

Em poucos segundos, Amande já tinha acesso livre ao meu peitoral e abdome. Foi a primeira vez que ela desviou os olhos dos meus; encarou meu corpo com curiosidade e ao mesmo tempo vontade. Podia assistir às suas vontades como se estivesse diante da TV. Naquele momento, percebi o que queria com o leite condensado. Certamente me lambuzaria daquilo e me sugaria por inteiro. Claro, eu iria adorar.

O simples pensamento fez minha excitação aumentar ainda mais, e então já estava ereto, pronto para ela. Amande se manteve ignorante ao que acontecia dentro da minha cueca, mas terminou de tirar a camisa com o mesmo ar erótico. Voltou a me encarar, passando as mãos pelos meus ombros e braços, deixando um rastro de arrepios e boas sensações.

Meu estômago quase virou pó quando ela aproximou nossos rostos no impulso, deixando nossos lábios extremamente perto. Pensei que me beijaria – e eu não iria lhe negar um beijo –, mas acabou desviando sua boca linda para o meu pescoço. Seus lábios úmidos e macios me provocaram novos arrepios. Apertei sua cintura, trazendo-a para ainda mais perto. Prendi minha ereção no seu corpo, mas não sei dizer se ela sentiu. Deve ter sentido, pois soltou um longo suspiro capaz de fazer um líquido quente lubrificar o meu sexo.

– Deite-se – Amande sussurrou, afastando-se. Sua voz perfeita continuou soando como uma ordem. Quem era eu para desobedecê-la? Não seria capaz de fazê-lo nem se quisesse.

Mediante este pensamento, não evitei um sorriso torto enquanto me deitava. Amande procurou a calda em cima da cama, encontrando-a depressa, bem ao nosso lado. Abriu o frasco e cheirou. Encarou-me logo em seguida. Já sabia o que ela ia fazer, só me restava descobrir até que ponto eu me controlaria.

Decidi travar um desafio comigo mesmo; esperaria Amande fazer tudo o que precisava até o fim, afinal, a pressa é a inimiga da perfeição. Tínhamos a noite inteira pela frente, e a parte boa estava só começando.

Aquela mulher misteriosa não hesitou em derramar uma grande quantidade do conteúdo do frasco no meu peitoral. O líquido estava gelado, excitando-me ainda mais. A sensação foi deliciosa, mas nada se compara ao que veio logo em seguida; Amande se esgueirou para frente e começou a sugar o meu corpo como se fosse um delicioso picolé. Picolé sabor leite condensado com Caleb.

Fechei os olhos, concentrando-me na língua dela. A maldita contracenava movimentos aleatórios pelo meu corpo, arrancando-me arrepios e um desejo que estava prestes a explodir. Amande começou devagar, enlouquecendo-me com suas investidas. A cada beijo que me oferecia, tinha vontade de agarrá-la daquele jeito. Nem tiraria suas roupas, bastava apenas afastar a calcinha. Não via a hora de fodê-la bem gostoso até finalmente ter a minha liberação. Amande estava me devendo uma desde a sala de massagem. E eu iria cobrar. Seja na sua boca

ou em qualquer lugar, precisava presenteá-la com o prazer que seria fruto daquele desejo ardente que sentia por ela desde que a vi.

Amande acelerou ainda mais o movimento; beijava-me, sugava-me, mordia-me como se fosse seu brinquedinho. Bom, eu era mesmo. Ela podia fazer o que quisesse comigo. Meu coração estava quase sendo cuspido, por isso respirava muito forte. Mordi meus próprios lábios, tentando me controlar. Confesso que foi muito difícil, pois Amande estava praticamente me implorando para ser fodida de um jeito que eu só iria descobrir como seria quando chegasse a hora. Nem sabia se iria com calma ou agiria com selvageria, só sei que a foderia com vontade.

Subitamente senti que ela havia parado. Reabri os meus olhos, encarando-a com desejo. Linda. Gostosa. Deliciosa. Como eu a queria! Se soubesse o quanto eu estava pronto, o quanto pertencia a ela, o quanto amaria beijá-la, abraçá-la, tocá-la, chupá-la, fodê-la... Se soubesse, jamais me atiçaria daquela forma. Ou não, talvez soubesse muito bem e mesmo assim estava acordando o monstro sem controle que habitava dentro de mim. De propósito.

Como sempre adivinhando os meus pensamentos, Amande desviou os olhos, parecendo um pouco assustada. Derramou mais leite condensado em mim, só que desta vez mais embaixo, no meu abdome. Ela inclinou o corpo completamente, entrelaçando-o nas minhas pernas. Seus seios ficaram na altura do meu sexo, provocando-me de um jeito fora do comum.

Soltei um grande suspiro, prendendo os meus lábios com força. Ela estava me tentando demais. Sabia que não aguentaria por muito tempo. Estava pensando no momento em que a pegaria para mim quando ela parou e ergueu a cabeça, tornando a me observar.

– Diz alguma coisa – sussurrou. Sua voz estava rouca, e seus lábios tinham resquícios do doce. Só Deus tinha ideia do quanto quis beijá-la naquele instante.

– Sua boca é... perfeita – respondi. De fato, aquela palavra era a melhor que existia para defini-la.

– É? – Amande fez uma caretinha sexy. Sim, ela fez. Nunca a tinha visto com aquela expressão, que acabou atingindo o meu coração em cheio. Praticamente me derreti ali, embaixo dela.

– Muito.

– Preciso fazer uma pergunta – ela disse baixinho, novamente repetindo palavras minhas. Na sala de massagem também precisei fazer uma pergunta e ainda me lembrava perfeitamente de sua resposta. Decidi usá-la:

– Faça logo.

– O que você quer? – perguntou, como o previsto.

Nossa... Aquele era um diálogo feito. Eu sabia o que ela ia perguntar, ela sabia o que eu ia responder. Podia existir coisa mais excitante?

– Me surpreenda – murmurei, pagando para ver o que Amande faria.

Sorri torto. Oh, sim, pagaria para ver sua próxima ação. Pelas suas expressões, tinha certeza de que surpresa seria só o começo para o que guardava para mim.

22º Capítulo
Sem controle

Amande ergueu um pouco o seu corpo, levando as mãos para o fecho do meu cinto. Soltei um imenso suspiro. A promessa que aquela atitude guardava me deixou absolutamente fora do senso. Ela não hesitou, foi retirando o cinto devagar. Eu a observava atentamente, apesar de ela estar com os olhos concentrados no que fazia.

Após liberar o cinto, Amande desabotoou a minha calça. Ela parecia muito tranquila, mas percebi que suas mãos tremiam bastante. Estava com receio, mas não pensou duas vezes em descer o zíper depois de se livrar do botão. Meu corpo inteiro estava tomado pela adrenalina; espasmos intensos percorriam meus sentidos, guiando-me para um mundo louco, repleto de luxúria. A lentidão dos movimentos da Amande era um verdadeiro martírio, mas nada fiz para apressá-la.

Suas mãos forçaram o cós da calça para baixo, por isso ergui um pouco o quadril, facilitando o acesso. Ela parou, passando segundos eternos observando a minha ereção, que quase não cabia mais dentro da cueca branca que eu usava. Foi então que Amande soltou um enorme suspiro e, devagar, colocou uma mão por dentro da cueca.

Suas mãos estavam frias, mas me seguraram com firmeza. Fechei os olhos, deixando minha mente se concentrar exatamente ali. Meu sexo latejava em suas mãos, preparado para o que quer que ela estivesse planejando para ele. Amande fez um movimento curto, estimulando-me de um jeito impressionante. Meus dedos apertaram os lençóis; tentava me controlar, permanecer quieto, mas era cada vez mais difícil.

Senti quando ela afastou a cueca para baixo, deixando-me completamente exposto. Minha ereção ergueu rapidamente, estava firme demais, talvez o máximo que já ficou algum dia. Abri os olhos e a observei; Amande encarava o meu sexo com curiosidade e receio. Fez alguns movimentos horrivelmente lentos, obrigando-me a soltar um gemido fraco.

Notei que a mão que me segurava tremia bastante, e seus lábios também estavam trêmulos. Coitada. Tive muita pena dela. Quase perguntei se queria prosseguir com aquilo. Quase. Quando abri a boca para fazê-lo, Amande pegou, com a mão livre, o tubo de leite condensado. Aquilo me tirou do foco. Minha cabeça girou trezentos e sessentas graus, e um espasmo de pura excitação fez meu sexo tremer nas bases, soltando mais líquido lubrificante.

Ela demorou um pouco para me lambuzar com o leite condensado. Parecia refletir se faria aquilo ou não. Poderia impedi-la, mas não tive a capacidade. Não sou de ferro, estava implorando mentalmente para que derramasse a calda em mim. Sabia perfeitamente o que ia fazer depois que eu estivesse sujo de doce e pagaria para ver e sentir sua boca.

Observei o exato momento em que começou a me lambuzar. Amande estava atenta no que fazia, olhando fixamente para a minha ereção. Não desviava os olhos por nada. Depois de pôr uma grande quantidade de leite condensado, ela soltou um suspiro prolongado. Hesitou durante eternos segundos. Foi difícil demais esperar eles passarem.

“Vai logo, meu bem, não pense demais. Quero sentir sua boca deliciosa”, pensei.

Amande respirou fundo – como se tomasse fôlego antes de dar um longo mergulho – e

fechou os olhos. Sua boca me invadiu logo em seguida.

Meu abdome se contorceu involuntariamente, e um gemido me escapou da garganta, vindo do fundo das minhas entranhas. Nunca senti tanta excitação em toda a minha vida. Claro que já fui chupado inúmeras vezes, mas nenhuma se comparou àquela. E olha que Amande parecia não ter ideia do que estava fazendo. Seus movimentos eram hesitantes, lentos, mas sua língua trabalhava de uma maneira incrível, estimulando meu prazer até alcançar um nível incompreensível.

De repente ela acelerou o movimento. Sugou todo o leite condensado, junto com o meu sabor. Novos gemidos saíram de modo involuntário da minha boca. Amande usava a língua, os lábios... Oferecia-me beijos, limpava todos os lugares que estavam sujos de doce... Os movimentos eram loucos, aleatórios. E eu sentia que podia chegar ao clímax a qualquer momento.

Estava prestes a gozar em sua boca com muita vontade, quando Amande simplesmente me largou e se ergueu, sentando-se na beirada da cama. Balançou a cabeça freneticamente, como se negasse alguma coisa a si mesma. Logo em seguida, apoiou-a em suas mãos, entrelaçando os dedos no cabelo. Era óbvio: estava arrependida, não prosseguiria com aquilo.

Eu ainda estava cheio de tesão – sua atitude me jogou o segundo balde de água fria do dia –, mas minha preocupação foi instantânea. Sequer pensei nos meus desejos e vontades, eles que se virassem depois. Amande estava deprimida, e era isso o que importava para mim.

– Eu nunca fiz isso... – murmurou baixinho, levando uma mão à boca. Ergui-me imediatamente, alisando seus cabelos. – Jamais.

Era só o que me faltava.

Desci os meus dedos para o seu rosto, ainda alisando-a. Tão linda e tão... problemática. Alguém devia ensiná-la a não pensar tanto nas coisas.

– Foi uma experiência, Amande. Agora sabe como é – sussurrei, com vontades reais de ir atrás do noivo dela só para lhe dar um soco bem no meio da cara. Não sou de violência ou de brigas, mas aquilo eu faria com muito gosto.

Amande não olhava para mim. Estava nitidamente envergonhada de suas atitudes, com a cabeça abaixada e os olhos fechados. Tive medo de que começasse a chorar; eu não saberia o que fazer se acontecesse.

– Ele não tem o seu cheiro, nem o seu gosto.

– Quem? – perguntei. Por um segundo, não fazia ideia de quem ela estava falando. Estava concentrado em alisar sua pele macia. A sensação era divina.

– Meu noivo.

– Ah...

De fato, ele não tinha o meu cheiro, nem o meu gosto. Mas o que ela queria dizer com aquilo? Que seria diferente com ele? Isso era óbvio. Modéstia à parte, duvido até de que seja melhor do que comigo. Será que foi isso o que quis dizer? Que comigo era melhor?

Amande se levantou da cama, indo até o banheiro. Deixou a porta aberta, e aquilo me soou como um convite. Se não queria a minha presença, teria fechado a porta, certo? Eu ainda estava exposto em cima da cama, por isso levantei a cueca e a calça, erguendo o zíper e recolocando o botão. Deixei o cinto aberto e também fui ao banheiro.

Observei Amande colocando água no rosto. Parei rente à porta, apoiando a cabeça na lateral. Ela não demorou muito para me perceber ali e acabou virando na minha direção. Sua

expressão era de puro sofrimento. Vê-la daquela forma me deixou irritado demais. Só queria ajudá-la, mas não fazia ideia de como agir. Estava de mãos atadas.

– Estou muito preocupado contigo, Amande – soltei. – Falo sério. Não sei o que fazer.

– Você acha que eu sei? Estou perdida, e a culpa é sua! – gritou.

Ótimo. Agora a culpa era minha. Não do noivo, que não tinha a capacidade de fazê-la se sentir bem. Era minha por ter feito ela fazer tudo o que devia ter feito com ele. Que assim seja, não me arrependo. E ainda faria mais se deixasse.

Amande precisava urgentemente rever aquele casamento. Ela não podia se casar com um otário daqueles. Pelo amor de Deus, era óbvio que não tinha o mínimo de desejo por ele. Só que não era eu quem iria lhe dizer a verdade.

– Não sou ninguém pra te dizer o que precisa ouvir. Se eu começar a dizer, estarei ultrapassando a barreira do profissionalismo – falei seriamente. – Mas, posso te dar um conselho? Precisa falar com alguém a respeito disso.

– Com alguém, quem? Não há ninguém, Caleb. Estou sozinha. Apenas a minha razão machucada e eu. Juntas chegaremos a alguma conclusão. – Ela balançou a cabeça e, de repente, parecia mais calma.

– Espero que sim – respondi.

Amande me observou de cima a baixo. Não havia mais resquício da expressão confusa. Incrivelmente, parecia ter superado tudo aquilo. Como? Não faço ideia. Talvez ela seja uma louca. Ou talvez tenha pensado rápido em alguma coisa que acabou fazendo sentido para a sua própria razão.

Bom, nunca poderei responder com certeza absoluta, mas seu novo olhar sobre mim só podia dizer uma coisa: Amande ainda me desejava.

– Você precisa se lavar – disse, apontando para o meu abdome.

– Preciso – murmurei, tocando em mim mesmo.

– Meu cabelo está cheio de doce – avisou.

Não contive um riso. Amande também riu.

– Como ele foi parar no seu cabelo?

Ela ergueu as mãos na minha direção, mostrando o quanto elas estavam lambuzadas de leite condensado. No impulso, aproximei-me e as segurei. Cheguei muito perto dela, depositando suas mãos sujas nos meus ombros. Queria tê-la perto de mim. Meu maior desejo era beijá-la como nunca, mas me segurei. De novo. Até quando?

– Posso lavá-los – sugeri, referindo-me aos seus cabelos.

Amande ainda me encarava fixamente, tendo seus lindos lábios entreabertos.

– Lavar o quê?

– Os seus cabelos. – Ri. Ela parecia absorta enquanto me olhava, acho que eu lhe causava algum efeito. Ainda bem, pois assim não me consideraria o único.

– E eu posso te lavar? – perguntou.

A resposta era tão óbvia que a pergunta se tornou muito supérflua.

– Não me pergunte nada – respondi, sentindo a última base do meu autocontrole caindo no chão. Meu monstro interior havia sido despertado.

Não pude mais esperar, eu a queria muito. Aquela ladainha terminava ali. Ela me desejava, eu a desejava... O que raios estávamos esperando?

Virei Amande de costas para mim, com um movimento brusco e preciso. Usei uma das

mãos para levantar seus cabelos curtos. Deixei seu pescoço exposto para mim, e então inspirei seu cheiro com vontade. O perfume doce me embriagou ainda mais, fazendo o monstro se contorcer e gritar.

Usei a outra mão para lhe arrancar o botão que prendia o vestido no pescoço. Suas costas expostas estavam grudadas no meu corpo, mas me afastei um pouco para deixar o tecido cair. Para minha surpresa e tamanha excitação, Amande não usava sutiã – o que foi bobo da minha parte, pois com suas costas à mostra, devia ter percebido que não estava usando nada em cima.

Livrei minhas duas mãos e empurrei o vestido, que tinha parado em volta de sua cintura, para baixo. Subi meus dedos pela sua barriga, sentindo aquela pele macia ao máximo. Segurei os seios de Amande com muita delicadeza. Eles já estavam arrebitadinhos para mim. Durinhos, macios... Perfeitos.

Levantei meu rosto por sobre seu ombro e percebi que Amande nos olhava através de um espelho enorme na nossa frente. Acabei me juntando a ela; observei a nós dois. Minhas mãos ainda seguravam os seus seios, deixando o cenário bastante erótico. Não pude deixar de reparar: éramos bonitos juntos. Um casal interessante.

Por um segundo imaginei a Amande como minha namorada. Sorri torto, constrangido pelos meus próprios pensamentos. A ideia parecia muito boa, se ela não estivesse prestes a se casar. Uma pena. Se fosse solteira, podia procurá-la. Sei lá... Podia convidá-la para sair, conhecê-la um pouco mais... Sem o estresse que era estar sujeito a regras idiotas de proibição. Sim, seria ótimo. Mas... Impossível.

– Pensei que você só ia lavar meus cabelos – Amande sussurrou, fazendo-me voltar para a realidade. Ela sorria lindamente, ainda nos olhando através do espelho.

"Sim... Eu podia aprender a amar facilmente. Largaria aquela vida medíocre e me dedicaria a ela", pensei.

– Eu vou, mas preciso tirar suas roupas primeiro – falei. Pisquei os olhos, tentando fugir das baboseiras que eu pensava.

Desci minhas mãos e puxei sua calcinha. Era branca, de renda. Um tecido fininho, quase frágil, que escorregou facilmente pelas suas pernas. Gostosa. Agora ela estava nua para mim.

– Sua vez – disse Amande, tomando-me de sobressalto. Ela virou de frente para mim e, sem pensar duas vezes, começou a desabotoar a minha calça.

Fiquei surpreso com sua atitude decidida, mas não me movi. Continuei a observando enquanto descia o zíper e segurava o cós da minha calça junto com a cueca branca. Com força, puxou ambos para baixo, deixando-me exposto com muita facilidade.

Completamente despidos, puxei Amande para mim e a guiei até o box. Abri-o e nos empurrei para dentro. Liguei o chuveiro, verificando a temperatura da água. Não queria queimá-la ou forçá-la a entrar num banho frio. Esperei a água ficar na temperatura ideal; morna, do jeito de que eu gostava.

Logo em seguida, puxei Amande para debaixo do chuveiro. Não pensei duas vezes, encontrei um shampoo pendurado numa pequena prateleira de ferro. Misturei uma quantidade razoável em minhas mãos e comecei a lavar seu cabelo com dedicação. Quando prometo uma coisa, faço do melhor jeito que puder. Dou o melhor de mim.

Apesar do erotismo da ação queimar os meus sentidos, mantive-me concentrado apenas em lavá-la. Sem pressa, sem estresse. Não ia deixar as expectativas me decepcionarem de

novo. Se ela saísse correndo, eu estava preparado. Se desistisse, eu estava preparado. Se tornasse a jogar a culpa em mim, eu estava preparado. Se resolvesse transar comigo, eu estava preparado. Ponto final.

– Esta é a terceira vez que lavo o meu cabelo hoje – ela disse, mas de uma forma bem divertida. – As três foram por sua causa.

– Estou sendo condenado por muitas coisas hoje.

"Por sua causa", pensei, mas não cheguei a falar. Queria deixar a culpa inteira em mim. Era perigoso deixar Amande se sentindo culpada. Seu poder de raciocínio devia ser muito bem tratado. Quem convivesse com ela devia aprender a ter jogo de cintura, tinha que ter a capacidade de respeitar os seus limites, sabendo que sua sensatez não podia ser ignorada sempre. A razão devia ser usada na hora certa e, embora seja muito inteligente, Amande precisava da ajuda de alguém para discernir qual era o momento certo de usá-la.

Não era questão de esperteza, de erros ou acertos; era questão de companhia. Amande precisava de um cara que a transformasse, mas que, depois de modificada, continuasse sendo ela mesma, afinal, odiaria se deixasse de ser quem era. Cada detalhe seu me deixava encantado. Se aquilo fosse perdido, o encanto se quebraria, e então ela deixaria de ser uma mulher interessante.

Mas o que aquilo tinha a ver comigo? Nada. Seu noivo era um idiota, mas ia se casar com ele mesmo assim. Bom, quem sabe ele mudasse? Quem sabe começasse a fazer aquilo por ela? Talvez eu estivesse enganado. Talvez ele fosse o cara ideal.

– Quando chegará a minha vez? – Amande perguntou, trazendo-me para a realidade pela segunda vez. Sua pressa visível me fez rir.

– Estou acabando – falei, terminando de tirar o excesso do shampoo. – Pronto. Está limpo.

Amande se virou na minha direção. Seus olhos escuros invadiram a minha vida em cheio, deixando-me tonto. Ela buscou um frasco de sabonete líquido, disposto na mesma prateleira de ferro onde estava o shampoo. Colocou uma grande quantidade nas mãos e juntou-as, fazendo espuma.

Tocou o meu corpo com uma delicadeza impressionante, enquanto eu observava tudo o que fazia. Suas mãos percorreram o meu peitoral lentamente, descendo pelo meu abdome. O leite condensado ia saindo aos poucos, misturado com a espuma. Permaneci calmo e muito quieto durante todo o processo, permitindo que me tocasse como bem entendesse.

Amande pegou mais sabonete e, sem hesitar, segurou o meu sexo. Apesar de excitado, ele não estava firme. O coitado havia ficado desolado depois do segundo balde de água fria, mas decidiu dar sinal de vida depois que sentiu as mãos dela o massageando. Ele foi crescendo mais rápido do que pude acompanhar, e então o desejo já circulava pelas minhas veias. Soltei um gemido fraco.

Surpreendendo-me, Amande curvou-se para baixo. Esperou a água retirar o sabão do meu sexo e, numa atitude fantástica e muito louca, tornou a envolver seus lábios em mim. Meu abdome se contorceu de novo, soltando um espasmo que me deixou maluco. Gemi novamente.

Ela começou a me sugar com vontade, colocando minha ereção quase inteira dentro de sua boca. Depois soltou e começou a usar a língua, estimulando a ponta com sagacidade. Nossa... Nem parecia que Amande nunca tinha feito aquilo. Se não tivesse me dito, certamente eu nunca imaginaria.

Seus movimentos ganharam mais agilidade, e achei que chegaria ao clímax muito depressa. Pudera, estava me contendo há muito tempo, desde a sala de massagem. Estava louco por uma liberação, mas não ia permitir alcançá-la. Não naquele momento. Não com Amande beijando meu sexo com seus lábios maravilhosos. Como ela podia me beijar ali e jamais ter beijado a minha boca? Aquilo me deixou irritado. Estava com ciúme do meu próprio membro. Por que ele podia tê-la e eu não?

Perdi todo o meu controle. Que aquelas regras fossem para o inferno! Não admitia sentir ciúme de mim mesmo. Era demais para que suportasse sem nada fazer. Decidido a acabar com aquilo, puxei Amande para cima. Com um movimento rápido, empurrei-a contra a parede, fazendo nossos corpos se colarem bem depressa.

Encarei-a fixamente, e meu olhar foi devolvido com a mesma dose de desejo. Fitei seus lábios apetitosos, curtindo os últimos segundos de ignorância. Em breve, saberia exatamente o seu sabor. Provaria deles; seus lábios, seu sinalzinho, sua língua...

Amande ergueu os braços, entrelaçando-os ao redor do meu pescoço. Estava entregue a mim, e posso dizer o mesmo com convicção. Incapaz de esperar um segundo sequer a mais, avancei na direção dela, unindo nossas bocas. Pensei em beijá-la com selvageria, mas o choque de seus lábios nos meus foi doce. Leve como plumas.

Sendo assim, fui devagar. Desvendei-a aos pouquinhos, senti cada sensação sem pressa. A última foi bem nítida. Visível demais, perceptível. Todo o meu corpo dizia, aos berros, que aquele estava sendo o melhor beijo da minha vida.

23º Capítulo
Minha mulher

Amande gemeu baixinho entre os meus lábios. Aquilo fez meu corpo inteiro arrepiar e o desejo aumentar a um nível quase insuportável. Desci minhas mãos pelo seu quadril, puxando-a para cima. Suas pernas abriram, como previsto, e envolveram a minha cintura. Ela estava entregue a mim, não tinha como escapar.

O beijo foi intensificado. Nossas bocas contracenavam malabarismos loucos, excitantes. Segurei Amande pela bunda, apertando-a, sentindo-a em minhas mãos. Aquela mulher deliciosa cruzou os braços ao redor do meu pescoço, empurrando seu sexo contra o meu com um movimento brusco no quadril.

Apertei-a com força, mas não permiti que se encaixasse em mim. Não me leve a mal, queria possuí-la ali mesmo, debaixo do chuveiro. Na verdade, não via a hora de me encaixar nela. Queria senti-la profundamente, queria que fosse minha. Entretanto, não podia me esquecer de uma das regras impostas. Aquela, a meu ver, era a mais importante. Não podia fazer sexo inseguro com a Amande.

Tenho certeza de que nenhum de nós tinha algum tipo de doença, mas não era bom arriscar. Sou muito rígido com relação a isso, sempre fui. Portanto, apenas intensifiquei o nosso beijo. Não queria largá-la, estava sendo bom demais. Sua boca me envolvia completamente; aqueles lábios carnudos eram muito macios, de modo que me vi incapacitado de findar o beijo.

Amande estava deliciosamente entregue ao momento e acabou forçando seu quadril de novo. Nossos sexos já estavam roçando um no outro há algum tempo. Por muito pouco não a penetrei. Em vez disso, curvei-me um pouco e decidi que era a hora de pular a etapa.

– Espere, Amande – sussurrei. – Preciso te proteger. Vem comigo.

Ela nada respondeu, apenas me olhou como se não estivesse entendendo. Coloquei-a de volta no chão e desliguei o chuveiro. Abri o box e puxei Amande comigo. Encontrei minha calça jogada no chão do banheiro. Levei-a conosco, pois sabia que havia sido lá onde tinha guardado os preservativos.

Estávamos ensopados, por isso molhamos o chão do quarto inteiro antes de chegarmos à cama, mas não me importei. Encarei Amande fixamente, procurando os preservativos dentro do bolso da calça. Achei um pacote em menos de dois segundos e o ergui entre meus dedos. Ela corou de vergonha quando finalmente percebeu o que era aquilo. Tão inocente... e linda. E ia ser minha. Não via a hora de senti-la em mim.

Abri o pacote com um pouco de pressa, sentindo a adrenalina circulando nas minhas veias. O monstro que morava dentro de mim me mandava acabar logo com aquilo antes que ela resolvesse fugir. Eu sabia que Amande não fugiria, mas o receio de ser rejeitado ainda estava presente, deixando-me nervoso como se nunca tivesse feito aquilo na vida. Seria cômico se não fosse tão esquisito.

– Posso? – Amande perguntou.

Encarei-a fixamente. Ela estava envergonhada, mas fazia o possível para parecer

tranquila. Soube disso observando seus olhos com atenção.

– Sem dúvida – murmurei, entregando-lhe os preservativos. Havia três dentro do saquinho. Amande pegou um e deixou o restante em cima da cama.

Logo em seguida ela se curvou, sentando-se na beira da cama. Segurou minha ereção latejante com tanto cuidado que parecia ter medo de que quebrasse ou algo do tipo. Foi colocando a borracha devagar, conferindo se estava bem encaixada. Mordi os lábios, pois suas mãos em mim causavam uma sensação extremamente deliciosa.

Depois de tudo estar no lugar certo, Amande me olhou daquele jeito sinistro, capaz de arrancar o meu fôlego. Vi sua pele corar intensamente, deixando seu rosto inteiro avermelhado.

– Caleb... Quero que faça uma coisa comigo, se for possível – murmurou. Sua voz saiu muito vacilante.

– Adoraria fazer qualquer coisa contigo – respondi, achando que não podia ser mais sincero. Estava curioso com o que ela ia sugerir.

– Quero que... que... que faça comigo umas posições diferentes. Quero que me surpreenda, de verdade – falou. Sua pele conseguiu ficar ainda mais corada. Linda! E ainda me sugerindo aquilo? Claro que não íamos ficar em uma posição só a noite toda, pretendia começar com calma e depois deixar as coisas acontecerem.

– Posições diferentes? – Sorri torto, achando seu jeito tímido muito engraçado. A proposta também havia soado quase infantil, de tão inocente que era. A coitada não fazia ideia do quanto era perigoso me pedir aquilo.

– Sim, eu... nunca fiz nada além de um "papai e mamãe" sem sal – confessou, desviando os olhos. – Por favor, não me trate como se eu fosse uma boneca de porcelana.

Aquilo podia ter me deixado com pena, afinal, já havia transado com dezenas de mulheres insatisfeitas na cama, que alegavam que seus namorados ou maridos não faziam nada diferente. O sexo ficava monótono, repetitivo, e então eu chegava para deixar suas vidas mais alegrinhas. Era normal, muito comum, uma cliente me procurar atrás de novas aventuras. Porém, vendo Amande na minha frente, envergonhada de si mesma e admitindo uma coisa tão absurda, senti verdadeira raiva.

Raiva mesmo.

Qual podia ser o tamanho da imbecilidade de seu noivo? Por que o otário a deixava daquele jeito? Ela não tinha um pingo de saciedade com ele, não gozava, não se sentia à vontade... Ele fazia com que ela nem gostasse de transar, de um modo geral. Que ódio desse sujeito! Devia ser um banana qualquer, que não sabia se comportar diante de uma mulher linda como ela.

Amande é muito certinha e sensata, sei que ela tem sua parcela de culpa nisso tudo; provavelmente fazia mil proibições e não se permitia experimentar as coisas. Mas ela só precisava de persuasão e paciência. Amande é o tipo de pessoa que não é vencida pelo diálogo, por causa da sua grande inteligência e capacidade de reflexão, mas eu podia vencê-la pelo desejo. Por exemplo: se eu quisesse fazer sexo oral e ela não me permitisse, tudo bem, eu a respeitaria, mas certamente a induziria a implorar pelo sexo oral. No fim, Amande ia fazer porque queria, bem como aconteceu na sala de massagens. Entende a diferença entre mim e esse babaca? Ele não sabe fazer. Eu sei.

Fechei a cara, ainda tomado pela indignação. Se o imbecil do seu noivo não fazia dela

uma mulher de verdade, ótimo, eu faria. Estava mais do que disposto a fazê-lo. Amande merecia ser amada de todas as formas possíveis. Ela é uma mulher que precisa de um homem à altura. Não, não estou dizendo que esse cara sou eu. Estou longe de estar à sua altura, mas, naquele momento, meu maior desejo foi ser esse cara.

Subi na cama, sentando-me bem no meio. Puxei Amande comigo, ainda sem nada dizer. Só queria mostrá-la. Queria surpreendê-la e o faria. Usaria todas as minhas habilidades, tudo o que aprendi, o que fui, o que sou e o que vou ser. Meus pensamentos giravam em torno disso; seria o homem à altura da Amande naquela noite.

Fiz ela se sentar por cima, colocando suas pernas em volta de mim. Amande ficou exposta, o caminho para atingi-la estava aberto, aguardando-me. Abracei-a pela cintura, fazendo nossos corpos colarem como se fossem um só. Uma única força motivada pelo desejo. Encarei-a fixamente, sendo inundado pelas águas de seus dois lagos negros. Ficamos daquele modo durante um tempo incalculável. Para mim, mil anos poderiam passar, eu não me cansaria de vê-la daquela forma; absolutamente entregue. Pronta. Minha.

– Diz alguma coisa – ela murmurou, com uma voz baixinha que encheu meu coração de algo que não consegui identificar. Só sei que era bom. Muito, muito bom.

– Hoje, você vai ser a minha mulher – praticamente rosnei, puxando-a com força. Em um segundo, penetrei-a completamente, ouvindo seu gemido alto preencher os meus sentidos. Invadi Amande bruscamente e continuei o movimento sem cessar.

Ela estava quentinha, molhadinha e deliciosa. O espaço que eu ocupava dentro dela era meu. Todo meu. Pelo menos, eu o nomeei assim a partir do momento em que o invadi, como se fosse um colonizador delimitando suas terras. Se o otário não a tomava como devia ser, eu a tomaria. Certo?

Enquanto Amande me apertava os ombros e soltava gemidos que me faziam perder o juízo – se é que havia me sobrado algum –, eu a ajudava no movimento, puxando-a para cima e para baixo sem diminuir o ritmo. Beijei-lhe a boca com vontade, iniciando o nosso segundo beijo. Pretendia fazer daquele ainda mais prazeroso e prolongado.

Apertei sua bunda entre os meus dedos. Alisei-a com delicadeza logo em seguida. Gostosa. Sua pele ficava cada vez mais quente, apesar de ainda estar molhada pelo chuveiro. Aos poucos, a água foi dando lugar ao suor. Suor de prazer. Aquele suor também era meu. Se havia surgido por minha culpa, era meu.

Estou errado?

Sabia que não ia suportar por muito tempo. Estava excitado demais, e o clímax parecia quase impossível de se conter. Tentava, mas quanto mais me controlava, mais Amande gemia e me fazia derreter embaixo dela. Percebi que o tiro estava saindo pela culatra novamente; pensava que a estava fodendo, mas ela quem fazia isso comigo.

Desci meus lábios pelo seu pescoço, inspirando seu cheiro com vontade. Péssima ideia, aquilo não ajudou. Ergui minhas mãos, segurando-lhe os seios. Puxei a ponta com delicadeza, enquanto Amande se contorcia. Foi então que a maldita começou a fazer movimentos com a cintura, rebolando em cima de mim.

Senti meu abdome se contorcendo. Meus braços começaram a tremer, mas me segurei ao máximo. Queria que ela gozasse em mim primeiro, só então poderia me libertar. Decidi que era hora de tentar uma nova posição. Talvez a próxima não durasse muito, mas precisava arriscar.

Ergui o meu corpo e fiz nossos sexos se desencaixarem. Ajoelhei na cama, puxando Amande para mim, só que por trás. Ela não pestanejou, parecia uma marionete em minhas mãos. Sua bunda deliciosa se encostou ao meu sexo, mas acabei o abaixando e a penetrando novamente.

Amande se curvou inteira para trás, apoiando a cabeça nos meus ombros. Ergueu os braços e apertou meus cabelos, assanhando-os totalmente. Nossos corpos voltaram a ser um só. Inspirei o perfume do seu cabelo, depois desci meus lábios pelo seu rosto, pescoço, ombro... Com uma mão, segurava-lhe os seios; com a outra, procurei estimular seu sexo. Fiz vários movimentos com os dedos enquanto a penetrava em um ritmo acelerado. Amande se contorcia e gemia, de olhos fechados.

Foi quando percebi que ela estava vindo. Seu rosto contracenou uma expressão deliciosa de prazer, e seu corpo soltou um espasmo que certamente alcançou o meu. Em segundos, Amande gritava:

– Caleb!

Sim, ela gritou o meu nome. De novo. Aquilo, para mim, foi a gota d'água. Encontrei minha liberação facilmente e, enquanto meu cérebro viajava para outra dimensão, encostei meus lábios no seu ouvido.

– Amande – murmurei baixinho, dedicando a ela todo o prazer que, apesar do clímax, parecia incapaz de deixar o meu corpo.

Percebi que, daquela vez, não teria pausas. Estava pronto para outra.

24º Capítulo
Amande

Como previsto, logo após nossos corpos relaxarem juntos, notei que o meu permaneceria firme. Aquilo quase nunca acontecia sem que fizesse algum esforço, mas com Amande tudo era diferente. Meu desejo não tinha limites; era insaciável. Manter uma ereção depois do clímax parecia ser algo natural enquanto minhas vontades estivessem direcionadas a ela.

Amande relaxou completamente em cima de mim. Virou o rosto e passou longos minutos me beijando, ainda na mesma posição. Podia continuar os movimentos tranquilamente, mas permaneci quieto. Não queria forçá-la. Se fosse para continuar, ela precisava querer também. Além do mais, tinha que trocar o preservativo antes de prosseguir.

Puxei-a de lado pela cintura, sem deixar nossos corpos se desencaixarem. Deitamos na cama lentamente. Abracei Amande com força, deixando seu corpo quase em cima do meu. Ela abriu as pernas, colocando uma delas em cima da minha. Aquilo foi o bastante para eu entender que podia continuar tranquilamente.

Devagar, retirei o meu sexo de dentro dela. Procurei os preservativos em cima da cama, que estava toda desforrada. Havia uma tonelada de lençol bagunçado abaixo de nós, mas nem me importei. Troquei o preservativo, depositando o usado no chão, depois jogaria no lixo.

Amande me observou durante todo o processo. Senti seus olhos queimando a minha pele, mas só tornei a vê-la depois que estava tudo pronto. Observá-la nua em cima da cama, preparada para mim, foi incrível. Cheguei a parar no tempo, admirando-a dos pés à cabeça.

Sem nada falar, aproximei-me e lhe roubei um longo beijo. Meu desejo ainda pulsava, vibrante, deixando meu corpo muito quente. Estava um pouco suado, mas pretendia terminar a noite arrasado em todos os sentidos. Queria me acabar com aquela mulher.

Com um movimento preciso, puxei as pernas da Amande até alcançar a beirada da cama. Fiquei de pé, um pouco inclinado na direção dela. Sem pensar duas vezes, tornei a penetrá-la profundamente. Ela gemeu, fazendo seu ventre se contorcer. Não desviei meus olhos nem por um segundo, encarei-a fixamente enquanto a socava com força. Amande não queria ser tratada como uma bonequinha, portanto não ia pegar leve.

Puxei suas pernas grossas para cima, colocando-as nos meus ombros. Inclinei para frente, praticamente enfiando a minha língua na sua boca. Amande me agarrou pelo cabelo, apertando-o entre os dedos. Depois, arranhou minhas costas com as unhas, deixando arrepios intensos se espalharem na pele. Não diminuí o ritmo, deixei-o selvagem, brutal e... Extremamente delicioso. Agora sim estava me sentindo dominador, no comando.

Depois de um tempo, percebi que aquela posição era meio cansativa para ela, não queria que suas pernas doessem muito no dia seguinte. Sendo assim, decidi fazer algo mais suave. Puxei Amande para o centro da cama novamente, fazendo-a se deitar com a barriga para baixo. Depositei meu corpo em cima dela, cuidando para não deixar meu peso incomodá-la.

O movimento foi lento, bem lento. Não tinha mais pressa. Naveguei no corpo dela como se estivesse realmente no mar, apenas curtindo o vai e vem das ondas. Segurei seus cabelos para o lado, deixando o caminho livre para o pescoço. Inspirei seu perfume e distribuí beijos

que iam de sua nuca para os ombros, descendo um pouco pelas costas. Amande gemia baixinho, de olhos fechados. Pareceu ter gostado daquele jeito. Nossos corpos estavam unidos, juntinhos, suados, quentes.

Sua pele dourada na minha só me deixava ainda mais louco. Acho que nunca senti tanto desejo... Nunca havia feito sexo com tanta vontade. Por uma noite, meu mundo estava sendo reduzido – ou ampliado? – a ela. Tocar seu corpo enquanto a possuía era uma nova necessidade enraizada em mim. Não soube explicar o que estava acontecendo. Uma onda de confusão me fez parar um pouco. Apesar de a posição estar deliciosa, queria encará-la. Quem sabe encontraria alguma resposta em seus olhos?

Ia fazê-lo quando percebi que seu corpo soltava espasmos intensos, deixando seus braços e pernas tremerem bastante. Amande começou a soltar gemidos com mais frequência, e então percebi que ela viria, mesmo sem que eu a estimulasse. Estranho. Pensei que só gozaria com estímulo, como a maioria das mulheres, mas ela me surpreendeu quando ofereceu a segunda dose de prazer. Como se fosse pouco, a maldita gritou o meu nome, apertando os lençóis abaixo de nós com força.

Suportar Amande entrando no clímax foi tarefa difícil. Na verdade, impossível. Rendido pelo meu próprio desejo, encontrei minha libertação enquanto afundava meu rosto na sua nuca, sendo invadido por aquele cheiro doce. Gemi seu nome baixinho, mordiscando-lhe a orelha durante o processo.

Relaxamos juntos. Amande praticamente se enterrou no colchão abaixo de mim. Acho que tinha cansado. Bom, eu também estava saciado. Não ia conseguir manter outra ereção, precisava de alguns minutos.

Saí de cima dela, deitando-me ao lado. Iria deixá-la em paz um pouco, mas quem disse que consegui? Deixar de sentir seu corpo no meu foi um verdadeiro martírio. Isso me assustou, mas não me impediu de puxá-la logo em seguida, obrigando-a a se deitar no meu peito.

Amande se deixou levar, cruzando as pernas entre as minhas. Começou a alisar meu abdome com seus dedos delicados, e eu tratei de lhe alisar os cabelos. Eles ainda estavam meio molhados, mas exalavam um cheiro bom de shampoo.

Não falamos absolutamente nada. Não sabia no que ela estava pensando, mas minhas reflexões nunca foram tão confusas. Alguma coisa estava acontecendo. Eu estava diferente; minhas ações e sentimentos se embaralhavam, de modo que não conseguia compreender o que cada um queria de mim. Tudo piorou quando Amande ergueu a cabeça e me olhou durante muito tempo, para depois sorrir maravilhosamente. Minha expressão permaneceu séria, e meu coração já batia em descompasso. Afinal, o que estava acontecendo? Por que sentia aquela coisa tão esquisita?

Permanecemos daquele jeito por alguns minutos. Amande não parava de alisar o meu corpo. De repente, percebi que me tocava entre as pernas. Ela retirou o preservativo com cuidado, colocando-o em algum lugar que não consegui ver. Começou a me massagear bem ali. Lentamente, fui crescendo em suas mãos. Será que meu desejo teria fim? Estava me sentindo saciado há um segundo, mas bastou um estímulo vindo dela para que tudo mudasse. Já a queria de novo... E de novo, e de novo... Por que eu a queria tanto? O que ela tinha feito comigo?

Amande me tomou no sobressalto. Subiu em mim muito depressa, livrando-me dos pensamentos. Sua expressão dizia claramente que estava pronta. Ela mesma pegou outro

preservativo e o colocou na minha ereção. Eu nada falei, nada pensei, nada fiz... Fiquei parado como um idiota, vendo aquela mulher se encaixar em mim, iniciando uma maratona de gemidos baixinhos, excitantes.

Segurei sua cintura, apoiando-a. Continuei a observando, sentindo meu corpo esquentar com o movimento. O desejo já pulsava, minhas vontades já estavam à flor da pele. Aquela louca subia e descia com desenvoltura, cavalgando no meu corpo, tomando-me para si. Eu não a possuía. Não a tinha. Não a fodia. Amande fazia tudo, e eu estava entregue a ela. Misteriosamente entregue, de um jeito que nunca tinha feito. De um jeito que nunca havia pensado que seria capaz de fazer.

Depois de algum tempo, Amande se contorceu por inteira, inclinando-se na minha direção. Invadiu a minha boca, roubando-me um beijo molhado. Soltei um gemido fraco, pois a excitação já atingia seu auge, mostrando-me que, por mais desejo que pudesse sentir, ele sempre podia ser aumentado.

Nossos corpos se colaram e, ao sentir seu cheiro de novo, fiquei completamente descontrolado. Abracei-a pela cintura e acelerei o ritmo do movimento. Senti Amande profundamente, deliciosa como nunca. Não demorou muito; ela já se contorcia, explodindo loucamente em cima de mim.

– Caleb! – gritou. – Caleb!

Mordi os próprios lábios, tentando manter a calma. Não queria entrar no clímax. Pelo contrário, queria mostrar a mim mesmo que era forte, que podia me controlar como sempre fiz. Eu gozava na hora em que estava a fim, ponto final. Era assim há muitos anos, por que mudaria agora? Por quê?

Meu corpo respondeu de uma forma totalmente diferente da planejada. Ele não suportou ver Amande em êxtase; sem que percebesse, já estava planando perto de um abismo escuro e sombrio. Um território que nunca alcancei antes, e que certamente não deveria ter alcançado.

O tiro saindo pela culatra. De novo. Amande era um escudo muito poderoso, refletia qualquer ataque. Queria ser seu homem ideal por uma noite, mas um raio de lucidez acabou me mostrando que era ela quem estava sendo a minha mulher. A ideal. A perfeita para mim, que se encaixava em todos os meus padrões. A que podia me fazer feliz, que me despertaria coisas que nunca imaginei sentir.

– Amande – gemi, começando a entender que aquele nome não era apenas mais um. Não era um nome incomum pertencente a qualquer uma. Era o nome daquela linda e inexplicável mulher, que havia me fodido de todas as formas.

Sim, eu estava fodidamente apaixonado.

25º Capítulo
Dorme comigo?

Amande deixou seu corpo cair sobre o meu, exausto. Estava muito ofegante, mas eu também estava. Ainda podia senti-la profundamente, não havíamos nos desencaixado. Seu coração estava se acalmando aos poucos, podia até contar as batidas dele, visto que estávamos grudados. No impulso, ergui minhas duas mãos e lhe alisei os cabelos, iniciando uma pequena massagem no seu couro cabeludo.

– Estou morta. Não aguento mais – falou. Não conseguia vê-la, pois seu rosto estava enterrado no meu ombro. Sua respiração fazia cócegas no meu pescoço, mas não liguei. A sensação era boa.

– Não se preocupe, vou deixá-la dormir agora – avisei, mas as palavras quase não saíram da minha boca. Ainda estava sem fôlego por causa do clímax incrível que havia atingido e por causa da conclusão assustadora que martelava meu cérebro. – Quer que lhe faça uma massagem nos pés?

– Massagem? Caleb, você não cansa nunca? Deve estar exausto também, não vou te aborrecer mais.

Ri um pouco. Como Amande podia dizer coisas daquele tipo? Será que não tinha percebido que eu havia contracenado cada gesto com uma vontade quase esmagadora? A vontade era tanta que agora precisava entender melhor os meus próprios sentimentos. Tudo estava confuso demais. A palavra paixão me perturbava, e eu simplesmente não conseguia aceitar.

– Amande, deixe de ser boba. Você não está me aborrecendo. Além do mais, meu dever é fazer tudo o que quiser, em tempo integral. – Aquilo era verdade. Por mais que não quisesse admitir, eu ainda estava trabalhando. Ou pelo menos devia estar.

– Quero que descanse – ela insistiu, saindo de mim. Um frio aterrador se apossou do meu corpo; sua ausência doeu como uma ferida aberta.

– Tudo bem – respondi, mas tendo plena consciência de que nada estava bem.

Precisava ir embora dali urgente. Por mais que isso doesse, tinha que me afastar daquela mulher. Admitia a minha derrota; a guerra havia sido perdida, e da pior forma possível. Amande era mais forte do que eu. Perto dela, estava reduzido a um menininho medíocre e inexperiente.

Apesar de satisfeito sexualmente, um sabor inusitado de arrependimento me completava. Não devia ter brincado com fogo. Acabei me queimando muito feio. Transar com a Amande foi mais perigoso do que a pirofagia.

Levantei-me da cama e retirei o último preservativo. Fiz um nó na borracha, sentindo que minha expressão estava rígida. Meus dentes estavam trincados. Peguei os outros dois preservativos que estavam espalhados no chão e encontrei a minha calça. Procurei pela cueca, sabia que ela tinha se agarrado à calça quando Amande a tirou.

– Para onde vai? – perguntou. Ela continuou deitada na cama, exibindo seu corpo dourado delicioso. Tentei desviar a minha atenção. Não queria tomar outra dose dela. Já

estava suficientemente embriagado.

– Vestir minhas roupas, fechar as cortinas e te dar um beijo de boa noite.

– Vai me deixar sozinha? – murmurou, com uma voz chorosa. Meu estômago se contorceu, reagindo imediatamente ao seu timbre carregado de tristeza. Ou talvez eu estivesse exagerando. Mulheres são manhosas, no geral. Talvez Amande só estivesse fazendo manha pro meu lado. E eu, de besta, me preocupando.

– Pensei que não dormisse com ninguém – comentei, vestindo a cueca boxer.

– Como sabe disso?

– Desculpa... – falei, ainda sem olhá-la. – Você comentou com suas amigas na noite em que chegou aqui. Não pude evitar ouvir, estava servindo o jantar a vocês.

– Bom, é verdade. Mas depois de ter feito tantas coisas que nunca haviam me passado pela cabeça... Isso é insignificante.

"Não, não é insignificante. Não posso dormir contigo, Amande. Nem devia ter transado com você", pensei, odiando-me por dentro. Odiando seu maldito noivo por nunca tê-la obrigado a dormir com ele. Por que eu tinha que fazer isso? Amande não era minha, não me pertencia... Não tinha nada a ver comigo. Logo, seus problemas não eram meus.

Encarei-a fixamente. Apesar de uma parte de mim estar implorando para ir embora e não me envolver, a outra gritava e me mandava deixar de ser burro. Esta parte deu razão à Amande, concordou com ela em todos os sentidos.

– Quer mesmo que eu durma contigo? – perguntei.

– Não vou te obrigar a nada. Deve estar meio cansado de mim. A escolha é sua. Prometo que não ficarei chateada... Enfim. Faça o que sentir.

Aquiesci, balançando a cabeça. Certo. Ela tinha me dado o poder de escolha. Aquela era a minha chance de ir embora sem olhar para trás. Era só terminar de me vestir e pronto. Simples e tão certo quanto dois mais dois são quatro.

Eu teria feito aquilo. Teria sim, se um enorme nó não estivesse preso na minha garganta. Este nó havia surgido no exato momento em que me vi indo embora e nunca mais tendo a oportunidade de sentir o cheiro dela de novo.

Que droga!

– Preciso ir ao banheiro – murmurei, sem saber o que fazer ou falar.

– Fique à vontade. – Amande apontou para a porta do sanitário. Ainda estava deliciosamente despida em cima da cama, olhando-me daquele jeito que não devia.

Fechei a porta do banheiro atrás de mim. Soltei um enorme suspiro logo em seguida. Atirei os preservativos no lixo e forcei o meu corpo a ir até o lavabo; abri a torneira, jogando uma grande quantidade de água no rosto. Precisava acordar daqueles devaneios, usar o meu raciocínio.

Aquela mulher estava me deixando louco. Louco mesmo, de verdade, tipo aqueles que usam camisa de força. Minha vontade real foi de gritar alto e quebrar tudo o que tinha naquele banheiro. Tive que me controlar para não fazê-lo. Nunca fui de perder a cabeça, controle sempre foi o meu segundo nome. Agressividade jamais combinou comigo, não consigo fazer mal a uma mosca. Não obstante, a situação era drástica demais para que me mantivesse calmo.

Eu, Caleb Duarte, trinta e um anos, quase dez de trabalho como garoto de programa. Já transei com muitas mulheres. Incontáveis. Somava algum número com três dígitos, com certeza. Talvez quinhentas e trinta e sete. Ou quatrocentas e nove. Pode ser setecentas e vinte e

dois. Não importa, foram muitas. Mesmo. Loiras, morenas, ruivas, negras, altas, baixinhas, magras, gordas, com seios grandes, pequenos, siliconadas, quase sem seios, de variados cheiros e sabores, cabelos compridos, curtos, trançados, repicados, crespos, lisos, ondulados, adultas, adolescentes que acabaram de completar a maioridade, velhas, idosas até, coroas, maduras, com olhos verdes, azuis, cinza, castanhos, mel, da bunda grande, pequena, quase sem bunda, sarada, cheia de cicatrizes, depilada, cabeluda, tímidas, extrovertidas, falantes, silenciosas, podres de rica, pobrezinhas que economizavam só para poderem pagar uma hora comigo, mulheres envolvidas com política, celebridades, gerentes, advogadas, médicas, dentistas, cabeleireiras, professoras, casadas, solteiras, enroladas.... *Blá*. Muitas. MUITAS!

Só queria entender. Precisava compreender por que estava me sentindo a própria Madonna em "*Like a virgin*"(Como uma virgem). Exatamente. Assim mesmo que me sentia: como se tivesse acabado de perder a minha virgindade.

– *Touched for the very first time*... – murmurei, olhando-me no espelho. O trecho daquela música me resumia super bem. "Tocado pela primeira vez".

Patético. Muito patético. Ri de mim mesmo enquanto aquele sentimento permanecia intacto. Mesmo diante de minha autocrítica, aquela coisa ainda existia, pulsava dentro de mim. Só podia ser um sentimento, e certamente um que eu não queria sentir. Meu corpo tentava expulsá-lo, ofendê-lo, reprimi-lo. Defendia-me com unhas e dentes, mas o maldito era tão forte quanto a Amande. Quanto mais eu o atacava, mas ele me mandava ficar quietinho e me reduzir à minha própria insignificância.

Balancei a cabeça.

– Caleb... Você está perdido – sussurrei, sentindo pena de mim mesmo.

26º Capítulo
Uma decisão

Sempre há escolhas a serem feitas. Embora a balança nunca esteja em equilíbrio – algum lado sempre leva a vantagem, e este lado pode não ser o certo –, gosto de calcular todas as medidas. Faria isso com certeza, mas não ali no banheiro do quarto da Amande. Ela esperava uma resposta, e a única que eu podia dar naquele momento era negativa. Seria melhor para todo mundo.

Posso estar exagerando, mas acredito que, quando alcançamos nosso limite, devemos recuar. Talvez lutar contra aquilo fosse inútil, mas preferi ignorar a me juntar a ele. Não sou um cara inconsequente. Tenho prudência, sei definir o meu lugar. Conheço minhas regras, meus limites, e tinha a capacidade de compreender que não podia prosseguir.

Decidido a ir embora logo de uma vez, saí do banheiro sem olhar para Amande. Pelo canto dos olhos, percebi que ela ainda estava nua – e quietinha – em cima da cama. Precisava pegar as minhas roupas, mas decidi fechar as cortinas primeiro. Uma brisa congelante entrava no quarto, e eu não queria que Amande ficasse doente.

No entanto, assim que alcancei a saída para a varanda, estaquei. O cenário diante de mim estava simplesmente magnífico. Nunca tinha visto mistura de cores tão belas e naturais. Parecia um quadro, que eu certamente penduraria na parede da minha sala. A vista da sacada mostrava um céu alaranjado – por causa dos primeiros raios de sol –, contracenando danças surreais com as nuvens. Abaixo, o mar parecia um imenso tapete azul, brilhante na parte em que o sol tocava e vários tons mais escuros nas outras. Ele estava calmo, como se estivesse ausente de ondas. Sabia que isso não era possível, mas meus olhos capturaram a imagem do jeito que ela quis me mostrar.

– Você precisa ver isso, Amande. Vem aqui – chamei, percebendo que era um desperdício não compartilhar aquilo com alguém.

Não ousava desviar os meus olhos do cenário à minha frente, mas senti quando Amande se aproximou. Sem raciocinar, depositei meu braço direito nos seus ombros, trazendo-a para mim. Ela não hesitou; entrelaçou os braços na minha cintura e apoiou a cabeça no meu peito. Passamos um tempo incalculável admirando a paisagem.

– Daria tudo para tirar uma foto disso agora – murmurei, imaginando o ângulo ideal. Acho que sairia um retrato perfeito se Amande fosse até a varanda e sorrisse para mim, despida do jeito que estava. A cena ficaria como pano de fundo e, com alguns ajustes, sua pele dourada faria parte do surrealismo de cores.

– A lembrança é mais eterna do que uma fotografia – ela disse. Parecia admirar a vista tanto quanto eu.

– Você acha? Nos esquecemos de tudo muito rápido. A vida é tão corrida... É difícil lembrar com tanta perfeição. Fotografias servem para isso.

– Tem coisas que não dá para esquecer – respondeu.

– O quê, por exemplo?

Amande demorou um pouco para falar alguma coisa.

– Talvez me esqueça de tudo o que acabamos de fazer. Na verdade, será preciso e o farei. Vai ser natural, como uma ferida que sangra até cicatrizar. – O timbre de sua voz soou triste, mas melodiosa como um acorde de violino.

Suas palavras me fizeram soltar um suspiro involuntário. Tudo porque eu estava disposto a fazer o mesmo que ela: esquecer aquela noite. Sabia que ia ser impossível, e eu nem precisaria de uma fotografia para lembrar.

– Porém duvido de que vá me esquecer de você – completou. Um aperto repentino quase reduziu o meu coração a pó.

– Talvez precise também – confessei. Afinal, eu não somente precisaria esquecer aquela noite. Amande estava incluída na lista. Na verdade, era a primeira.

– Não... Não preciso – disse ela, balançando a cabeça de leve.

– Por que não?

– Porque eu não quero.

Aquilo me desarmou completamente. Cheguei a sentir a muralha que eu estava construindo em volta de mim ruindo, desabando no chão com um baque surdo. Meu braço apertou seu ombro involuntariamente.

– Não é assim que funciona? – Amande concluiu.

"Sim, é assim que funciona", pensei. "Mas nem sempre podemos fazer o que queremos, foi você mesma quem disse isso. Esqueça essa história de fazer o que sentir, só te falei isso para te convencer a transar comigo. A vida é dura, nada é fácil, sentimentos são banais e perigosos."

Blá-blá-blá.

Meu cérebro iniciou uma ladainha infinita e constrangedora até para mim. Quase me autoproclamei um idiota de carteirinha. Olha, eu sempre acreditei nos meus desejos. Meus sonhos são tudo o que tenho. Embora possua um emprego incomum, costumo fazer tudo o que quero nos outros aspectos da minha vida. O que falei para Amande foi sincero; a questão das algemas, da gaiola interior e de tudo o mais que envolvia a ideia de realizar nossos maiores desejos. É isso o que realmente importa. É isso o que sempre me importou. Infelizmente, meu mais recente desejo precisaria ser descartado, mas não porque eu queria, e sim porque seria injusto prosseguir.

Porém, se Amande queria se lembrar de mim, eu gostaria de que fosse da melhor forma possível, afinal, era apenas aquilo que íamos ter um do outro: lembrança. Foi por isso que segurei seu queixo com delicadeza, virando seu lindo rosto na minha direção. Fitei aqueles lábios carnudos por um segundo e finalmente nos uni de novo, beijando-a com tanta suavidade que chegava a comover.

O beijo foi leve, com movimentos curtos que mais pareciam uma brincadeira entre lábios. Senti Amande se derretendo em meus braços; suas pernas vacilaram um pouco e precisei segurá-la para que não caísse. A coitada devia estar mesmo muito sonolenta.

– Você está com sono – eu disse, findando o nosso beijo contra a vontade. - Vamos dormir.

– Vai ficar? – perguntou, contracenando uma expressão que quase anulava as possibilidades de uma negativa.

Dei-lhe um selinho casto.

– Vou.

Ela sorriu. Um sorriso amplo e maravilhoso, que encheu meu peito de alegria. Acabei sorrindo como resposta, pois me sentia contente com a presença dela. Tentei não pensar na loucura que era aquilo. A ideia de ir embora já tinha feito exatamente isso: ido embora. Se eu queria ficar, então por que não ficar?

Não é assim que funciona?

Terminei de fechar as cortinas, deixando o quarto numa penumbra confortável. O clima estava meio frio, mas não ia demorar muito para começar a esquentar. Achei melhor deixar o edredom dobrado no fim da cama, pegando um lençol de casal grosso e limpo dentro de um dos armários. Tinha o visto ali quando organizei as roupas da Amande.

Fizemos uma arrumação rápida; Amande dobrou nossas roupas e as colocou juntas em cima do pequeno sofá que jazia no canto. Organizamos os travesseiros e nos deitamos, cobrindo-nos com o lençol. Puxei Amande para mim, envolvendo-a em um abraço aconchegante. Ela apoiou a cabeça nos meus ombros, entrelaçando as pernas nas minhas. Perfeito.

– Boa noite, Amande – murmurei, alisando-lhe os cabelos. Eu gostava de fazer aquilo, eles eram tão lisos e macios.

– Boa noite, Caleb – ela disse bem baixinho, puxando meu rosto com a mão que se apoiava no meu peitoral.

Encaramo-nos por um breve instante, até que Amande grudou nossos lábios novamente. Deu-me um beijo curto, mas muito intenso. Nossas línguas dançaram na boca um do outro, mas o momento não se prolongou. Se demorasse um segundo a mais, talvez eu desistisse de dormir e resolvesse partir para o quarto *round*.

Amande tornou a se acomodar em mim e, em alguns minutos, já dormia profundamente. Passei um tempo incalculável olhando para o teto, sentindo o cheiro daquela mulher se impregnar na minha memória. Lembro de ter murmurado a música da princesinha umas duas vezes, mas ela não se moveu. Tinha um sono pesado, diferentemente do meu. Às vezes sentia que não conseguia descansar direito, mesmo dormindo durante mais de oito horas.

Nem me lembro de qual foi o momento em que peguei no sono. Só recordo de ter encostando meus lábios nos da Amande e permanecido assim durante muito tempo.

27º Capítulo
Rejeição

Acordei ouvindo a voz da Amande. As cortinas ainda permaneciam fechadas, mas o quarto estava iluminado, indicando que já era dia. Não fazia ideia da hora, mas estava descansado e incrivelmente não havia acordado nenhuma vez. Sou muito inquieto quando o assunto é dormir.

– Que horas são? – ouvi a voz dela de novo. Sentia-me um pouco desnorteado, mas acabei a encontrando. Amande estava na porta, com uma toalha branca enrolada no corpo. Falava com uma de suas amigas.

– Dez horas. Ei, o dia está tão lindo! Preciso ver o mar da sua varanda, deve estar fantástico! – Acho que era a Paloma.

– Depois você vê – disse Amande, parecendo nervosa. Obviamente não queria que a amiga entrasse no quarto e me visse ali.

– Algum problema, Mandy? – Hum. Apelido legal.

– Não, nenhum. É só que... Ah... Droga!

– O que houve, amiga? Diz pra mim! Por favor, não me diga que... Não, não, impossível! – exclamou Paloma. Estava muito agitada, sua voz não negava o nervosismo repentino. Certamente havia descoberto sozinha que eu estava ali.

– Eu dormi com o Caleb – Amande confessou. – Agora cale sua boquinha linda e me espere lá embaixo. Se contar para alguma das meninas, juro que te mato, Paloma!

– É improvável! Você não faria isso! Amande, e o João Pedro? Me diga, ele te obrigou? Deve ter usado alguma droga para te convencer...

Fiz uma careta. Quem a Paloma pensava que eu era? Nunca precisei drogar nem embebedar ninguém para ficar comigo. Isso é um absurdo!

– Claro que não, que ideia de jerico! – Amande pareceu ter ficado tão chateada quanto eu. – Olha, depois conversamos a sós. É sério.

– Só me diga se está bem, pelo amor de Deus.

– Estou ótima, agora faça o que eu disse!

Amande fechou a porta, tornando a trancá-la. Virou-se na minha direção e, vendo que eu já tinha acordado, sorriu.

– Bom dia – falei, tentando controlar a minha vontade de puxar aquela toalha e tê-la para mim mais uma vez.

– Bom dia. – Amande ainda sorria, mas parecia um pouco constrangida. Será que estava arrependida?

– Você contou a ela – comentei, referindo-me à Paloma.

– Não sei mentir. Confio na Paloma, ela vai ficar de bico calado.

Ela caminhou até o guarda-roupa e começou a revirar algumas gavetas.

– Preciso ir. Tenho que lhe servir no café. – Levantei-me depressa, constatando que ainda estava vestido com a cueca boxer. Sentia-me um pouco sujo, minha pele estava grudenta por causa do sexo da noite anterior. Sequer havia me lavado.

– Não quer tomar um banho comigo? – ela perguntou, porém continuou sem me olhar. Havia pegado algumas peças no armário, mas ainda estava o revirando.

– Quero, mas dessa vez não vai dar. – Fui sincero. – Preciso mesmo ir.

– Ok.

– Você vai ficar bem? – perguntei.

– Sim.

Ótimo. Ela parecia mesmo estar bem. Sua resposta me convenceu.

Amande fechou a porta do guarda-roupa e desfilou na minha direção. Roubou-me um selinho estalado e, sem olhar para trás, entrou no banheiro. Linda! Devia ter aceitado sua proposta. O café da manhã que esperasse.

Infelizmente já estava feito. Não tinha como voltar no tempo. Só me restou vestir as minhas roupas; coloquei a calça, abotoei o cinto e vesti a camisa, deixando-a aberta – até porque os botões haviam sido quase todos arrancados. Calcei os sapatos e segurei a gravata e o terno nas mãos, não havia necessidade de vesti-los. Só precisava ir ao casebre, tomar um banho e vestir as roupas combinadas para aquela manhã.

Desci as escadas e saí pela porta de vidro. As garotas conversavam animadamente ao redor da mesa, ainda bem que não me viram. Tentei ser o mais discreto possível enquanto alcançava a lateral da casa e me perdia no amplo corredor que dava acesso ao casebre. Para o meu azar, encontrei o Edu no caminho.

Ele soltou uma gargalhada quando me viu, mas nada falou. Sorri torto, sentindo meu rosto queimar. Não sabia se era de vergonha ou de raiva. Meu objetivo era não expor Amande sob nenhuma hipótese, mas a partir do momento em que Edu soube – estava escrito na minha testa – que eu tinha dormido com ela, duvidava muito de que os outros rapazes não tomariam consciência.

– Bom dia – murmurei, passando por ele rapidamente. Nem esperei que me respondesse. Em minutos, já estava tomando um ótimo banho quente.

Meu corpo se sentiu revigorado depois que já estava pronto. Trajava uma bermuda branca confortável – com sunga por baixo –, acompanhado de uma camisa de botões florida. A cor vermelha se sobressaía das demais. O papel que acompanhava a roupa deixava claro que mantivéssemos os botões abertos.

Passei na cozinha depressa e tomei uma xícara de café forte. Não costumava sentir fome assim que acordava, por isso nenhum dos biscoitos que jaziam dentro de um pote de vidro me chamou a atenção.

Voltei à área externa em quinze minutos. As meninas ainda conversavam, mas não havia sinal da Amande. Encontrei meus colegas organizando talheres, copos e pratos no estande; um café da manhã cheirosíssimo estava sendo preparado pelo Sr. Amoretto. Aproximei-me dele e perguntei se precisava de alguma coisa. Seus auxiliares não estavam por perto.

– Não precisa, Caleb. Falta só mais uma – respondeu o Cheff.

Ele fritava algumas omeletes que exalavam um cheiro ótimo. Ainda bem que ainda me sentia meio enjoado por ter acordado há pouco tempo, do contrário sei que meu estômago roncaria.

Prestei atenção nos materiais que ele usava; uma argola grande de inox servia como forma para que as omeletes saíssem todas perfeitamente redondas, do mesmo tamanho. Havia

mais três argolas ao lado da panela que Sr. Amoretto usava, mas uma delas era diferente. Tinha o formato perfeito de um coração. Interessante.

– O senhor não vai usar esta? – perguntei, apontando.

Ele olhou para mim e sorriu, mostrando um trilhão de rugas em sua face.

– Posso fazer esta última com ela. Fica bem diferente, você vai ver. Pode guardar para a noiva, como justificativa por não estar igual às demais.

Ótimo. Se aquele coração de omelete teria que ficar com a Amande, significava que era eu quem tinha de servi-lo. O que será que ela ia pensar daquilo? Confesso que fiquei muito curioso. Queria ver sua reação diante do coração. Talvez nem notasse. Talvez pensasse besteiras de mim. Não importava, eu só queria ver a expressão dela.

– Sim, ótima ideia! – falei, sorrindo torto.

Sr. Amoretto riu e começou a preparar a última omelete. Foi quando os garotos se aproximaram, avisando que começariam a servir às clientes. Olhei para a mesa e vi Amande sentada. Estava muito séria. Era perceptível. Seu rosto mantinha uma expressão rígida, totalmente diferente da última que tinha visto nela. Achei estranho, mas não pude deixar de notar o quanto estava linda, trajando um vestidinho estilo saída de banho com flores estampadas.

Foi instantâneo; meu coração acelerou bastante quando a vi. Meu estômago se contorceu, e já me sentia esquisito de novo. Pensei que aquilo teria fim, mas pelo visto as reações seriam as mesmas. Meu próprio corpo implicava comigo, insistia em jogar doses grotescas de desejo contra a minha vontade. E o pior era que eu nada podia fazer para evitar sentir aquilo.

Suspirei fundo. Vi os rapazes servindo as garotas; elas estavam muito animadas e sorridentes, falando coisas que eu não consegui compreender. Ainda esperava o Sr. Amoretto terminar a omelete. Peguei uma bandeja e me preparei para servir assim que ele concluísse.

Guiei meus olhos na direção da Amande involuntariamente. Observei-a, percebendo o quanto estava silenciosa. Não sorria, não conversava com as amigas... Estava apenas afundada na cadeira, olhando para um ponto fixo sem desviar os olhos. Acho que todo mundo percebeu a mudança, e o meu maior medo foi ser o culpado por ela. Alguma coisa dentro de mim apontava um dedo acusatório bem no meio da minha cara, chamando-me de inconsequente.

– Pronto, Caleb! – disse Sr. Amoretto. – Pode levar.

O prato estava mesmo muito bonito. O coração era perfeito e parecia apetitoso. Algumas torradas jaziam ao redor, temperadas com um filete de azeite e uma plantinha que nem soube dizer qual era. Pensei em perguntar, mas já estava um pouco atrasado para servir à Amande. Ela devia estar faminta.

Prendi a respiração e fui me aproximando da mesa. A adrenalina circulava com liberdade pelas minhas veias, deixando-me um pouco tonto. Acho que não devia ter concordado com aquele coração. Onde estava com a cabeça? Aquilo não era engraçado, muito pelo contrário, era uma questão séria. Uma situação que sequer sabia como resolver. Mas... Pensando melhor, só eu tinha que resolvê-la, afinal, o problema era só meu. Amande não tinha nada a ver com aquela paixãozinha ridícula que eu estava sentindo.

– Desculpe a demora – sussurrei no ouvido dela, inclinando-me.

Amande estava tão absorta que pulou de susto e soltou um gritinho altamente feminino. Não contive uma risada leve, despretensiosa.

– Que susto, Caleb! – disse, sorrindo de um jeito que me tirou o fôlego. Finalmente um sorriso. Estava ficando preocupado com tanta seriedade.

– Desculpa! Bom dia, Amande – saudei novamente, fingindo que era a primeira vez que nos víamos naquele dia. Coloquei o prato com a omelete na sua frente. Ela olhou para a própria comida e parou.

– Bom dia – respondeu baixinho, ainda olhando o prato.

Droga. Ela não fez uma cara muito boa. Afastei-me um pouco, sem saber o que fazer. Fiquei meio sem reação, sei lá. Esqueci completamente o que tinha para fazer em seguida, por isso fiquei apenas observando Amande, que abria os olhos grandes até deixá-los bem esbugalhados.

De repente, ela pegou um garfo e começou a destroçar a omelete. Tenho certeza de que fiz uma careta muito feia. Pudera, a dor interior que senti foi tão real que parecia que Amande estava fazendo aquilo com meu próprio coração. Confesso que ele ficou tão destroçado quanto. Pude até visualizar o sangue jorrando no prato, uma cena grotesca que me fez enjoar e quase colocar para fora o café que havia tomado. Tive que engolir em seco.

Quando tudo estava disforme, Amande começou a comer como se nada a abalasse. Aquilo me deixou irritado. Na verdade, irritado foi pouco. Estava enojado, abalado e muito, muito assustado. Soltei um monte de palavrões mentalmente, praguejando para os ares a minha tamanha falta de sorte. Era difícil acreditar que, depois de tantos anos de espera, depois de tanto desejar sentir alguma coisa por alguém, isso foi acontecer logo com uma pessoa impossível para mim. Eu podia me apaixonar por qualquer garota solteira do mundo, mas não... Tinha que sentir aquela coisa medíocre por uma mulher que estava prestes a se casar. Mas isso não é tudo, Amande também era complicada, chata, irritante, recalcada e... Fala sério, ela é linda, inteligente, charmosa... Argh! *Que ódio!*

– O que quer beber? – falei, ainda mantendo uma distância segura. Minha voz saiu rígida, mas pelo menos consegui demonstrar alguma reação. Precisava trabalhar.

– Café com muito leite quente, e depois um copo de água bem gelada – respondeu Amande. Sua voz ganhou um timbre de indiferença.

– Sabia que esse choque térmico faz mal para os dentes?

– Sim, mas eu gosto. Pode trazer?

Ótimo. Retornamos à estaca zero. Agora ela voltaria a me tratar daquela forma. Que assim seja. Voltaria a tratá-la como uma cliente comum com a mesma facilidade.

– Certamente, senhorita Amande.

Fui pegar o maldito café e a água. Sentia minha pele esquentando depressa, podia explodir a qualquer momento de tanta raiva. Meus dentes cerraram, apertei-os tanto que chegou a doer de verdade.

Servi à Amande silenciosamente. Ela estava da mesma forma; voltou a ficar introspectiva. Pois é... Já dizia a música, quem mandou gostar dessa mulher de fases? Agora aguente, Caleb. Foi você quem fez a besteira de seduzi-la. Devia ter respeitado seu espaço, não ter se envolvido, não ter deixado que lhe dissesse detalhes de sua vida... Nem você devia ter feito isso. Devia ter resistido ao seu cheiro, ter desistido de querer fazê-la sentir antes de qualquer coisa... Devia ter feito tudo diferente.

Infelizmente, não se pode voltar ao passado. O que eu podia fazer, naquele momento, era me dedicar ao meu trabalho. E depois, bola para frente. Minha vida não ia parar ali,

aquele ambiente não passava de uma ilusão. Meu expediente acabava em algumas horas, e então voltaria ao meu solitário apartamento. Levaria a minha vida do único jeito que soube fazer até ali; sozinho. Era melhor assim. Voltar à normalidade talvez me fizesse entender a idiotice de tudo o que aconteceu. Certamente eu riria de mim mesmo quando me lembrasse deste fim de semana.

Após o café da manhã, as garotas foram descansar ao redor da piscina. Tratei logo de me ocupar; ajudei em todos os serviços da cozinha. Sabia que não ia poder fugir para sempre – seria obrigado a servir Amande até a hora da partida –, mas quanto mais distante eu ficasse, melhor.

As clientes decidiram tomar um banho de piscina, acompanhadas pelos rapazes. Depois combinaram de passar um tempo na sauna para logo em seguida irem à sala de massagens. Entretanto, para a minha surpresa, Amande não saiu do lugar. Continuou deitada em uma espreguiçadeira na beira da piscina, exibindo um biquíni preto que desenhava ainda mais as suas curvas. Vi quando Lara perguntou se não iria tomar banho de piscina. Ela negou prontamente.

Resolvi me aproximar depois de alguns minutos. Amande estava deitada de frente, com as mãos para cima a fim de proteger o rosto dos raios solares. A hora não era muito boa para pegar sol, o que me deixou preocupado. Sentei-me na espreguiçadeira ao lado, observando-a de perto. Ela não se mexeu, mas sei que sentiu minha presença.

– Você está bem? – perguntei.

– Ótima. – Sua resposta veio tão rápida e direta que não conseguiu me deixar convencido. Era óbvio que estava tentando me evitar. Mas... Por quê? Depois de ter transado comigo, pedido até para que eu dormisse em sua cama, por que aquela mudança? O que fizemos tinha sido errado, mas já que nós tínhamos cometido o erro, para quê ficar dando uma de difícil?

– Quer fazer alguma coisa diferente? – Só fiz aquela pergunta porque estava trabalhando. Minha vontade era deixá-la torrando ali, mesmo que, no fundo, não tivesse a capacidade de vê-la prejudicada.

– Do tipo o quê? Resistir a você?

Eita!

Aquilo me tomou no sobressalto. Fiquei realmente surpreso, tanto que não consegui falar nada. Em vez disso, um bombardeio de pensamentos loucos cruzou o meu cérebro. Era óbvio que Amande estava me evitando de propósito, mas agora eu já sabia o porquê. Ela não queria "cair em tentação" de novo. Provavelmente estava arrependida de ter dormido comigo, devia estar pensando no noivo e se martirizando por dentro. Seu discernimento já trabalhava; julgando-a por ter sido inconsequente. Tudo por causa do seu noivo estúpido, que estará esperando por ela no altar.

– Espero que tenha passado protetor solar – resolvi falar depois de um tempão apenas observando seu corpo dourado ganhar uma coloração mais forte. Amande não olhou para mim nem por um segundo.

– Desta vez, sim. Se precisa tanto de uma ordem, estou dando uma agora: quero um copo de Coca-Cola bem gelada e, logo em seguida, está completamente dispensado da minha presença.

Doeu. Uma parte de mim meio que desabou com aquelas palavras rudes, porém me

conformei rápido. Eu já sabia que ela estava fazendo sem querer. Amande me desejava, me queria de novo e, se eu insistisse um pouco mais, talvez até terminássemos na cama. Mas eu não ia fazer isso, não cometeria o mesmo erro duas vezes. Tomar outra dose dela seria perigoso demais. Além de que pretendia respeitar a sua vontade. Ela estava certa o tempo todo, afinal. Tem coisas que, mesmo sendo o nosso maior desejo, não podemos obter. Triste, mas é verdade.

– É o seu maior desejo? – perguntei, sabendo que ela mentiria descaradamente.

– É.

Bingo!

28º Capítulo
Dolorosa despedida

Embora quisesse muito ficar perto da Amande, não consegui encontrar motivos para tal. Ela não queria a minha presença – ou melhor, fingia que não –, portanto tratei de pegar a Coca-Cola. A maldita nem se moveu quando a coloquei bem ao seu lado, em cima de uma mesinha pequena de apoio. Resolvi não dar bola, sequer abri a boca para falar alguma coisa. Na hora em que quisesse, certamente procuraria pela bebida.

Não queria usar aquele tempo livre para ficar pensando em besteira. Quanto menos eu pensasse, melhor. Ajudei o pessoal da cozinha a organizar as coisas para o almoço. Comi alguma coisa neste meio tempo, mas foi mecânico. O alimento mal conseguia descer direito, pois meu estômago se corroía – e nem sei dizer por quê.

Tentava me acostumar com aquelas novas reações do meu corpo, mas a verdade é que eu estava desconsolado. Não queria admitir aquilo; preferia encarar tudo como uma idiotice e, claro, mantinha a esperança de que tudo voltaria ao normal quando finalmente voltasse para casa. Aquele mundo ficaria distante, os acontecimentos se reduziriam a memórias, e as memórias se perderiam com o tempo. Repetindo as palavras da Amande, seria natural, como uma ferida que sangra até cicatrizar.

Ela não queria me esquecer, mas eu a esqueceria. Não era questão de escolha, afinal, qual escolha havia me sobrado? Nenhuma. Não sobrava nada para mim além de um sonho. Era nele em que eu me agarrava; o desejo de parar de me vender e começar a fazer algo mais digno. Quem sabe um dia fizesse por merecer alguém especial? Alguém como a Amande...

Não estava tão longe assim, certo? Só precisava criar forças para dar o próximo passo; o último. Efetivar, de fato, a mudança. Sem receio, sem olhar para trás... Pensando apenas no futuro. Conquistando o respeito das pessoas. Quem sabe até voltasse a procurar a minha família? Não tinha notícia dos meus pais há algum tempo. Mamãe ligava de vez em nunca – amor de mãe é realmente inabalável –, mas uma parte de mim precisava de sua companhia, de seus biscoitos caseiros com leite, de um beijo de boa noite... Coisas que deixei de possuir muito cedo e confesso que me fazem falta hoje. Só de pensar o quanto a magoo fazendo o que faço, não consigo entender por que demorei tanto tempo para dar um basta nisso.

Como se o destino estivesse me pregando a pior de todas as peças que já havia me pregado na vida, comecei a fazer exatamente o oposto do que queria: pensar. Pior ainda, não apenas pensei em Amande como também em todo o meu passado. Isso envolvia a minha família, ou seja, um assunto que considero praticamente intocável. Sou acostumado a bloquear qualquer pensamento sobre eles, um mecanismo de defesa eficaz para não me sentir como naquele momento: um imprestável.

Entrei numa onda introspectiva horrorosa; fiquei tão distraído que não sabia mais o que estava fazendo. Marlos chegou até a perguntar se eu me sentia bem. Claro que nada estava bem, mas não ia dizer aquilo em voz alta. Afinal, teria que buscar alguma desculpa que estaria tão longe da verdade quanto se eu simplesmente dissesse que estava ótimo.

Depois de quase uma hora, Amande ainda queimava ao sol, mas havia mudado de

posição; mantinha sua bunda deliciosa para cima. A mesma da qual eu havia desfrutado, com muito desejo, na noite passada. Ela não usava fio dental – prova de que não gostava de se expor –, mas a minha imaginação fez questão de lhe arrancar o biquíni. Sua pele brilhava, e meu desejo de tocá-la só fazia aumentar a cada vez que eu ia conferir se ainda estava bem. Admito, fazia isso de dois em dois minutos.

Vinte minutos se passaram e Amande ainda estava na mesma posição. Não se moveu nem por um segundo, por isso comecei a me preocupar. O sol estava ficando cada vez mais forte com o horário do almoço se aproximando. Não era saudável queimar daquele jeito, ainda mais somando ao fato de que ela ia se casar dali a seis dias. Claro que precisava estar com a pele intacta para tal.

Aproximei-me dela um pouco relutante. Amande respirava lentamente. Estava usando óculos escuros, mas percebi que tinha pegado no sono. Não queria acordá-la, afinal, ela havia deixado claro que minha presença não era mais bem-vinda. Por isso fiz o que fiz; peguei um dos guarda-sóis – que jazia em volta da piscina, sendo apoiado por uma mesa –, e o coloquei bem ao lado de sua espreguiçadeira. Organizei tudo, de modo que a sombra conseguiu cobri-la por completo.

Quase duas horas depois, o almoço estava pronto, a mesa estava posta, e eu só esperava as clientes voltarem da sala de massagens. Não tinha nada para ser feito, por isso apenas esperei, sentado na espreguiçadeira ao lado da Amande. Caso acordasse, sairia dali imediatamente, mas enquanto dormia eu podia ficar por perto, não é? Foi o que fiz. Tentei não observá-la por muito tempo, até porque Marlos e o pessoal da cozinha circulavam por ali. Não queria deixar óbvio o meu interesse por ela, embora não conseguisse me livrar da sensação de que ele estava escrito bem na minha testa.

Vi quando as garotas retornaram para a área da piscina. Estavam molhadas, certamente haviam tomado uma ducha depois da massagem. Lembro-me de que havia uma espécie de vestiário antes da sauna, com inúmeros chuveiros enfileirados.

Resolvi me afastar antes que elas se aproximassem. Os garotos também retornaram, mas foram logo se preparando para servir o almoço. Deviam estar deveras cansados, mas seus semblantes não indicavam. Peguei uma bandeja e parei ao lado do Fernando, perto do estande, enquanto esperávamos Marlos saudar as garotas.

– Senhoritas, nossa última refeição...

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaah! – elas berraram em uníssono. Bom, nem todas. Amande, que havia sido acordada pelas amigas, permaneceu muito séria.

Ouvi Fernando rir de leve.

– Quase gritei junto, é uma pena que tenha acabado tão rápido – ele murmurou.

– Verdade – respondi, sentindo um vazio no peito.

– Infelizmente o fim de semana acabou – Marlos prosseguiu. – Foi um prazer recebê-las e, após o almoço, gostaria de fazer uma avaliação junto com as senhoritas. Esta avaliação é muito importante para nós, pois é por meio dela que vamos melhorar nosso atendimento em todos os aspectos.

– Vocês foram perfeitos! – gritou Cláudia. As garotas gargalharam.

– Muito obrigado, senhorita Cláudia, fico feliz por ter achado isso – continuou Marlos. – Seus acompanhantes irão lhes servir agora. Depois do almoço, terão alguns minutos para se despedirem deles. Infelizmente os meninos terão de ir também.

– Aaaaaaaaaaaaaaaaaaah! – as garotas gritaram novamente.

Ok. As palavras do Marlos fizeram o vazio do meu peito se intensificar consideravelmente.

– É isso, vejo as senhoritas na sala de estar, depois de se despedirem dos garotos. Tenham um bom apetite! – Marlos fez um sinal com os dedos, e os rapazes começaram a servir o almoço das clientes.

Devo ter parado no tempo durante alguns segundos, mas fui "acordado" pelo Fernando.

– Vamos, Caleb. Você está bem?

– Estou... – menti, e fui pegar o prato da Amande.

Sinceramente, não sabia se estava preparado para me despedir. Uma tristeza sem tamanho tomou conta de mim quase imediatamente, enchendo-me de uma angústia incomum. Não queria sentir aquilo – no fundo, conhecia bem os motivos para tal reação, só não queria aceitar –, mas foi inevitável.

Soltei um longo suspiro, tentando me recompor. Era o combinado, certo? Assim que chegasse à minha casa, tudo terminaria, e eu voltaria a ser o que era, sem confusões ou contradições. Retornar à normalidade certamente me faria bem. Depois de sair com algumas clientes, as lembranças do fim de semana ficariam distantes demais para serem alcançadas pelo meu cérebro. Aquela paixãozinha iria embora, afinal, paixão é assim: passageira, como uma brisa refrescante de verão.

Não que eu entenda alguma coisa sobre paixão. Tudo era muito novo para mim, mas tentei me manter positivo. Agora que sabia que era capaz de me apaixonar, podia procurar aquele mesmo sentimento em uma mulher possível. De certa forma, ter conhecido a Amande me ajudou a descobrir que sou capaz de gostar de alguém. De desejar tanto a ponto de querer passar a minha vida com esta pessoa. Confesso que aquela ideia me abalou. Era isso que eu sentia? Que podia passar a minha vida com a Amande? Nem a conhecia direito. Como podia ser possível? Ela provavelmente era apenas uma caricatura que minha mente criou para me satisfazer. Ou seja, eu a estava idealizando.

Coloquei o prato dela bem na sua frente; havia camarões grandes, arroz temperado, salada de manga e batatas. Mantive uma distância segura da Amande e sequer lhe perguntei o que desejava beber. Ela nem tinha tocado na Coca-Cola que lhe servi mais cedo, por isso simplesmente me dei o direito de decidir. Se ela queria tanto uma Coca-Cola, então teria a maldita Coca-Cola. Servi o líquido escuro – acompanhado por gelo e uma rodela de limão – em silêncio.

Amande não reclamou; pegou o copo e deu goles generosos. Sua expressão era séria e inabalável, como se estivesse em um estado avançado de indiferença. Nem preciso dizer o quanto aquilo me irritou, afinal, ela não parecia indiferente enquanto passava a língua pelo meu corpo ontem à noite. Não parecia indiferente quando me chupou, nem quando tirei sua roupa na frente do espelho, muito menos quando a beijei debaixo do chuveiro. Também não estava quando me pediu para não tratá-la como uma boneca de porcelana ou quando a fodi de diversas formas, nem nos momentos em que gritou o meu nome enquanto explodia em um orgasmo intenso. Não *mesmo*.

Depois do almoço, recolhi o prato da Amande ainda em silêncio e o coloquei na pia que havia dentro do estande. Era a hora de servir a sobremesa: duas bolas de sorvete de chocolate. Aquilo me deu uma ideia que, a priori, achei divertida. Pagaria para ver as reações

da Amande, tinha quase certeza de que ela não permaneceria com seu semblante indiferente. Decidido, fui até a geladeira e peguei um tubo de calda de leite condensado igual ao que havíamos usado na noite passada. Nem sabia dizer o paradeiro do outro, talvez ainda estivesse no quarto dela, visto que me esqueci de pegar.

Servi a sobremesa e fiquei por perto. Pude ver o exato instante em que ela olhou para o tubo e esbugalhou os olhos. Gargalhei internamente, segurando-me ao máximo. Amande pegou o tubo e praticamente o arremessou na direção das amigas, privando-se de colocar a calda no seu sorvete. Observei quando aquele lindo rosto corou, desconcertado. Ela continuou tomando o sorvete, mas não parecia tão indiferente quanto antes. Ótimo, pelo menos consegui o que queria.

Após a deliciosa sobremesa – regada de conversas das quais Amande fez questão de não participar –, as meninas se levantaram da mesa. Cada qual foi ter com seu acompanhante em um canto diferente da área externa. Vi quando Lara e Fernando se abraçaram calorosamente; ele puxou de leve seus cabelos compridos e lhe beijou o pescoço com suavidade. João e Jéssica riam alto de alguma piada que devia ser muito engraçada. Cláudia dava dois beijinhos no Henrique enquanto Edu flertava com Fabiana pela última vez. Paloma e Marcelo se mantinham distantes, mas conversavam animadamente.

Não saí do lugar, afinal, Amande tinha me dispensado. Minha presença não era mais bem-vinda, embora por dentro não quisesse me conformar com a ideia de sequer me despedir da mulher que havia mexido tanto comigo.

Ela foi a última a se levantar da mesa. Com a cabeça baixa, caminhou vagarosamente até a porta de vidro. Não olhou para trás ou para os lados, mas alguma coisa no seu jeito me entristeceu. Era óbvio que não estava bem. Tão óbvio que simplesmente não consegui suportar; corri até ela e, antes que pudesse entrar na sala de estar, puxei sua mão.

– Não vai se despedir de mim? – perguntei seriamente. Não consegui deixar minhas expressões mais leves, pois estava tenso e preocupado.

Amande prendeu seus olhos em mim mais uma vez. Senti meu mundo parar e se curvar diante dela, como se eu a pertencesse desde sempre.

– Adeus – respondeu com indiferença.

Balancei a cabeça, aquiescendo. Queria gritar, mas só consegui trincar os dentes.

– Fique bem. Boa sorte com o casamento.

"Com o maldito casamento, com seu maldito noivo, que só vai fazer você se sentir uma maldita para sempre", pensei. O pensamento me encheu de amargura. Não queria que Amande fosse infeliz. Meu desejo não era amaldiçoá-la, ela não tinha culpa de nada. Só queria que... Que... Só queria que fosse feliz. Comigo. É. Comigo ia ser bom demais.

– Terei sim – falou, mas ninguém se sentiu convencido. Ela mesma não se convencia. Isso ficou tão claro para mim que, em vez de me sentir animado pelo fato de ela duvidar do sucesso do próprio casamento, senti-me um inútil. O que fazer para salvá-la daquilo? Minhas mãos estavam atadas.

– Chegou a alguma conclusão? – perguntei no impulso.

– Com certeza.

– Posso saber qual?

– Não. Cabe apenas a mim – alertou, mas percebi que seus lábios tremiam. Aqueles olhos escuros ficaram ainda mais brilhantes. Amande continha as lágrimas.

Meu coração deu um salto de trezentos e sessentas graus.

– Certo, perdoe-me a intromissão – fui obrigado a dizer, embora não estivesse arrependido. – De qualquer forma, espero que tenha sido uma boa conclusão.

– Foi sim.

"Não foi, Amande, pare de se enganar."

– Ótimo – respondi.

– Ótimo.

Então, era isso. Minha participação na vida da Amande havia acabado ali. Infelizmente aquele fim não podia ser feliz.

Fiz uma breve reverência e, relutante, desviei meus olhos dos seus com muito pesar. Fui me afastando devagarzinho, tentando não me sentir um merda só de imaginar que nunca mais a veria de novo. Foi quando Amande praticamente se atirou em mim, oferecendo-me um abraço repleto de alguma coisa que não consegui identificar, só sei que me trouxe mais calma.

Assustado, enlacei meus braços ao redor de sua cintura e inspirei seu cheiro mais uma vez, embriagando-me.

– Obrigada, Caleb – Amande falou no meu ouvido. Sua voz não negava; estava chorando. – E me desculpe também!

– Eu que te agradeço e peço perdão, Amande – respondi, engolindo o nó que havia se formado na minha garganta. – Ei, não chore... Por favor.

"Não faça as coisas serem ainda mais difíceis do que já são, meu bem."

– Foi tudo especial pra mim – continuou choramingando. – Muito mesmo, só quero que saiba disso.

Puta que p...

– Foi especial pra mim também. Juro. – As verdades contidas nas minhas palavras fizeram meus olhos marejarem.

Amande foi se desvencilhando, mas me deu um beijo casto na bochecha durante o percurso. Segurei-a docemente, beijando-lhe a testa. Linda. No fundo eu sabia que a saudade me faria companhia durante muito tempo. Queria beijá-la mais uma vez, porém não perdi meu tempo lamentando o fato de não poder fazê-lo.

– A gente se vê por aí – ela falou, e aquilo virou uma promessa dentro de mim. Sei que ela disse aquilo apenas por educação, mas um pedaço do meu peito quis acreditar. – E obrigada pelo guarda-sol. Eu teria virado um pimentão.

– Disponha sempre – falei, rindo torto.

Amande então se virou lentamente, sumindo da minha vista depois que entrou na sala. Assim que desapareceu, meu mundo foi perdendo a cor, transformando-se em cinza. Cinquenta tons fodidos de cinza.

29º Capítulo
Normalidade?

Tínhamos uma hora de descanso antes da reunião sugerida pelo Marlos. Esperaríamos as clientes irem embora e só depois seguiríamos viagem. Uma equipe de limpeza chegaria para deixar tudo organizado de novo. Novas clientes surgiriam no fim de semana seguinte – uma turma com quinze mulheres, que haviam pago uma pequena fortuna que incluía regalias e serviços que me fizeram imaginar a doideira que seria. Aqueles dois dias que passaram haviam sido leves, sem exageros. Apenas uma experiência antes de começarmos de verdade.

Tentei não pensar em como tudo soava estranho. Eu estava ansioso com a minha participação no empreendimento, porém nada mais conseguia me animar. A ideia de voltar para aquela casa me assustava. Ainda mais sabendo que nada seria igual; as novas clientes exigiam um clima de swing, ou seja, corpos nus para lá e para cá, ninguém é de ninguém e todo mundo é de todo mundo. Loucura. Sempre me diverti muito nesse tipo de confusão sexual – não é todo dia que se pode foder várias mulheres ao mesmo tempo –, mas um brilho de lucidez me fazia perceber que nada daquilo fazia sentido.

Estava arrumando as minhas coisas quando Fernando entrou no quarto.

– E aí, Caleb! Nem tive tempo de perguntar como foi com a noiva – falou, juntando-se a mim na arrumação do quarto.

– Bom.

– Só bom? Fala sério, conta os detalhes!

Suspirei profundamente. O que eu menos queria era relembrar os detalhes. Precisava esquecer tudo com urgência, do contrário nem sei se seria capaz de prosseguir. Sentei-me na cama e encarei o Fernando. Ele parou o que estava fazendo e franziu o cenho.

– Você está bem? – perguntou. Parecia preocupado de verdade, o que me fez ficar comovido. É difícil encontrar alguém que esteja disposto a saber a verdade quando pergunta se uma pessoa está bem.

– Não.

– O que houve? – Fernando se sentou na beira da própria cama, de frente para mim.

– Não sei direito, mas não estou muito bem. Acho que... Acho que me envolvi demais. Isso não era para ter acontecido – desabafei, engolindo em seco. Nem sabia por que estava falando aquilo para o Fernando, mas não me arrependi. Tudo porque ele balançou a cabeça como se me compreendesse perfeitamente.

– Eu quebrei uma regra – ele confessou, desviando os olhos. Parecia envergonhado.

– Quebrou?

– Sim. Eu a beijei.

– Ah... – Sorri torto. – Eu também.

– Sério?

– Sim. – Suspirei. Fernando acabou me acompanhando, então passamos eternos segundos desconcertantes nos encarando como se compactuássemos um grande segredo.

– Espero que ninguém saiba disso – ele falou, por fim.

– Essa conversa não vai passar por aquela porta, não se preocupe.

Fernando aquiesceu, sorrindo de um jeito esquisito.

– Sabe... Fico contente por não ter sido o único. Ainda mais sendo você. Estou aliviado, é sério. Pode parecer egoísta, mas estou neste ramo há apenas um ano. Achei que a inexperiência finalmente tinha me atingido, mas agora entendi que essa regra é uma grande porcaria.

– Ela é uma porcaria, mas necessária, Fernando. Sinto te dizer, mas nós dois fomos inexperientes. As regras precisam ser seguidas.

– É... Você tem razão. Não vai voltar a acontecer, embora não me arrependa.

– Eu também não – admiti.

Fernando sorriu.

– Mas me conta, como conseguiu convencê-la?

– Não foi fácil como pareceu. Amande é tão complicada... Ela se arrependeu de tudo, deve estar se corroendo até agora. Bom, já está feito.

– E é isso que está te deixando assim? – perguntou, encarando-me como se me desvendasse.

– É.

– Quer dizer que você também está arrependido?

– Mais ou menos. Eu faria tudo de novo, mas sei que está errado.

– Não devia se preocupar com isso. Quem deve lidar com a situação é ela, você apenas fez o seu trabalho.

– Pois é, enfim. Deixa pra lá.

A reunião foi realizada na área externa. Não demoramos muito, pois todos estavam um pouco cansados. Aliás, muito cansados. Eu, particularmente, estava um caco. Por isso, achamos que seria melhor realizarmos um encontro durante a semana no escritório do Marlos, na quinta-feira pela manhã. Fiquei aliviado com a ideia, não estava a fim de me estressar com mais nada.

A viagem não foi tão silenciosa quanto eu gostaria. Os rapazes contavam suas experiências sexuais com as clientes, sem poupar detalhes. Para a minha surpresa, a Cláudia não havia sido a única que resistiu até o fim; Marcelo nos contou que a Paloma se manteve firme na decisão de não transar. Ele não forçou a barra, deixou-a à vontade durante todo o fim de semana.

Edu me perguntou umas trezentas vezes se eu não ia dizer nada sobre minha "aventura sexual" com a noiva. Apenas respondia que não, mas isso só fazia aumentar a curiosidade dos rapazes. Mantive-me irredutível até que desistiram de exigir a minha participação na conversa.

Como tinha ido de táxi à casa do Marcelo – nosso ponto de encontro –, peguei outro para voltar pra casa quando fomos deixados pela *van*. Não podia deixar a Charlotte – a minha BMW – em qualquer lugar, ela chama muita atenção, e eu morro de ciúmes. Despedi-me do pessoal às pressas, pois não via a hora de ficar sozinho e poder raciocinar melhor.

Marlos havia nos entregado o nosso pagamento, um cheque gordo para somar à minha conta já obesa. Pensei sinceramente em não aceitar, mas achei que a situação ia ficar muito estranha caso o fizesse. Não queria problemas, embora a ideia de receber dinheiro por ter

transado com a Amande me deixasse irritado.

Já era noite quando cheguei ao meu apartamento. Tudo estava exatamente como deixei: organizado, silencioso e vazio. A solidão me deu boas-vindas, e eu a recebi de braços abertos. Era um conforto, um aconchego. Não há nada mais seguro do que a minha própria companhia, aprendi a gostar dela com o tempo.

Meu primeiro instinto foi procurar pelos meus gatos, tenho dois: a Lulu e o Don Juan. O apartamento era bem amplo, pois gosto de espaço. Também adoro ambientes claros, por isso optei pelo branco; era a cor predominante. Havia feito algumas reformas e encomendado móveis caros, por isso tudo estava do jeito que eu queria. Achei a Lulu, uma gatinha linda e branquinha, debaixo do sofá largo. Nem me pergunte para quê tenho um sofá tão grande, visto que a única visita que recebo é a da minha irmã. Não costumo trazer clientes para casa; marco os encontros em outros lugares ou na casa da própria cliente.

Peguei a Lulu nos braços e lhe dei um cheiro na cabeça. Era bom demais vê-la de novo. Senti-me em casa, relaxado como nunca. Ela começou a lamber o meu pescoço, mas não a impedi.

– Sentiu a minha falta, papai? – murmurei, caminhando até a cozinha. Sabia que Don gostava mais de lá, afinal, era onde eu colocava a vasilha de comida e água. O safado só sabia comer e dormir o dia inteiro. – Também senti a sua.

Percebi que as duas vasilhas, que jaziam num canto depois de um dos armários, estavam vazias. Peguei uma sacola de ração e despejei o conteúdo, soltando a Lulu para que pudesse comer. Esperava que não tivessem passado fome, apesar de eu ter deixado comida suficiente para os dois.

Atraído pelo barulho da ração atingindo o pote, Don Juan saiu de debaixo da mesa e veio se juntar à Lulu na refeição. Don era basicamente igual à Lulu – na verdade ela era a mãe dele –, mas bem menor e mais travesso.

Sentei-me no chão e os observei comer durante longos minutos. Talvez fosse meu destino acabar rodeado por gatos como uma velhota solteira, mas não ligaria se isso acontecesse. Eu amo animais de um modo geral, e os meus gatos ocupam um espaço no meu coração maior do que muitas pessoas – eles merecem mais do que elas.

Depois de um tempo incalculável brincando e dando carinho aos meus amores – deitado no chão como se fosse uma criança –, meu celular começou a tocar freneticamente. Puxei-o do bolso, e uma mensagem piscava em alerta: cliente! Eu preciso de que meu celular me avise quando tenho clientes marcadas, caso contrário, esqueço de verdade. Por isso tenho um aplicativo que me alerta uma hora antes do encontro, avisando-me também de quem se trata, das exigências, dos valores que foram acertados e do endereço.

Naquele caso em específico, era uma estudante filhinha de papai que tinha me "achado" por meio de outra cliente e grudado em mim feito carrapato. Acho que aquele seria nosso quinto encontro do mês, e eu sinceramente não fazia ideia de como ela arranjava tanto dinheiro, já que eu cobrava mil e duzentos pela hora. Certamente sua família tinha condições e a bancava em tudo, inclusive seu apartamento na Zona Sul. Bom, tanto faz. A garota era gostosa, apesar de ter no máximo dezenove anos. Em casos normais, eu adoraria aquele encontro, mas minha primeira reação ao ver aquela mensagem foi soltar um longo suspiro de decepção.

Estava decepcionado comigo mesmo. Como podia ser tão incansável assim? Tinha

marcado uma cliente sabendo que chegaria de uma viagem longa. Sabia que precisaria de descanso, mas, mesmo assim, havia incluído outra aventura na agenda. Eu estava morto. Era assim que me sentia; derrotado, acabado, arrasado e tantos outros adjetivos que traduzissem minha falta de capacidade de foder uma estudante naquela noite.

No impulso, acabei fazendo uma coisa que só faço em situações raras e de completa urgência: liguei para a cliente e desmarquei o encontro. Ela ficou visivelmente chateada, mas não me importei. Aleguei que estava doente, prometendo que a incluiria na minha agenda com prioridade assim que melhorasse. Nem liguei para o fato de estar mentindo; raciocinando um pouco mais, cheguei à conclusão de que não havia sido uma mentira. Eu estava mesmo doente – acredite, a paixão pode ser bem nociva –, precisava de um tempinho para melhorar.

Estava morrendo de preguiça, mas acabei forçando o meu corpo a se levantar do chão da cozinha. Fui ao meu quarto, retirando a camisa branca que vestia. Lulu e Don me seguiram, mas logo encontraram um esconderijo embaixo da cama e por lá ficaram.

Retirei as minhas roupas e segui na direção do banheiro. Meu corpo pedia um banho relaxante, por isso foi quase impossível ignorar a ampla banheira. Quase nunca a usava, mas achei que aquela ocasião era especial. Liguei a torneira de água quente e fiquei observando o vapor embaçar todos os espelhos. Procurei alguns sabonetes aromáticos que havia comprado há algum tempo numa loja especializada e os encontrei num armário. Despejei-os na banheira; um perfume cítrico delicioso se fez presente.

Depois de conferir a temperatura da água, mergulhei o meu corpo e me deixei relaxar, apoiando a cabeça na beirada. Minha pele agradeceu de imediato. Já me sentia melhor só de estar sozinho, sem compromissos ou regras a serem seguidas. Foi bom demais voltar a mandar em mim.

Aproveitei o momento de paz e tranquilidade para meditar. Gosto de fazer isso quando estou estressado ou com algum problema. Fechei os meus olhos, dispersando todo e qualquer pensamento. Deixei o nada tomar conta da minha mente, concentrando-me apenas em respirar com suavidade. Tudo estava tão quieto que eu podia ouvir o silêncio; ele me envolvia e confortava, dizendo que tudo ia ficar bem. Jamais duvidei do silêncio, tenho fé no que diz. Sorri para o nada, sem me dar o trabalho de me julgar como um tolo.

Foi quando ouvi uma coisa estranha. Era uma voz, uma voz distante chamando o meu nome docemente. Conhecia aquele som, por isso fiquei perturbado demais. A voz da Amande cortou o silêncio, arrancando a minha paz numa velocidade incrível. Sabia que ela não estava ali, era só a minha mente pregando peças.

Suspirei fundo e prendi os lábios, percebendo que meu coração já estava acelerado. A voz se transformou em um rosto com muita facilidade, e num instante tive o vislumbre dos contornos perfeitos da face de Amande; seus olhos escuros me encarando com ar de mistério, sua boca deliciosa beijando o meu corpo, suas caretas e expressões preocupadas, seus sorrisos e lágrimas...

Não parou por aí.

Os pensamentos vieram como uma enxurrada, resumindo o fim de semana inteiro em flashes loucos – os melhores momentos eram repetidos sem cessar como se eu estivesse no meio de um programa de TV esportivo, repassando todas as jogadas. As lembranças só faziam se intensificar. Não posso dizer que fiz esforço para abandoná-las, pois seria uma inverdade. Simplesmente me deixei levar pelas recordações, aceitando que elas fariam parte de mim até

que finalmente pudesse esquecê-las.

Senti os lábios da Amande em mim, e seu cheiro já impregnava meus sentidos, fazendo-me recordar da nossa única noite juntos. O ritmo maravilhoso em que seu corpo quente se contorcia, implorando pelo meu, exigindo o êxtase. Ainda podia sentir seu sabor na minha língua, sua pele dourada entre os meus dedos... Como ela era linda! Não falo apenas de beleza física, é muito mais do que isso. Uma coisa difícil de explicar. Havia me encantado tão facilmente... De uma forma tão sem sentido! Algo como nos filmes, um tipo de paixão à primeira vista que eu nem sabia que existia. Logo eu... Logo comigo... Logo por ela.

"Boa noite, Caleb", mais um sussurro do meu inconsciente – ou consciente, vai saber – fez a minha pele arrepiar. Apenas a lembrança da voz doce da Amande foi capaz de acender em mim um desejo impressionante. Quando menos esperei, senti meu sexo completamente ereto, latejando com vontades explícitas.

Soltei um longo suspiro, tentando manter a calma, buscando o meu autocontrole. O problema era que ele nunca havia funcionado com nada que fosse referente à Amande, portanto as lembranças continuaram, e o maldito desejo só fez aumentar.

Segurei a minha ereção, buscando forças para voltar ao normal. O efeito foi o oposto do que eu esperava, e aquele pequeno toque acabou servindo de estímulo. Ainda podia sentir a Amande em cima de mim, rebolando seu quadril e soltando gemidos de puro prazer. Podia senti-la quentinha e muito molhada, sempre pronta para me receber.

Nem sei dizer o momento em que comecei a fazer aquilo, só sei que, quando dei por mim, estava quase chegando ao clímax pelas minhas próprias mãos. Também não sei dizer quanto tempo fazia que não me masturbava. Não costumava fazê-lo, afinal, nunca tinha encontrado motivos nem necessidade. Meu desejo sempre possuiu um interruptor; ligava-o na hora em que bem entendesse. Entretanto, aquela coisa que eu sentia pela Amande não podia ser controlada. Talvez minha inexperiência no assunto me tirasse do controle, transformando-me em uma marionete com bastante facilidade.

Parei o movimento, obrigando-me a resistir. Precisava ser forte, não ia chegar a lugar algum se me deixasse levar pelas lembranças. Meu sexo reclamou demais da minha decisão; ele não queria pausas. Estava fervendo, esperando por mais e, conhecendo-o bem como o conheço, sabia que não ia me dar paz até que terminasse o serviço.

Sentindo-me vencido e escravo do meu próprio desejo, continuei a imaginar a Amande se contorcendo em cima de mim. Reiniciei o movimento, acelerando o ritmo conforme a minha imaginação. Não demorou muito; o silêncio do banheiro foi quebrado pelos gemidos involuntários que me escaparam da garganta enquanto atingia o êxtase. O líquido quente deixou a minha mão lambuzada, pois havia cuidado para não sujar a água da banheira.

Soltei mais um longo suspiro e, sentindo-me um pouco mais calmo, decidi tomar uma chuveirada e acabar com aquele banho esquisito. Só esperava que aquilo não se repetisse; odiaria me masturbar pensando na Amande outra vez. Não queria viver de ilusões, sabia que jamais a teria novamente.

Era um fato.

Precisava aceitar a ideia e arranjar um jeito de fazer o meu corpo aceitar também.

30º Capítulo
Frustração

O que não tem solução solucionado está, já dizia o ditado – e devo concordar com ele. Estar de mãos atadas não era tão ruim assim, pois podia deixar de me preocupar, curtindo o conforto que só a indiferença pode trazer. Tudo bem que não estava totalmente indiferente, mas foi bom sentar no meu sofá depois de um banho e passar horas jogando videogame. Lulu e Don Juan estavam dormindo no meu colo, ambos fazia bem o papel de companhia. Um pacote de pipoca de micro-ondas jazia na mesa de centro, junto com uma garrafa de *Gatorade*. Eu não precisava de mais nada.

Quando me senti sonolento o bastante – não queria arriscar ficar pensando em besteira enquanto revirava na cama –, fui ao meu quarto e me aconcheguei entre os travesseiros, trazendo meus gatos comigo. Dormi em menos de um minuto, um sono incrivelmente pesado e relaxante. Sem sonhos ou pesadelos.

Acordei com o barulho frenético do meu celular. Pelo toque, sabia que tinha cliente marcada. Eram nove horas da manhã, muito cedo para um encontro sexual, portanto já sabia de quem se tratava: Isabelle. Era uma mulher jovem e muito inteligente. Também tinha bastante dinheiro; era PhD e trabalhava na área científica, ganhando horrores com projetos que envolviam inteligência artificial. Só sei disso porque um dia assisti a uma entrevista no noticiário local, visto que ela é muito discreta e nunca fala sobre nada referente à sua vida pessoal.

Nossos encontros são sempre em dias de segunda pela manhã, acho que é seu horário de folga. Não importa, eu gosto de transar com ela. Meio esquisito, afinal, Isabelle não possui muitos atributos físicos. É magra demais, seu rosto tem traços meio grosseiros e o cabelo assanhado é de uma cor ferrugem esquisita. Entretanto, por ser quietinha e tímida, quase não solta gemidos durante a relação, e isso só me desafia a fazê-la gritar. Quando acontece, sinto um prazer imenso. Acredito que é por causa da sua ausência de beleza que precisa dos meus serviços – se bem que os caras devem se sentir intimidados com a sua inteligência exacerbada.

Levantei-me da cama e abri as cortinas que davam para a pequena varanda. O dia estava bonito. Meu corpo agradecia o descanso prolongado. Tomei um banho e vesti as roupas que Isabelle exigia: calça, sapatos e camisa brancos. Ela tinha um tipo de fetiche por médicos. Eu achava engraçado, ficava me sentindo importante com aqueles trajes.

O café da manhã foi na minha padaria preferida, bem em frente ao meu apartamento. Precisava fazer compras mais tarde, a despensa estava meio vazia. Podia ligar para Júlia e marcar algum jantar, tinha muitas saudades dela. Também precisava conversar com alguém confiável sobre o fim de semana. Ela certamente riria de mim, mas sei que faria eu me sentir melhor.

Estava sentado em uma das mesas da padaria, sendo paquerado descaradamente por três mulheres – uma delas acompanhada pelo namorado –, bebericando uma xícara de café e

mordendo um sanduíche natural delicioso, quando meu celular deu outro alerta. Aquele era diferente. Puxei-o do bolso e vi que tinha um novo e-mail na minha caixa de entrada. Abri-o achando que era *spam*, mas o que li me surpreendeu bastante:

"Bom dia, Caleb.

Aqui está o número da loja de sapatos da qual te falei. Eles estão mesmo vendendo o espaço. Espero que consiga realizar o seu maior desejo.

Amande Martins."

Tive que me controlar para não cuspir o café. Consegui engolir o líquido quente, mas acabou entrando pelo lugar errado. Comecei a tossir feito um louco, pegando um guardanapo para me ajudar. Reli o e-mail, ainda muito surpreso. Meus olhos estavam bem abertos, mas meu cérebro meio que tinha parado de funcionar. Li o e-mail de novo. E de novo. E de novo. Não dava para acreditar naquilo.

Não sei dizer o que mais me deixou surpreso: o fato de ter recebido um e-mail da Amande logo pela manhã, o de que ela se preocupou o bastante comigo para se dar o trabalho de conseguir o telefone da sapataria ou a ideia de montar meu estúdio ao lado da loja dela. Ah, não posso me esquecer do "espero que consiga realizar o seu maior desejo". Se ela soubesse qual era o meu maior desejo naquele momento, talvez não tivesse me mandando aquele e-mail.

Tudo era esquisito e surreal demais, parecia ser possível apenas em um sonho muito bom. Não esperava que Amande chegasse a entrar em contato, apesar de ter pedido o meu cartão de visitas. Pensei que ela iria ignorá-lo, deixar aquela história toda para lá. Estava enganado.

Li a mensagem mais uma vez, sorrindo amplamente. Era bom demais para ser verdade. Amande não somente tinha deixado o telefone, como também o endereço do estabelecimento. Isso significa que eu sabia exatamente onde encontrá-la, e apenas alguns minutos de tráfego me distanciavam dela.

Cliquei em "responder". Pensei em trinta milhões de respostas para dar, mas simplesmente não saía nada. Terminei o desjejum ainda com o celular em mãos. Parecia um idiota; meus dedos tremiam como se o dia não estivesse ensolarado.

Conferi o relógio mais uma vez. Tinha vinte minutos para chegar à casa da cliente. Acabei guardando o meu celular, prometendo que a responderia quando estivesse de volta. Tentei manter a calma e a concentração, mas meu coração insistia em bater acelerado. Estava nervoso, apreensivo, angustiado ao nível máximo.

– Oi. – Ergui a cabeça e dei de cara com uma mulher loira. Estava saindo da padaria, mas pelo visto ela não havia notado a minha pressa.

– Oi – respondi por educação, sorrindo torto. Não estava a fim de flertes, precisava trabalhar.

– Acho que nos conhecemos – continuou, encarando-me como se fosse me comer com os olhos. – Você malha na mesma academia que eu, chega sempre às quatro da tarde.

Franzi o cenho. Ótimo. Outra louca que seguia os meus passos. Não era incomum, metade das mulheres daquele bairro sabia os meus horários mais do que eu mesmo. Várias eram minhas clientes, e o restante não tinha dinheiro ou coragem para me "alugar". A outra metade era composta por mulheres recalcadas que me olhavam torto, mas no fundo queriam ser fodidas tanto quanto as demais.

– Pois é, legal. Bom, estou com pressa. Prazer em conhecê-la – falei rápido, abrindo a porta de vidro da padaria.

– Meu nome é Ana Clara – disse como se eu tivesse perguntado.

– Caleb. Até mais – respondi e, com passos largos, atravessei a rua, voltando ao meu prédio.

Fui direito ao estacionamento. Precisava correr, Isabelle gostava de pontualidade. Quero dizer, nem sabia se ela gostava, mas *eu gosto* de ser pontual. Odeio me atrasar, detesto deixar alguém me esperando. Dei a mim mesmo o direito de ir mais rápido com a Charlotte. Ela corria bem que era uma beleza, mas nunca gostei de exagerar no trânsito. Considero-me um cara prudente.

Parei na frente do condomínio fechado da Isabelle. Identifiquei-me na portaria, meu nome já estava na lista de visitantes, bem como a placa do meu carro. Entrei sem maiores problemas, estacionando na frente da casa de número doze. O local era amplo e arborizado, só o serviço de jardinagem devia custar uma fortuna. As casas enormes mantinham o mesmo padrão rústico; a organização era tanta que aquele lugar parecia pertencer a outro país.

Conferi o relógio mais uma vez. Dez horas em ponto, havia chegado na hora certa. Desci da Charlotte e, enquanto seguia pelo jardim até a porta de madeira da casa de Isabelle, fui me sentindo mal. Uma coisa ruim dominou o meu peito, deixando-me sufocado. Toquei a campainha e suspirei profundamente, buscando tranquilidade. A verdade era única: embora não quisesse aceitar, estava pensando na Amande, perguntando-me se eu seria capaz de tirar seu sabor dos meus lábios beijando outra mulher. Aquilo me perturbava. Era como se eu ganhasse uma camisa autografada do Pelé, certamente não a lavaria com receio de que o autógrafo saísse.

Amande havia me marcado, autografado o meu corpo com o seu, deixando rastros de paixão e um perfume enlouquecedor que se enraizara na minha pele, oferecendo a sensação contínua de que ela ainda estava por perto.

– Oi, Caleb!

Acordei do transe. Isabelle me olhava de cima a baixo, trajando um vestidinho florido bem simples. Seu cabelo não estava tão assanhado devido a uma trança lateral que chegava até a altura de seus seios pequeninos. Estava sorridente e parecia animada, apesar de estar corada de vergonha. Bom, ela sempre corava quando nossos olhos se cruzavam. Eu gostava disso.

No impulso, entrei em sua casa e lhe puxei a trança, agarrando-a. Sabia que Isabelle não gostava de nenhuma agressividade, era uma romântica assumida, mas não pestanejou quando beijei sua boca com vontade forçada. Ela se desvencilhou depois de longos minutos, totalmente sem fôlego.

– Uau! O que deu em você hoje? – perguntou sorrindo, fechando a porta atrás de si.

– Não faço ideia – menti. Sabia bem o que tinha me dado; eu estava apenas lavando a camisa autografada pelo Pelé. Sem dó nem piedade, sem culpa ou ressentimentos.

Puxei Isabelle novamente, só que, desta vez, o beijo ganhou ainda mais intensidade. Sua boca era pequena, os lábios fininhos me fizeram estranhar bastante, mas não ousei parar. A cada investida o meu coração doía, martelava até me causar dor física. Ignorei. Simplesmente ignorei.

Empurrei a cliente para o sofá mais próximo; a sala era toda composta de móveis rústicos e muito luxuosos. Havia quadros espetaculares majestosamente pendurados nas

paredes. Era um ambiente admirável, mas eu estava concentrado no meu trabalho. Só queria acabar logo com aquilo.

Isabelle arqueou as costas e abriu as pernas ao redor da minha cintura, deixando o vestido deslizar e fazendo sua calcinha ficar à mostra. Continuei a beijando, enquanto descia meus dedos e alisava o tecido fino de renda. Meus lábios formaram uma trilha de beijos até o seu pescoço. Inspirei profundamente, sentindo um cheiro bom, mas totalmente distinto daquele que eu queria sentir.

Isso me fez parar. Simplesmente parei. Travei mesmo, de verdade.

Ergui o meu corpo e me sentei no sofá, enquanto ouvia Isabelle buscar o fôlego que eu havia lhe roubado. Encarei-a seriamente, engolindo em seco. Ela me devolveu o olhar, corando como sempre.

– Você está bem? – murmurou.

– Estou – respondi, mantendo uma firmeza que não possuía.

Isabelle se levantou e sentou em cima de mim de frente. Começou a me oferecer beijos cautelosos, que passavam pela minha bochecha, boca, olhos, nariz... Enfim, eu podia achar gostoso se não estivesse me sentindo tão desesperado. Tão perdido e infeliz.

Não consegui conter um longo suspiro.

– Caleb... Você não está bem. – Isabelle se afastou muito depressa, sentando-se ao lado. – Aconteceu alguma coisa? Posso te ajudar, é sério.

– Não se preocupe, eu... Só estou... – Balancei a cabeça, tentando arranjar alguma boa desculpa. Não me passou nada pela cabeça além do rosto da Amande me encarando com ar de desprezo.

Isabelle se aproximou, olhando-me de perto.

– Acho melhor desmarcarmos, Caleb.

– Não! – falei rápido demais. – Não, é sério. Não precisa.

– Olha, posso não saber nada sobre a sua vida, mas te conheço o bastante para saber que não está normal. Aconteceu alguma coisa, e acho melhor você resolver.

Continuei balançando a cabeça, sem acreditar que aquilo estava acontecendo. Frustração era pouco para me definir; naquele momento, eu era um pedaço diminuto de decepção e raiva. Ódio de mim mesmo por ser tão estúpido.

– Tudo bem – falei, sentindo-me vencido. – Tudo bem, mas nos vemos na próxima segunda, ok?

– Com certeza. – Isabelle riu de leve. Não parecia decepcionada. Sua preocupação era sincera, e isso me comoveu um pouco.

Dei-lhe um selinho casto e me levantei, caminhando até a sua porta. Ela me acompanhou. Antes de ir, abraçou-me fortemente.

– Fica bem, Caleb. Qualquer problema, conte comigo. Farei o possível para ajudá-lo.

– Obrigado, Isabelle. Não se preocupe, vou resolver os meus problemas depressa. – Era o que eu esperava, embora a solução estivesse cada vez mais distante.

Entrei na Charlotte e dei partida. Sinceramente, nem sei direito como cheguei à minha casa. Só me lembro de ter ligado o som no último volume, tentando espantar os fantasmas que me assombravam. Bom, não eram tantos assim. Era só um. Um fantasma com lábios carnudos e olhos hipnotizantes. Tinha nome e – agora eu sabia – sobrenome: Amande Martins.

31º Capítulo
A ligação

– Lebinho? – A voz da Júlia ao telefone me deu conforto imediato. Ouvi-la de novo foi tão bom que, pela primeira vez, achei que as coisas podiam ficar bem.

– Ju? Está podendo falar?

– Claro, senão nem teria atendido. Só tenho sessão daqui a uma hora. – Minha irmã Júlia era modelo, e das melhores, seguia uma carreira bem sucedida. A agência para qual trabalhava era renomada. Vez ou outra via o lindo rosto da minha maninha estampado em revistas e outdoors. – Você está bem, Leb? Parece tristinho. Nunca mais me ligou, não é? Ando tão ocupada que nem tive tempo de raciocinar! Devia ter ligado, alguma coisa dentro de mim sabia que estava com problemas. Affe, devia ter ligado mesmo e...

– Não estou muito bem, preciso de você – confessei, interrompendo-a. Sabia que, se deixasse, Júlia falaria sozinha para sempre. É uma verdadeira tagarela.

– O que houve? – Sua voz ganhou um timbre pesaroso. – O que aconteceu, algo muito grave? Não me esconda nada!

– Não é muito grave, mas... preciso conversar contigo, caso contrário acho que vou enlouquecer. – Deitei no meu sofá, suspirando profundamente. Desde que tinha chegado à minha casa, não havia parado de soltar longos suspiros de decepção.

– Leb... O que aconteceu? Estou preocupada, você nunca me liga. Muito menos para falar algo assim.

– É que... É... Uma mulher, sabe?

– Problemas com alguma cliente?

– É... Mais ou menos. É que... Ah, Ju, preciso te ver. É sério, vem jantar aqui hoje. Preparo aquele creme de frango de que você gosta. – Conferi o relógio, era quase meio-dia. Dava tempo de fazer compras e organizar o jantar.

– Sim, claro... – Júlia concordou alegremente, mas sua alegria durou o instante de mais um suspiro meu. – Aaah! Não vai dar, tenho ensaio até tarde hoje, quase me esqueci! Mas estou livre amanhã, que tal?

– Certo, amanhã está ótimo – falei, mas não confiei nas minhas próprias palavras. Não sabia se sobreviveria intacto até o dia seguinte, visto que eu estava quase tendo um colapso nervoso. Nada conseguia me distrair, e o fato de ter deixado uma cliente na mão me irritava demais. Porém, sabia que ia ficar pior se tivesse transado com a Isabelle. Acho que não me perdoaria, por mais absurdo que isso possa parecer.

– Até lá, Lebinho. Ei, fique bem, ok? Te amo, lindo!

– Também te amo, Ju – respondi e, com os olhos marejados, desliguei o celular.

O silêncio do meu apartamento retornou com força total. Não podia ficar ali mancomunando com as minhas ideias bizarras. Nem queria reler o e-mail da Amande pela milésima vez, só para não descobrir a minha incapacidade de responder com as palavras certas.

Amande ia se casar no sábado. Diga-me, para quê entrar em contato com ela? Para quê providenciar o meu estúdio ao lado de sua loja? Não podia vê-la todos os dias. Eu sou um cara apaixonado – tenho que aceitar minha atual condição –, ficaria a observando com desejo até que ele resolvesse ir embora. E se não fosse? E nos dias em que o marido otário fosse pegá-la no trabalho e lhe desse um beijo apaixonado? Eu assistiria a tudo aquilo com que cara? Não queria me magoar, não tenho sangue de barata para suportar isso.

Eu podia procurá-la e tentar convencê-la de que aquele casamento era um erro. Mas, sinceramente, era mesmo um erro? Talvez ela só quisesse segurança. Um cara tranquilo e correto, justo e estável. Quem sou eu para falar dele? Sou apenas um garoto de programa. Sofro preconceitos e olhares tortos todos os dias, pois nunca pretendi me esconder. Nem se eu quisesse, as mulheres fazem questão de "me espalhar" por aí. A vizinhança sabe o que faço, mas me respeitam pelo meu bom comportamento. Sou discreto e nunca arranjei problema, embora saiba que muita gente implica comigo de graça. A vizinha de cima, por exemplo, é uma velha chata que acha que todos os problemas do mundo são culpa minha, apesar de nunca termos trocado meias palavras. Ela espalha coisas de mim por aí, o clima fica chato, mas nunca me altero. A fofoca morre e pronto.

Não é fácil conviver comigo, não é fácil ser eu. Minha beleza não é sorte, é uma maldição. Não sou o cara ideal para ninguém, muito menos para uma mulher como a Amande. Não a mereço, isso é um fato. Então para quê procurá-la, para quê tentar lutar por ela se, no fim, eu só estaria lhe fazendo mal? Isso tudo, claro, contando com a hipótese de que tenha realmente gostado de mim, o que eu duvido. Desejo é diferente de paixão. Talvez ela seja apenas mais uma mulher que me acha atraente. Talvez eu tenha significado alguma coisa, mas talvez eu não tenha significado nada.

Talvez... Talvez... As incertezas me matavam.

Liguei para todas as clientes que estavam marcadas. Havia uma à noite, mais duas no dia seguinte. Não queria fazer programa até conversar com a Júlia. Usaria aquele tempo para me recuperar do fim de semana. Com muita sorte, voltaria a ser o que sempre fui. Se bem que... Bom, nem sei direito se eu gosto do cara que fui. Só sei que detesto quem sou agora.

Ótimo. Crise de identidade aos trinte e um anos. Mais uma vez, agindo como um adolescente. Ainda me lembro dos tempos em que tudo era estranho; não conhecia a mim mesmo. Era esquisito, mas eu podia contar com a presença da minha mãe. Ela me dava tanto carinho, diferentemente do meu pai. Mamãe era sempre um doce, parecia um anjo. Infelizmente a vida havia me separado dela. Meu pai não permite que nos encontremos e, obediente, mamãe aceita com a cabeça baixa. Não a via há muitos anos. Ela ligava, perguntava se eu estava bem e desligava o telefone. Nada além disso.

Foi no impulso que digitei aquele número. Ainda era o mesmo da minha infância e adolescência. Muita coisa mudou, mas o maldito número se deu o direito de permanecer intacto como se o tempo fosse irrelevante.

Esperei apenas dois toques, até que ouvi a voz dela:

– Alô?

Meu coração deu um sobressalto, e lágrimas se formaram nos meus olhos. Mamãe tinha a voz mais cansada do que antes. Sempre foi dona de casa, obedecia ao meu pai como se ele fosse um rei, mas eu a perdoo. Como não perdoar alguém que o ama incondicionalmente? Alguém que enxugava as suas lágrimas e lhe dava um beijo antes de dormir? Alguém que

contava histórias, que sempre sabia quando surgia uma namoradinha nova? Como odiar a minha própria mãe por seguir as ordens do meu pai? Sentia-me abandonado, mas a escolha havia sido minha. Não podia responsabilizá-la por fazer algo que sua criação extremamente machista havia lhe ensinado.

– Mãe – murmurei. Minha voz saiu vacilante.

– Leb?

– Sim.

– Meu filho... – Sua voz se animou consideravelmente. – Você está bem? Aconteceu alguma coisa?

Aquilo era estranho demais. Nunca liguei para casa em toda a minha vida desde que saí de lá. Quando eu trocava de telefone, a própria Júlia era quem ligava avisando o meu novo número.

– Estou bem. – Uma lágrima acabou escorrendo. Limpei-a com as mãos, mas não adiantou muito. Outras surgiram depressa.

– Você nunca liga, meu filho. Tem certeza de que está bem? Precisa de alguma coisa?

– Só... Só precisava te ouvir, mãe – solucei, começando a chorar de verdade.

Deprimente. Emocional demais para o meu gosto.

– Oh, Lebinho... Sinto tantas saudades...

– Preciso desligar. Fica bem, mãe.

– Tu... Tudo bem. Filho, se cuida. Mamãe te ama, *tá*?

– *Tá* – murmurei e desliguei o telefone.

Enxuguei as lágrimas e peguei as chaves do carro. Ficar em casa era um verdadeiro perigo.

32º Capítulo
À espera de um milagre

Fui ao supermercado e, sem que percebesse, acabei levando mais coisas do que o necessário. Também analisei cada produto com interesse – isso inclui a data de validade e demais frescuras que ninguém tem paciência de verificar –, só para não ter que voltar para casa rápido. Ignorei os olhares maliciosos de algumas mulheres na minha direção. Teve uma que tentou puxar papo usando um pacote de macarrão como desculpa. Confesso que fui meio indelicado, nem dei bola.

Tentava deixar meus pensamentos trancafiados em algum lugar seguro, mas foi quase impossível quando uma prateleira de leite condensado se materializou bem na minha frente. Passei longos minutos a observando – os lábios presos, os punhos cerrados –, acho que as pessoas acharam que eu era um louco. Não deu para não recordar a textura dos lábios da Amande enquanto sugava a minha pele. A sensação era muito real.

O momento foi doloroso, e pensei que não conseguiria dar um basta naquilo. Criando forças não sei de onde, acabei levando duas caixinhas de leite *Moça*. Não pense nem por um segundo que eu as comprei porque queria me empanturrar de doce, sentado no sofá, assistindo a novelas e com lágrimas nos olhos – isso não faz o meu estilo, apesar de estar estranhamente sensível. Só queria fazer alguma sobremesa para Júlia no dia seguinte.

Assim que cheguei à minha casa, fui logo me arrumando para ir à academia, localizada no fim da rua. Comi algumas frutas que havia comprado – não estava com muita fome –, e em menos de meia hora já circulava entre algumas máquinas. Subi na esteira como sempre faço; preciso de muita agilidade para realizar o meu trabalho, portanto eu corro, no mínimo, meia hora por dia. Apesar de me sentir cansado, acabei fechando uma hora. Só então comecei a levantar ferro para lá e para cá, novamente ignorando os olhares femininos.

Estava saindo da academia depois de – pasme – três horas de exercício intensivo, quando a mesma mulher loira da padaria apareceu do nada.

– Oi, Caleb – falou, tocando no meu braço de propósito. – Já está saindo?

– Já.

– Chegou mais cedo desta vez.

– Foi.

Ela balançou a cabeça, um pouco envergonhada. Percebi que era bem bonitinha, apesar de parecer um pouco artificial com aquele cabelo platinado e um quilo de maquiagem no rosto. Aliás, não entendo para quê algumas mulheres põem maquiagem para malhar. Não faz sentido.

– Lembra-se de mim? – ela perguntou, constrangida.

– A garota da padaria – murmurei, louco para sair dali. – É... Ana.

– Isso! – Sorriu de orelha a orelha, achando o máximo o fato de eu lembrar seu nome. Não sabia ela que eu era acostumado a decorar nomes femininos, meu trabalho exigia isso. Mesmo assim, achei aquilo hilário, não conseguindo conter um riso. Era engraçado o modo como as mulheres se portavam diante de mim.

– A gente se vê por aí, Ana – falei, aproximando-me um pouco. Encarei seus olhos e me demorei de propósito. O efeito foi instantâneo: ela entreabriu os lábios e ficou com as bochechas vermelhas.

Sorri torto, gargalhando por dentro. Ana permaneceu plantada na entrada da academia enquanto eu me desviava e ia embora o mais depressa possível. Meu bom humor repentino acabou se esvaindo quando me vi sozinho no apartamento. Entretanto, estava disposto a não deixar meu cérebro ser invadido por reflexões indevidas. Preparei um jantar rápido, composto por arroz integral, fatias de carne grelhada e salada. Abri uma das garrafas de vinho que havia comprado.

Foi o meu maior erro.

Lembro-me de ter sentado no sofá e assistido a alguns documentários na TV, mas o resto da memória simplesmente se apagou. Já era dia quando acordei; estava deitado de qualquer jeito no sofá, e duas garrafas de vinho jaziam vazias em cima da mesa de centro, ao lado de uma taça também vazia.

Minha cabeça latejava, o mundo parecia estar girando mais rápido do que o normal. A TV ainda estava ligada, embora o volume estivesse bem baixinho. Demorei um pouco para levantar, arrependendo-me de quando resolvi fazê-lo. Minha cabeça quase explodiu durante o processo – ressaca de vinho é a pior de todas. Tomei uma bateria de remédios e me deitei na cama, achando que não dormiria mais. Estava enganado; apaguei em menos de cinco minutos.

Não sei que tipo de vida era aquela que eu estava levando. Nada fazia sentido; as coisas tinham perdido o valor, e outras mudaram de prioridade. Fazia anos que eu não descontava minha infelicidade na bebida. Havia parado de fazer aquilo quando percebi que estava perdendo o controle. Júlia me ajudou muito, alertando-me de que estava bebendo demais. Não que tivesse sido alcoólatra – não tive problema algum para dar um basta –, mas ela estava certa; houve um período na minha história em que chegava a beber todos os dias.

Mais uma vez, tentei não pensar muito quando acordei. Eram duas horas da tarde, mais da metade do dia tinha passado sem que eu percebesse. Havia duas ligações da Júlia no meu celular e outros números desconhecidos que provavelmente eram de clientes. Resolvi retornar a ligação da minha irmã – que era a única que me interessava –, e ela confirmou que poderia vir jantar comigo, chegaria perto das oito horas da noite.

Coloquei comida para os meus gatos e limpei a caixa de areia, que ficava na varanda, perto da sala. Mantive-me ocupado durante todo o tempo, enquanto preparava o jantar com muita dedicação. Resolvi não ir à academia, estava dolorido e a ressaca não tinha passado totalmente. Bebi uns vinte copos de água com gelo, mas minha garganta continuava seca como se eu estivesse no meio do Saara.

O jantar ficou pronto às seis horas, muito cedo para o meu gosto. Não podia parar, portanto comecei a fazer uma faxina. Varri o chão, limpei os móveis – cheguei até a trocar alguns de lugar – e fui organizando a casa como podia. Deixei a mesa pronta para receber a minha irmã, com direito a louça nova, talheres de prata, taças de cristal e velas aromáticas.

Na sala havia uma parede completamente coberta por fotos minhas amplificadas, do chão ao teto. Na verdade era um tipo especial de papel de parede. Eu o tinha visto na casa de uma cliente e acabei perguntando como havia feito. Descobri que ela mesma trabalhava com aquilo; confeccionava tudo, da arte até o próprio material. Para minha surpresa, uma semana depois ela já me mostrava o projeto, que concretizou sem custo algum. Pensei em não aceitar,

afinal, cobrava muito bem pelo sexo que fazíamos, mas ela se manteve irredutível.

Sempre gostei daquela parede, mostrava fotos de diversas etapas da minha vida, desde a adolescência até o ano passado, que foi quando a cliente a confeccionou. No entanto, confesso que fiquei extremamente irritado quando a observei durante longos minutos. A insatisfação que sentia por mim mesmo estava atingindo um limite elevado demais. Pela primeira vez na minha vida, senti vergonha do que era.

Tantas coisas vividas, tantas experiências... As escolhas que fiz, os caminhos que tomei. Nada daquilo havia sido suficiente. Eu continuava sendo um cara fracassado. Por mais dinheiro que tivesse, ele não comprava a dignidade da qual eu precisava naquele momento.

Os olhos da Amande invadiram a minha mente quase de imediato. Como eu queria ser digno para ela... Como queria que as coisas fossem diferentes! Meu maior desejo era procurá-la, mas aquilo não fazia sentido dentro de mim. O que ia dizer? O que ia propor? Que ficasse comigo? Que largasse o casamento? Era loucura... Apesar de estar completamente apaixonado, ainda tinha o mínimo de noção. Ninguém largaria um casamento iminente para ficar com um garoto de programa, muito menos a Amande, uma mulher consciente e extremamente correta.

Aquela luta já estava perdida, cabia a mim aceitar a derrota. Ou... esperar por um milagre. Se fosse contar com a minha sorte, era melhor que esperasse sentado. Amande seria uma mulher casada no sábado, viveria feliz, teria filhos... E eu nada poderia querer mais do que sua felicidade. Só que... Se ela não for feliz com aquele idiota? Se estivesse pensando em nós, agora? Se o fim de semana tivesse lhe significado tanto quanto significou para mim? Se seu maior desejo fosse que eu a procurasse? Se. Se. Se. Meu mundo estava reduzido a uma maldita interrogação.

Estava terminando de me trocar quando ouvi a campainha. Eram oito e dezessete da noite, e o clima estava bem agradável. Tinha aberto a porta da varanda até o fim, por isso uma brisa fresca percorria o apartamento, espalhando o cheiro delicioso das velas.

Abri a porta com animação, vislumbrando minha amada irmã. Ela sorriu quando me viu, mas depois fez uma careta e passou longos segundos me observando como se eu fosse um maluco.

– Desembucha, Caleb! Quem é *essazinha* que está fazendo você ficar com a barba desse tamanho? – ela praticamente gritou, atirando-se em cima de mim. Deu-me um abraço gigantesco, tão apertado que tirou o meu fôlego. Depois, ela se afastou um pouquinho e olhou nos meus olhos. Azul com azul. Encostou seus lábios nos meus num selinho rápido. – Estava com tanta saudade, Lebinho!

– Eu também, Ju – tomei coragem para dizer, sentindo meu coração amolecendo. Amava demais aquela garota, era a única pessoa do planeta capaz de me compreender.

Júlia sorriu amplamente. Estava linda como de costume, trajando um vestidinho florido e sandálias rasteiras. Bem à vontade, assim como eu, que tinha escolhido um visual "estou na minha casa", composto por bermuda cinza, camiseta regata preta e chinelos.

– Que cheiro bom! Caprichou, não foi? Você sempre capricha! Estou com uma fome tão grande! Aquele estúdio não tem nada para comer além de mato e iogurte. – Sorri, achando graça por Júlia nunca ter feito uma dieta na vida inteira. Era magra de ruim, como costumava dizer.

Puxei-a para dentro do apartamento, abraçando-a lateralmente. Fiz ela se sentar à mesa

de jantar.

– O que vai ser hoje? – perguntei.

– Vinho? – disse, e eu fiz uma careta.

– Não brinca, ontem tomei duas garrafas sozinho. Apaguei no sofá.

Ela balançou a cabeça, repreendendo-me.

– Não vai começar de novo, por favor. Conte-me logo o que está havendo. E porque raios está com a barba tão grande?

Toquei no meu próprio rosto, percebendo que Júlia estava com a razão. Tinha me esquecido completamente de fazer a barba, e o pior é que sequer havia notado.

– Acho que as mulheres gostam de homens barbados. Pelo menos isso não me atrapalhou em nada – brinquei.

Júlia gargalhou.

– Isso é porque você fica lindo de todo jeito. Mas para de me enrolar, Leb, conta logo!

– Primeiro vou trazer o jantar. Gostou? – Apontei para a mesa divinamente posta.

– Você arrasou! Está perfeita. Fico orgulhosa de ter sido o motivo para tanta dedicação.

– Você merece, mana. – Sorri torto.

Júlia se levantou da cadeira e me deu outro abraço, desta vez, bem mais demorado.

– É melhor eu ir pegar o jantar, vamos acabar chorando no meio da sala. A cena vai ser bem deprimente, digna de novela mexicana – comentei, gargalhando. Era tão bom estar com a minha irmã!

– Você está diferente. Traga logo, não aguento mais esperar, quero saber de tudo.

Afastamo-nos e, antes de entrar na cozinha, virei-me na direção da Ju.

– Cerveja? – perguntei.

– Manda ver!

Começamos a comer em silêncio. Júlia nem respirava direito, devorava a comida com empolgação, mal mastigando antes de engolir. Admito, o creme de frango que fiz estava uma delícia. Preparei também bolinhos de arroz – os favoritos da Ju – e salada de abóbora, completando com batata palha. O vinho cairia melhor com o jantar, mas a cerveja gelada não estava nada mal.

– E então? – perguntei quando minha irmãzinha comilona terminava o segundo prato.

– Já pode casar! – respondeu, como de praxe. Ela sempre dizia aquilo, mas daquela vez suas palavras me tocaram de um modo diferente. Senti-me desconcertado, e Júlia notou a mudança. – Caleb... Pelo amor de Deus, você está me preocupando. Nunca te vi tão introspectivo.

– Bom... – comecei, percebendo que não fazia ideia de como dizer aquilo. Resolvi ser o mais sucinto possível. – Estou apaixonado.

Ju largou os talheres ao lado do prato. Encarou-me durante longos segundos, o rosto tomado por uma expressão estupefata digna de uma fotografia. Logo em seguida, sua admiração se transformou em um largo sorriso.

– Mentira! Não acredito! Quem é a dita-cuja? Uma cliente? Você se apaixonou por uma cliente? Depois de tantos anos, Lebinho... Ah, meu Deus, sabia que isso ia acontecer! Estava torcendo, pedi aos céus para isso acontecer! Finalmente! Finalmenteeee! Ai, eu preciso conhecê-la! Urgentíssimo! – Ju começou a soltar um monte de coisa ininteligível. Meu cérebro não conseguiu assimilar tudo, ela parecia uma doida.

Franzi o cenho, observando-a com um olhar sério.

– Não se anime tanto assim – murmurei.

Ela parou de ditar o seu longo discurso muito bruscamente.

– Como não? Claro que me animo! Você demorou dez anos para se apaixonar, Leb. Temos que comemorar isso!

– Ela vai se casar, Júlia.

Aquela frase teve efeito sobre a minha irmã. Ela finalmente deixou seu lindo sorriso morrer. Encarou-me com um ar sério de partir o coração.

– Oh... Não. Sério?

– No sábado. Lembra-se de quando te falei sobre o empreendimento especial para despedidas de solteira?

– Le... Lembro.

– Começou neste fim de semana. Foi lá que a conheci e... ela é a noiva. Vai se casar no sábado. Eu me apaixonei pela Amande com uma facilidade tão grande!

– Amande?

– É o nome dela. Nunca vi mulher igual, Ju. Foi instantâneo, uma coisa louca, meio que à primeira vista. Estou ferrado, simplesmente... Ontem não consegui fazer um programa, estava pensando nela. Amande não sai da minha cabeça, por mais que eu tente.

Júlia respirou profundamente, tomando um longo gole de cerveja.

– Olha, eu... diria para esquecê-la, mas só se você não fosse você.

– Como assim? – perguntei, confuso.

– Caleb, eu te conheço. Se fosse qualquer outro cara, diria que isso aí era uma paixão idiota que ia passar muito depressa. Mas a situação não é normal, isso não é paixão.

– Como sabe disso?

– Você nunca larga um programa, nunquinha. Principalmente por causa de outra mulher, isso jamais ocorreu. E essa barba enorme? Isso não me passa pela garganta, você se esqueceu de si mesmo. O cara mais vaidoso que conheço não se olhou no espelho. Está visivelmente mudado e... chegou a ligar para a mamãe!

– Ela te contou?

Droga. Mamãe e sua boca enorme. Claro, tinha que sair correndo para contar a Júlia!

– Claro, Caleb. Ela ficou preocupada, disse que sua voz estava meio chorosa ao telefone. – Balancei a cabeça, envergonhado. – Essa mulher fez alguma coisa contigo. Preciso saber de tudo o que aconteceu, tim-tim por tim-tim.

– É uma longa história... – murmurei, ainda desconcertado. Minha situação era mais deprimente do que eu imaginava.

– Só saio daqui quando me contar – Ju foi taxativa.

Suspirei fundo, dando um gole na minha cerveja. Comecei a narrar todo o fim de semana. Cada momento que passei com a Amande foi detalhado – claro, exceto as partes picantes –, todos os diálogos, as minhas expectativas, minhas confusões e o instante em que percebi que estava apaixonado. Falei sobre a nossa despedida e a maneira como ela chorava. Contei também sobre o e-mail que me passou no dia anterior. Desabafei o fracasso do meu programa com a Isabelle e o fato de não conseguir ficar em casa sozinho desde então.

– E é isso. Não consigo parar de pensar nela e nesse tal casamento. Não sei se ela vai ser feliz com o otário que não sabe lhe dar prazer. Minhas mãos estão atadas, nada posso fazer

além de esquecer – concluí, olhando para baixo. Estava me sentindo envergonhado por ter caído naquela situação.

Júlia me observou durante muito tempo. Parecia ponderar todos os fatos antes de, enfim, dizer alguma coisa. Eu já me sentia melhor só por ter desabafado. Dividir o problema com ela de certa forma aliviou o meu fardo. Pelo menos não estava mais me sentindo sozinho.

– Caleb... Escute o que vou te dizer. Parece loucura, mas você tem que procurá-la.

– Pra quê, Júlia? Não quero me machucar. O casamento é no sábado, hoje é terça-feira! Não estava brincando quando falei que a Amande é extremamente correta. Ela jamais sairia dos planos, acha que largaria o casamento para ficar comigo? Eu não passo de um garoto de programa! Além do mais, mal sei o que estou sentindo!

– Você se subestima tanto, Lebinho. Está tão acostumado a se vender que acha que tudo na vida pode ser calculado.

– Do que está falando?

– Argh... Resumindo, ouça a si mesmo. Foi você quem disse a ela para fazer o que sentia e queria. Pense um pouco, o que você quer, Caleb? Quer lutar por ela ou deixá-la ir, fingindo que nada aconteceu? Esse é o seu "maior desejo"? – ela perguntou, gesticulando duas aspas.

– Não posso arriscar a felicidade dela, Júlia. Mesmo se Amande sentir algo por mim, não seria feliz comigo. Não estou à sua altura.

– Claro que está, Caleb. Continua sem ouvir a si mesmo. Importa-se com ela a ponto de ficar se reduzindo à toa e ainda a coloca em primeiro lugar. Uma mulher só precisa disso, de um homem que se importe, que deseje seu bem acima de tudo. Você é o cara certo. Se esse tal noivo fosse o ideal, faria pelo menos ela ter um orgasmo, não acha?

– Não é questão de sexo – falei.

– Não, mas diz muita coisa sobre esse casamento. É óbvio que não vai dar certo. Se ela o amasse, em primeiro lugar, nem teria dormido contigo. E as coisas que falou, então... E o e-mail? Leb, você queria tanto uma loja no Centro! Vai refazer a sua vida... Vai atrás dela. Não deixe que se case!

Apoiei minha cabeça nas mãos, passando os dedos pelo cabelo.

– Não quero machucar ninguém. Tenho medo de decepcioná-la – admiti. – É complicado, Júlia.

– Você está pensando demais. Apenas faça o que sente e quer. Escute seus próprios conselhos e, acima de tudo, acredite em si. Poxa, Leb, você tem valores. Tem qualidades que nem imagina que possui. Pare de sentir pena de si mesmo, isso não combina contigo. Em todos esses anos, nunca te vi deixando de ir atrás do que queria. Por que vai fazer isso agora? Logo agora que as coisas podem mudar de vez?

Pensei um pouco no que Júlia disse. Permanecemos em silêncio durante alguns minutos, até que ela soltou:

– Amanhã quero você de barba feita, bem vestido, gatíssimo... Pronto para procurá-la. Ah, e também para fechar negócio com a loja de sapatos.

– Ju, eu...

– Sem pensar, Leb. É sério, vá sem pensar em nada. Apenas faça. Promete?

Fiquei em silêncio, sentindo meu estômago revirar. Um frio repentino tomou conta do meu corpo; era o medo me dando boas-vindas.

– Não posso... – falei, soltando mais um suspiro.

– Quer perdê-la para o otário?

– Não.

– Apenas vá. Você tem três dias para provar que é o cara para ela. Sei que consegue, pois não vai precisar fingir. É só ser você. Promete? – Júlia tornou a perguntar.

– Isso é loucura...

– E daí? Tudo é louco mesmo; você, ela, eu... Não se arrependa do que não fez. Desistir antes de tentar é o pior de todos os fracassos.

– Você tem razão – murmurei, encontrando sentido no que Ju queria me dizer. Eu estava sendo um estúpido naquele tempo todo, colocando-me para baixo e pensando demais. Quero dizer, pensei em tudo, menos na minha própria felicidade. Dei a guerra como perdida e estava assistindo o noivo da Amande ganhar por *W.O.*.

Júlia sorriu para mim, e acho que nunca me senti tão grato em toda a minha vida.

– Promete? – sussurrou.

– Prometo. – Ergui o meu copo, e fizemos um pequeno brinde. Um brinde à esperança.

33º Capítulo
Reencontro

Eram dez horas da manhã e lá estava eu, provando que a lógica poderia ser tão ilógica quanto um papo entre bêbados. O reflexo da vitrine da sapataria mostrava um cara de barba feita, trajando roupas de marca e com o cabelo bem penteado. Nada mal.

Podia ver a loja de cosméticos da Amande bem ao lado, mas a ignorei. Bom, não muito, tentei ver se ela estava por lá, mas só consegui receber olhares femininos curiosos. Estava disposto a fechar negócio com o dono da saparia antes de procurar pela Amande – eu sempre fazia o mais fácil primeiro.

Respirei fundo e entrei no estabelecimento. Uma funcionária cheia de sorrisos maliciosos veio me atender, mas fui extremamente sério. Ela logo me levou para uma sala – similar a um escritório – que ficava depois de um amplo corredor; abriu uma porta larga e me apresentou ao Sr. Jefferson, o dono da sapataria.

Conversamos durante muito tempo. Sr. Jefferson era um senhor que aparentava uns sessenta e poucos anos. Era dono daquela sapataria há mais de vinte, entretanto estava prestes a se mudar para uma cidadezinha do interior, pois sua família inteira havia conseguido boas oportunidades por lá. A ideia dele era vender o espaço e abrir uma sapataria menor e menos trabalhosa nesta outra cidade. O preço que pedia era um pouco salgado, mas, segundo ele, estava quase fechado para uma mulher que queria abrir um restaurante.

Admito que pensei em desistir de tudo, mas a voz da Júlia não parava de ecoar na minha mente. Algo me dizia que devia tentar até o fim, portanto fiz uma oferta praticamente irrecusável depois que conheci cada pedacinho do local, constatando que atendia às minhas necessidades. Sr. Jefferson ficou meio assustado, mas sua animação só fez aumentar quando expliquei que pagaria à vista. Não deu outra; ele aceitou a oferta sem pestanejar.

Logo, discutimos alguns pontos da papelada que teríamos que providenciar. Eu tinha um bom advogado, o Sr. Phillips – sim, já tive problemas com clientes –, e sabia que não ia ter complicações com as escrituras e algumas contas de IPTU que estavam pendentes. Depois de duas horas conversando com aquele senhor simpático, marcamos de nos reunir na próxima segunda.

Assim que saí da sapataria, senti que meu mundo havia ganhado cores diferentes. O cinzento estava dando lugar a um arco-íris, ainda meio pálido, mas mesmo assim era uma corzinha reconfortante. Sorri torto, feliz demais com a ideia de que em breve teria o meu tão sonhado estúdio. Sabia perfeitamente que a minha felicidade só poderia ser aumentada na loja ao lado. Foi para lá que me encaminhei, tentando controlar as batidas frenéticas do meu coração.

A loja dela era incrível, fiquei muito surpreendido. A vitrine com fotos enormes de modelos usando os produtos era magnífica. Assim que entrei, um ambiente branco e lilás tomou forma; era um espaço amplo, lotado de clientes, mas ao mesmo tempo sofisticado. Havia esculturas entre as prateleiras, e os móveis eram modernos, limpos e elegantes. Um cheirinho delicioso pairava no ar, e tinha certeza de que isso não era porque eu tinha parado

na seção de perfumes.

Uma funcionária veio me atender; reconhecia-a imediatamente. Era a Lara, a amiga gordinha da Amande. Estava com um uniforme elegante todo trabalhado em bordados na cor lilás, combinando com o restante da loja. Não sabia que ela trabalhava ali, mas gostei de ver um rosto conhecido.

– Oi, Lara.

– Caleb? – Ela pareceu muito assustada. Sua pele branca conseguiu ficar ainda mais pálida. – O... O que está fazendo a... Digo, posso ajudá-lo em alguma coisa?

– Sim, eu... queria muito falar com a Amande. Ela está? – perguntei, tentando ser firme e despreocupado.

– Não, não... – Lara balançou a cabeça. Seu rosto corou, e então percebi que estava mentindo. Antes que eu pudesse responder, ela mesma se corrigiu: – Quero dizer... Sim, ela está.

– Pode chamá-la?

– Cla... Claro.

Lara praticamente saiu correndo, vencendo os corredores da loja e saindo da minha vista depois que passou por umas cortinas. O nervosismo começou a me dominar. Saber que veria a Amande dali a alguns minutos me deixou maluco. Isso, claro, se ela quisesse me ver. Poderia arranjar alguma desculpa, e então eu voltaria a ficar com as mãos atadas.

Inclinei-me para a prateleira de perfumes. Tinham vários, e seus frascos possuíam formatos e cores diferentes. Notei de cara que eram importados; pelos nomes na embalagem, certamente eram franceses. Talvez o da Amande estivesse ali. Pagaria o que fosse para ter aquele cheiro – ou pelo menos para senti-lo novamente.

Peguei um frasco cor-de-rosa em formato de pétalas, era uma amostra para que os clientes pudessem provar. Amande exalava um cheirinho de flores, não estranharia se seu perfume tivesse um formato que sugerisse a fragrância. Espirrei um pouco no meu punho, mas notei logo de cara que não era aquele, apesar de ser tão cheiroso quanto. Deixei o frasco no lugar de origem e fui analisando os outros.

Foi então que ouvi aquela voz.

– Pois não, senhor.

Olhei-a imediatamente, despreparado para receber a pancada estrondosa que partiu das minhas entranhas, tomou meu coração e esmagou o meu cérebro em mil migalhinhas. Amande estava extremamente linda, encantadora, apaixonante e tudo o mais que conseguia fazer o meu mundo voltar a ficar colorido.

Vê-la de novo foi um choque, ainda mais por estar vestida tão elegantemente; saia social cinza combinando com um blazer chiquérrimo e uma camisa fina, meio bege, que dava um ar leve e altamente feminino. Os cabelos curtos estavam soltos, e ela usava um pouquinho de maquiagem, exaltando a beleza dos seus olhos grandes.

Sorri torto, envergonhado pelo desejo que acabou por surgir claro, absoluto e constante. Minha vontade foi de agarrá-la ali mesmo, beijá-la sem pensar em mais nada e implorar para que não se casasse.

– Amande. Que bom te ver de novo – falei, sorrindo amplamente. Fiquei satisfeito por parecer controlado, embora por dentro estivesse gritando. – Sua loja é fantástica. Adorei!

– Que bom que gostou, senhor. Temos uma linha completa de perfumes masculinos, são

cheirosíssimos.

Encarei-a fixamente. Seu tom profissional me chateou, mas decidi não ligar muito.

– Isso é bom, mas eu estava procurando um perfume feminino. – Desviei os meus olhos para a prateleira, continuando a fingir despreocupação.

– Temos esta linha nova aqui, senhor – falou, pegando um papelzinho que havia dentro de um frasco de vidro e espirrando uma amostra de perfume nele. – Veja se gosta.

Entregou-me o papel. Peguei-o rapidamente e o levei ao meu nariz. Era um cheirinho cítrico gostoso, mas longe de ser o dela.

– Não, não é este – eu disse. – É algo mais doce. Com um leve aroma de flores... Eu não entendo de perfumes, desculpe. Só saberei quando senti-lo de novo.

Amande abriu um pouco mais os olhos. Foi quase imperceptível, mas não pude deixar de notar. Sua boca deliciosa entreabriu, mas ela voltou a fechá-la, empurrando o potinho de papéis para mais perto.

– Bom, temos trinta e sete perfumes femininos distintos, sinta-se à vontade para sentir o cheiro de cada um, senhor. – Ela se inclinou e pegou outro pote, aquele estava com um pouco de grãos de café. Sabia que o café servia para sentirmos vários cheiros sem nos confundirmos.

Franzi o cenho, meio confuso. Amande queria que eu experimentasse as trinta e sete fragrâncias? Só podia estar de brincadeira comigo! Entretanto, não ia me dar por vencido tão fácil. Decidi entrar naquele jogo.

– Muito bem, vamos começar, então – falei, pegando o primeiro papel. Segurei uma amostra e espirrei o conteúdo. Depois, levei-o ao nariz. – Não é este.

Peguei o segundo frasco de perfume, mas Amande acabou desistindo de jogar.

– O que faz aqui, Caleb? – perguntou. Continuei com o que estava fazendo. O segundo perfume era amadeirado, nada a ver com o que eu estava procurando. Peguei o café e inspirei profundamente.

– Vim agradecer o e-mail. E dizer que sou seu novo vizinho – comentei, pegando o terceiro perfume. Queria muito ver suas reações, mas fingi estar concentrado em escolher.

– O quê? Você comprou? – Amande praticamente gritou.

– Quase. Vamos ver a papelada ainda. Adorei o espaço, é perfeito, do jeito que sempre quis. O dono da sapataria vai se mudar no fim do mês, então queria vender logo. Tinha algumas pessoas interessadas, mas ele me deu prioridade assim que descobriu que eu pagaria à vista. – Virei na sua direção e pisquei um olho. Amande entreabriu os lábios e corou um pouco, fazendo-me ganhar o dia.

Voltei a me concentrar nos perfumes. A quarta fragrância era muito doce para o meu gosto, chegava a ser enjoativa.

– Isso é ótimo, Caleb! Fico muito feliz por você! – Sua voz havia se modificado bastante. Estava mais mansa, receptiva. Percebi que havia mesmo ficado contente por mim, e isso me deixou ainda mais animado.

– Estou muito contente mesmo, Amande. E você, como está? – perguntei.

– Estou ótima!

– E o casamento, como estão as coisas?

– Tudo pronto. Só falta tocarem a marcha nupcial.

Estaquei. Devolvi o sexto perfume para a prateleira e me virei na direção dela. Encarei-a demoradamente, tentando me controlar. Acabei contracenando uma expressão bastante rígida.

Pudera, o que ela disse funcionou como uma facada bem no meu coração. Doeu. Doeu muito.

– Legal – murmurei. Peguei a sétima fragrância, pensando em desistir. Novamente as palavras da Júlia invadiram a minha mente, e então acabei tendo uma ideia que podia fazer a guerra mudar de figura. – Bom... Pretendo ir almoçar quando acabar aqui, mas tem que ser algo especial, pois estou muito feliz. Então... Pensei que eu deveria almoçar com a pessoa que me ajudou nisso.

Amande permaneceu em silêncio. Não tive coragem de olhá-la, portanto apenas me desfiz do papelzinho e peguei a oitava amostra. Estava ficando cansado, mas, quando entro num jogo, costumo jogar até o fim.

– Isso é um convite? – finalmente perguntou, sua voz saiu baixinha.

– É. Quer ir almoçar comigo? – Encarei-a. Amande tinha a pele levemente corada. Linda! Estava com tantas saudades. Tive que me segurar para não pegá-la de jeito ali mesmo, entre as prateleiras.

– Depende.

– De quê?

Amande fez um movimento brusco, retirando um bocado de papeizinhos de dentro do frasco. Pegou seis perfumes diferentes, borrifando cada um em um papel. Depois, entregou-os a mim.

– Se acertar, eu vou – murmurou.

Ela sabia qual era o perfume que eu queria? Ótimo, só significava que estava brincando comigo de propósito. Pelo menos estava de bom humor. Sorri torto, achando tudo muito engraçado.

– Você sabia o tempo todo o que eu estava procurando? – perguntei, ainda sorrindo.

– Você é bem previsível, Caleb.

– Sou?

Amande sorriu, e meu coração deu um solavanco. Senti minha pele esquentar de imediato, o desejo começando a crescer dentro de mim. Era impressionante. Bastava um sorriso para que o meu corpo respondesse de um modo tão cruel, tão definitivo.

– Não, mas eu queria que fosse.

– Queria?

– Você está me enrolando, vamos! – falou, mudando de assunto. – Aceita ou não o desafio?

– Claro que sim! – Peguei os papeizinhos e comecei a cheirá-los, um a um. Descartei três deles, mas parei assim que inspirei o quarto. Era aquele. O cheirinho da Amande; delicioso, revigorante, doce. O aroma me deu uma sensação de nostalgia meio estranha de ser sentida. – É este. Foi muito fácil.

Joguei o restante dos papéis fora, entregando o selecionado à Amande. Ela o inspirou, fazendo uma careta maravilhosa logo em seguida. Sabia que tinha acertado, e sua expressão não negou.

– Tem certeza de que é este?

– Absoluta.

– E se eu te dissesse que errou?

– Eu diria que você é péssima em blefe. Por isso não quis jogar pôquer.

Amande riu. O ruído do seu sorriso era divino, soava como música aos meus ouvidos.

– Olha, eu não teria tanta certeza assim. Acho que você errou, hein? – continuou blefando.

– Amande... Não tente me enrolar. Se não quer almoçar comigo, é só dizer. – Fui bem direto, afinal, não podia obrigá-la a vir comigo. – Sei perfeitamente que este daí é o seu perfume. Não pode ser outro.

– Você acertou mesmo – ela murmurou, pegando um frasco na prateleira. Entregou-o a mim; era o seu perfume. Uma embalagem pequena em forma de gota d'água. O conteúdo era meio esverdeado, bem diferente.

– Vou levar – decidi.

– Vai levar? – Amande fez uma careta linda de confusão. Algumas rugas lhe sobressaltaram na testa, deixando-a ainda mais atraente. Como eu adorava suas expressões!

– Sim, algum problema?

– Nenhum. É só levá-lo ali ao caixa, a Fabíola vai te atender. – Apontou para o canto esquerdo de sua loja. – Vou pegar a minha bolsa. Estou morrendo de fome.

Ela tinha mesmo aceitado ou era impressão minha? Foi difícil acreditar.

– Te vejo na saída – falei, piscando um olho novamente. Amande corou um pouco, mas foi logo caminhando na direção das cortinas.

E eu... nunca me senti tão contente. Era óbvio que ela ainda me desejava, nem que fosse um pouquinho. Ainda tinha efeito sobre ela, conhecia suas reações muito bem para perceber. Parecia estar vivendo um sonho muito bom, e meu único medo era acordar.

De uma coisa tinha certeza: não podia desistir. Daria o melhor de mim. O tempo reduzido era um obstáculo, mas eu só precisava de uma chance para provar à Amande que eu era o cara ideal. Só uma.

34º Capítulo
Estranho almoço

Passei um tempo incalculável fazendo o percurso do caixa até o lado de fora da loja da Amande. Não dava para crer que ela tinha aceitado almoçar comigo. Tudo bem, era só um almoço, mas para mim significava tudo. Pretendia apenas ser eu mesmo, nada de querer convencê-la ou persuadi-la. Nem queria impressionar, fazendo e falando coisas distantes da minha realidade. Meu objetivo era permitir que Amande conhecesse o Caleb tal qual ele é. Também queria conhecê-la, afinal, o pouco tempo que passamos juntos não foi o bastante. Sentia que havia muitas coisas sobre aquela mulher que eu ainda não tinha conhecimento, e meu maior desejo era poder desvendá-la.

Estava olhando atentamente para a vitrine quando Amande retornou, mais linda do que nunca, carregando uma bolsa bege de couro. O ar de empresária bem sucedida era presença marcante no seu jeito de andar e vestir, deixando-me extremamente atraído. Não soube definir qual dos estilos havia me deixado mais louco: o modo despojado e à vontade do qual ela se utilizou na casa de praia ou aquele na minha frente, profissional e inteligente. Ambos pareciam fazer parte dela, soava natural, sem artificialidade.

– Essas fotos são boas – falei, por falta de comentário melhor. Os retratos das modelos em sua vitrine estavam impecáveis, o fotógrafo que as fez era realmente um bom profissional. – Mas sabe o que eu acho? Você podia fazer um ensaio e colocar suas próprias fotos.

Nossa... Eu adoraria fazer uma tomada de fotografias com a Amande. Seria um verdadeiro prazer.

– Eu? Ser a modelo? – Ela começou a rir, enchendo meu peito de uma alegria nunca sentida.

– Sim, por que não?

– Vou nem responder! – Balançou a cabeça como se o que eu tivesse dito fosse uma grande bobagem.

Tudo bem, Amande estava se subestimando. Certamente não fazia ideia da própria beleza. Embora não fosse tão óbvia quanto a maioria das modelos famosas, era encantadora e exótica, tinha um quê de mistério e uma simplicidade que só faltava sair açúcar de tão doce.

– Você é linda, Amande. Acredite – falei, enquanto a observava demoradamente. Ela parou de rir muito de repente. Ficamos nos encarando por algum tempo.

– Bom, vamos lá? – Desviou os olhos, mudando de assunto. – Aonde pretende me levar?

– A um lugar que eu adoro. Você está de carro?

– Estou sim, e você?

– Também. – Havia deixado Charlotte no meio da rua, pois não tinha conseguido uma vaga em canto algum. – Vamos comigo, depois te trago de volta.

– Ok. Traga mesmo, hein? – disse, e começamos a rir. Talvez Amande não soubesse que meu maior desejo era jamais trazê-la de volta.

Caminhamos despreocupadamente e em silêncio. Estava receoso com a reação da

Amande pelo fato de eu ter uma BMW, mas ela pareceu não se importar quando a viu. Charlotte foi invadida pelo seu cheiro enquanto prendia o cinto de segurança e me olhava com ar divertido.

– Bela máquina – murmurou.

Não respondi. Se ela soubesse que havia comprado aquele carro com o dinheiro que ganhei fodendo uma ministra masoquista, tenho certeza de que não reagiria muito bem. Não ia assustá-la, apesar de estar decidido a ser sincero, a ser eu mesmo sem rodeios ou culpas.

– Gastei bem o dinheiro – acabei falando quando parei no primeiro sinal vermelho.

– Estou vendo.

– Bom, me acostumei com a Charlotte, não troco nem vendo por nada.

– Charlotte? – Amande fez uma careta engraçada, composta por cenho franzido e lábios entortados.

– É o nome da BMW. – Não contive um riso.

Ela começou a gargalhar, e a alegria que senti quando a ouvi rir de novo me fez acompanhá-la.

– Gosto de colocar nome nas coisas – continuei, levando a sério a ideia de fazer com que Amande me conheça. – Quase tudo que possuo tem nome. Sei lá, deve ser porque não tenho amigos. Faço de conta que as coisas podem me compreender.

Ri um pouco, mas ela permaneceu quietinha. Não pude vê-la, pois o sinal havia ficado verde, e eu gosto de me concentrar quando estou dirigindo. Depois de alguns minutos, Amande soltou:

– Pensei que não te veria mais. – Sua voz ganhou um timbre diferente, trocentas vezes mais suave. Minha pele respondeu muito rápido; um arrepio gostoso eriçou o meu couro cabeludo. Olhei-a rapidamente, o bastante para perceber o quanto estava séria.

– Eu também – respondi baixinho.

Permanecemos em silêncio durante todo o restante do percurso. Eu mal sabia o que pensar, estava tomado por uma sensação confortável. A presença dela me fazia bem e, mesmo se aquele almoço não desse em nada, sabia que já tinha valido a pena. Podia sentir seus olhos encarando o meu perfil com curiosidade, mas não arranjei coragem para observá-la. Tinha tanto a dizer, porém mais da metade não fazia sentido.

Ocupei uma vaga no estacionamento de um restaurante que eu adorava. O lugar era bem aconchegante e simplista, nada de exageros. A comida era ótima, principalmente as massas que serviam. Continuamos muito quietos enquanto seguíamos por entre as mesas. Escolhi uma que ficava no canto, eu sempre me sentava ali. Tinha a melhor vista da avenida movimentada e dos prédios enormes que se erguiam na direção do céu; pode parecer esquisito, mas gosto da vida urbana, adoro observar as pessoas passando para lá e para cá.

– Já veio aqui? – perguntei à Amande.

– Poucas vezes, mas sim.

Um dos garçons veio nos atender, entregando-nos o cardápio. Dei uma olhada rápida, as opções eram tantas que eu não fazia ideia do que pedir.

– O que você quer? – resolvi perguntar.

Amande me encarou fixamente; seus olhos escuros não paravam de fazer aquele efeito esquisito sobre mim.

– Me surpreenda – murmurou.

Meu corpo se esquentou, foi quase instantâneo. Tinha feito aquela pergunta totalmente esquecido de que ela tinha a resposta já pronta. Adorava aquele jogo de palavras que tínhamos inventado do nada, era uma coisa só nossa. Mais excitante do que aquilo só a carinha deliciosa da Amande me observando com ar de mistério.

Disposto a surpreendê-la, pedi um monte de pratos diferentes. Acho que exagerei na quantidade, mas de repente sentia muita fome. Claro que a fome não era apenas de comida, mas meus pratos preferidos podiam amenizar um pouco a minha ansiedade. Decidimos não beber nada alcoólico, visto que eu estava dirigindo e ela trabalhando. Amande quis suco de laranja, e eu a acompanhei.

– Estou impressionado, Amande – falei, tentando arranjar algum assunto. Embora nosso silêncio não fosse desagradável, meu tempo era curto demais para deixar que passasse. – Sua loja é incrível. Bem espaçosa, cheia de variedades e toda equipada com um bom gosto absoluto. Os móveis são belos demais... E aquelas esculturas entre as prateleiras? São perfeitas!

Amande riu um pouco, corando as bochechas. Estava com saudades da sua pele dourada ganhando aquela corzinha rosada.

– As esculturas são da Paloma, ela é uma artista e tanto! – respondeu animadamente. – O restante é resultado de um trabalho muito grande e meticulosamente planejado. Também tive ajuda de uma colega designer de interiores.

– Ficou perfeita, meus parabéns. Você é muito competente. Há quanto tempo tem a loja?

– Três anos. Mas passei uns dois apenas planejando. Só tirei do papel quando tive certeza de que iria dar certo. Graças a Deus, deu.

– Fez tudo sozinha? – Estava surpreso com as habilidades dela. Seus adjetivos só faziam aumentar e, junto com eles, aumentava o meu desejo.

– Sim. Meu pai me ajudou um pouco com o capital inicial, mas eu mesma consegui reunir boa parte dos fundos. Sou formada em administração de empresas, então coloquei em prática cada detalhe do que estudei.

– Perfeito. Fico muito orgulhoso de você.

– Obrigada – disse, corando de novo. *Linda!*

Naquele momento, o garçom apareceu com os nossos sucos. Ergui o meu copo e juntei com o dela, contracenando um pequeno brinde.

– Ao seu sucesso, que seja absoluto – propus, desejando de verdade que Amande só fizesse crescer na vida. Que fosse cada vez mais realizada em todos os âmbitos, seja profissional ou pessoal.

– Não, nada disso! Ao seu estúdio, que será um sucesso absoluto – rebateu, fazendo uma careta.

– A nós, então – murmurei, incapaz de desviar os meus olhos dos dela.

Amande sorriu e bateu nossos copos, dando alguns goles logo em seguida. Acabei fazendo o mesmo; o suco estava uma delícia, tomei mais da metade em poucos goles. Observei-a sorrir e segurar um dos arranjos que estava em cima da nossa mesa.

– Essas flores são muito cheirosas!

– São mesmo, o lugar inteiro tem o cheiro delas – falei, inspirando profundamente. De fato, o restaurante parecia estar em plena primavera, embora fosse verão lá fora.

– Acho que essas são lavandas. – Amande me entregou o arranjo. Levei-o ao nariz, era

mesmo uma delícia.

– Certamente são. Não entendo muito de plantas, mas adoro incensos, flores, sachês, perfumes e tudo que estimule o olfato.

Ela aquiesceu sorrindo, mas fomos interrompidos pelo garçom, que trazia as coisas que havíamos pedido. A mesa ficou repleta muito rapidamente, e tive certeza de que não daríamos conta de comer tudo. Bom, que seja, queria Amande saciada. Em todos os sentidos.

– Então por isso descobriu qual era o meu perfume. Fui enganada.

– Senti bem o seu perfume, Amande – respondi de um modo envergonhado, desviando os olhos. – Não tem como esquecer.

Amande ficou quietinha. O garçom havia retornado para nos servir mais suco, fazendo-nos voltar ao silêncio inicial. Deixei que ela se servisse primeiro e só então comecei a me servir. Permanecemos calados por muito tempo, até que aquela linda mulher me olhou e sorriu mais uma vez.

– Acho que pedimos coisas demais! – Apontou para a mesa.

– Tem comida para alimentar um elefante aqui.

Gargalhamos.

– Mas está uma delícia, não estou pronta para parar!

– Nem eu!

Rimos ainda mais, porém o silêncio acabou retornando. Era notável a empolgação com que Amande comia. Ainda bem que não era uma daquelas mulheres cheias de frescura, que fazem dietas eternas. Ela não era magra e nem gorda, tinha o corpo ideal para me deixar estrondosamente excitado. Não tiraria nem colocaria absolutamente nada nela, pois eu a amo do jeito que é.

"Eu o quê?", gritei mentalmente. Meu coração começou a bater acelerado mediante os meus próprios pensamentos. Foi difícil demais me acalmar. Aquela palavra não devia ter surgido assim, do nada. Era loucura.

Sentindo-me desesperado, decidi tocar no assunto proibido. Aquele em que eu tinha prometido a mim mesmo que não tocaria, mas era necessário. A tal palavra ainda rodopiava na minha mente, e eu sabia que não poderia usá-la – sequer cogitar ou pensar nela – até saber o que Amande sentia.

– Conseguiu resolver os problemas com o seu noivo? – perguntei, fingindo despreocupação. Não consegui olhá-la.

– Que problemas? – sussurrou bem baixinho.

– Ah, não me faça dizer isso aqui. – Ri de leve, mas não senti graça. – Você sabe, as algemas.

– Bom, tenho uma lua de mel inteira para isso.

Ótimo. Ela ainda não tinha resolvido porcaria alguma. Hoje era quarta-feira, Amande se casaria no sábado e não fazia ideia se conseguiria ter um orgasmo com o noivo. Ou talvez tivesse tentado sem sucesso. Tanto faz, as duas opções me colocavam alguns passos à frente do otário.

– É verdade. – Fui bem cínico. – Já sabem aonde vão?

– Fernando de Noronha.

Assobiei. Um local perfeito para ter um orgasmo, quem sabe alguns múltiplos. Pena que o idiota não ia chupá-la como eu a chupei.

– Belo lugar – comentei, ainda pensando em como o noivo dela era estúpido.

– Já esteve lá?

– Sim, com uma clien... – Ops! – Sim, uma vez.

Droga! Que vacilo!

Olhei para Amande, meio desconcertado. Ela estava com uma careta de indignação estampada em sua face. Odiei-me por dentro, como podia ter dado aquela mancada? Precisava me concentrar mais no que dizia, do contrário podia magoá-la de graça. E perdê-la para sempre...

Continuei comendo, fingindo que nada havia acontecido. Foi difícil engolir, pior ainda foi suportar o silêncio que se instalou. Não sabia mais o que dizer, porém me surpreendi quando Amande falou:

– Não precisa ter vergonha do que é. Sei bem o que você faz, então podemos falar sobre isso abertamente. O que acha?

"Claro que não, esta é a última coisa sobre a qual quero falar", pensei.

– Prefiro não tocar neste assunto.

– Tudo vai ficar no passado mesmo. Você será um bom fotógrafo.

Soltei um longo suspiro, sentindo-me cansado. Ainda estava com vergonha pelo meu vacilo, mas algo dentro de mim quis desabafar o que tanto me preocupava.

– Não sei. Às vezes tenho dúvidas – admiti.

– Ei, vai sim. Acredite, sua vida vai ser outra. Finalmente realizará seu maior desejo, não é?

Talvez ela não soubesse que o meu maior desejo estava bem na minha frente, tentando fazer eu me sentir melhor.

– Sim, mas... não sei se vou me adaptar. Tenho medo de ficar fazendo as duas coisas... De me complicar – desabafei, sendo sincero até demais. Não queria assustá-la, mas aquele era o Caleb. Estava apenas sendo eu, por mais que doesse. – Conheço muita gente, Amande, e muita gente me conhece. Vai ser difícil ser levado a sério como um profissional.

– Vai dar certo, acredite. Mantenha o profissionalismo, seja competente. Competência é uma coisa que ninguém pode distorcer. Se for competente, terá respeito.

Balancei a cabeça, aquiescendo. Amande tinha razão. Respeito é algo que se conquista; se eu fizer por onde, serei respeitado.

– Respeito... É isso. Exatamente isso o que quero – concluí.

– Então... Ei, olha pra mim. – Fiz o que pediu. Seus olhos maravilhosos estavam firmes. – Vai dar certo. Se te faltarem com respeito, pode me chamar na loja ao lado. Vou ter uma conversinha com o sujeito.

Soltei uma gargalhada espontânea. Amande acabou me acompanhando, deixando o clima daquela mesa mudar da água para o vinho. Ela havia me deixado realmente contente com suas palavras de incentivo, já me sentia bem melhor.

– De fato, ninguém ganha de você numa discussão! – falei, ainda rindo.

– Que mentira! Só ando perdendo feio desde que te vi.

– Sério? – Parei de rir muito depressa. – Pensei que tinha perdido todas.

– Se tivesse perdido, eu não teria dormido contigo – soltou.

Todo o ar do mundo pareceu insuficiente para mim, portanto resfoleguei super alto. Estava muito surpreso pelo que disse, assim, sem mais nem menos. Encarei Amande

seriamente, ela tinha o rosto inteiro corado e o pescoço também.

– Pensei que tinha feito porque queria e não pelo que falei. – Minha voz soou mais séria do que planejei.

– Vamos mudar de assunto?

– Ok.

Voltamos a comer, mas o silêncio que se instalou não era mais confortável. Amande parecia super envergonhada, entretanto eu não conseguia sentir nada além de confusão. O que ela disse havia deixado claro que eu a tinha persuadido no fim de semana. Certo, sei que tentei convencê-la, mas me lembro perfeitamente de quando ela mesma falou que só faríamos aquilo porque ambos queríamos. Então, por que colocar as coisas daquele modo, como se tivesse sido obrigada a transar comigo?

Quando nos sentimos satisfeitos, percebemos que havia sobrado bastante comida. Amande pediu para que embalassem as sobras, e o garçom foi providenciar tudo.

– Tem muita gente passando fome, não aguento desperdiçar comida – ela se justificou. – Olha, são... – Olhou o seu relógio de pulso. – Duas e meia? Nossa, já devia estar na loja!

– Vou te levar agora. Porém, pensei que ia querer uma sobremesa. Tenho uma ótima, especialmente para você.

Não queria me despedir nem tão cedo. Precisava da sua presença pelo máximo de tempo que conseguisse e iria lutar por ela até o fim.

– Poxa, desse jeito não vou resistir – Amande falou.

– Não resista – murmurei, referindo-me não apenas a uma mera sobremesa.

Chamei o garçom e fiz o pedido. Já estava com aquilo em mente, sabia que eles serviam e já havia experimentado outras vezes. Certamente Amande iria adorar, e a apologia funcionaria do jeito que eu queria.

Alguns minutos depois, eis que o garçom ressurge com os nossos pedidos – já que decidi pedir o mesmo para mim. Como previsto, Amande observou o prato com curiosidade e uma leve vermelhidão nas bochechas. Gostosa! Comeria aquela sobremesa junto com seu sabor sem nem pensar duas vezes.

– O que é? – ela perguntou, a voz meio vacilante.

– Pudim de leite condensado... Com calda de leite condensado – sussurrei, observando o exato momento em que seus braços criaram bolinhas arrepiadas.

Adoro!

35º Capítulo
Qual é o meu preço?

Comer uma sobremesa nunca foi tão prazeroso. Amande pegava a colherzinha de um jeito sexy e me atiçava toda vez que a colocava na boca, demorando-se mais do que o necessário. Chegou até a colocar sua língua gostosa para fora, enquanto sugava o leite condensado que escorria pelos lados. Seus olhos estavam presos nos meus, hipnotizando-me, chamando-me quase aos berros. Contei até dez mais de uma vez, segurando-me para não agarrá-la ali mesmo. Meu real desejo foi fodê-la em cima daquela mesa, na frente de todo mundo. Loucura total!

Quando terminamos aquela sessão de tortura, ela tinha um sorriso tímido nos lábios, um sorriso que não me enganava. Embora fosse corretinha e toda recatada, sabia o que podia fazer comigo entre quatro paredes. Ainda podia sentir sua boca percorrendo o meu corpo, a sensação era nítida e constante. O leite condensado jamais voltaria a ser o mesmo na minha concepção.

De repente, senti o celular vibrar no meu bolso. Eu tinha colocado no silencioso, portanto dei uma olhadinha bem rápida. A mensagem "cliente" piscava em alerta, indicando que dali a uma hora deveria estar com uma coroa bem enxuta e podre de rica, que pagava exatos mil e setecentos reais por uma hora comigo.

Droga! Havia me esquecido de desmarcar as clientes da quarta-feira. Para minha sorte, só haveria aquela.

– Agora posso te levar? Está satisfeita? – perguntei, sem entender por que estava sendo tão apressado. A cliente que se explodisse, não iria ligar. Nada era mais importante do que estar com a Amande.

Ela verificou o relógio, ponderando por algum tempo.

– Estou satisfeita, mas que tal levarmos a comida que mandamos embalar até a praça que tem aqui perto? Podemos dar a algum morador de rua antes de irmos – sugeriu.

Sorri, satisfeito por conhecer aquele lado maravilhoso da Amande. Ela era tão correta, tão certinha... Pensava no bem das pessoas, era caridosa. Filantropia sempre me atraiu muito, acho digno demais. Saber que Amande tinha essa característica só fez a intensidade da admiração que eu sentia por ela aumentar.

– Você é fantástica.

– Só faço as coisas certas. O que me diz?

Olhei para o meu relógio, calculando mentalmente de quanto tempo eu precisava. Claro, aquilo ia de encontro a qualquer lógica. Não queria realizar aquele maldito programa, mas não estava conseguindo raciocinar direito.

– Caleb, se não puder ir, tudo bem. Eu compreendo. Posso oferecer a comida para alguém perto da galeria.

Não tive coragem de encará-la. Estava envergonhado de mim mesmo e da situação. Só queria que tudo tivesse fim; minha vontade foi de ignorar o fato de ter um compromisso e sair

por aí com a Amande, mas o senso de dever não me abandonava por nada.

– Preciso fazer uma ligação – falei, por fim.

– Fique à vontade.

– Com licença. – Ia me levantando, mas ela me impediu.

– Não precisa sair. Vou ao sanitário e volto já.

Amande se levantou e saiu desfilando até o banheiro feminino, que ficava do outro lado do restaurante. Não pude deixar de reparar suas pernas grossas e o modo sensual como se movia. Chamei o garçom e pedi a conta. Passei alguns minutos olhando para o além, até que resolvi parar de enrolar; liguei para a cliente a fim de desmarcar o encontro. A mulher atendeu no primeiro toque. Seu nome era Cristina.

– Cristina, aqui é o Caleb.

– Oi, gatinho. Está tudo certo para logo mais?

– Então... Foi por causa disso que liguei. Infelizmente não vou poder te encontrar hoje. Surgiu um imprevisto – falei, tentando parecer firme. O garçom chegou com a conta e a maquininha do cartão. Quitei a dívida em dois tempos.

– Ai, que pena... Tinha preparado uma coisa pra você.

– Sério?

– Sim... Você ia gostar. É uma pena não poder vir hoje.

– Sim... Re... Realmente não vou poder. Desculpe-me, querida.

Soltei um longo suspiro.

– Sua agenda é sempre tão lotada. Quando nos veremos de novo, gatinho? Por favor, marque o primeiro horário disponível que aparecer para mim. Ainda neste mês, se for possível.

– Não, tudo bem, querida – falei, mas sabia que a minha agenda seria jogada fora em breve. E, se tudo desse certo, poderia descartá-la naquele mesmo dia. – Ainda neste mês, prometo. Vou encontrar um horário bom na minha agenda. Só não dá pra ser hoje, desculpe.

– Estou com muitas saudades – Cristina disse suavemente.

– Sei que sente saudades, vou fazer o possível – murmurei.

– É sério, não se esqueça de mim.

– Certo, não se preocupe. Até mais. Um beijo. – Desliguei o telefone sem esperar respostas. Senti-me aliviado por estar livre e poder ficar com a Amande pelo tempo que quisesse.

Foi quando ouvi um soluço. Sabia que tinha vindo dela, pois o conhecia muito bem. Olhei para o lado. Amande me encarava com lágrimas nos olhos e as mãos na boca, abafando o choro. Sua expressão era de puro horror. Certamente tinha ouvido o que não devia.

Acho que nunca me senti tão abalado em toda a minha vida. Vê-la daquele jeito me encheu de infelicidade. Amande estava chorando... por minha culpa. Por causa da ligação e do jeito como falei com a cliente. Sempre as tratei bem, mas era mecânico. Não significava nada para mim. Era diferente de como eu a tratava, não tinha comparação. Mas mesmo assim ela chorava.

Pensei que fosse ir embora dali, porém, depois de um tempo, Amande simplesmente se aproximou e tornou a se sentar à mesa. Pegou um guardanapo e enxugou as lágrimas, tentando se recompor. Eu só conseguia me sentir um desprezível. Fiquei a observando com punhos cerrados e dentes trincados; a raiva já estava presente, fazendo-me ter vontade de sumir dali.

– Desculpa – Amande murmurou com a voz chorosa.

– Eu que peço perdão. Isso vai ter fim em breve.

Sim. Teria fim em breve. A palhaçada ia terminar, e não conseguia ver momento melhor para dar um basta do que aquele. Depois de ver Amande se importar tanto a ponto de se debulhar em lágrimas, prometi a mim mesmo que nunca, jamais me venderia de novo. Minha agenda seria descartada independente do que fosse acontecer entre nós. A vida de garoto de programa simplesmente acabou. Fazia parte apenas de um passado longo e obscuro.

– Sim, eu sei. Fico feliz por você. Enfim... Acho melhor ligar pra ela de novo e dizer que vai encontrá-la. Quero ir embora e vou pegar um táxi.

"Oh... Não. Não... Não, não, não... Não faça isso comigo, Amande. Não vá embora, não me deixe. Desculpe-me por ter te magoado. Eu preciso de você, preciso te conhecer, preciso de que me conheça. Quero ficar contigo não somente agora, mas para... sempre. Por favor, me dê uma chance, eu te imploro!" Sim, pensei em tudo isso enquanto a encarava friamente. Deplorável, eu sei.

– É o seu maior desejo? – consegui perguntar, querendo engolir o bolo de areia e cacos de vidro que tentava passar pela minha garganta sem sucesso.

Ela balançou a cabeça, negando. Sua atitude me trouxe um pouco de alívio. Dei graças aos céus por Amande ter sido sincera consigo mesma.

– Quanto custa? – questionou, e não compreendi sobre o que estava falando.

– O quê?

– Qual é o seu preço? Quero saber o seu preço.

"Por quê? Quer me comprar?", pensei. Não contive a minha irritação. Por que havia feito aquela pergunta? Era constrangedor demais.

– Pra quê quer saber?

– Quero saber o tamanho do absurdo.

Amande balançou a cabeça, parecendo tão indignada quanto eu.

– Varia muito. Depende de muitas coisas. Do lugar, da pessoa, da ocasião...

– Quanto? – ela praticamente rosnou. Estava mesmo muito chateada, de uma maneira que me deixou surpreendido. Nunca a tinha visto assim.

– Vai de oitocentos a três mil reais. A hora – respondi.

– A hora? – gritou.

– É.

Amande, então, começou a chorar copiosamente. Seu rosto todo ficou vermelho, e o guardanapo se ensopou em questão de segundos. Passei algum tempo apenas a observando. Estava sem reação; não sabia o que fazer ou o que falar. Só queria que parasse de chorar por minha causa. Eu não merecia aquilo. Não merecia que se importasse tanto. Contudo, por outro lado, senti-me protegido. Era uma sensação nova, que me fazia entender que não estava tão sozinho quanto pensei que estivesse.

– Amande... Não chore, por favor. – Levantei-me da cadeira e a puxei pelas mãos, fazendo com que se levantasse também. – Vamos sair daqui, podemos dar uma volta na praça como sugeriu. Já paguei a conta.

Ela se deixou levar totalmente. Seguimos para fora do recinto em silêncio. Meu braço estava envolvido nos seus ombros enquanto ela se apoiava em mim e tentava se acalmar.

Renovei a minha promessa, acrescentando mais um item: jamais farei Amande chorar

novamente.

36º Capítulo
Sorte

Amande se manteve introspectiva enquanto passeávamos pela praça. Eu, sinceramente, estava muito contente. Uma satisfação absoluta tomava conta do meu corpo, tudo isso porque entregamos a embalagem de comida a uma senhora – que estava sentada em um dos bancos da praça e pedia dinheiro. A coitada parecia faminta e com frio, mesmo o clima estando agradável.

Confesso que realizo algumas doações, mas nunca fiz isso tão diretamente. Gosto de ser discreto, geralmente preencho a conta bancária de alguma instituição pobre, cuja seriedade do trabalho pode ser constatada com uma pequena pesquisa. Nunca contei isso a ninguém e nem pretendo, visto que acredito piamente que não devemos sair contando vantagem quando ajudamos alguém ou fazemos algo bom. Passei muitas necessidades, sobretudo quando saí de casa, portanto tenho verdadeira compaixão daqueles que precisam de ajuda, principalmente com relação a empregos – e é por isso que a maioria das *ONG* que ajudo trata de jovens que iniciam suas carreiras no mercado de trabalho.

O fato é que ajudar aquela senhora com a presença da Amande – que deixou um sorriso lindo aparecer quando viu que a idosa sorria – fez o meu coração se aquecer de um jeito fantástico. Senti que precisava fazer algo mais pelas pessoas e comecei doando a jaqueta que eu vestia para aquela mulher. Ela pareceu muito satisfeita, mas acredito que sua satisfação maior foi receber o carinho da Amande, que lhe perguntou se estava tudo bem e conversou com ela de igual para igual, sem preconceitos ou demais obstáculos que impedem as pessoas de serem legais com as outras.

Naquele momento eu finalmente percebi, tive absoluta certeza de que Amande era a mulher que eu queria para a minha vida. Ela me completava e me modificava, preenchia o meu vazio. Seus adjetivos me deixavam louco a cada segundo que passava, e achei que explodiria de tanto desejo... Não era só desejo. Não, era muito além disso. Jamais pensei que sentiria algo tão forte por alguém.

Queria poder confessar os meus sentimentos. Fazer Amande perceber que eu tinha me apaixonado não estava sendo tarefa muito fácil, até porque simplesmente não sabia me portar diante dela. Sempre soube o que fazer e o que falar com as mulheres, mas aquela situação era diferente. Cada palavra e cada gesto tinham que ser meticulosamente estudados. Amande era um vaso de vidro raríssimo e caro, daqueles que eu preferiria deixar guardado dentro da caixa a exibi-lo na minha sala.

Observei-a com cuidado, enquanto cruzávamos uma ponte bem bonita, parecia pertencer ao jardim de um castelo. Aquele lugar era belo demais; repleto de árvores, plantas floridas, gramado verdinho, pontes e chafarizes com anjos espirrando água cristalina na direção do céu. Tinha até uma pista de *cooper*, onde algumas pessoas se exercitavam.

– Você vai trabalhar sempre assim, elegante? – perguntei, tentando puxar algum assunto. Os saltos da Amande provocavam ruídos quando se chocavam no chão.

Ela olhou para si mesma antes de responder:

– Gosto de me vestir bem.

– Você tem bom gosto em tudo – falei, sorrindo torto.

"Menos, talvez, na escolha do noivo."

– Não me generalize.

Acabei rindo daquilo. Sim, eu não apenas a estava generalizando como também idealizando. Mas tinha um bom motivo para tal: a paixão.

– Tem razão, devo conhecer apenas a sua ponta do iceberg. Mas pode ter certeza de que fico impressionado cada vez que descubro mais sobre você. – Fui muito sincero.

– Posso dizer o mesmo de você – murmurou.

Vi quando Amande corou sua linda face, fazendo meu corpo inteiro reagir de imediato. A vontade de beijá-la teve que ser controlada durante todo o trajeto até um dos bancos de ferro, onde resolvemos nos sentar. O que ela disse me encheu de animação. Pensei que estivesse decepcionada comigo, não impressionada. Ou talvez estivesse impressionada de um modo negativo. Não soube responder.

Passamos longos minutos sentados em silêncio, apenas admirando um dos chafarizes. Aquele era uma construção bem ornamentada, parecia meio antiga, mas tinha uma beleza interessante. Dois anjos cuspiam água para o céu, que depois caía e provocava um murmurinho gostoso de ser ouvido.

– Ei! Preciso ver seu portfólio! – Amande praticamente gritou, assustando-me um pouco. – Está com ele aí?

– Ah... Não, na verdade não trouxe.

– Poxa, quero muito que tire umas fotos do casamento. É sério!

Ela pegou sua bolsa e a revirou um pouco, encontrando um papel retangular similar a um envelope. Entregou-me logo em seguida, enquanto eu me matava por dentro, sabendo que não seria capaz de vê-la casada com outro cara.

– Tome, é seu.

Peguei o papel, observando-o dos dois lados – era prateado e reluzia por causa de alguns raios de sol que passavam entre as árvores, atingindo-nos. Não parecia um envelope, era diferente. Encarei a Amande, ela me olhava de volta com expectativa. Percebi a existência de uma pequena aba na lateral do papel e então a puxei, achando que era assim que se abria. O papel se dobrou em várias camadas, terminando em formato de coração. Foi então que notei que aquilo era um convite. O convite do casamento da Amande.

– Legal... – falei, suspirando. Não consegui controlar a minha infelicidade.

Uma tristeza insuportável me atingiu em cheio, praticamente jogando fora toda a alegria que sentia por estar na presença dela. Aquele convite era uma verdadeira bomba relógio; cabia a mim desativá-la, mas não fazia ideia de como. Ela acabaria explodindo, espalhando em mim um sentimento amargo de perda e saudade. Saudade do que não tive. Saudade do que nunca existiu.

Encarei o convite, estudando-o melhor. Uma foto grande da Amande ao lado de um cara foi o que mais me chamou a atenção. Eles pareciam felizes. Sorriam para câmera com muita tranquilidade, uma calma que não conseguiu me atingir.

– Este é o seu noivo? – perguntei o óbvio, apontando para o sujeito na fotografia.

– Não, é o meu irmão. – Amande riu. – Claro que é o meu noivo, né?

Tentei não julgar o imbecil pela aparência; modéstia a parte, eu me considerava mil

vezes mais bonito do que aquilo. Mas não era a beleza que estava em jogo, e eu sabia disso. Mesmo assim, tudo o que conhecia daquele cara me fazia ter certeza de que não passava de um otário.

– Você tem irmãos? – desviei o assunto.

– Não, sou filha única. E você?

– Tenho uma irmã mais nova, a Júlia. Ela mora na cidade vizinha.

– Hum... – Amande sorriu novamente. Voltei a observar o convite, desta vez lendo as informações que continha. A igreja escolhida era uma das mais lindas e caras da cidade, bem como o salão de festas. Ia ser um casamento grande e caro, uma festança.

– Então... Se estiver ocupado no sábado, tudo bem. A cerimônia é às oito da noite, mas a festa vai rolar até o amanhecer.

Eu não duvidava. E, claro, estaria ocupado no sábado. Todos os meus fins de semana não me pertenciam mais, afinal, teria que prestar serviço em certa casa de praia, oferecendo prazer e diversão para mulheres que festejam despedidas de solteiras. O problema era que eu havia prometido que não me venderia mais, portanto encerraria minha participação no empreendimento na reunião marcada para o dia seguinte, mesmo tendo que pagar uma multa.

– Não vou estar ocupado no sábado... – concluí seriamente.

Amande não respondeu. Olhou o próprio relógio e observou o nosso redor. Estava escurecendo, eu sabia. Aquele almoço havia sido muito longo, mas não podia acabar ali. Não mesmo. Precisava lutar por aquela mulher, minha felicidade dependia daquilo. Pode parecer egoísta, mas o modo como Amande chorou no restaurante era algo que eu não conseguia esquecer. Ela se importava comigo, talvez até gostasse de mim. Só não havia se dado conta ou então estava com medo. Eu não podia me corroer na dúvida.

Encarei o convite. Era loucura... Muita loucura. Amande jamais deixaria aquele casamento. Minhas tentativas estavam fadadas ao fracasso. Pensei em desistir, mas me lembrei da Júlia.

– Você quer mesmo ver o meu portfólio? – perguntei, tendo uma grande ideia.

– Claro que sim!

– Bom... Neste caso a gente pode ir lá pro meu apartamento. Eu te mostro as coisas que já tenho para o estúdio. Coloco tudo dentro de um quarto – propus. Sequer tive coragem de olhá-la.

– Não sei, Caleb... Preciso pegar o meu carro. Está ficando tarde. – Amande se inclinou um pouco na minha direção.

– Não seja por isso; passamos na loja, pegamos o seu carro e seguimos para o apartamento. Não vai demorar, estará em casa antes das sete.

"Das sete da manhã, meu bem", pensei. Estava disposto a tudo com a Amande. Se rolasse algo entre nós – o que, no fundo, sabia que rolaria –, estava disposto a convencê-la a ficar comigo de vez.

Com esta ideia em mente, virei meu rosto na direção dela. Observei-a por muito tempo, enquanto acompanhava seu rosto contracenar uma leve careta. Sabia o que ela estava fazendo: raciocinando, medindo o certo e o errado da minha proposta. Claro que a proposta era toda errada, repleta de segundas intenções. Eu fazia parte do lado negro da história, mas nada me impedia de dar uma de herói e empunhar a espada novamente, arrancando a cabeça do dragão chamado discernimento.

Encarar a Amande era maravilhoso, tanto que não consegui me conter: ergui uma mão e alisei seu rosto com a ponta dos dedos. Sua pele era tão macia e quente! Linda... Como eu a queria... Como a desejava... Por que as coisas não podiam ser mais fáceis? Era tão errado assim gostar tanto dela?

Percebi quando sua respiração mudou. Estava ofegante, e acabou mexendo com a minha. Meus dedos desceram para os seus lábios. Contornei seu sinalzinho lindo, doido por um beijo. Daria tudo por um.

– Tudo bem... – ela finalmente murmurou.

Sorri torto, desejando que a sorte continuasse me acompanhando. Meu destino dependia dela.

37º Capítulo
Conhecendo o meu apê

Como foi o acordado, passamos na loja da Amande a fim de pegar o seu carro. Guiei-a pelo trânsito caótico da cidade até o meu apartamento; ela dirigia um i30 da cor grafite, muito bonito. Eu não morava tão longe do Centro, mas chegamos cerca de quarenta minutos depois. Já havia anoitecido, mas quem estava com pressa? Apesar dos pesares, tinha uma chance única de fazer Amande conhecer um pouco mais da minha vida. Nada melhor do que levá-la ao meu *apê*, afinal, ele dizia muito sobre mim.

Deixei que Amande estacionasse o veículo ao lado da minha vaga, dentro da garagem do próprio prédio. Aquela vaga era da Júlia, fazia questão de mantê-la, mesmo sabendo que ela quase nunca a utilizava. Estava me sentindo meio nervoso, jamais havia levado uma mulher até a minha casa. Pode parecer loucura, mas é verdade. Meu apartamento é um lugar íntimo, um reduto só meu, de modo que jamais permiti que alguém o invadisse além de, claro, a minha irmã.

Entramos no elevador, absorvidos pelo mais puro silêncio. Apertei o botão de número dezessete, que era o andar do meu apartamento. Só do meu mesmo, pois naquele andar havia apenas um – na verdade eu comprei dois apartamentos ainda na planta e os projetei do jeito que queria, ocupando todo o espaço.

Sorri para a Amande, ela me encarava de volta com um sorrisinho meio bobo. Estava visivelmente nervosa, pois sua pele se manteve um pouco corada durante todo o percurso. Isso não a impediu de manter os seus olhos em mim; eles invadiam o meu mundo numa velocidade difícil de acompanhar. Em segundos, já me sentia perdido com a sua presença, um adolescente inexperiente e muito tolo.

– Sabia que somos quase vizinhos? Moro neste bairro – ela comentou, deixando-me bastante surpreso.

– Sério? Onde você mora?

– Na rua do *Subway*. Uns três apartamentos depois.

Balancei a cabeça, demonstrando toda a minha incredulidade. Havia um *Subway* a apenas algumas ruas, talvez umas quatro ou cinco, antes da minha. O bairro inteiro a chamava de rua d o *Subway* desde que o estabelecimento se tornou um dos pontos mais visitados pelos moradores. Até eu já tinha ido lá algumas vezes.

– Que mundo pequeno! – exclamei, e Amande respondeu com um largo sorriso.

O elevador parou repentinamente. O painel indicava o andar dezessete, e as portas se abriram logo em seguida. Guiei Amande pelo pequeno hall de entrada, retirando as chaves do meu bolso. Quase não consegui abrir a porta que abri todos os dias durante uns seis anos. Minhas mãos tremiam demais. Agradeci aos céus por estar tudo bem organizado e limpo, do contrário acho que sofreria um enfarto.

Amande entrou no meu apartamento e observou cada detalhe como se estivesse em algum tipo de museu. Seu olhar curioso se intensificava a cada quadro pendurado na parede, cada

vaso ou móvel, e até mesmo as luzes, que acendi de prontidão, pois já tinha escurecido há algum tempo. Cada pedacinho do lugar foi analisado por ela. Seus olhos quase não continham a surpresa. Chegou até a murmurar um "uau", do qual me orgulhei bastante.

Depois de alguns minutos, Amande reparou na minha parede personalizada. Aproximou-se dela como se estivesse sob o efeito de um ímã; com os olhos grandes esbugalhados e a boca gostosa semiaberta. Foi bem divertido de observar. Analisou cada fotografia contida no papel de parede, chegou até a tocar em uma. Nem sei dizer qual foi, visto que não desviei os olhos dela. Vê-la observando qualquer coisa com curiosidade acendia em mim um desejo diferente, um sentimento quente e confortável. Eu vislumbrava o seu vislumbre e, naquele momento, achei que nada me traria mais prazer do que aquilo.

– Você sai com homens? – ela me perguntou do nada.

Não pude conter um riso divertido. Amande não era a única que tinha dúvidas sobre a minha sexualidade. Não sei por que, mas algumas mulheres insistiam em me fazer aquela pergunta.

– O quê? Não sou gay, Amande.

– É sério... Não achei que fosse gay, mas o seu trabalho exige certos sacrifícios, não?

– Alguns colegas fazem isso, mas eu não. Só faço acordo com mulheres – respondi. Nunca foi a minha praia ter qualquer coisa com homens. Embora já tenha dançado em boates *GLS* e feito tomadas de fotografias para revistas masculinas, sou um heterossexual de carteirinha.

– Já tentou? – Amande perguntou. Ela não olhava para mim, ainda encarava a parede na sua frente.

Pensei um pouco. Precisava ser sincero ao máximo e, se eu dissesse que nunca havia tentado, estaria mentindo. É por isso que tenho tanta certeza quanto à minha sexualidade, justamente por saber que jamais daria certo me relacionando com homens.

– Já, mas não rolou nada.

– Hum... – Ela tocou em uma das fotos. Decidi ver qual era: aquela eu havia tirado há alguns anos em um ensaio. Meu cabelo estava bem comprido, quase batia nos ombros. As mulheres gostavam, mas o trabalho para mantê-lo era tanto que acabei cortando. – Estou tentada a levar sua parede para o meu *apê* – disse seriamente.

Eita! Amande soltando cantadas? Adorei! Na verdade meu dia pareceu se iluminar com o que falou, afinal, havia deixado evidente o seu desejo por mim.

– Mesmo? Por quê? – falei, fazendo-me de desentendido.

– Estou brincando – desconversou. – Então, sua secretária é uma mulher muito rigorosa com a organização. Gostei de ver. Sua casa está impecável!

– Não tenho secretária. – Ri, achando divertido o seu machismo. Só porque sou homem não significa que não posso fazer faxina, certo? – Eu mesmo arrumo minhas coisas. Não gosto de ninguém arrumando nada por mim.

Amande ficou muito quieta. Seus olhos se abriram como se tivessem visto um fantasma. A pele naturalmente dourada ganhou um tom pálido esquisito. Pensei que estivesse prestes a passar mal, mas ela apenas desviou o olhar da parede e me encarou como se o tal fantasma fosse eu.

– O que foi? – perguntei, preocupado de verdade.

– Nada e tudo. Quando eu me decidir, respondo. – Amande riu de leve, e então fiquei

mais aliviado.

De repente, ela colocou os dedos nos meus lábios, pressionando-os com delicadeza.

– Não faça isso... – murmurou.

– Isso o quê?

– Essa cara de boca entortada. Pelo amor de Deus, não a faça! Isso é um perigo. Você sabe que é uma arma e usa sem pudor algum. Que coisa feia, Caleb!

Comecei a gargalhar, sendo acompanhado por ela. Não sabia que meu riso torto a seduzia. Aquilo era uma novidade para mim, e certamente utilizaria este novo conhecimento ao meu favor. Entretanto, o que me deixou mais animado foi o fato de Amande estar falante, divertida e espontânea. Não havia resquícios de confusão ou de qualquer coisa negativa. Aquela era a Amande sendo ela mesma, sem receios ou reflexões exacerbadas. Eu estava apaixonado por aquela mulher, mas também estava pelas outras. Pela Amande certinha demais, pela medrosa, chata, irritante... Pela bem humorada, risonha e pela que me soltava cantadas. Pela inteligente, profissional, amiga, organizada... Pela safadinha que só se soltava entre quatro paredes...

– Sabe, você é engraçada – falei, sabendo que todas aquelas Amandes faziam parte dela. Eu não era capaz de querer que alguma de suas faces desaparecesse. O conjunto só era perfeito daquele modo. Afinal, perfeição não é feita apenas de qualidades. Existem imperfeições perfeitas e perfeições imperfeitas.

Meu celular começou a tocar repentinamente. Pelo toque sabia muito bem quem era, por isso resolvi atender.

– É a minha irmã – murmurei para a Amande, atendendo logo em seguida. – Oi, Ju! Tudo bem?

– Leb! E aí? Conseguiu? Falou com a “escolhida”? Você me prometeu! – Júlia dizia tudo muito rápido, era difícil acompanhá-la às vezes.

– Sim, eu sei disso! Fiz exatamente aquilo que te falei – respondi, encarando a Amande. Ela sorria de leve.

– Você confessou que está apaixonado? Ela precisa saber, Lebinho!

– Eu sei, Ju! Relaxa! Depois te ligo, prometo. Beijo, te amo. – Desliguei o telefone antes que ela fizesse mais perguntas. Certamente Ju havia entendido, pela minha pressa, que eu estava meio ocupado.

Amande continuou sorrindo, mostrando seus dentes brancos e o contorno perfeito dos seus lábios carnudos. Quase a tomei nos meus braços – tinha certeza de que não recuaria –, mas antes precisava fazer com que me conhecesse um pouco mais. Isso incluía os meus gatos, que ainda não tinham dado as caras. Se ela não gostasse de animais nós íamos ter problemas meio sérios, pois jamais iria me desfazer da Lulu ou do Don. Eu podia fazer qualquer coisa por ela, menos aquilo.

Olhei ao redor, procurando por eles. Caminhei até um espaço que havia entre o sofá e a varanda, Lulu adorava ficar naquele cantinho, mas daquela vez ela não estava lá. Amande ficou me observando, porém nada perguntou. Puxei suas mãos e passamos por um corredor largo até chegarmos à cozinha. Soltei Amande e verifiquei embaixo da mesa, segunda melhor opção de encontrá-los. Dito e feito; lá estava a Lulu.

– Ah, achei! – Segurei a minha gatinha nos braços. – Amande, conheça a rainha desta casa. Esta é a Lulu. Não ria do nome, estava sem imaginação. – Peguei a pata dela e

contracenei um "tchau". – Oi, Amande, sou a Lulu. Dou tanto trabalho! Papai já trocou o sofá três vezes por minha causa! Mas ele me ama mesmo assim! – falei tudo com uma voz bem tosca.

Amande gargalhou. Prendi a respiração. Um segundo depois, ela ergueu as mãos e pegou a Lulu com bastante cautela.

– Gosta de animais? – perguntei meio temeroso.

Lulu recebeu um abraço bem forte dado pela Amande, o qual me deixou aliviado. Se não gostava de bichos, pelo menos não odiava. Também não pude deixar de perceber o quanto as duas ficavam lindas juntas. Era difícil definir qual era a mais gata entre elas.

– Gosto, mas não crio. Tenho pena.

– Pena?

– Sim, sempre acho que estão sofrendo por alguma coisa. Fico deprimida... Enfim, eu me apego fácil e morro de medo de que algo ruim aconteça.

Sorri. Todo mundo já teve algum trauma de infância envolvendo bichinhos de estimação. No meu caso, aconteceu com o Pulg, um*husky* siberiano que papai deu à Júlia, mas era eu quem cuidava dele. Era o meu melhor amigo. Bom, até que ele simplesmente fugiu. Pulg nunca mais voltou para casa, provavelmente alguém o pegou para criar ou vender, visto que era um cão muito bonito, parecia um lobo. Depois daquilo pensei que não conseguiria ter outro bichinho, mas minha mãe acabou me presenteando com um gato. Desde então, fiquei completamente apaixonado por felinos.

– Sempre acontece alguma coisa, mas adoro animais. São minhas companhias, na verdade. A Lulu é a minha melhor amiga, né, Lulu? – brinquei, inclinando-me para segurar suas patinhas. – O Don deve estar em algum lugar. É o filho da Lulu, ele adora se esconder nos lugares mais inusitados. Tive que reorganizar a casa para não machucá-los, está tudo seguro para ambos circularem como desejarem.

– Muito bom, você é um ótimo pai – disse Amande, deixando seu rosto corar de leve.

Não sabia direito o que pensar sobre o que ela falou, mas não deu muito tempo para refletir. Ouvi o meu celular tocar; era a Júlia de novo. Atendi-o prontamente.

– Ju, você está me enlouquecendo! Já te disse! – reclamei, mas em um tom divertido.

– Está com ela, não é? Leb, não se esqueça de ser você mesmo! Nada de jogar charminho, seja direto! – A voz da Ju não negava sua euforia. Acho que pensou que eu não seria capaz de fazer o que tinha prometido.

– Eu sei, garota! Que coisa! Não se preocupe. Vai lá, vê se me erra na próxima!

Amande me observava com curiosidade. Não fazia ideia de que estávamos falando sobre ela.

– *Tá*, eu vou. Te amo muito, maninho...Vai dar certo! Estou tão feliz por você!

– Também te amo, maninha. Tchau!

Desliguei o telefone e o guardei no bolso. Sorri para a Amande, e ela sorriu de volta. Uma coisa linda de se ver.

– Desculpa, ela está me ajudando a resolver uma coisa – expliquei.

– Tudo bem. Fiquei curiosa... Ela sabe o que você faz?

Aquela pergunta me fez perder o bom humor quase de imediato. Não gostava mais de falar do meu trabalho – ou melhor, do meu ex-trabalho –, ainda mais quando o assunto envolve a minha família. Entretanto, precisava ser sincero com a Amande até o fim.

– Sabe. Toda a minha família sabe, e é por isso que sou um homem sozinho. A Júlia é a única que mantém contato comigo, mas ela mora um pouco longe. Só nos vemos às vezes.

Amande aquiesceu, mas percebi o seu desconcerto. Ela olhou para o chão e soltou um suspiro enorme. Sua expressão se transformou muito rápido, deixando óbvio que minhas palavras a tinham entristecido. Aproximei-me, erguendo minhas mãos para lhe tocar o rosto.

– Não tenha pena de mim – foi o que consegui falar.

Ela então balançou a cabeça e se distanciou depressa, evitando o contato.

– Vamos... Mostre-me seu portfólio – murmurou, ainda perturbada.

Tentei não pensar no que tinha acabado de acontecer. Sei lá, estava tudo tão esquisito! Não queria que a Amande sentisse pena de mim, mas não consegui evitar sentir pena de mim mesmo. Só queria que aquele encontro terminasse bem.

Será que era pedir muito?

38º Capítulo
Rendição

Antes de mostrar o meu portfólio à Amande, decidi levá-la ao quarto onde guardo todas as coisas do estúdio. O espaço era bem amplo e estava cheio de móveis empacotados – alguns eu tentei montar, mas não tive saco de concluir –, além de caixas e mais caixas com equipamentos de primeira geração. Tudo estava novinho em folha, pronto para ser utilizado.

Passamos por entre vários tripés que estavam armados e posicionados. Amande analisava tudo com muita curiosidade. Não falou e nem tocou em nada. Acho que não conhecia metade das coisas que tinham ali, o que me fez pensar que eu precisava de mais tempo do que apenas três dias para lhe mostrar tudo. Talvez nunca chegasse a lhe explicar a função de cada coisa. Mas bem, pelo menos também não me esqueceria de sua visita. Foi por isto que peguei uma câmera fotográfica dentro de uma das caixas.

– Sorria! – chamei, e Amande se virou na minha direção. A máquina fez um zumbido e disparou algumas vezes antes de parar. – Acabei de tirar um monte de fotos suas apenas com um clique.

Guardei a máquina logo em seguida. Depois revelaria as fotografias e as guardaria no meu álbum "pessoas especiais". Amande merecia. Mesmo que se casasse no sábado, sabia que ela já tinha feito diferença na minha vida. Havia me marcado, e esta marca não podia ser tratada como algo negativo.

– Duvido de que alguma tenha prestado! – comentou, sorrindo.

– Oh, sim, todas prestaram – respondi. Vi quando ela corou um pouco. Eu só fui sincero. Não duvidava de que passaria horas olhando para aquelas fotos, pois já era uma certeza dentro de mim.

– Vem, vou te mostrar meu portfólio.

Segurei-lhe a mão e a guiei de volta pelo corredor até a sala de estar. Sentamos no sofá branco, e eu logo abri uma gaveta embutida na mesinha de centro. Guardava meu portfólio ali.

– Este aqui é de paisagens – avisei, entregando-lhe um álbum com a capa preta. – Este é de pessoas. – Entreguei também o da capa vermelha.

Amande preferiu ver o de pessoas primeiro. Sua excitação enquanto virava cada página era visível. Fiquei observando o perfil do seu rosto enquanto analisava cada foto. Em algumas, chegava a sorrir. Estava tão concentrada no que fazia que chegou a passar longos minutos reparando em uma só fotografia. Admito: isso me atraiu muito. Saber que Amande era observadora me fez pensar em quantos mais adjetivos ela tinha e quantas vezes mais descobriria o quanto era perfeita para mim.

Depois de um tempo considerável apenas a observando, percebi que seu semblante se modificou. Ela pareceu muito nervosa de repente, o que me fez desviar os olhos e observar o portfólio. Amande estava perto do fim, encarando nervosamente algumas fotos da minha irmã, que eu havia feito em uma tomada sensual no dia de seu casamento. Júlia trajava apenas uma lingerie branca muito sexy e um véu de noiva curto. Estava linda, mas isso não era novidade.

– Esta é a Júlia. – Apontei para o álbum.

– Su... Sua irmã? – Amande murmurou com a voz vacilante, mas soltou todo o ar dos pulmões.

Ficou muito claro para mim: ela tinha ficado com ciúmes, pensando que aquela mulher era alguma cliente. Confesso que me animei bastante, afinal, se tinha ciúmes de mim, significava que se importava comigo. E se ela se importava comigo, gostava de mim. Se gostava de mim, não gostava do noivo. Se não gostava do noivo, não iria casar com ele. A lógica era simples e muito, muito esperançosa.

– Sim, essas fotos foram tiradas antes do casamento dela, no quarto de hotel que alugou para fazer a maquiagem, o penteado... Enfim.

– Sei, também aluguei um quarto com essa finalidade... Sua irmã é linda, Caleb. Maravilhosa. Eu devia ter notado, ela tem os seus olhos.

De fato, Júlia se parecia muito comigo. Tinha os mesmos cabelos pretos e escorridos, o tom de pele branco como papel e olhos azuis meio arredondados.

– Ela é linda mesmo – sussurrei perto do seu ouvido, referindo-me mais a ela do que à Ju, embora ambas fossem belas.

Amande se afastou um pouco de mim no sofá, incomodada com a minha aproximação. Pegou o álbum de paisagens e começou a folheá-lo, fingindo estar despreocupada. Aquilo não me abalou, estava cada vez mais convencido do meu sucesso. Só precisava ter paciência e cautela.

Mais uma vez seu senso de observação e curiosidade marcou presença. Analisou cada fotografia com afinco. Fazia algumas caretas às vezes, e eu ria internamente. Não me sentia capaz de parar de olhá-la.

– São lindas – murmurou, fechando o último álbum. – Você tem talento. Muito, muito talento.

Ela finalmente olhou para mim. Seus olhos, não suas palavras, me fizeram sorrir de imediato.

– Obrigado. Vindo de você, o elogio é mil vezes melhor.

Amande ficou meio envergonhada.

– Na verdade você tem muitos talentos, Caleb. Onde aprendeu a fazer tantas coisas? Digo, a pirofagia, a massagem corporal...

Hum. Massagem corporal. Aquilo era um convite? Faria outra igual à do fim de semana sem nem pensar duas vezes. Ela sabia disso. O desejo que eu sentia só não estava mais evidente porque não podia ser tocado.

– Na área em que atuo muitas portas são abertas com a inclusão de certas habilidades – expliquei. – Fiz um curso de massoterapia completo. Também fiz um de garçom, mas não cheguei a concluir. Já a pirofagia, peguei algumas aulas com o Edu. Ele é bem mais fera do que eu.

– O loirinho da Fabiana?

– Sim, ele mesmo. É meu colega, trabalhamos juntos em alguns eventos.

– Sei... Você é colega da minha amiga Jéssica também, não é? – perguntou.

Fiz uma careta, refletindo um pouco. Não ia dizer que conheci uma de suas amigas em um *swing*. Precisava ser sincero com a Amande, mas aquilo já era demais. Uma pequena mentira não faria mal.

– Já fizemos uma tomada de fotografia juntos uma vez, faz muitos anos. Não mantenho

muito contato com ela.

– Soube no domingo que ela é uma... Que trabalha como você. Jéssica me confessou tudo, mas as meninas nem desconfiam. Foi um choque, sabe? Ainda me sinto esquisita quando penso em tudo. Fui meio rígida com ela.

– Desculpa dizer isso, mas é meio óbvio. O jeito como se comporta é similar a muitas... Bem, conheço várias garotas... – tentei explicar, mas acabei me enrolando. Não queria falar da Jéssica. Também nem acreditava que suas próprias amigas não sabiam. Estava escrito na cara dela... Ou no decote avantajado.

– Acho que fomos todas umas cegas. Não percebemos os problemas que enfrentava... Sabe, ela era abusada pelo padrasto desde os quinze anos! Um absurdo! Podíamos ter ajudado, e tudo seria diferente.

– Histórias assim são mais comuns do que imagina. Já vi casos piores, mas sim, é muito triste. Uma grande covardia. – Talvez um dia contasse a história da Kátia para a Amande. Kátia era uma linda prostituta que começou sua carreira com, pasme, treze anos de idade. Conheci-a em um desses eventos da vida. Era viciada em *crack* e agredida constantemente pelos clientes que arranjava. Tentei ajudar a criatura de todas as formas que me foi possível, mas ela se recusava. Acabou morrendo no ano passado, com apenas vinte anos, vítima de homicídio. Uma triste realidade. Uma realidade que tento esquecer.

– Sim... Enfim. – Amande soltou um longo suspiro. – E a massoterapia? Você faz perfeitamente! Podia trabalhar com isso também, teria muitas clientes.

Fiquei feliz por ter mudado de assunto.

– Não me vejo trabalhando com isso – admiti.

– Por que não?

– Porque não consigo não me envolver quando estou fazendo uma massagem. Tem que ser um momento íntimo, entende? Um momento de entrega de ambas as partes. Eu relaxo tanto quanto a pessoa.

Encarei-a fixamente.

– Sei... – Amande ficou bem assustada. Sua respiração se tornou ofegante, como se tivesse acabado de se exercitar. Olhou para o relógio, disfarçando. – Olha só, você disse que eu ia sair antes das sete. Já são sete e meia!

Aproximei-me dela, ficando perigosamente perto. Estava pronto para pular aquela etapa. Amande já havia conhecido boa parte da minha vida, e só restava um lugar daquela casa que eu queria lhe apresentar: o meu quarto. Mais designadamente, a minha cama.

– Não especifiquei se seriam sete *da noite* – murmurei, olhando em seus olhos. Amande os abriu ao máximo, mas não recuou. Seus lábios se entreabriram, convidando-me. Amei reparar cada uma das suas reações.

Quem era eu para negar o convite? Deixei nossos rostos mais próximos ainda. Queria pegá-la de jeito, mas um raio de lucidez me impediu de prosseguir. Precisava ter cautela, meu objetivo não era espantá-la.

– Preciso fazer uma pergunta – sussurrei, mirando o sinalzinho lindo em seus lábios. Nossos rostos estavam separados por apenas um centímetro. Podia sentir sua respiração se misturando com a minha.

– Faça logo – Amande murmurou, e sua voz foi capaz de me provocar de um jeito absurdo. A promessa daquele diálogo me deixou instantaneamente excitado.

– O que você quer? – perguntei, aproximando nossos lábios até eles se encostarem de leve.

Eu sabia o que ela ia dizer, por isso nem esperei que concluísse. Amande já estava rendida.

– Me sur...

Invadi a sua boca com muita vontade.

39º Capítulo
Seja minha para sempre

Sequer acreditei que estava provando aquele beijo poderoso novamente, por isso aproveitei ao máximo. Contracenei investidas bastante intensas com a minha língua, sendo completamente correspondido. Amande perdeu todo o resquício de juízo bem depressa; quando menos esperei, já estava sentada em mim, com suas pernas grossas em cada lado da minha cintura.

Minhas mãos logo encontraram o caminho para levantar sua saia. Tudo acontecia tão rápido que era difícil até assimilar. Ela me beijava com uma intensidade sufocante. Em segundos, já estava completamente envolvido, entregue a ela. Sabia que a pertencia. Sabia que faria qualquer coisa que quisesse.

O beijo foi ficando cada vez mais louco. Não dava mais para compreender aquela mistura de lábios e línguas. Precisava parar um pouco para respirar, mas o desejo que eu sentia era tão grande que não me permiti uma pausa. Como se ouvisse meus pensamentos, Amande desviou sua boca da minha. Distribuiu beijos fervorosos no meu queixo, descendo pelo pescoço. A excitação só fazia aumentar a cada segundo; meu sexo já estava ereto há algum tempo.

Puxei a Amande e lhe dei uma pequena mordida na orelha, aproveitando para sentir o seu cheiro, que àquela altura já me embriagava. Seu corpo se esquentava aos poucos em cima do meu, tornando perceptível o desejo que sentia. Aquela mulher impressionante encostou os lábios no meu ouvido e soltou um gemido delicioso, capaz de arrepiar até o dedinho do meu pé. Deliciosa!

Meus lábios encontraram os seus de novo. A eternidade do momento se enraizava dentro de mim. Cada gesto era composto por um misto de emoção, vontade, saudade, carinho... difícil de definir. Amande, de repente, desviou seu rosto e apoiou a cabeça nos meus ombros. Senti-la tão perto era um alívio. Um sentimento novo, bom e gostoso demais de ser sentido. Percebi quando ela suspirou fundo e iniciou outro longo beijo, invadindo a minha boca como alguém que já a conhecia perfeitamente.

Amande tomou a liberdade de usar suas mãos para segurar a barra da minha camisa. Puxou-a com força, e eu acabei levantando os braços, ajudando a retirá-la. Suas mãos macias e quentes percorreram o meu corpo com avidez, redescobrindo-me. Aqueles lábios deliciosos já me prendiam de novo, implorando por algo que certamente eu daria.

Contive minha vontade de possuí-la ali mesmo no sofá. Precisava ter calma, aproveitar o momento. O problema era que eu estava com medo de que fosse o último. Ainda não sabia direito se era um incentivo ter consciência de que talvez jamais tivesse outra oportunidade. Na verdade a ideia chegava a me machucar muito, mas não podia ser impedido pelo medo. Já havia chegado longe demais.

Fiz uma trilha de beijos no pescoço dela e levei meus lábios até sua orelha, dando-lhe outra mordida. Amande gemeu novamente. Gostosa! Cada vez que gemia daquele jeito era como se uma faca atravessasse o meu coração.

Com muitas vontades circulando nas minhas veias, puxei sua blusa fina para cima. Joguei-a em algum ponto da sala, nem reparei onde caiu. Amande usava um sutiã branco comum, mas que lhe desenhava super bem os seios. Agarrei ambos, afastando a peça íntima para cima. Eles saltaram para frente, e minha boca já os sugava com força calculada.

Aquela linda e fantástica mulher, pela qual havia me apaixonado logo de cara, tremeu em meus braços. Escorri meus dedos pelas suas costas até encontrar o fecho do sutiã. Tirei-o rapidamente, deixando seus seios livres só para mim. Busquei um pouco de controle e comecei a beijá-los com suavidade, sugando-os de leve enquanto os estimulava. Eles eram tão lindos! E eram meus. Pelo menos, naquele momento, mantive a ilusão de que me pertenciam.

Amande entrelaçou suas mãos nos meus cabelos e soltou gritos intensos de prazer. Se ela queria me fazer ficar ainda mais louco, tinha conseguido. Minha ereção pulsava, estava tão firme que quase não cabia dentro da calça. O aperto começava a me incomodar, mas não queria largar os seios da Amande nem tão cedo. Tampouco queria transar com ela no sofá. Não mesmo, daria uma impressão muito... Muito sei lá, de fazer sexo. Eu não queria fazer sexo.

Ergui a cabeça e procurei seus lábios novamente. Prendi-os nos meus, beijando-a com intensidade. Nossos corpos se grudaram com aquele movimento, podia sentir seu coração bater acelerado.

Foi quando aconteceu o que eu temia.

– Caleb... Não posso fazer isso... – ela sussurrou, desviando-se. Contudo, suas mãos permaneceram alisando os meus braços e ombros.

– Pode fazer o que quiser – respondi com uma voz muito rouca, olhando-a atentamente.

– É errado...

– Talvez... Mas é o meu maior desejo – murmurei, encontrando o zíper da sua saia na parte de trás. Sequer hesitei; puxei-o logo em seguida. Terminei de retirar a saia por cima dela. Amande não recuou, deixou-se levar totalmente. – E o seu? – perguntei.

Sua resposta veio na forma de um beijo magnífico. Ela sorriu entre os meus lábios, e acabei sorrindo também. Senti-me feliz, realizado. Talvez tudo fosse apenas uma ilusão, mas era a melhor que já havia vivenciado na minha vida inteira. Amande certamente não era minha, mas, naquele instante, não havia quem pudesse negar.

Era uma necessidade – não apenas do meu corpo, mas também da minha alma – possuir aquela mulher. A certeza de que eu a queria em todos os sentidos se fez presente, de forma tal que não conseguia mais suportar. Precisava senti-la profundamente, precisava tê-la.

Abracei-a com força, fazendo nossos corpos se grudarem ao máximo.

– Segure-se em mim, meu bem – murmurei, e Amande fez o que pedi.

Levantei do sofá com ela em meus braços, só de calcinha. Seus sapatos caíram em algum lugar quando a guiei através do corredor até o meu quarto. Amande havia se aninhado completamente em mim, prendendo suas pernas deliciosas na minha cintura, e os braços no meu pescoço. Senti-me tão envolvido e protegido que desejei profundamente que jamais me largasse. Ficaria daquele modo para sempre; viveria por ela e para ela.

Deitei-a na minha cama com bastante cautela. Coloquei o meu corpo sobre o seu, apoiando meus braços ao redor. Em um movimento rápido com as pernas, retirei os meus sapatos e apoiei os pés no colchão. Amande permaneceu com as pernas abertas em volta de mim, e meu lugar entre elas foi ocupado com muita delicadeza. Beijei-a docemente,

impressionado com a leveza dos movimentos. Eu estava longe de estar calmo, mas a tranquilidade com a qual me movia era tocante.

O beijo foi ganhando intensidade enquanto Amande percorria suas mãos em mim. Alisou o meu peitoral e abdome, descendo ainda mais até chegar ao cinto da calça escura que eu vestia. Ela se desfez do cinto em dois tempos, e os botões foram retirados com bastante pressa. Meus lábios seguiram trajeto até o seu pescoço, beijando-lhe de diversas formas enquanto era invadido pelo seu cheiro doce.

O momento foi muito envolvente, marcante até demais. Diferente do que eu estava acostumado a fazer, embora já tenha feito aquilo de todas as formas. Talvez a paixão que eu sentia por aquela mulher fosse um diferencial. Não consigo explicar, só sei que a sensação de estar prestes a ser dela me enchia de algo mais além de profundo desejo. Era uma espécie orgulho... Uma honra.

Suas mãos tentavam buscar alguma coisa – que eu sabia perfeitamente o que era – dentro da minha calça, portanto me ergui e a tirei completamente, ficando apenas de cueca. Aquela era preta e tinha o nome Calvin Klein contornando o elástico grosso na cintura. Inclinei-me novamente para a Amande, e ela tornou a me envolver com suas pernas, puxando-me ainda mais para si. Beijei sua boca com vontade, sentindo suas mãos assanharem meu cabelo, arranharem minhas costas e brincarem com o meu corpo como se fosse seu. Bom, era mesmo. Ela só não fazia ideia disso – ou talvez fizesse.

Soltei um longo suspiro, sentindo meu desejo se intensificar ainda mais, mostrando-me o quanto era impossível definir qual era o seu limite. Eu não tinha limites quando estava com ela. Era tudo tão intenso, delicioso, envolvente... Nada podia ser igual àquilo. Perguntei-me se Amande sentia a mesma coisa. Talvez sim, pois seu corpo estava completamente entregue, derretido em meus braços. Era perceptível. Conseguia sentir suas vontades tomando forma enquanto me prendia com suas pernas e me estimulava com os dedos delicados. Era forte, mas ao mesmo tempo gentil.

O meu maior desejo era prosseguir daquela forma, sentindo aquelas sensações novas, distintas. Queria que fosse diferente... Queria que fosse com emoção. Pela primeira vez, quis envolver sexo e sentimento, enlaçando-os como uma só força.

Só não sabia se Amande queria aquilo. Parei de beijá-la subitamente, encarando-a com seriedade. Ela me encarou de volta, esperando alguma reação da minha parte. Estava tão linda... Tão minha. Seus olhos escuros eram os mesmos que me hipnotizavam. A boca era a que sempre me chamava, porém havia algo diferente nela. Não soube identificar, mas sua expressão tentava me dizer alguma coisa importante.

– Desculpe-me, Amande, mas hoje eu quero te tratar como uma boneca de porcelana – murmurei, achando que não podia ser mais sincero do que aquilo. Não queria que aquele momento fosse banal ou confundido com sacanagem. Meu objetivo não era fodê-la. Eu não ia fodê-la como tinha feito no fim de semana, não mesmo.

Dei-lhe um beijinho meio demorado, com receio da sua resposta. Tomando coragem, voltei a encará-la e simplesmente esperei.

– Trate-me como quiser – ela respondeu, com sua vozinha deliciosa de ser ouvida. Soava como música para os meus ouvidos. – Só quero ser sua. Agora.

40º Capítulo
Amor

Acho que nunca me senti tão feliz quanto naquele instante. Quase explodi de alegria, por isso sorri amplamente. Saber o quanto Amande me desejava era um alívio, um conforto para o meu coração magoado. Era uma luz no fim do túnel, uma esperança que ressurgia.

Disposto a fazer o que ela queria, inclinei meu corpo para frente, tentando alcançar a cabeceira da minha cama. Guardava alguns preservativos dentro de uma caixinha por ali. O fato de não haver regras a serem seguidas não retirava meu desejo de continuar protegendo a Amande. Sexo seguro sempre foi a melhor opção, e continuaria fazendo da maneira certa até que conversássemos sobre aquilo em outra oportunidade. Se é que haveria uma.

Amande me tomou de sobressalto quando começou a beijar meu peitoral – que havia ficado na altura do seu rosto – assim que me inclinei. Mal dava para acreditar que aquela mulher estava na minha cama. Ela era a única no mundo inteiro com quem eu queria estar.

Finalmente consegui pegar o preservativo. Entreguei-o a ela, convidando-a a colocá-lo em mim. Da última vez tinha feito aquilo muito bem, queria que fizesse de novo. Ela abriu o pacote usando os dentes, enquanto eu me ajoelhava na cama e retirava a cueca. Meu sexo firme saltou para fora, aliviado por estar livre. Livre para se prender nela.

Quando menos dei conta, Amande já estava sentada na cama. Seu corpo se curvou para frente, e ela não hesitou em me preencher com sua boca maravilhosa. Minha ereção agradeceu seu estímulo, vibrando e se contorcendo de prazer. Soltei um gemido involuntário, fechando os olhos. Fui ao céu e voltei enquanto ela acelerava ainda mais o movimento, sugando-me, beijando-me, sentindo o meu gosto como se fosse uma necessidade.

Entrelacei meus dedos no seu cabelo, apertando-lhe o couro cabeludo. Poderia ajudá-la no movimento, mas não quis. Preferi que fizesse do jeito que bem entendesse. Estaria mais do que perfeito para mim. Afinal, não apenas o meu coração, mas o meu corpo inteiro a pertencia. Amande só estava tomando o que já era seu.

Ela parou de repente – dei graças aos céus, pois não ia demorar muito para chegar ao clímax – e decidiu colocar o preservativo de uma vez. Fez tudo com muita delicadeza e concentração, conferindo se estava tudo certinho. Logo em seguida, ajoelhou-se na cama e retirou a própria calcinha. Ficou nua só para mim.

Como era linda! E gostosa! E deliciosa! E tantos mais adjetivos que me faziam pirar!

Suas curvas prenderam os meus olhos – e os meus sentidos também. Não contive o ímpeto de puxá-la, dando-lhe um abraço apertado que fez nossos corpos nus se colarem um no outro. Sua pele dourada contrastava com a minha branca, mas senti que era a diferença que nos completava, que fazia com que fôssemos, por um segundo, pertencente a uma única coisa. A um único sentimento. Aquele sentimento tinha nome, mas tive medo de usá-lo. Muito, muito medo.

– Você é perfeita – murmurei, omitindo o "para mim" que se encaixava logo no fim da frase.

Não esperei que respondesse. Ergui suas pernas e, com cuidado para não lhe

machucar, deitei seu corpo quente na cama. Voltei a colocar o meu corpo sobre o dela. Suas pernas já me envolviam, abrindo o caminho para que eu a possuísse. Estava deliciosamente exposta.

Mais devagar do que imaginei que fosse capaz, encostei nossos sexos e fui a invadindo aos poucos. Sem pressa. Encarei-a fixamente durante o processo, observando a expressão maravilhosa que fazia. Amande estava com os olhos grandes brilhando, e os lábios entreabertos indicavam o quanto aquele momento de entrega estava sendo delicioso. Percorri centímetro por centímetro, sentindo seu sexo ceder, dar-me boas-vindas e me aconchegar em um ambiente confortável e deliciosamente quente.

Ela soltou um gemido fantástico quando finalmente a preenchi por completo. Aquilo fez meu corpo inteiro arrepiar. O sentimento que me envolvia – não sei se ela sentia aquilo – chegava a queimar a minha pele. Era muito. Era tanto. Grande. Demais para ser suportado sozinho. O meu maior desejo, naquele instante, foi poder compartilhá-lo. Precisava dizer. Tinha que falar o quanto a amava.

Amor?

A tal palavra que me causava medo.

Abri a minha boca, disposto a confessar com todas as letras o que jamais havia dito a uma mulher. Entretanto, minha razão calculada resolveu dar as caras, alertando-me de que aquele não era o momento para se precipitar. Poderia assustá-la. Talvez ela até decidisse parar e ir embora. O fato de eu estar levando aquele momento a sério não significava que Amande estava fazendo o mesmo.

Decidi apenas continuar. Iniciei um movimento deliciosamente lento, buscando senti-la ao máximo, tentando oferecer não apenas doses do meu desejo, mas do sentimento que vibrava em meu peito. Entreguei-me por completo, cedi a cada investida. Oferecia tudo de mim enquanto a beijava com doçura, guiando meus lábios pelo seu corpo quente, que começava a suar aos pouquinhos. Amande gemia de um modo incrível, e, a cada gemido, sentia meu sangue circular mais depressa. O coração estava a mil. Sentia que explodiria a qualquer momento, mas retardava ao máximo o clímax, tamanha vontade de continuar me entregando.

A cada choque dos nossos corpos, Amande pedia por outro. Seu sexo ficava cada vez mais molhado e quente, recebendo-me com uma naturalidade incrível. O ventre se contorcia embaixo de mim, fazendo do movimento algo ainda mais intenso. Ela me assanhava os cabelos e arranhava as minhas costas, alisando-as logo em seguida. Uma delícia.

Observei seus olhos maravilhosos; eles me encararam de volta, compactuando coisas não ditas, mas sentidas. Beijei-lhe a boca mais uma vez, rezando baixinho. Pedia a Deus – ou a qualquer força maior que existisse – para que jamais a tirasse de mim.

Senti o exato momento em que o corpo de Amande se contraiu, soltando espasmos intensos que prometiam um orgasmo. Aquilo me fez acelerar no impulso. Queria vê-la gozar para mim, queria ouvi-la chamando o meu nome de novo. Amaria sentir novamente a sensação de que ela me pertencia, de que tudo era dedicado apenas a mim e a mais ninguém.

O choque entre nossos sexos era forte, envolvente, rápido... Implorava por mais e mais. Não demorou muito para que Amande começasse a gemer com mais intensidade, contorcendo-se por inteira.

– Isso, meu bem, assim... – sussurrei, sem diminuir o ritmo. – Vem pra mim, vem.

Ela olhou no fundo dos meus olhos e gritou o meu nome, fazendo cada pedaço de mim

responder quase que instantaneamente. Explodi de prazer logo em seguida.

– Vou... – Não consegui completar a frase, minha mente já me guiava rumo ao infinito. – Amande... – rosnei entre os seus lábios, sentindo minha ereção expelir um líquido quente que era pouco demais para traduzir tanto desejo que ela me fazia sentir.

Meus braços tremiam muito e, quando finalmente voltei para o planeta Terra, senti-me exausto. Afundei minha cabeça entre os seios da Amande. Ela me puxou para si em um abraço forte, deixando meu corpo pesar contra o seu. Permanecemos daquele modo, sentindo o coração um do outro se acalmando. Amande tratou de alisar os meus cabelos, envolvendo-me como se fosse uma mãe carinhosa consolando o filho.

Experimentei a sensação magnífica de todo aquele sentimento se intensificando. Senti bem o seu toque. Ele me dizia coisas fantásticas. Fazia promessas e juras das quais não pude duvidar. Não dava para acreditar no contrário; Amande não tinha feito sexo comigo. Eu também não. Tínhamos feito amor.

Ergui minha cabeça e a encarei fixamente. Ela não desviou o olhar, tampouco mostrou alguma reação. Sua face estava serena, relaxada... Saciada. Sua tranquilidade me atingiu em cheio, o que acabou me acalmando. Cheguei a pensar, de novo, na ideia de lhe confessar meus sentimentos. Desisti. Não queria estragar o instante. Acho que nunca me senti tão realizado, parecia um homem que acabava de encontrar um tesouro. Amande era exatamente isso: o meu tesouro. Não podia deixar que tirassem de mim.

Não fazia ideia de que horas eram, mas não permitiria que Amande fosse embora. Ela precisava entender que eu não queria só sexo, que não havia a procurado apenas para que tudo acabasse na cama e pronto.

Pensando em mil maneiras de fazê-la ficar, arranjei uma ótima.

– Está com fome? – murmurei, depois de séculos apenas a observando.

– Faminta.

41º Capítulo
Preparando o jantar

Amande decidiu ir ao banheiro, deixei que ficasse à vontade. Vesti a minha cueca e recolhi as nossas roupas pela casa. Sorri ao notar que estava tudo espalhado, como se tivesse passado um furacão. Guardei as minhas roupas e dobrei as da Amande, colocando-as juntas na mesa de centro da sala. Não queria que ela as vestisse de novo, pois o ideal seria que ficasse confortável enquanto jantássemos.

Abri o meu guarda-roupa e tirei uma camiseta preta, vestindo-a. Procurei algo para a Amande, chegando à conclusão de que apenas uma das minhas camisas bastava. Escolhi uma cinza de algodão. Falando sério, não tem nada mais sexy do que uma mulher trajando apenas calcinha e uma camisa masculina. Tinha certeza de que Amande ficaria adorável. O cenário seria magnífico: ela à vontade no meu apartamento, usando as minhas roupas enquanto jantávamos e seu cheiro se espalhava pelo ambiente. Eu não ousaria desejar mais nada na minha vida.

Quando ela saiu do sanitário – como previsto, vestindo apenas sua calcinha branca – entreguei-lhe a minha camisa, mas não antes de dar uma boa olhada nos seus seios expostos. Eram lindos; redondinhos, durinhos e do tamanho certo. Havia uma marca de biquíni maravilhosa em sua pele, resultado do bronze que tinha arranjado no fim de semana. Uma delícia sem limites.

– Vista isso – falei, percebendo que ela já estava meio corada. Amande não hesitou. Vestiu-se na minha frente, deixando a minha conclusão sobre mulheres e camisas masculinas se tornar uma grande verdade. – Dobrei suas roupas, elas estão em cima da mesa de centro, lá na sala.

– Senhor organização, não aguenta ter nada espalhado pela casa – comentou sorrindo. Amande se esgueirou e me deu um selinho casto. Aproveitei para lhe puxar pela cintura.

– Vai dizer que você aguenta?

– Eu não – admitiu.

Rimos juntos. Era incrível o fato de eu ter encontrado uma mulher que também era viciada em limpeza. Acho que organização seria o último motivo pelo qual poderíamos ter alguma discussão. Isso é bom, pois jamais me sentiria um chato perto dela. Amande é tão chata quanto eu.

– Vamos ver o que tem na geladeira – propus.

Segurei sua mão e nos guiei até a cozinha. Achei o Don deitado ao lado do liquidificador, em cima da bancada de madeira. Fiquei aliviado. Uma parte de mim estava preocupada com seu paradeiro, visto que só tinha localizado a Lulu.

– Olha só quem deu o ar da graça! – eu disse, pegando-o em meus braços e me virando na direção dela. – Este é o Don Juan, Amande, só que é mais conhecido como Don. Um rapaz muito preguiçoso, não é, papai? De conquistador ele não tem nada! – Dei um cheiro na cabecinha branca dele.

Amande riu de leve. As curvas do seu sorriso me deixaram encantado, como sempre.

Ela pegou as patinhas do Don e balançou, dizendo "oi". Ele a respondeu com um miado engraçado, então resolvi colocá-lo no chão.

Fui até a pia e comecei a lavar os meus braços e mãos. Depois, abri a geladeira.

– Você ama esses gatos, não é? – Amande perguntou enquanto também lavava as mãos.

– Demais. São minhas crianças.

Vi quando ela sorriu de novo. Parecia satisfeita com a minha resposta.

– Bom, temos creme de frango, é só esquentar – avisei, dando uma olhada no que eu tinha. Ainda bem que havia feito uma feira enorme. Comida não ia faltar. – Está uma delícia, fiz ontem à noite. Podemos preparar arroz e uma salada para acompanhar, que tal?

– Você fez? – Amande contracenou uma careta cética. Ri da sua expressão.

– Sim, eu fiz. Por quê? Duvida?

– Claro que sim! Duvido de que esteja bom, deve estar parecendo uma gororoba! – Gargalhou.

– Desafio aceito! Vou esquentar agora mesmo!

Abri a geladeira e peguei a vasilha onde havia guardado o que tinha sobrado do creme. Dei graças a Deus por ter feito uma grande quantidade, assim Amande poderia comer até revirar os olhos. Ela logo se prontificou a me ajudar; pegou uma panela no armário e encheu de água para que fizéssemos o arroz.

– Acho que vou perder o desafio! – Amande choramingou. Virei na sua direção e a vi segurando um controle remoto. – Som na cozinha? Você deve mesmo cozinhar, e bem.

Gargalhei, achando tudo muito hilário.

– Pode ligá-lo, se quiser.

Amande não hesitou em ligar o *microsystem*, que estava embutido em um dos armários. Fiz questão de planejar bem a cozinha, afinal, sempre gostei de cozinhar e cozinho para mim mesmo desde que saí de casa. Não sou fã de congelados ou enlatados; o fato de me alimentar de comida caseira me deixava com a sensação de que estava em casa.

O ambiente foi tomado pela voz melodiosa da Paula Fernandes. Não havia ligado o som nos últimos dias – ontem eu havia cozinhado no mais completo silêncio –, porém agradeci internamente por ter colocado um CD que poderia me ajudar com a Amande. As letras das músicas da Paula são românticas – eu sabia cantar todas, acredite se quiser –, e decidi me aproveitar disso. Poderia soar estranho, talvez eu a assustasse, mas precisava tentar.

– Paula Fernandes? – Amande praticamente gritou. – Você escuta Paula Fernandes?

Ri de leve. Qual o problema de um cara que nunca foi romântico escutar músicas românticas? Talvez eu goste da Paula porque suas letras nunca me perturbaram. Ou talvez porque acreditasse que um dia elas fariam sentido para mim. O dia era aquele.

– Sou pássaro de fogo... Que canta ao teu ouvido... Vou ganhar esse jogo, te amando feito louco, quero teu amor bandido... – cantei um trechinho, percebendo o quanto eu estava certo. O dia de aquela letra fazer sentido era aquele, com Amande sorrindo para mim. – Não gosta?

– Conheço algumas músicas... Ela tem uma bela voz.

– Tem sim, vem cá... – Enxuguei minhas mãos em um pano e puxei Amande pela cintura. Encostei minha boca no seu ouvido e cantei bem baixinho: – *Tô* a fim dos teus segredos, de tirar o teu sossego, ser bem mais que um amigo... Não diga que não... Não negue a você um novo amor, uma nova paixão... Diz pra mim... Tão longe do chão, serei os teus pés... Nas asas do sonho rumo ao teu coração... Permita sentir, se entrega pra mim... Cavalgue em meu corpo,

minha eterna paixão...

Embalamo-nos numa dança calma, super lenta. Amande estava praticamente derretida em meus braços, e notei quando sua pele arrepiou um pouco enquanto eu cantava. Assim que aconteceu, ela se afastou depressa.

– A água está fervendo – murmurou, mas compreendi que aquilo havia sido apenas uma desculpa para se afastar de mim. Sua confusão era visível.

Mostrei-lhe onde estava o arroz, e ela o despejou na panela de água fervente. Voltei a cortar as verduras, mas não deixei de observá-la. Estava muito séria. Certamente tinha voltado a pensar demais, sua testa franzida não negava. Toda vez que fazia aquela cara, sabia que estava raciocinando, e pior, não gostava das próprias reflexões.

Tentei permanecer calmo. Não ia desistir tão fácil assim. Se Amande ainda estava ali, isso tinha que significar alguma coisa. Paula Fernandes iniciou outra canção, portanto resolvi voltar a cantar. Fingir normalidade talvez trouxesse paz ao clima tenso que se instalara desde que nos separamos.

Para minha surpresa, Amande começou a me acompanhar na canção.

– Eu já sonhei com a vida, agora vivo um sonho... Mas viver ou sonhar, com você, tanto faz...

Não evitei rir, gostava de ouvi-la cantando. Não a escutava desde o desafio do karaokê.

– Conhece essa? – perguntei. Ela balançou a cabeça, aquiescendo, mas sem parar de cantar.

– Não diga não precisa... Eu digo que é preciso... A gente se amar, demais, nada mais!

Resolvi acompanhá-la no trecho que se sucedeu:

– Mas tem que ser assim, pra ser de coração, não diga não precisa-ah-ah-aaah!

Limpei minhas mãos na hora, sem conseguir conter o ímpeto de puxar Amande novamente. Fiz nossos corpos se colarem e depois nos separei, fazendo-a dar uma volta em torno de si. Logo em seguida voltei a puxá-la, contracenando uma dança bem engraçada. Eu me sentia tão feliz e espontâneo que comecei a dançar loucamente, rodopiando Amande para todos os lados. Ela ria muito de cada movimento, mostrando seus dentes maravilhosos. A ruga de preocupação já havia saído de sua face, dando lugar a um humor despretensioso e natural. Achei que fosse enlouquecer de tanta vontade de tê-la para mim.

Quando a música acabou, emborquei o corpo da Amande todo para trás. Segurei-a firme nos meus braços para que não caísse. Ela se apoiou no meu pescoço e gargalhou alto. Implorei para o Universo, algo do tipo: “por favor, não me deixe viver sem ela”.

– Linda... – murmurei, olhando-a nos olhos. – Adoro quando ri. Fico louco.

Ergui Amande depressa, a urgência vibrando dentro de mim. Beijei-lhe a boca com intensidade, deixando-me levar pelo desejo. Empurrei-a contra a bancada de madeira da cozinha, prendendo nossos corpos até se tornarem um só. Amande se deixou levar; derreteu em meus braços com a facilidade costumeira.

Apoiei o quadril dela e ergui o seu corpo até fazer com que se sentasse na bancada. Continuei beijando seus lábios deliciosos enquanto sentia mãos macias me assanharem os cabelos. Acredito que passamos minutos eternos envolvidos naquele beijo. Eu, particularmente, não queria parar nunca. Entretanto, uma de minhas músicas favoritas havia começado a tocar, e achei que aquele trecho diria verdades que Amande precisava ouvir.

– Eu quero ser sua paz, a melodia capaz de fazer você dançar... – sussurrei a canção,

olhando fixamente aqueles lindos olhos escuros. – Eu quero ser pra você, a lua iluminando o sol... Quero acordar todo dia pra te fazer todo meu amor...

Ela corou imediatamente, ficando muito confusa. A velha ruga de preocupação voltou a lhe estampar a face.

– Caleb... Pare com isso, está bem?

– Parar com o quê? – me fiz de desentendido e continuei a cantar: – A cada novo sorriso teu, serei feliz por amar você...

– Com isso. Sabe do que estou falando. Não há necessidade, sou uma mulher madura.

Simplesmente parei. Senti meu corpo inteiro ficar rígido, e uma raiva sem limites tomou conta de mim. Como Amande podia se comportar como se nada estivesse acontecendo entre nós? Era isso o que ela queria comigo? Apenas sexo e bons amassos? Não achei possível que, depois de ter cantado aqueles trechos românticos para ela, ainda acreditasse que eu não havia me envolvido, que eu não estivesse a fim de nada além de um momento.

– O creme já está bom, e o arroz precisa ser mexido – falei, desvencilhando-me muito depressa. Por um momento, quis que ela fosse embora e me deixasse em paz, apesar de saber perfeitamente que eu jamais seria capaz de mandá-la ir.

Dei as costas e comecei a mexer o arroz. Tirei o creme do fogão e o despejei em uma panela redonda de porcelana, com desenhos de flores ao redor. Amande permaneceu quieta, e eu simplesmente não consegui esconder meu descontentamento.

– O que está acontecendo? – ouvi-a perguntar. Meu sangue ferveu com aquela pergunta, pois a resposta era muito óbvia. Quase perdi o controle e soltei todas as verdades, mas decidi ficar na minha.

– Nada, Amande. Nosso jantar está pronto. Pode pegar os pratos ali na segunda porta? – Apontei para um armário, ainda sem encará-la.

– Só faço isso se vier aqui e me der um beijo. E me garantir que está tudo bem. – Sua voz saiu meio chorosa. Aquele novo timbre foi capaz de me livrar de qualquer resquício de raiva.

Virei-me na sua direção. Amande estava sentada na bancada, parecendo desolada. Um biquinho lindo de irritação deixava seus lábios ainda mais apetitosos. Foi impossível conter o meu desejo. Já a queria... Queria muito, de todas as formas possíveis. Queria aquela mulher na minha cozinha, na minha cama, no meu sofá, na minha vida...

Sorri torto, envergonhado pelos pensamentos loucos que me atingiram em cheio. Amande desfez o biquinho e entreabriu os lábios, encarando-me daquele jeito misterioso que me enchia de excitação. E lá estávamos nós... Desejando um ao outro de novo. Aquilo teria fim um dia? Eu duvidava. E duvidava também de que Amande nada estivesse sentindo, ela não podia estar imune àquilo.

Aproximei-me devagar, enquanto seus olhos não largavam os meus por nada. Envolvi os meus braços na sua cintura e lhe beijei a boca como se não houvesse amanhã. Eu realmente não sabia se haveria. Senti suas pernas me envolverem, e suas mãos já vagavam pelo meu corpo com liberdade, arrancando-me arrepios.

No impulso, retirei a camisa que Amande vestia. Aqueles seios incríveis ficaram à mostra facilmente, e eu já os segurava com desejo. Beijei-lhe o pescoço e inspirei o perfume doce que sempre foi capaz de me tirar do sério. Ela já estava entregue, sem pestanejar, sem hesitar. Seu corpo já me pertencia. Podia sentir isso a cada toque, a cada beijo, a cada vez que sua pele arrepiava entre os meus dedos.

– Vou te garantir que está tudo bem, Amande – sussurrei, louco de desejo.

Uma ideia magnífica me veio à mente. A ideia se transformou em urgência, a urgência virou necessidade. A necessidade deu lugar à promessa, e promessa é dívida. Eu iria pagar cada centavo.

42º Capítulo
Leite condensado com Amande

Deixei Amande em cima da bancada e abri a geladeira. Peguei uma caixinha de leite *Moça*, achando hilário o fato de tê-la comprado sem fazer ideia de que a usaria daquele modo. Se soubesse, não teria ficado tão arrasado com a compra.

Fechei a geladeira e mostrei o que havia pegado para a Amande. Sorri da sua expressão atônita, com direito a olhos arregalados, lábios entreabertos e pele corada. Vi quando ela resfolegou. Aquilo só aumentou o meu desejo; estava tão linda sentada na minha bancada! Seus seios praticamente gritavam por mim. Encarei-os, tomado pela vontade absurda de sugá-los.

Aproximei-me como um animal selvagem prestes a dar o bote. Sem hesitar, lambuzei os seios de Amande com uma quantidade generosa do leite condensado. Percebi quando a ponta se encolheu e ficou ainda mais arrebitada. Estavam prontos para me receber. Sem pensar em nada, curvei-me diante dela e comecei a beijá-la e sugá-la, provando sua pele junto com o sabor do doce. Uma delícia.

Amande se contorceu por inteira, prendendo os dedos nos meus cabelos. Soltou alguns gemidos maravilhosos. Podia sentir o prazer infinito que estava sentindo, pois eu também o sentia com muita intensidade. Fazê-la sentir prazer era a melhor sensação que eu já havia experimentado.

Continuei avançando como um louco. Minha língua contracenava movimentos loucos, aleatórios; ora tomado pela selvageria, ora super tranquilo e lento. A necessidade circulava pelas minhas veias, e achei que jamais seria capaz de parar.

– Ai... Que delícia... – Amande murmurou.

Foi o bastante para a minha pele se arrepiar por completo, e o meu sexo não suportou tamanho desejo; já estava ereto, pronto até demais para recebê-la. Contudo, aquele momento seria dedicado apenas a ela. Não pretendia fazer nada além de provar seu sabor. Meu objetivo era agradá-la, fazê-la sentir o maior prazer que seu corpo lhe permitisse.

– Leite condensado com Amande... – sussurrei entre os seus seios, depois de ter sugado cada pedacinho lambuzado de doce. – Quero mais.

Rapidamente, empurrei Amande para trás, fazendo com que se deitasse na bancada. Vi seu corpo totalmente entregue para mim, vulnerável e pronto para o que desse e viesse. Impossível não acreditar que tudo aquilo era meu. Podia ser uma ilusão, mas era muito real.

Louco de excitação, puxei suas pernas grossas e as abri completamente, amando a sensação de vê-la tão exposta. Quero dizer, quase. A calcinha ainda lhe cobria, e foi por isso que tratei de colocar uma mão por dentro. Amande estava quente e muito, muito molhada. Chacoalhei os meus dedos bem devagar, lambuzando-os. A sensação era deliciosa. Amande soltou um longo suspiro.

Seu corpo maravilhoso desenhado em cima da bancada estava me fazendo quase perder o controle. Não contive o ímpeto de tirar os meus dedos de dentro de sua calcinha e colocá-los na boca, sugando-os com vontade. Ela era simplesmente deliciosa.

– Hum... Seu sabor já foi fabricado – praticamente rosnei, sabendo que faltava pouco para faíscas de desejo saírem dos meus olhos.

Nem tive muito tempo de conferir suas reações, uma pressa dominadora quase esmagava os meus sentidos. Juntei as pernas da Amande e puxei a calcinha depressa. Logo em seguida, tornei a abri-las. Agora sim, aquela mulher gostosa estava prontinha. Observei o seu sexo apetitoso bem na minha frente, chamando por mim.

Sequer resisti ao chamado.

Peguei a caixinha de leite Moça e, lentamente, fui inundando Amande. O líquido escorreu de um jeito que só me deixou ainda mais louco. Amande gemeu alto durante o processo, fazendo minha ereção soltar um espasmo. Sem poder esperar um segundo sequer, curvei-me diante dela e comecei a sugar todo o leite condensado.

O seu sabor misturado com o doce formava uma combinação que considerei perfeita. Acho que não existe nada melhor do que leite condensado com Amande. Aquela sobremesa se tornou a minha favorita em um piscar de olhos.

Enquanto eu circulava livremente com os meus lábios e dançava com a minha língua, Amande gemia alto. Senti suas mãos puxarem o meu cabelo, e suas pernas se abriram ainda mais para me receber. Decidi não utilizar os dedos; faria com que gozasse apenas estimulando com a minha boca. Confesso que sempre fui bom em sexo oral, mas os anos de experiência me foram de grande ajuda. Tudo o que sabia sobre o assunto foi devidamente usado naquele momento, por isso não demorou tanto assim para perceber que Amande chegaria ao clímax rápido.

Não parei por nada. Mantive os movimentos sempre constantes. O leite condensado havia sido praticamente todo sugado, mas ainda existia mais e mais do sabor da Amande. Quanto mais eu o bebia, mais ela fabricava. Concluí que seu gosto era ainda melhor do que o doce.

Aumentei a força e a constância do movimento. Amande se contorcia involuntariamente, soltando espasmos deliciosos. Queria poder vê-la, mas estava concentrado em chupá-la como nunca chupei alguém. Isso podia parecer impossível, mas não era. A diferença de tudo o que fazíamos estava no que eu sentia. O meu sentimento fazia cada ato se tornar algo belo, diferente de qualquer coisa que tenha experimentado antes.

Passaram-se apenas alguns segundos até que Amande finalmente cedeu. Fechando um pouco as pernas, seu quadril começou a saltar freneticamente. Os gemidos que saíram de sua boca soaram como sinos aos meus ouvidos. Deliciosa! Não parei o movimento, quis tomar as maiores doses do seu prazer até a última gota. Entretanto, acabei levantando meus olhos para observá-la enquanto tinha um orgasmo intenso. Linda demais!

Como se fosse pouco, a filha de uma mãe gritou o meu nome. Mais uma vez.

Só parei com o que estava fazendo quando ela finalmente relaxou. Suas pernas penderam para o lado, e eu as segurei com delicadeza. Podia senti-las trêmulas em minhas mãos.

– Estou morta! – Amande berrou, meio sem fôlego. – Morri, é sério. Não tenho forças.

Ri de leve.

– Acalme-se um pouco – respondi aos murmúrios.

Massageei suas coxas com toda a suavidade que reuni. Era tão bom sentir aquela pele macia entre os dedos! Aliás, era bom estar com a Amande de um modo geral. Comecei a fazer uma trilha de beijos suaves, que partiu do seu sexo e seguiu lentamente até os joelhos. Fechei os olhos durante o processo, sentindo-a ao máximo. Cada pedacinho de mim relaxou, satisfeito

com sua presença. De todos os lugares do planeta, a mulher pela qual havia me apaixonado estava exatamente ali, bem na minha frente.

Paula Fernandes havia começado a cantar uma música que eu adorava. Cantei mentalmente, não queria assustar a Amande com o trecho: *e serei eu que em um dia então, vou te fazer delirar de paixão... Nesse prazer somos eu e você, vamos voar...* Todavia, isso não me impediu de sentir cada palavra, entrando num mundo de ilusão criado por mim mesmo. Neste mundo, realmente só existia Amande e eu.

– Preciso me lavar – ela falou, já recuperada. – E preciso de comida, do contrário vou morrer de verdade

Apoiei meus braços em suas costas, erguendo-a lentamente. Coloquei-a no chão em dois tempos, tomando cuidado para tocá-la com suavidade. Algo dentro de mim queimava, mas era um calor reconfortante, similar a uma fogueira acesa num dia extremamente frio.

Devolvi-lhe a calcinha e a camiseta cinza, que jaziam de qualquer jeito em cima da bancada. Ela ficou meio envergonhada por estar completamente despida, prendendo um pouco os lábios.

– Pode ir ao banheiro do meu quarto. Fica à vontade, use o que quiser – avisei, dando-lhe um selinho rápido. Sem querer querendo, acabei sussurrando a música. – Se está pensando em voar na direção de me amar, voa...

Amande fez uma pequena careta e, parecendo muito confusa, saiu da cozinha, caminhando na direção do quarto.

Eu não sabia mais o que fazer. Achei que já tivesse feito tudo o que estava ao meu alcance. Meu último tiro seria tentar convencê-la a ficar de vez. Sim, a dormir comigo. Era loucura, claro... Mas Amande já me pediu aquilo uma vez e eu cedi. Por que ela não cederia?

"Porque ela vai se casar, Caleb."

– É o que veremos – murmurei para mim mesmo, achando que estava prestes a perder o juízo.

Tudo por causa daquela mulher.

43º Capítulo
Batalha de filmes

Enquanto Amande se lavava, tratei de colocar a mesa e organizar os últimos detalhes para o nosso jantar. Decidi montar tudo na cozinha mesmo – numa mesa redonda bem menor do que a da sala, afinal, queria proporcionar um clima familiar, algo que faríamos no dia a dia caso ficássemos juntos. Pode parecer loucura, mas foi exatamente nisso que pensei.

A Paula Fernandes ainda cantava docemente, e eu a acompanhava aos sussurros. Apesar de conhecer as músicas de cor, foi como se eu estivesse redescobrindo cada letra. Os versos se enchiam de sentido, fazendo meu coração ficar cada vez mais emocionado.

Fiquei em dúvidas sobre o que iríamos beber. Antigamente eu costumava manter uma adega bem vasta, mas deixei de possuí-la depois que resolvi não ficar bebendo à toa. Contudo, sabia que eu havia guardado algumas bebidas no armário da sala. Com uma rápida conferida, visualizei um vinho tinto português delicioso. Ele estava guardado para alguma ocasião especial, pois tinha me custado o olho da cara. Apesar de não estar tão animado em beber vinho – aquelas duas garrafas na segunda-feira acabaram comigo –, achei que era o que mais combinava com o jantar.

Estava abrindo a garrafa com um saca-rolha quando Amande apareceu na cozinha. Ainda trajava a calcinha branca e a minha camisa cinza, mas tinha os cabelos molhados. Linda demais! O sorriso que me ofereceu foi capaz de aquecer o meu coração como se fosse um edredom bem confortável.

– Vai tentar me embebedar? – perguntou com um ar divertido. Ela parecia tão à vontade! Era como se já fizesse parte daquele lugar.

– Não precisei. – Sorri.

– Está muito convencidinho – reclamou, aproximando-se de mim. Não pude conter um riso.

Amande me abraçou por trás e me deu um beijinho nas costas, por cima da camiseta preta que eu usava. Pode parecer uma besteira, mas aquele simples gesto significou muito para mim. Tê-la tão perto era um alívio, um conforto. Eu me sentia completo, preenchido.

Respirei profundamente, na esperança de sentir seu cheiro. Foi quando percebi que Amande tinha usado o meu perfume.

– Mentira, Amande! Você não fez isso! – resmunguei, fingindo indignação.

– O quê?

– Tirou seu cheiro completamente e colocou o meu no lugar! Ah, não... Não acredito!

Aquela mulher linda soltou uma gargalhada deliciosa.

Fiz uma careta do tamanho do mundo. Tive uma ideia de imediato, portanto deixei Amande sozinha na cozinha enquanto procurava o perfume que havia comprado em sua loja. Sabia que tinha deixado em algum lugar da sala e acabei o encontrando em cima de uma mesinha de apoio.

Retornei à cozinha. Amande fazia uma cara de quem não estava entendendo, porém quando eu finalmente desembalei o perfume, ela tentou me impedir. Sem sucesso. Espirrei uma

grande quantidade do conteúdo em mim mesmo, deixando o cheiro dela invadir o ambiente muito depressa. Olho por olho, dente por dente

– Não! – ela gritou, rachando de rir. – Não vale!

Iniciamos uma sessão de gargalhadas. Era tão perfeito vê-la rindo daquele jeito que acabei a puxando pela cintura. Juntei nossos lábios, oferecendo-lhe um selinho bastante demorado.

– Vamos comer, Amande. Daqui a pouco esfria tudo e então vou ter que partir pra sobremesa de novo! – falei.

Vi seu rosto corar de vergonha, mas mesmo assim ela sorriu.

Sentamo-nos à mesa e começamos a nos servir. Admito: tudo estava uma delícia. Amande retirou toda a descrença que possuía dos meus dotes culinários. Adorava observá-la enquanto comia. Aliás, estava tudo muito perfeito para que eu pudesse acreditar. Ter aquela mulher no meu apartamento – vestindo minha roupa depois de um sexo incrível, provando a minha comida e parecendo super à vontade –era uma sensação indescritível. Até os meus gatos perceberam o quanto ela já fazia parte daquela casa, visto que não pararam de passar entre suas pernas. Lulu chegou até a ronronar, coisa que quase nunca faz.

Comemos em silêncio, apenas sorrindo um para o outro quando nossos olhares se cruzavam. Às vezes percebia que Amande olhava para o relógio da cozinha e franzia o cenho. Estava tarde, mas não me importava. Meu próximo passo era convencê-la a ficar. O vinho havia sido uma jogada de mestre; teria uma boa desculpa para não deixá-la pegar o carro.

– Bom... Foi tudo muito bacana, mas eu tenho que ir – falou depois que terminamos de comer.

– Ah... Mas, já?

– Sim, eu... preciso mesmo ir.

O uso da palavra preciso fez sentido, porém não me convenceu. Talvez Amande precisasse ir, mas eu duvidava de que ela quisesse. Há uma grande diferença entre um e outro.

– Dorme aqui comigo, Amande – pedi na maior cara de pau. Encarei-a fixamente, mostrando o quanto estava falando sério.

Seu desconcerto foi visível.

– Caleb... Eu vou me casar. É sério, acho que... não posso prosseguir com isso.

– Achei que assistiria a um filme comigo – falei, tentando não ligar para o que tinha dito. Depois de tudo o que fizemos, era estupidez sequer mencionar aquele maldito casamento. – Gosta de comédia romântica?

– Go... Gosto. – Acho que Amande não acreditou muito no fato de eu gostar de romances.

– Adoro a Julia Roberts, tenho uma coleção – comentei. Depois tive uma ideia genial. – Sabe qual é o meu filme favorito com ela?

– Qual?

– "Noiva em fuga" – soltei, rindo torto.

Amande abriu bem os olhos. Todo o sangue da sua face pareceu lhe escapar muito depressa. Nunca a vi tão branca. Desviando os olhos dos meus, ela pegou a taça de vinho e virou o conteúdo todo de uma vez. Sinal óbvio de nervosismo. Continuei sorrindo, não ia me arrepender do que falei. Não mesmo.

– Sério? Pensei que fosse "Uma linda mulher" – respondeu após longos segundos. Sua

expressão nervosa deu lugar a uma irônica.

– Por que pensaria isso?

– Não sei, talvez porque a Julia faz o papel de uma prostituta – alfinetou.

Meu sorriso morreu imediatamente. O maldito tiro que saía pela culatra estava de volta. *Droga!*

Amande encheu a própria taça, voltando a entorná-la completamente. Não sei o que pretendia com aquilo, talvez estivesse buscando coragem para ficar. Ou para ir embora.

– Bom, não vou deixá-la ir. Você tomou três taças cheias, não está em condições de pegar o carro. O que vai ser? "Noiva em fuga" ou "Uma linda mulher"? – insisti, fingindo não ter me importado com o que falou. A verdade é que fiquei chateado, mas sabia que ela estava apenas tentando se defender. Amande era cabeça-dura demais!

– Pode ser "Dormindo com o inimigo" – ironizou. Fiz uma careta e rebati:

– Pode ser "O casamento do meu melhor amigo".

Foi lindo demais ver a ironia sair de seu rosto, deixando o velho nervosismo retornar. Amande suspirou profundamente, parecia super confusa. Pensando melhor, eu não podia esperar outra coisa vinda dela. O casamento iminente já deixaria qualquer mulher perturbada em condições normais, imagina com tudo aquilo acontecendo? Minha situação era complicada, mas a da Amande era mil vezes pior. Não é fácil deixar um relacionamento de lado, pior ainda um casamento todo arquitetado. Ela tinha apenas três dias para decidir o que queria da vida. Eu estava soltando dicas, deixando pistas, mas... não conseguia simplesmente abrir o jogo e falar. Até porque minha intenção não era forçar a barra. Queria que percebesse por si só e tomasse as próprias decisões.

– É sério desta vez – ela disse. – Gosto de "O sorriso de Monalisa". Que tal?

– Perfeito, embora eu prefira o sorriso de Amande.

Toquei-lhe a face com a ponta dos dedos, enquanto a observava corar pela milionésima vez. Tão linda! Mal dava para crer que havia aceitado ficar comigo naquela noite. Eu nem sabia se merecia tanta felicidade, mas, enquanto aquele sentimento preenchesse o meu peito, faria de tudo para merecer.

44º Capítulo
Noite de amor

Chamei Amande para tomar um banho comigo antes de assistirmos ao filme, mas ela negou. Aninhou-se na minha cama e lá permaneceu até o meu retorno. Estava introspectiva, mas não fiz perguntas. Mais uma vez, pensei em como a situação era complicada para ela. Daria tudo para ouvir seus pensamentos; a guerra interna que travava devia ter se intensificado.

Só o fato de estar comigo devia lhe causar desconforto, afinal, ela era sensata demais para não perceber que o que fazíamos era errado. Falo isso com relação ao noivo imbecil, pois na despedida de solteira existia certa justificativa para as nossas loucuras, porém nada justificava o fato de estarmos juntos naquela noite além de pura vontade. Vontade tal que, para ela, devia soar horrível. Amande sabia que estava traindo, e sei que não se orgulhava disso. Talvez até se arrependesse de tudo no dia seguinte.

Infelizmente eu não podia deixar que acontecesse.

Fechei as janelas do meu quarto, abaixei as cortinas azuis e liguei o ar-condicionado. Depois abri um compartimento de um dos armários e puxei o DVD de "O Sorriso de Monalisa" entre a minha coleção da Julia Roberts. Liguei a TV e deixei tudo pronto para assistirmos. Também desliguei as luzes e liguei um pequeno abajur. Amande nada falou durante todo o processo, mas senti que me observava com curiosidade.

Trajando apenas uma cueca samba-canção de seda, deitei na cama ao seu lado. Logo em seguida, puxei o edredom e nos cobri. Fiz seu corpo colar no meu e rapidamente ficamos de conchinha. Uma delícia! De modo algum eu podia querer algo mais na minha vida.

– Está pronta? – murmurei em seu ouvido, enquanto percorria minhas mãos na sua pele dourada.

Amande balançou a cabeça, ainda meio pensativa. Encontrei um lugar perfeito entre seu ombro e pescoço para encaixar o meu rosto, oferecendo-lhe milhões de beijinhos suaves.

– Hein? – perguntei.

– Estou, Caleb. – Amande riu um pouquinho e se virou, fazendo nossos lábios se encostarem. – Pode dar *play*.

Juro que tentei me concentrar no filme, até consegui em algumas partes, mas ter Amande tão perto me deixava louco. Minha pele já ardia de desejo, e piorava toda vez que a dela arrepiava por causa do movimento que eu fazia em seu cabelo, similar a uma pequena massagem.

Meu sexo ficou ereto em vários momentos. Quando Amande percebia começava a rir baixinho, virando-se para me beijar. Depois, voltava a prestar atenção no filme. Eu continuava atiçando, esfregando minha ereção em sua bunda gostosa. Perdi as contas de quantas vezes quis arrancar aquela calcinha. Nem sei por que estava me contendo, acho que talvez fosse por causa da falta de pressa. Tinha a noite inteira pela frente.

Quando as coisas entre a Julia Roberts e o Dominic West esquentaram no filme, decidi guiar minhas mãos por dentro da minha camisa que Amande vestia. Achei seus seios

rapidamente, começando a estimulá-los entre os dedos. Curvei o meu corpo e lhe distribuí beijos no ombro, seguindo pelo pescoço, queixo, bochecha e orelha.

Depois de deixar a ponta dos seus seios bem durinha, alisei suas coxas, brincando com a lateral da calcinha como se fosse retirá-la. Amande riu, virando-se um pouco. Pensei que ia me recriminar, mas acabou me surpreendendo quando segurou a minha ereção por cima da cueca. Fiquei tão excitado com aquela atitude que puxei o rosto dela e lhe dei um beijo intenso, apaixonado. Nossas línguas brincavam uma com a outra, e espasmos intensos faziam meu sexo latejar. Já estava mais do que pronto para amá-la novamente.

– Desse jeito não vamos assistir ao filme – ela murmurou com uma vozinha quase infantil, mas cheia de promessas.

– Não... *Você* pode assistir ao filme à vontade – respondi, fazendo-nos retornar à posição inicial de conchinha. Daquele modo, Amande tinha visão livre para a TV.

Levantei a camisa dela até que seus seios ficassem expostos. Logo em seguida, conduzi minha mão para dentro da calcinha bem devagarzinho. Amande virou a cabeça e me beijou deliciosamente. Usei apenas um dedo para conferir o que acontecia em seu sexo; estava quente, como sempre, e bastante lambuzado. Ela soltou um gemido entre os meus lábios. Fez menção de que ia se virar, mas eu não permiti.

– Continue assistindo ao filme – sussurrei com ar sério. Amande me obedeceu, permanecendo quietinha.

Explorei cada pedacinho do seu sexo com os dedos. Louco de excitação, sentei-me na cama e lhe retirei a calcinha bem depressa. Ela continuou sem se mexer, mas percebi que sua respiração havia se alterado. Voltei à posição conchinha – abraçando-a por trás – e puxei a sua perna para o alto, apoiando-a em cima da minha. Ela ficou deliciosamente exposta, o caminho livre para mim.

Comecei beijando a sua pele, que ficava cada vez mais quente, enquanto meus dedos continuavam a explorá-la. Amande deu leves contorcidas com o ventre, soltando gemidinhos baixos que só me faziam ficar ainda mais louco. Percebi sua pele dourada arrepiar depois que mordisquei a sua orelha. Perfeita demais...

Afastei a cueca para baixo, liberando a minha ereção, que logo se encostou à Amande. Assim que me sentiu, ela colocou uma mão para trás, segurando-me com firmeza. Aquela mulher maravilhosa começou a movimentar sua mão lentamente, e eu já não conseguia suportar tanto desejo. Precisava fodê-la com urgência.

Senti que Amande iria se virar e então a bloqueei novamente.

– Não se desconcentre, Amande. Vai perder o final – murmurei, apertando a sua bunda. Ela riu um pouquinho, mas permaneceu virada na direção da TV.

Localizei, em cima da cabeceira, a caixinha onde guardava alguns preservativos. Mantive a ideia de fazer sexo seguro com a Amande. Eu sempre me lembro de me prevenir, já é automático. Ainda bem, assim nos amaríamos sem riscos. Tenho certeza de que, sendo uma mulher muito correta, ela preferia daquele modo.

Eu mesmo coloquei o preservativo daquela vez. Não queria que Amande se virasse, pois a minha visão era bem privilegiada. Sua bunda me chamava quase aos berros. Aquilo me fez pensar numa coisa: acho que Amande jamais havia feito sexo anal. Não importava, pois não pretendia fazê-lo. Não naquela noite.

Tornei a me encaixar atrás dela, colando nossos corpos quentes. Ela mesma abriu as

próprias pernas, voltando a apoiá-las na minha – prova de que estava com tanto tesão quanto eu. Abracei-a com força, navegando minha mão no seu corpo até estacionar no seu sexo. Encontrei a minha ereção bem perto, quase a penetrando. Com um curto movimento, consegui que nos encaixássemos um ao outro.

Amande soltou um gemido alto.

– Está prestando atenção? – perguntei aos murmúrios depois de um tempo, enquanto a penetrava lentamente. Comecei a estimulá-la com os dedos, alisando seu sexo com suavidade.

– Não muito...

– Vou fazer você prestar bastante atenção – rosnei.

Mais do que depressa, acelerei o ritmo do movimento. Deixei-o intenso, de modo que nossos sexos se chocavam com força. Sentia o corpo dela se contorcer por inteiro, exigindo ainda mais do meu. Usei a outra mão para virar o seu rosto para mim. Amande estava com os lábios presos e a respiração ofegante. Encarei-a por longos minutos, apenas me deliciando com as expressões fantásticas que fazia enquanto eu a possuía.

Foi quando notei que ela chegaria ao clímax.

– Caleb... – gemeu baixinho, mas foi aumentando a voz gradativamente até explodir num orgasmo. – Caleb... Caleb!

Enquanto ela gozava, eu a apertava ainda mais forte contra o meu corpo. Minha própria liberação sairia a qualquer instante, porém, no último minuto, não quis que fosse daquele jeito. Desencaixei nossos corpos e virei Amande de frente, permitindo que se sentasse em cima de mim. Abracei-a com intensidade, deixando sua pele grudada na minha.

O movimento voltou a ficar vagaroso, contudo eu já não aguentaria mais um segundo sequer. Entrei no êxtase rapidamente, sem desviar os olhos de sua linda face.

– Amande – murmurei, sentindo minha ereção vibrar dentro dela, soltando vários espasmos antes de relaxar.

Amande sorriu abertamente depois da nossa pequena loucura. Puxei-a para ainda mais perto de mim – como se fosse possível – e beijei sua boca com vontade. Minhas mãos percorreram suas coxas, passando pelo seu traseiro e arrepiando suas costas.

– Acho que perdemos o filme. Que pena – ironizei, rindo torto.

– A culpa foi sua – ela sussurrou entre os meus lábios. – Eu avisei.

Beijamo-nos mais uma vez, até que ela nos desencaixou. Não permiti que se afastasse muito; meus braços a agarraram e a trouxeram de volta.

– Estou meio cansada...

– Eu também – admiti. – Vamos dormir?

– Aham.

Tirei o preservativo e o depositei na cabeceira. Estava com preguiça de jogá-lo no lixo, teria que me levantar e ir até o banheiro. Amande procurou a calcinha e a camisa, encontrando-as amassadas em algum ponto da cama. Eu só fiz levantar a cueca de volta e pronto. Estava tudo certo.

Aninhei Amande em meus braços assim que terminou de se vestir. Cobrimo-nos com o edredom, e a senti relaxando aos poucos. Sabia que a minha vida seria perfeita para sempre se aquilo voltasse a se repetir todas as noites. Fiz outra pequena oração mentalmente, pedindo para que um milagre acontecesse.

– Boa noite, Caleb – murmurou, dando-me um beijinho casto.

– Boa noite, Amande.

Como ela dormia rápido! Era basicamente fechar os olhos e só, já estava dormindo. Eu sofria de insônia desde... Desde que saí de casa. Embora buscasse tratamento, jamais consegui algum resultado animador. Pelo menos não um que não fosse baseado em inúmeros medicamentos, esses faço questão de dispensar.

Observei-a dormir por longos minutos, maravilhado com tudo o que envolvia aquela mulher. Toquei seu rosto de leve, fazendo círculos bem suaves. Ela sequer se mexeu, tinha um sono muito pesado. O sentimento que queimava o meu peito apertou a minha garganta, deixando-me quase sem ar.

– Eu te amo – sussurrei bem baixinho, um pouco temeroso. Não me pergunte o que me deu na cabeça, apenas senti que aquela era uma verdade que precisava ser dita.

Para a minha sorte – ou azar – Amande já estava longe demais para me ouvir.

45º Capítulo
Adeus ao passado

Dormi perfeitamente bem. Acredito que não descansava daquele jeito desde que dormi com a Amande no fim de semana. Era óbvio; a presença dela me confortava e me trazia uma calma impressionante. Meu corpo respondia bem, sentia-se aconchegado e livre de preocupações. Até me permiti sonhar com ela. Foi um sonho meio louco – com cenários vagos e indefinidos –, mas muito bom. Não me lembro de muita coisa, só de tê-la beijado docemente e sussurrado em seu ouvido o quanto a amava.

Assim que abri os olhos, estava deitado na cama todo embrulhado com o edredom. O ar-condicionado ainda trabalhava a toda velocidade, deixando o ambiente bastante frio. Nem sinal da Amande. Cheguei a pensar que estava sonhando, por um momento não tive certeza de que ela realmente esteve ali. Entretanto, o travesseiro ao meu lado não negou; o seu cheiro – não do perfume, o dela mesmo – estava impregnado.

Meu primeiro instinto foi procurá-la, mas depois de conferir cada ambiente do apartamento, cheguei à conclusão de que já tinha ido embora. Pudera, eram quase dez horas da manhã. Decidi me arrumar para ir à reunião com o Marlos e os garotos. Não pretendia ficar muito tempo, na verdade só compareceria para resolver a minha situação; romperia o contrato sem dó. Chega de programas, chega de despedidas de solteira e sexo casual. Simplesmente não podia prosseguir com aquilo, havia prometido jamais me vender de novo. Costumo cumprir cada uma das minhas promessas, mesmo as mais pessoais.

Cheguei ao escritório meia hora antes do combinado para a reunião. Tinha ligado para o Marlos antes, e ele avisou que já estaria lá e que poderia me receber para conversarmos. Não cheguei a mencionar minha desistência por telefone, faria isso pessoalmente. Não fazia ideia de como seria a sua reação, mas a certeza na minha decisão era o bastante para me deixar tranquilo.

– Hum... – Marlos não parecia surpreso com o que eu havia acabado de dizer. Claro que não falei que tinha me apaixonado pela cliente, apenas expliquei que estava parando com a vida de garoto de programa. – Tem certeza disso, Caleb? Você não pode voltar atrás depois que rompermos o contrato...

– Certeza absoluta – respondi convicto. – Eu estou parando de vez. Pretendia esperar o contrato ter fim, mas eu não posso prosseguir. Vou dedicar este tempo para organizar as coisas do meu estúdio. Mas não se preocupe, irei pagar todas as multas e farei tudo o que for necessário. Ninguém sairá no prejuízo.

– Você sabe que foi escolhido a dedo, não é? – disse Marlos, com sua voz grave marcante e o velho sorriso estampado nos lábios. Acho que ele jamais deixava de sorrir, era impressionante.

– Claro que sim, e agradeço as recomendações, mas infelizmente não posso prosseguir. Não quero prejudicar o empreendimento, mas seria pior se eu continuasse.

Marlos balançou a cabeça, aquiescendo. Parecia entender alguma coisa que talvez eu não entendesse. Ele ficou reflexivo por longos minutos, apenas mirando seus olhos negros em mim.

Era quase uma análise, de modo que fiquei um pouco constrangido.

– Olha... Não há necessidade de rompermos o contrato desta forma – disse por fim. – Podemos fazer isso de modo amigável, ou seja, posso conversar com os sócios e fazê-los concordar com o rompimento. Deste modo você não precisará pagar a multa estabelecida.

– Você decide, estará ótimo para mim de qualquer forma. – Dei de ombros.

– Mas... Estou curioso. Não deixei de notar seu envolvimento diferenciado com a cliente.

Fiz uma careta enorme, enquanto Marlos apenas sorriu ainda mais amplamente.

– Só queria saber se a sua mudança tem a ver com isso – concluiu.

– Não, claro que não...

– Caleb, eu preciso saber quais são os riscos que corremos. Você é um veterano, conhece as regras e a importância de segui-las.

– Uma coisa é muito clara para mim, vocês organizaram tudo perfeitamente. As regras são claras até demais, e acho que não terão problemas – respondi, sem saber direito se estava sendo sincero. De verdade, qualquer coisa podia acontecer dentro dos muros daquela casa, inclusive um garoto de programa se apaixonar por uma cliente, e vice-versa. – Só acredito que as clientes devem ser avisadas do que vai acontecer, todas elas. A surpresa, neste caso, pode ser algo meio perigoso. É bom que saibam no quê exatamente estão se metendo.

– Compreendo... – Marlos pegou uma caneta e começou a pressionar a parte superior diversas vezes, abrindo e fechando a ponta. Ele estava usando um terno muito elegante, o que era bem engraçado se contarmos com o fato de que ele era um ex-garoto de programa que se transformara em produtor de eventos. Não qualquer tipo de evento, Marlos vendia sexo como se fosse água, sempre esperto e ligado nas "tendências". Seus eventos eram sempre bem sucedidos, e os melhores profissionais eram contratados. Já havia participado de algumas festas muito loucas proporcionadas por ele. São noites compostas de muito exagero e, claro, muito sexo.

– No geral, a ideia é muito boa – concluí, querendo acabar logo com aquilo. Incrivelmente as lembranças do passado não mais me faziam bem. Pela primeira vez, senti-me envergonhado pelas coisas que já fiz.

A sala foi tomada por um silêncio meio perturbador.

– Bom... Tudo bem, Caleb – Marlos se levantou, erguendo sua mão num cumprimento formal. – Irei conversar com os sócios e ligo para você. Vamos resolver isso da melhor forma possível.

– Obrigado, Marlos. – Cumprimentei-o e sorri torto.

Achei que aquela era a minha deixa para dar o fora dali. Precisava ligar para o meu advogado, Sr. Phillips certamente resolveria tudo bem depressa.

Contudo, antes que eu chegasse até a porta, Marlos soltou:

– Ela vai mesmo se casar?

– Quem? – perguntei, fazendo uma careta. Meu coração deu um salto, e nem me pergunte por quê.

– A senhorita Amande – disse ele, sorrindo de um jeito meio cúmplice.

– Não faço a menor ideia – murmurei e saí da sala, entendendo bulhufas. Não sabia até que ponto Marlos sabia da história entre Amande e eu, mas tive certeza de que era mais do que podia imaginar.

Na saída do escritório, encontrei com o Fernando, que aguardava de pé em frente a uma

grande janela de vidro e metal. Ele estava bem diferente; tinha os cabelos longos presos em um rabo de cavalo e vestia um traje esportivo composto por jeans, tênis, camisa e jaqueta. Não havia sinal dos outros rapazes, visto que ainda era cedo. Meu encontro com Marlos havia sido mais rápido do que imaginei.

– E aí, irmão! Chegou cedo, hein? – Fernando apertou a minha mão e me deu um abraço lateral.

– Pois é, cara, estou dando adeus ao projeto. Não vou mais participar.

– Sério? – Ele pareceu bastante surpreso.

– Sim, pra mim já deu o que tinha de dar. Vou parar.

Fernando apertou os olhos claros, analisando-me do mesmo modo como Marlos havia feito. Perguntei-me se tinha alguma coisa escrita na minha testa, era a única explicação para aquilo. Por que todos estavam me olhando daquele jeito, como se eu fosse o culpado de um crime hediondo?

– O quê? – perguntei, ficando irritado com suas expressões.

– A noiva tem alguma coisa a ver com isso? – Fernando foi direto.

– Por que todo mundo acha que Amande tem algo a ver com o fato de eu querer parar de fazer programa?

– Sei lá, eu não te conheço o bastante, mas sei que se envolveu. Você mesmo me disse, lembra?

Encarei-o fixamente, meio contrariado.

– Se quer saber, é isso aí – confessei. – Ela tem tudo a ver. Eu me apaixonei.

Fernando sorriu amplamente, como se eu tivesse acabado de dizer que ele tinha ganhado na Mega-Sena ou algo do tipo.

– Eu sabia! Podia até jurar!

– Bom, mas isso não significa muita coisa. Ela tem um casório marcado, esqueceu? Minhas chances de me dar bem nessa história são diminutas.

– Ah, cara... Eu não apenas reparei em você, como também reparei nela. Não deixe ela se casar, será um erro. O modo como te olhava era diferente.

– Não sei de mais nada... – murmurei, e era verdade. Nem sabia se devia procurá-la novamente. Não fazia ideia se tinha que ligar ou deixá-la em paz. Amande me deixava confuso. Saber que ela ia se casar dali a dois dias me causava uma dor tão grande que chegava a ser física. – Dormimos juntos ontem. Passamos o dia inteiro juntos, na verdade. Mesmo assim, ainda não consigo te dizer se ela largará o maldito casamento – desabafei.

Fernando bufou.

– Ela dormiu contigo três dias antes do casamento? Cara... Em despedidas de solteiras acontece de tudo um pouco, eu não estranhei o fato de ela ter ficado contigo na casa de praia. Mas... Durante a semana, assim, sem mais nem menos? É óbvio, Caleb. Ela gosta de você.

Olhei meu relógio de pulso, achando que já havia falado demais. De alguma forma, eu me sentia confortável conversando com o Fernando. Mesmo sem conhecê-lo, confiava nele. Era esquisito, mas depois do fim de semana, havíamos criado um tipo de amizade razoável, tanto que decidi pegar o número do seu telefone antes de ir embora. Acho que essa nova etapa da minha vida permitia algumas amizades. Pelo menos eu tentaria deixar de ser tão fechado e parar de afastar as pessoas de mim.

Era isso. Começaria a modificar alguns pontos da minha existência, não apenas a questão

profissional. Minha vida pessoal havia se transformado numa grande porcaria, e fazia tempo que não sabia o que era sair com os amigos, nem me divertir – pelo menos não com alguma coisa que não fosse relacionado a farras e grandes festas seguidas por sessões exaustivas de sexo promíscuo.

Afastei-me da família e me prendi em uma redoma que só me fez ser uma pessoa ainda mais solitária. Eu também tinha gaiolas, afinal. Talvez as algemas que amarravam a Amande fossem outras, mas, no fim, éramos todos escravos de nós mesmos. Naquele momento percebi que mudar de profissão implicaria transformar a minha vida inteira. Estava disposto a fazê-lo, pois agora tinha objetivos e, principalmente, um bom motivo.

Eu precisava fazer por merecer o amor da Amande. Não era questão de mudar por ela, e sim de melhorar por ela. Por mim mesmo. Por nós dois. Via um futuro só nosso passando diante dos meus olhos. Temia que tudo aquilo jamais chegasse a ser real, porém eu não gostaria de ser o culpado caso as coisas dessem errado.

Meu passado teria de ficar para trás, eu estava disposto a dar adeus a ele. Seriam apenas lembranças vagas de alguns anos em que nada fazia sentido – embora continuasse sem me arrepender das minhas escolhas, afinal, foi necessário que tudo o que vivi acontecesse para que aquele momento chegasse.

Meu novo futuro me aguardava de braços abertos, e eu estava rezando para que aqueles braços fossem os da Amande.

46º Capítulo
O amargo sabor da desilusão

Cheguei à minha casa super bem humorado. Havia traçado alguns planos no caminho de volta para casa; eu não tinha o telefone da Amande – incrivelmente me esqueci de pedir –, mas tinha o de sua loja. Esperaria o horário do almoço para ligar, pois não queria atrapalhá-la, e então a convidaria para um novo encontro. Pouco me importava que o casamento estivesse próximo, só precisava arriscar e torcer para dar certo.

Pode parecer muito egoísta da minha parte – sei que Amande sofria com aquela situação complicada e sei também que podia trazer problemas pra sua vida –, mas eu precisava impedir que se casasse com um idiota. Não queria que as coisas fossem daquele jeito, mas também não podia ficar parado vendo tudo acontecer sem que nada fizesse.

Tirei a camisa que estava vestindo e desabotoei a calça. Vi Lulu deitada no sofá, por isso sentei ao seu lado e puxei-a para mim, colocando-a em meu colo. Foi quando vi um papel em cima da mesa de centro, não havia reparado nele antes. Peguei-o com bastante curiosidade e li instintivamente, sem fazer ideia do que me aguardava:

"Espero que seja o suficiente. Se for menos, fique com o troco. Se for mais, gostaria de que me ligasse para que eu possa fazer outro cheque. Aliás, queria muito que fizesse umas fotos no meu casamento, mas tive uma ideia... Sabe as fotografias que tirou da sua irmã? Quero algumas daquelas. Vou estar no hotel, já maquiada e penteada, às dezessete horas. Esteja lá, pago qualquer preço por elas, pois meu noivo irá adorá-las. Se não puder ir, mande-me um e-mail avisando."

Amande não havia assinado aquele bilhete – feito de papel arrancado de uma agenda –, mas era óbvio que o havia deixado pela manhã. Sinceramente, eu fiquei muito confuso com ele. A ficha simplesmente não tinha caído, até que encontrei o maldito cheque. Exato, havia um cheque de quatro mil reais, em meu nome, junto com o bilhete. Balancei a cabeça, ainda sem entender. Para quê raios Amande havia deixado um cheque? Estaria pagando pelas fotografias que eu nem havia tirado ainda? Certamente não cobraria tão caro, aliás, sequer sabia se conseguiria vê-la prestes a se casar.

...

"Meu noivo irá adorá-las". *Hunft*. Fala sério...

...

...

Amande posando sensualmente para mim antes do casamento? Quem ela pensava que eu era?

...

"Um garoto de programa, Caleb", fiz o favor de responder a minha própria pergunta.

...

Acho que li o recado umas cinco vezes para que a porcaria da ficha caísse – e devo acrescentar que caiu bem em cima do meu coração. O estrago foi grande. Enorme. Absoluto. Nem sei dizer se perdi o controle, se gritei, se chorei ou se parei de respirar. Só sei que doeu.

Muito. De um jeito que não pude suportar.

A filha de uma mãe me pagou pela noite que passei com ela.

Pela nossa noite de amor.

Amande pagou para transar comigo, como se eu fosse um... um... garoto de programa.

– Puta... que... pariu... – murmurei, jogando-me com tudo no sofá. Minhas pernas se mostraram incapazes de manter meu corpo de pé. Todo o sangue do meu corpo pareceu ter se esvaído.

Permaneci em um estado catatônico. Simplesmente parei no tempo; não conseguia me mover, tinha dificuldade até para respirar. Uma parte de mim não queria acreditar naquele absurdo, mas a outra estava jogando coisas na minha cara. Coisas do tipo:

"Como você pôde ser tão idiota?"

"Por que se deixou envolver desse jeito?"

"É claro que ela só queria sexo contigo, você só serve para isso, Caleb."

"Ela te usou, e você caiu feito um otário."

"Jamais será digno dela, você não presta, não tem moral, não tem valor algum... Ela sabe disso mais do que você."

"Aceite o que você é e sempre será: um objeto sexual."

Senti meus olhos se esquentarem até quase pegar fogo. Um peso enorme foi colocado nas minhas costas, como se o mundo inteiro estivesse em cima de mim, rindo da minha cara e me julgando deliberadamente. Uma lágrima sorrateira escorreu pelo meu rosto, porém minha mão saiu do transe depressa e a enxugou como se ela fosse feita de um ácido corrosivo.

A raiva veio logo em seguida. Surgiu como um clarão, na velocidade da luz, deixando todo o meu corpo rígido. Meus dentes se contraíram, meu maxilar parecia feito de pedra. Minhas mãos amassaram o papel com aquele bilhete deprimente. Guiei o cheque entre os meus dedos, pronto para fazê-lo em pedaços. Era óbvio que eu não ia ficar com aquele dinheiro. Eu não precisava do dinheiro dela, não queria mais nada, nada, NADA vindo dela.

A ideia me fez parar. Não... Não podia rasgar aquele maldito cheque. Iria devolvê-lo. Sim... Pessoalmente. Ela precisava saber que eu não estava à venda. Amande não podia me comprar daquele jeito, não sou um produto, não sou um objeto, não sou um brinquedinho...

"É claro que é, Caleb."

Não sou mais.

"Sempre foi. Acha que é fácil deixar de ser? As mulheres só querem isso de você, nada mais."

– Não pode ser... – sussurrei, encarando o cheque. Não conseguia desviar meus olhos dele. Não estranharia se ele começasse a pegar fogo do nada, pois meu olhar soltava faíscas em sua direção. – Não pode ser... Não pode!

Meu mundo já havia desabado inúmeras vezes. Não posso negar: minha vida foi cheia de dissabores, de modo que estava acostumado a sentir aquela velha sensação de desmoronamento. Mas nada se comparava àquilo. Era mais do que uma derrota, mais do que tristeza ou fracasso. Era o fim da esperança. Sabe quando dizem que a esperança é a última que morre? Pois bem, quando acontece, significa que tudo o mais já morreu. A sensação era exatamente essa: eu havia morrido e era apenas uma sombra vagando sem rumo através de um vale escuro e frio.

Minha vontade real, meu maior desejo, era sumir. Evaporar. Quem se importaria, afinal?

Apenas a Júlia. Mas ela tinha a própria vida para viver, certamente ficaria bem. Ju tinha amigos, marido, pais... Uma penca de gente que se importava com sua felicidade. Quem se importava com a minha? Nem eu mesmo o fazia. Não mais.

Não faço ideia de quanto tempo passei sentado no sofá, com os olhos fixos para o nada. Não me permiti chorar ou me lamentar. Apenas sentia o amargo sabor da desilusão me corroendo por dentro, e eu suportava a dor como se nem ela chegasse realmente a me importar.

Depois de um tempão vendo tudo o que eu havia construído nos últimos dias se transformar em ódio, decidi me mover. Larguei o bilhete e o cheque em cima da mesa de centro, tornei a vestir minha camisa e peguei as chaves. Uma frieza sem limites acompanhou meus movimentos. Eu não sabia para onde ir, só entendia que não podia ficar no meu apartamento. A porcaria do cheiro dela estava por toda parte, deixando-me ainda mais irritado.

Dirigi a Charlotte numa velocidade extremamente alta. Devo ter ganhado pelo menos umas três multas de trânsito, por não ter diminuído em alguns radares. Foda-se. Eu tinha dinheiro, muito dinheiro. Podia até nadar nele, e cada centavo representava uma mulher. A analogia era correta; eu nadava em dinheiro e nadava em mulher. É isso que sou, é isso que faço. Idiota eu fui por querer mudar o imutável.

Estava meio sem rumo, mas parei em um bar que eu costumava frequentar aos dezoito anos, quando não tinha um centavo furado. Pelo menos eu tinha amigos naquela época, o que fazia do meu eu atual um verdadeiro fracassado. E pensar que eu me achava um fracasso naqueles tempos... Se o adolescente idiota de anos atrás me visse agora, riria da minha cara.

Sentei na beira do balcão, em uma das cadeiras de perna alta. Ainda me lembrava do que costumava tomar: uma dose de vodca barata. Era a única coisa que meu dinheiro conseguia pagar, e eu fazia o conteúdo durar horas para não ter que gastar com muitas doses em uma noitada. Lamentável. Aquele Caleb havia morrido há muito tempo, mas o meu pedido foi exatamente o mesmo, como se os anos que se passaram não tivessem significado nada. De fato, o que significou? O que uma vida solitária, baseada em muito sexo, significa? Porra nenhuma. Ou melhor, muita, muita porra. Porra para dar e vender, e eu vendia.

Depois da quinta dose de vodca – e horas olhando fixamente para algum ponto inexistente do bar –, uma mulher que eu nunca tinha visto na minha vida resolveu se sentar ao meu lado. Olhei para a criatura: negra, alta, cabelos crespos estilo Vanessa da Mata e um sorriso faceiro estampado nos lábios carnudos. O que uma mulher como ela estava fazendo em um bar às – olhei meu relógio – cinco horas da tarde, eu não fazia ideia.

Como assim já eram cinco horas da tarde?

– Oi – ela disse, e seu sorriso se ampliou ainda mais. Os olhos redondos e escuros se curvaram um pouco, enquanto seus cílios com excesso de rímel se moveram com graciosidade.

– Não estou a fim de papo – recuei, empurrando a sexta dose de vodca goela abaixo.

– Nossa... Não precisava ser mal educado.

– Não me arrependo de ter sido. O que quer de mim, afinal? Sou bem bonito, não é? Acho que nos daríamos bem, você não faz ideia do que posso fazer contigo na cama. É isso o que quer, certo?

A mulher desconhecida pareceu muito surpresa. Balançou a cabeça como sinal de

reprovação, depois riu de leve. O garçom me serviu a sétima dose.

– Você é chocante.

Bufei, demonstrando muita irritação.

– É só isso que consegue dizer? Você é decepcionante. Todas vocês são.

– Não tenho culpa se alguma vadia quebrou o seu coraçãozinho – ela disse, tocando-me no braço de propósito. Seu olhar malicioso havia retornado. – Agora está aí, bebendo feito um louco e maldizendo todas as mulheres como se você não gostasse delas. Mas a verdade é que nos adora.

– Adoro. Adoro fodê-las. Incansavelmente.

Ela riu. Na verdade chegou a gargalhar. Meu olhar desceu para o seu decote acentuado. Suas curvas se sobressaíam em um microvestido com estampa de onça. Continuei a observando, desta vez guiando meus olhos pelas suas pernas torneadas de academia. Os músculos rígidos estavam sobressalentes no vestido. A pele achocolatada chegava a brilhar por ali.

Virei o rosto instintivamente.

– São demônios – prossegui. – Ou sereias... Atraem apenas para nos matar. Não caio mais nessa.

– Na verdade você que é o demônio. Tem noção do quanto é atraente? Consegue ser sexy até mesmo estando bêbado. Quando te vi do outro lado, cheguei a pensar que beleza assim devia ser proibida.

Sorri torto, mas de uma maneira meio débil.

– Devia mesmo. Fariam um favor para mim se proibissem.

– Prefere ser feio? – Ela gargalhou. Era claro que estava se divertindo com aquela conversa sem sentido. Eu não conseguia raciocinar direito. As coisas estavam começando a girar ao meu redor, deixando-me tonto.

– Preferiria. Se eu fosse feio, eu seria um cara normal. Teria amigos, faria faculdade de Direito e seria um ótimo advogado, como meu pai sempre quis. Seria rejeitado pelas mulheres até encontrar uma que me amasse pelo que tem dentro de mim – respondi em tom de desabafo, mas a frieza das palavras chegava a deixar minha vodca quase uma *ice*.

Cansado de ser questionado por aquela mulher louca, saquei minha carteira e retirei uma nota de cem. Minha conta devia ter dado uns trinta e poucos, mas quem se importa? Levantei-me da cadeira bem devagar, pois sabia que, se fosse depressa demais, era capaz de cair no chão.

– Aonde vai? – a mulher perguntou.

– Não te interessa.

Aproximei-me dela lentamente. Vi sua boca entreabrindo quando cheguei perigosamente perto. Deixei nossos rostos quase colados, enquanto meus olhos prendiam os seus do jeito como eu estava acostumado a fazer. Nunca falhava.

– Se quer que eu te foda como ninguém nunca te fodeu na vida, vai ter que me pagar. Não faço de graça – falei de modo sussurrante e rígido, observando seu braço direito arrepiar. A ponta dos seus seios ficou visível debaixo do vestido, então percebi que ela não usava sutiã. – Da última vez que fiz de graça foi tão bom que acabaram me pagando.

Puxei um cartão de visitas do bolso e entreguei a ela, enquanto assistia seu rosto contracenar uma careta que misturava confusão e desejo. A mulher resfolegou com minha

aproximação e inspirou fundo quando eu finalmente me afastei.

De uma coisa eu tinha certeza: a vadia ia me ligar mais cedo do que os meus reflexos – agora lentos como uma mula manca – podiam acompanhar.

47º Capítulo
Inconsolável

Charlotte estava parada em uma rua pouco movimentada, visto que o bar sequer tinha estacionamento. Afundei no banco de couro, observando o planeta girar de um jeito meio engraçado. Liguei o motor e olhei para o banco do carona. Não pude evitar me lembrar de que Amande havia sido a última a se sentar ali. Parecia que fazia anos que tinha acontecido, mas foi no dia anterior.

As coisas mudaram muito depressa.

De repente, o ódio tornou a invadir os meus sentidos. Apertei o volante com força exagerada. O maldito bilhete não saía da minha cabeça. Por que raios Amande tinha feito aquilo comigo? Precisava ter me humilhado tanto? Se a noite que passamos juntos não havia significado nada, por que apenas não foi embora e pronto? Por que me deu esperança? Por que fez amor comigo daquela forma? Por que aceitou dormir no meu apartamento? Por quê?

Eu não sou burro e nem cego; sei o que vi, sei o que senti. Amande não podia ter tratado nosso momento com tanta indiferença. O que eu conhecia dela não me permitia acreditar que pudesse ser tão ridícula. Chegava a ser inacreditável, porém seu recadinho tinha deixado as coisas muito claras. Não conseguia mais defendê-la. Estava com muito ódio... Com nojo, na verdade. Lembrar a noite passada estava me causando repulsa. Meus esforços de nada haviam adiantado. Depois de tudo o que fiz, tudo o que ofereci... Droga, cheguei até mesmo a dizer com todas as letras que a amava...

Quatro mil reais. Era o preço do meu amor. Amande comprou o meu amor e se esqueceu de levar, visto que ele ainda estava ali, em algum lugar, sobrevivendo em meio ao ódio, ao ressentimento e à raiva.

Argh!

Ainda podia sentir seus beijos, seu cheiro... Sua pele na minha. A voz dela ressoava constantemente; gritava o meu nome, gargalhava, dizia-me coisas legais, sussurrava em meu ouvido. Eram fantasmas que vinham me atormentar. Zombavam da minha cara, apontando-me um dedo bem no meio da testa.

– Como fui imbecil... – murmurei, mal escutando a minha própria voz. O cheiro forte de vodca incensou o carro em dois tempos.

Desliguei o motor, dando-me conta de que não estava em condições de dirigir. Meus reflexos eram quase nulos, minhas mãos tremiam num misto de ódio e embriaguez. Achei melhor permanecer quieto, afinal, o fato de me sentir destrutivo não implicava que queria destruir outras pessoas. Não tem nada mais imprudente do que dirigir bêbado, e eu não estaria apenas colocando a minha vida em risco, como também a de pessoas inocentes. Eu tinha o direito de sentir raiva, mas não tinha de arriscar a integridade de ninguém.

Acabei ligando o som no último volume. Não ousei colocar algum CD ou ligar o MP4. Minhas músicas não me fariam bem naquele momento. Tudo de que eu menos precisava era sentir dor de cotovelo enquanto chorava e cantava canções deprimentes. Em vez disso, sintonizei em uma rádio e comecei a ouvir algumas baladas internacionais sem me dar o

trabalho de prestar atenção na letra.

Inclinei o banco do carro totalmente para trás e permaneci deitado por muito tempo, observando o teto girar lentamente. Estava em um estado de torpor muito esquisito; uma parte de mim era tristeza, a outra só conseguia sentir raiva. Praguejei baixinho inúmeras vezes. Pensei que meu coração pararia de bater – a sensação era muito real –, mas ele não chegou a me fazer este favor. No fundo, estava rezando para que acontecesse.

Meus punhos cerrados chegaram a deixar meus dedos doloridos, bem como meus dentes, que não paravam de se apertar um contra o outro dentro da minha boca. Começava a ficar quente dentro da Charlotte, embora assistisse à noite deixar a cidade escura a passos lentos. Retirei minha camisa e a depositei no carona, lembrando-me mais uma vez dos olhos da Amande me observando. Aqueles dois lagos escuros e misteriosos, que agora em vez de prenderem os meus, estavam os deixando marejados.

Desviei o pensamento, transformando-o em uma névoa densa e perigosa. Pressionei o dedo indicador e o polegar no topo do meu nariz, tentando conter as lágrimas que haviam se formado. Não iria chorar. Nem Amande nem mulher alguma mereciam as minhas lágrimas. Ela estava me usando o tempo todo. Eu não passei de uma fonte de prazer momentâneo. Talvez Amande só quisesse ter mais alguns orgasmos antes de passar o resto da vida sem sentir prazer com o marido.

Apenas isso era o que eu significava para ela. Alguns orgasmos, nada mais.

Senti meu celular vibrando e rapidamente congelei no tempo. Só depois me lembrei de que havia desmarcado todas as clientes logo pela manhã, no caminho para o escritório do Marlos. Meu corpo relaxou imediatamente, aliviado. Não conseguiria fazer programa nem se quisesse. Não naquele dia. Precisava de um tempo para digerir a dor impressionante que havia se instalado dentro de mim sem pedir licença.

– Alô? – Nem me pergunte como consegui atender a ligação.

– Caleb? Onde você está? Quero saber tudo, maninho! Vou passar no seu apartamento daqui a meia hora.

– Não estou em casa, Júlia – respondi friamente, olhando para os lados. Minha visão estava retornando aos poucos, de modo que pude reparar que já havia anoitecido.

– Está com ela?

– Não.

– Não acredito que está com uma cliente, Caleb!

– Também não. Estou sozinho numa rua escura e desconhecida, esperando o efeito do álcool passar para que possa dirigir para outro lugar igualmente desconhecido – rosnei.

– Ju ficou em silêncio por alguns segundos, até que finalmente saiu do transe.

– O que houve?

– Nada - falei com impaciência.

Júlia suspirou profundamente, deu para ouvi-la muito bem.

– O que ela te fez? Alguma coisa deu errado no encontro?

– Não. Foi perfeito. Almoçamos juntos, conversamos, passeamos numa praça, levei-a ao meu apartamento e a fodi como nunca tinha feito antes. Depois preparamos o jantar juntos, ela usou uma camiseta minha e... Ela amou os meus gatos! – Ri de forma doentia. Cada palavra saía da minha boca como se fosse um golpe; a repulsa me dominava por inteiro. – Tomamos vinho, assistimos a um filme, aliás, tentamos assistir, porque acabei a fodendo de novo e,

antes de dormir, disse que a amava. Pena que ela não escutou, do contrário jamais teria deixado a porra de um cheque na minha sala pela manhã, pagando pelo sexo que fizemos como se eu realmente tivesse feito sexo!

– Não brinca! - Júlia praticamente gritou, exasperada. – Que... ridícula!

– Pois é. De nada adiantou eu ter me dedicado tanto, jamais terei nada dela além da porra de um orgasmo. No fundo, as mulheres só querem isso de mim. É para isso que sirvo, Júlia, esta é a minha função no planeta.

– Não exagera, Caleb. Ela foi uma idiota, apenas isso. Talvez esteja perdida na situação, não é fácil para ela, certo? Imagina só, se envolver com alguém alguns dias antes do casamento! É muito complicado, irmão. Será que ela entendeu suas intenções de forma errada?

– Só se ela for uma retardada mental, o que sei que não é.

– Olha, estou com muita fome e querendo me empanturrar de doces – Ju desviou o assunto. – Acha que pode dirigir até uma doceria?

– Não quero nada que tenha leite condensado, me poupe. Preciso mesmo é de um hamburgão bem grande e um copo de *Coca-col… Sprite*. *– Argh!* Tudo me fazia lembrar aquela mulher, que raiva!

– Dirija devagar até a *Boca Louca*, lembra onde é? Vejo você lá e, pelo amor de Deus, vá devagar, é sério.

– Ok.

Sorri torto, lembrando-me de que costumávamos ir àquele lugar quando éramos adolescentes. Era uma lanchonete de bairro, que ficava perigosamente perto da casa dos nossos pais, mas não pestanejei. Liguei o carro, sentindo-me um pouco melhor. Júlia sempre teve aquele poder sobre mim.

Guiei a Charlotte na velocidade de uma tartaruga perneta, por isso demorei mais de quarenta minutos para chegar ao destino. Júlia já me esperava em uma das cadeiras de plástico, empunhando um cardápio de papel engordurado. O cheiro de bacon fritando me deu água na boca de imediato, e uma sensação de nostalgia fez a dor em meu peito aumentar consideravelmente. Sentei na frente da Ju ao mesmo tempo em que fazia uma careta.

– Cadê sua camisa, Leb? – Júlia perguntou, abrindo bem seus lindos olhos azuis. Estava linda demais, por isso uns caras na mesa ao lado não paravam de olhá-la. Encarei-os com fúria nos olhos, até que passaram a nos ignorar.

– E eu sei lá. Quero um x-tudo, manda ver.

– Ai, meu Deus, você está muito bêbado! – Ela balançou a cabeça. Um garçom gordo parou e nos perguntou qual seria o nosso pedido. Ju se prontificou a dizer: – Dois x-tudo e uma *Sprite* de um litro.

– É pra já – murmurou o homem e seguiu rumo à cozinha.

– Bêbado de ódio, principalmente – rosnei.

Olhei ao redor, percebendo que algumas coisas haviam mudado na lanchonete. Agora o espaço era mais amplo – tinham colocado uma pia para os clientes lavarem as mãos e também cobriram as paredes com uma cerâmica vermelha e amarela –, mas ainda inspirava humildade.

– Ainda não acredito no que me disse – Ju falou, largando o cardápio em cima da mesa. – É absurdo demais. Ninguém pode ser tão cruel assim, Caleb.

– Acredite se quiser. Amande ainda deixou um bilhete junto com o cheque, convidando-me para tirar fotos sensuais no hotel onde vai se arrumar antes do casamento – bufei, rindo da

minha própria desgraça. – Era só o que me faltava! Ainda escreveu: "meu noivo vai adorá-las, blábláblá, talvez ele até me faça gozar um dia" – imitei uma voz fina medíocre.

Ju não achou engraçado. Apenas balançou a cabeça em desaprovação.

– Estou me sentindo culpada – murmurou, deixando seu olhar entristecer.

Encarei-a fixamente.

– Ei, você não tem culpa de nada – amansei a voz, tentando controlar a rigidez. – Nunca me senti tão vivo, irmãzinha. Ontem o dia foi tão perfeito que chegou a ser inacreditável. Juro que senti tudo o que ela me ofereceu. Mesmo sendo uma ilusão, foi fantástico... Foi... Intenso. – Suspirei fundo, olhando para cima. Meus olhos marejaram novamente e, se abaixasse a cabeça, certamente as lágrimas escorreriam.

– Leb... Você a ama, não é? – Ju perguntou baixinho.

– Sim – respondi prontamente, apertando os lábios. – Mas esse amor só vale míseros quatro mil reais.

Minha irmã balançou a cabeça, irritadíssima.

– Ela pode não ter entendido. Caleb, você chegou a confessar esses sentimentos? Deixou claro em algum momento?

– Não consegui dizer com todas as letras, mas a obviedade foi enorme, Ju. Tratei-a com o maior carinho que já me foi possível expressar. Cantei músicas românticas no ouvido dela... Poxa vida, foi tão óbvio! – expliquei. – Mas deixa pra lá. Sinceramente? Não quero mais falar disso. Chega de Amande, chega de sentimentalismo.

– Não fala assim... Talvez ela só tenha...

– Pare de protegê-la! – rosnei com ódio evidente na minha voz. Até eu me assustei comigo mesmo. – Cansei dessa ladainha. Existe um motivo para eu nunca ter me apaixonado. Ninguém jamais vai enxergar o que tem além da minha aparência. É um fato. E mesmo se enxergar, o que tem de mais? Sou um fracassado.

– Pare com isso... – Júlia falou nervosamente, franzindo o cenho.

– Não estou me lamentando, estou sendo realista e aceitando as coisas que não posso mudar. Vou esquecê-la depressa, Ju. Voltarei a ser o que era. Tem gente que paga mais pelo meu prazer do que Amande pagou pelo meu amor!

Júlia ia falar alguma coisa, mas o garçom apareceu com os nossos pedidos. Peguei o meu sanduíche, afoguei-o com catchup e dei uma mordida que levou quase a metade. Mastiguei com raiva.

– Não é questão de dinheiro, Caleb – ela murmurou, dando uma pequena mordida em seu x-tudo. Depois, fez uma careta. Seus olhos marejaram um pouco, mas se segurou. Tinha ficado triste com as minhas palavras. – Acho que perdi a fome.

– É claro que é questão de dinheiro. Tive que foder muito para ter o que tenho: um apartamento luxuoso, uma BMW, um celular que ainda nem lançou no país – ironizei, sacando o aparelho do meu bolso e balançando no ar. O destino se misturou com a coincidência, e o maldito vibrou em minhas mãos na mesma hora. Alguém ligava para mim. Acabei atendendo no impulso.

– Alô?

– Oi, Caleb.

Filha de uma mãe! Era ela!

Meu coração deu um giro de trezentos e sessenta graus. Abri os olhos ao máximo,

encarando Júlia como se ela fosse um fantasma.

– Amande? – sussurrei, a voz quase falhando.

Vi Ju abrindo a boca, igualmente passada.

Como ela tinha coragem de me ligar depois do que me fez? E ainda na maior cara de pau, falando "oi" como se nada tivesse acontecido.

– Eu... Eu... Eu precis... – gaguejou.

A surpresa deu lugar ao ódio em uma velocidade impressionante. O que Amande queria me fazendo ouvir sua voz daquele jeito? Matar-me? Dar o golpe de misericórdia em alguém que já estava caído no chão?

– Amande, estou trabalhando agora – interrompi com muita frieza. Senti todo aquele gelo transformar meu coração numa pedra. – Não posso falar. Estarei sábado no hotel para tirar as fotos.

Júlia me olhou horrorizada. Colocou uma mão na boca como se não estivesse acreditando nas minhas duras palavras.

– Tu... Tudo bem... – Amande gaguejou de novo, mas sua voz resfolegante indicou que também não tinha acreditado.

– Até.

Desliguei o telefone sem dó.

Continuei a comer normalmente. Um pouco de maionese caiu no meu peitoral à mostra, e eu o limpei com um guardanapo. Olhei ao redor, procurando alguém que estivesse se incomodando com a minha nudez parcial, mas ninguém parecia se importar. Ninguém além de duas garotas no canto esquerdo que não paravam de me olhar – certamente eram de menor, pois usavam uniformes escolares. Elas sequer disfarçaram quando as encarei. Soltei um "tchauzinho" e sorri torto, sentindo-me uma celebridade. Ambas gargalharam e se viraram, envergonhadas.

– Para com isso, Caleb. O que está fazendo? – Júlia reclamou.

– Nada, só estou comendo. – Dei outra mordida generosa.

– Não percebe o que acabou de fazer? Amande deve estar pensando que você está com uma cliente.

– Que pense, então. – Dei de ombros.

– Não seja estúpido! E se ela te ligou para pedir desculpas? Se tivesse algo importante para dizer? Você foi logo a cortando, nem deixou que falasse nada!

– Posso até adivinhar o que Amande queria – rosnei, ainda com raiva.

– Muito maduro! Acaba de perder a última oportunidade para desfazer esse mal-entendido.

– Mal-entendido? Entendi super bem o que escreveu naquele bilhete.

– Mas pode não ter entendido o porquê de ela ter feito isso.

Balancei a cabeça, começando a vacilar. Um aperto sufocante me impediu de continuar comendo. Tomei alguns goles de *Sprite* e tentei manter o ritmo cardíaco.

– Não me faça ficar arrependido – murmurei. – Já basta me arrepender de ter nascido.

– Ligue para ela, vamos! – Júlia gesticulou as mãos na direção do celular, que havia ficado em cima da mesa.

– Nem pensar. Não vou fazer isso. Você não faz ideia do quanto estou magoado. Quando atendi este telefone – apontei para o aparelho – pensei que fosse morrer. Não quero e nem

consigo falar com ela. É um martírio para mim.

Ju suspirou profundamente.

– Tudo bem, mas se você desistiu, porque aceitou tirar as fotos? – perguntou.

Parei um pouco, refletindo sobre aquilo pela primeira vez. Havia confirmado minha presença sem sequer ter pensado no assunto.

– Quero ver até que ponto Amande consegue ser cínica – respondi, mas minha resposta não deixou Ju convencida.

– É mais do que isso. – Sua frase soou como uma afirmação, não como uma pergunta.

– Sim. Quero devolver o cheque pessoalmente.

– Por que não o rasga e pronto? Será menos doloroso.

Desviei os meus olhos, encarando uma lixeira que jazia no canto do estabelecimento. Uma sensação horrorosa corroía o meu estômago. Achei que fosse enlouquecer.

– Eu... Preciso... Preciso muito... – gaguejei, sentindo meus olhos começarem a arder. – Preciso ter a certeza de que ela vai ser feliz. Preciso devolver o cheque, mostrar que nossa noite não foi apenas sexo. Preciso de que ela saiba disso e, depois que souber, preciso ver certeza em seus olhos.

Júlia nada falou, e eu não tive coragem de olhar para ela. Apenas prossegui, sentindo minha voz ficar cada vez mais embargada:

– Não consigo conviver com a ideia de que nunca mais irei vê-la. Preciso me despedir da única mulher que foi capaz de me despertar um sentimento. – Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, e então outras a acompanharam. – Preciso de que essa mulher seja feliz, do contrário me sentirei um idiota pelo resto da vida. Eu... Eu nunca desejei tanto alguém quanto a desejo, mas acho que, pensando melhor, meu maior desejo é que seja feliz. Comigo ou com outro cara, não importa. Só o fato de ela existir e fazer valer a pena sua existência já me deixa aliviado.

Olhei para Júlia no impulso, só para ter certeza de que ela ainda estava prestando atenção. Fiquei surpreso quando percebi que também chorava.

– Não posso ter me enganado tanto – sussurrei, iniciando uma sessão de lágrimas frenéticas escorrendo sem pausas. – Tudo o que foi dito, as coisas que fizemos... Não pode ter sido mentira. Eu me recuso a aceitar, e é por isso que dói tanto.

– Talvez você não tenha se enganado, Lebinho – disse Ju, emocionada. – Nunca é tarde demais. Se for para ela ser sua, será. Tenha fé.

Inclinei o meu corpo para frente, apoiando a cabeça com as mãos. Puxei meus próprios cabelos com força, chorando baixinho. Não demorou muito para que me sentisse extremamente ridículo. Enxuguei as lágrimas com um guardanapo e inspirei lentamente.

– Não vou ter esperanças de novo. Prefiro me surpreender a me decepcionar – concluí com pesar. – Você está de carro?

– Estou.

– Bom, então já vou indo. Prometo que da próxima vez falaremos sobre você.

– Está tudo bem comigo, Lebinho. Nenhum problema. Só queria saber se você vai ficar bem.

– Fingi estar bem a minha vida inteira, não vou ter dificuldade alguma de prosseguir – murmurei e, sem nada mais a acrescentar, deixei uma nota de cinquenta em cima da mesa, dei um beijo na testa da minha irmã e fui embora sem olhar para trás.

Assim que cruzei o primeiro sinal, um soluço surgiu das minhas entranhas, abrindo alas para um choro intenso e quase infantil.

48º Capítulo
Stand By

Nem me lembro direito de como cheguei à minha casa. Só sei que, quando menos percebi, estava sentado em uma das cadeiras da minha varanda, com um copo de whisky em uma mão e o bilhete da Amande em outra. Paula Fernandes cantava no som da cozinha – que estava no último volume, permitindo que eu pudesse ouvir super bem. O sistema acústico daquele prédio era muito bom; os vizinhos de cima e de baixo não escutariam nada além de um pequeno zumbido, desde que as portas de suas varandas permanecessem fechadas.

As músicas românticas são mesmo engraçadas; quando não se sabe o que é paixão, elas nada significam além de um conjunto harmonioso de letra e melodia. Quando se está apaixonado, as letras se transformam, desenham situações, afloram lembranças, falam coisas que o coração deseja ouvir. Entretanto, quando se está magoado, as músicas românticas atingem o ápice do sentido. Elas passam a significar tanto que se torna quase impossível ouvi-las, mas o coração berra por elas como se fosse uma necessidade, como se, no fundo, ele quisesse sentir aquela dor só para mostrar a si mesmo que pode sentir alguma coisa.

Minhas lágrimas haviam secado em algum momento desconhecido. Eu era apenas parte de algum artigo decorativo, compunha aquela casa como se fosse um objeto inanimado. O misto entre a desilusão e a falta de esperança permitiu que uma tristeza sólida se enraizasse dentro de mim. A dor era tão constante que achei que podia sentir falta dela caso fosse embora.

Reli o bilhete inúmeras vezes. Tentava entender, buscava um sentido para aquilo. A frieza da Amande chegava a me congelar, e não era porque eu estava apenas de cueca, sentindo a brisa fria da noite assanhar meus cabelos. Era um frio interno, que me transformava em pedra.

"Se for menos, fique com o troco. Se for mais, gostaria de que me ligasse para que eu possa fazer outro cheque."

Por um momento me vi pegando o meu celular, que estava em cima de uma pequena mesinha de apoio feita de palha escurecida, e ligando para ela. O que eu diria? Ah, claro, algo do tipo: "sinto muito, Amande, mas seu cheque é insuficiente, creio que você precisa fazer outro." Qual seria a sua reação?

Ri de mim mesmo. Posso ser cruel às vezes. Não sabia dizer o que era pior: pedir mais dinheiro pelo amor que fizemos ou o fato de ela ter chegado a pensar que podia valer menos de quatro mil.

"Fique com o troco".

Sim, realmente havia ficado com o troco. Aquela decepção tinha que valer alguma coisa, talvez eu até a vendesse. Colocaria numa prateleira junto com o meu amor. E então venderia minha amizade, meu carinho, minha educação, respeito... Venderia tudo até que nada sobrasse.

Quem quer comprar o meu caráter? Custa só dez reais. Minhas habilidades com a massoterapia custa cinquenta, a pirofagia custa vinte. Meu braço direito estou vendendo por mil, meus olhos custam um pouquinho mais, ok? Minha dignidade deve valer míseros

cinquenta centavos. Então eu coloco meu sêmen num saquinho e vendo dois por cinco. Se comprarem meu sorriso, posso até dar minhas boas lembranças no pacote.

Já sei até o que faria com o dinheiro; compraria outra BMW. Se bem que, juntando tudo, talvez não desse para comprar sequer um fusquinha.

Hunft.

Cansado de pensar em tanta baboseira, desliguei o som, guardei o bilhete junto com o cheque e decidi tentar dormir. Na verdade eu meio que me dopei; peguei dois calmantes que, misturados com o álcool, surtiram efeito de um quase desmaio.

Acordei às três da tarde. A cabeça girava, meu corpo doía em pontos que eu mal sabia que pudessem doer. Parecia que tinha levado uma surra violenta. Passei horas ainda na cama, revirando para lá e para cá, abraçado ao travesseiro que ainda guardava o cheiro dela. Não havia mais lágrimas, só o torpor, o choque. Às vezes minha consciência tentava pegar uma vassoura a fim de recolher os cacos, mas ela acabava se complicando e derrubando tudo no chão outra vez.

Queria parar de existir. Foi por isso que, assim que busquei coragem para me levantar da cama, procurei mais calmantes e os tomei junto com uma garrafa *long neck* de cerveja que havia sobrado na geladeira. Não demorou muito para fazer efeito. Voltei para cama e desmaiei novamente, acordando apenas quando já era noite.

Havia muitas ligações no meu celular. Não me lembrava de ter desmarcado as clientes do dia, portanto realmente acabei dando bolo em cada uma delas. Simplesmente ignorei, até mesmo as chamadas da Júlia. Não queria falar com ninguém, mas sabia que ela estava muito preocupada. Resolvi mandar apenas uma SMS, avisando-lhe que estava vivo.

O restante da noite de sexta-feira foi resumida em apenas uma palavra: espera. Só me restava aguardar pelo dia seguinte. Meu corpo permaneceu em *stand by*, como se nenhuma emoção me fosse possível sentir. A única coisa produtiva que fiz foi organizar uma boa máquina fotográfica para tirar os malditos retratos sensuais da Amande. Ia usar a câmera com a qual havia a fotografado quando esteve no meu apartamento, mas desisti. Teria que descarregar os arquivos no computador e eu não estava preparado para aquilo. Vê-la não iria me fazer bem.

Passei a noite em claro; joguei videogame, escutei música, sequei o resto da garrafa de whisky. Vi o dia amanhecer e anunciar o casamento dela, da mulher a quem entreguei a melhor parte de mim. Saber que Amande iria se casar, e que não era eu quem estaria a esperando no altar, causava-me desespero.

O tempo estava contra mim, e sentia que até eu não estava me ajudando. Era como se concordasse com o tempo, como se jogássemos no mesmo time. Foi com este pensamento que resolvi não deixar a autocrítica me vencer. Ou, pelo menos, me abalar. Precisava estar apresentável.

Com uma pequena olhada no espelho, cheguei à conclusão de que havia me reduzido a um projeto grotesco de homem mal cuidado. Sendo assim, comecei a investir na minha aparência e bem-estar. Preparei um almoço saudável e caprichado – sinceramente não me lembrava de ter comido alguma coisa depois do x-tudo com a Ju, embora não acredite que tenha passado mais de vinte e quatro horas sem comer –, não ousei colocar uma gota sequer de álcool na minha boca e tomei um banho quente muito relaxante. Depilei minhas partes íntimas – nem me pergunte por que ou para quê –, fiz a barba e cortei as unhas das mãos e dos pés.

Simplesmente cuidei de mim, sabendo que era o único que podia fazê-lo.

Com muita calma e paciência, reorganizei a máquina que iria levar. Escolhi minhas roupas a dedo: uma calça escura, sapatos pretos e camisa preta. Sim, eu estava de luto, mas não deixava de ser um luto com estilo. Um chapéu também preto de abas curtas fazia do visual algo mais espontâneo.

Saí de casa às quatro e vinte da tarde, sentindo-me um pouco melhor fisicamente, porém os nervos estavam à flor da pele. Buscava deixar minha respiração regular, bem como as batidas do meu coração, mas um nó agudo fazia meu estômago arder. Dirigi com cuidado até o endereço do hotel cinco estrelas – luxuosíssimo – que Amande havia deixado no bilhete logo após ter acabado com a minha raça.

Meu nome já estava devidamente anotado como visitante no sistema do hotel. A recepcionista, muito educadamente, informou-me a numeração do quarto em que eu era aguardado e solicitou a um funcionário que me acompanhasse até lá. Subimos alguns andares no elevador. A esta altura, o meu corpo inteiro tremia mais do que uma motosserra. Soltava longos suspiros a fim de amenizar a ansiedade, mas sabia que de nada iria adiantar.

Por fim, chegamos ao quarto número nove. No mesmo momento, uma bela senhora saía de lá. Ela aparentava ter uns cinquenta e tantos anos, estava com um penteado elegante e a maquiagem já feita. Reconheci-a quase de imediato; a mulher tinha grandes olhos castanhos, além do queixo e o formato da boca similares ao da Amande. Só podia ser a mãe dela.

– Senhora, este cavalheiro está sendo aguardado pela Srta. Amande Martins – o funcionário que havia me acompanhado se adiantou.

– Oh... – Ela olhou para mim com curiosidade e um pouco de confusão, como se buscasse algum reconhecimento. A expressão que fez chegou a me divertir; era muito parecida com o semblante preocupado que Amande fazia quando estava refletindo.

– Sou o Caleb – falei, sorrindo torto. – Amande combinou comigo para tirarmos umas fotos...

– Ah, sim! Vou avisá-la de que chegou, aguarde só um momento aqui, pois as madrinhas estão se vestindo lá dentro.

– Sem problemas. – Dei de ombros.

O funcionário se despediu com uma reverência curta, enquanto a mãe da Amande retornava para o quarto. Apenas fiquei aguardando no amplo corredor, observando a tapeçaria impecável e alguns quadros enigmáticos que compunham a decoração do ambiente. Era realmente um belíssimo lugar.

Um minuto depois, a mãe da Amande voltou com um belo sorriso estampado no rosto. Parecia estar muito contente. Pudera, sua filha ia se casar.

– Ela já está vindo, vamos aguardar no quarto ao lado!

Fui guiado até o quarto de número dez. Era um espaço amplo e muito bem decorado, bem como todo o restante do hotel. Não contive um assobio.

– É um belo quarto – murmurei.

– Sim, gosto muito daqui. Perdoe-me, nem me apresentei. Sou Isabel, mãe da Amande. – Ergueu uma mão como forma de cumprimento.

– Encantado. – E estava mesmo.

No impulso, puxei sua mão erguida e beijei. Ela pareceu ter gostado daquele gesto cavalheiresco, pois sorriu de um jeito bastante tímido.

– Você é muito gentil.

Naquele exato momento, ouvi a voz mais linda do planeta Terra, capaz de tirar o meu foco em questão de segundos. Congelei só de saber que ela estava ali.

– Mamãe... Pode ir agora. Pretendo tirar essas fotos a sós com o Caleb, para que saiam mais espontâneas.

Não a olhei de imediato. Na verdade acho que inspirei todo o ar que foi possível e prendi a respiração, tentando encontrar coragem para enfrentá-la.

– Sim, sem problemas... – Vi Dona Izabel responder, o mesmo sorriso encantador estampado em sua face.

– Não deixe as meninas entrarem – Amande completou.

Finalmente a encarei, compreendendo que jamais estaria preparado o bastante para vê-la. O que vi foi uma Amande extremamente séria, com o rosto rígido. Nunca a tinha visto daquela forma, era uma expressão nova para mim.

– Certo, filha, fique tranquila.

A mãe dela saiu pela porta da frente, e então percebi que existia uma passagem entre os dois quartos. Amande certamente havia a utilizado para entrar ali tão imperceptivelmente.

Continuei a encarando com seriedade forçada, percebendo que ela estava evitando olhar para mim. Amande mirou o chão, seu rosto corando um pouco. Meu Deus... Como eu amava aquela mulher. Estava tão linda! Trajava um roupão branco de aparência macia, porém o que mais me chamou atenção foi o imenso véu que saía de uma pequena tiara – adornando um penteado elaborado – e inundava o chão como uma onda branca e vasta.

Seu rosto estava divinamente maquiado. Os olhos grandes estavam mais destacados do que de costume, envolto em tons perolados muito bonitos. Um batom cor-de-rosa pálido desenhava seus lábios de um modo perfeito. Foi impossível não querer beijá-los. Aliás, era impraticável não desejar aquela mulher para sempre. Por um segundo, o meu maior desejo foi ser o cara que a esperaria no altar.

Meu maxilar se enrijeceu. A lembrança do cheque me perturbou, e então a única coisa que consegui sentir foi raiva. Raiva dela. Raiva de mim. Raiva de tudo.

Como se quisesse me perturbar mais do que já fazia, Amande finalmente decidiu me olhar. E então seus dois lagos escuros já me prendiam e me chamavam como ímãs, deixando toda a raiva se esvair como se fosse estupidez da minha parte senti-la. A atração era tanta que chegava a ser dolorida.

Percebi que aquilo tudo ia ser mais difícil do que eu podia imaginar ou calcular.

49º Capítulo
Sessão de fotos

Ainda estava estarrecido diante daquela mulher, como se fosse um menininho perdido. O misto de emoções que eu sentia havia se transformado numa onda de choque, de modo que me vi plantado diante dela, sem ousar mover um músculo sequer.

– Oi, Caleb – ela murmurou, mas algo em sua voz soou estranho demais. Muito, muito estranho. Aquilo de certa forma me fez ficar mais atento às suas reações.

– Oi, Amande – respondi com um ar sério. Estava me esforçando muito para não sair correndo e gritando. – Podemos começar?

Com muito esforço, ergui a câmera fotográfica em minhas mãos. Ela estava presa no meu pescoço por uma alça grossa.

– Sim, podemos.

Aquela mulher incrível – e burra, idiota, estúpida, chata, ridícula – começou a desamarrar as cordas do roupão. Foi se despindo devagarzinho, olhando para baixo como sinal de timidez. A maldita deixou o roupão cair em seus pés, e então tive o vislumbre de seu corpo desenhando uma lingerie estupidamente sexy, que foi capaz de foder com a minha vida mais depressa do que consegui acompanhar.

Resfoleguei. Foi um momento total de vacilo da minha parte, porém não consegui conter tamanho desejo. A calcinha que ela usava era meio transparente na frente, dava para ver o contorno do seu sexo. O sutiã branco com detalhes brilhantes desenhava seus seios de forma divina. Meias brancas de renda faziam das suas pernas grossas algo quase comestível – minha vontade real foi de mordê-las.

Para minha surpresa, Amande também resfolegou sob o meu olhar quente. O desconcerto que sentia era óbvio, o que me fez pensar que seus motivos para me chamar ali não eram tão claros assim. O que queria comigo, afinal? Martirizar-me? Ou martirizar a si própria? Sim, porque sua expressão não negava que minha presença a deixava abalada.

– Como vamos fazer? – perguntou baixinho, enquanto se aproximava de um jeito sensual. Foi quase um desfile. Era isso? Ela estava tentando me seduzir? Com que propósito?

Simplesmente não pude responder. Continuei a encarando fixamente, analisando aquela loucura. Amande me encarou de volta, mas a expressão que fazia ficava cada vez mais horrorizada.

– Caleb... Por favor... – Sua voz era uma súplica. Soou como um pedido de socorro desesperado.

De repente acordei do transe. Não sabia o que pensar, porcaria alguma vinha à minha mente. Meu último instinto foi começar a trabalhar de uma vez por todas. Movi-me rapidamente, puxando uma cadeira belíssima – era de madeira, acolchoada com um tecido similar a veludo – que estava no canto do quarto. Coloquei-a perto de uma parede totalmente exposta, com fundo branco. Percebi que as cortinas pesadas estavam abertas, oferecendo ao ambiente uma boa iluminação.

– Sente-se, Amande – murmurei, tentando ser profissional.

Quando ela passou por mim, não deixei de reparar na parte de trás da sua calcinha. Amande não usava fio dental – como eu esperava – e um pequeno véu branco descia a partir de um lacinho de fita. Uma delícia. Minha vontade real foi puxar aquela calcinha com força e lhe apertar a bunda deliciosa com vontade. Como um maldito véu podia ser tão sexy?

Amande fez o que pedi. Sua expressão agora estava tão livre de emoções quanto a minha. Eu ainda estava chocado com a calcinha que vestia, mas me obriguei a permanecer sério.

– Agora levante suas pernas, apoie na braçadeira – propus.

Novamente, ela não pestanejou. Ergueu suas pernas grossas maravilhosas e olhou para mim. A posição que ficou era tão sexy que achei que não conseguiria resistir. Comecei a organizar o véu enorme que havia se espalhado desordenadamente por todos os lados. Deixei-os em volta da cadeira de um modo bem interessante. As fotos certamente sairiam belíssimas.

Sentia seu olhar queimando a minha pele, mas não ousei encará-la. Estávamos perto demais um do outro. Se eu vacilasse, sabia que acabaria abrindo aquelas pernas na cadeira mesmo, arrancando a maldita calcinha enquanto a obrigava a não se casar e a fodia como um louco. Notei quando Amande suspirou alto, como se fosse possível ler os meus pensamentos eróticos.

Afastei-me um pouco e fui dando os últimos ajustes na máquina.

– Quero que fique à vontade, Amande. Precisa ser algo espontâneo... Faz de conta que sou seu noivo. Tente me seduzir. – Foi a coisa mais estúpida para ser dita naquele momento.

– Não vou fazer esforço algum – ela soltou, sua voz firme como aço.

– Ótimo.

Ótimo *mesmo*. A filha da mãe sabia que estava me seduzindo, sabia que eu estava louco, mas ainda assim continuava com aquele joguinho ridículo. Quis seriamente ir embora dali, contudo eu era um fraco diante dela. A única coisa que fiz foi começar a fotografá-la sem pausas.

– Pode trocar de posição à vontade – alertei depois de um tempo. – Seja você.

Amande me obedeceu. Começou a contracenar inúmeras poses, uma mais gostosa do que a outra. Era óbvio: ela estava brincando comigo. Não sabia o seu propósito, mas aquilo tudo era um jogo, uma armadilha. Eu tentava ser profissional como podia, mantinha a compostura para mostrar alguma dignidade, mas estava sendo difícil.

Às vezes me aproximava para ajudá-la a se posicionar melhor. Eram os piores momentos, ainda mais quando notava que até ela prendia a respiração. Percebi seu semblante modificando inúmeras vezes, dando lugar a um ar desesperado enquanto me olhava, porém logo em seguida Amande parecia tomar mais uma dose de seriedade e indiferença, que, claro, deixava-me absurdamente irritado.

– Pronto... Acho que já basta de fotos na cadeira – falei, após um longo período de martírio. Virei-me para o lado e apontei para a cama imensa, revestida por uma colcha branca e felpuda. O ambiente inteiro inspirava luxo. – Venha aqui na cama, Amande.

A maldita desfilou o veuzinho na parte de trás da calcinha, e novamente eu quis arrancá-la. Sentou-se na beirada da cama e esperou, olhando-me curiosamente. Retribuí seu olhar por um tempo incalculável, apenas contando as batidas frenéticas do meu coração. Pelos meus cálculos, estava algo entre cento e dez e cento e vinte.

– Deite-se – murmurei. Amande abriu um pouco os lábios e se curvou para trás muito

depressa, como se estivesse sob os meus comandos. – Devagar para não desmanchar o cabelo.

Seu véu – o maior, que estava preso ao seu penteado – novamente ficou desordenado, e eu o organizei com a maior concentração que consegui reunir. Amande estava deliciosa deitada em cima daquela cama. Fodidamente apetitosa.

– Levante os joelhos – pedi depois que ela já estava bem posicionada. – Vou tirar algumas fotos desta forma, mas depois quero que improvise. Continue tentando seduzir. Mantenha os olhos em mim.

– Certo – respondeu, inundando-me com os malditos lagos escuros.

Comecei a tirar inúmeras fotos. Dei uma volta completa na cama, querendo aproveitar todos os ângulos possíveis. Devo confessar, qualquer ângulo dela me fazia ter vontade de morrer só pelo simples fato de não conseguir parar de desejá-la.

– Pode começar a improvisar – murmurei depois de um tempo.

Para quê fui sugerir que improvisasse?

Amande começou a fazer poses aleatórias. No começo sua pele ficou um pouco corada, mas ela ousava cada vez mais nas posições e nos olhares direcionados a mim. Suas caras e bocas demonstravam um desejo evidente, e eu fotografava tudo com muito gosto. Foi o único momento em que eu gostei, de verdade, de estar ali. As fotos ficariam ótimas, sem dúvida alguma.

De repente, Amande se sentou na cama e começou uma sessão muito louca de poses; ajoelhando-se, erguendo os braços, curvando-se para frente ou para trás, entreabrindo os lábios, evidenciando suas curvas... Chegou até a se tocar nas coxas e na barriga. Depois, ela se levantou um pouquinho e fez que ia tirar a calcinha. Quase tive um enfarto. Entretanto, nada se comparou ao instante em que ela, ainda ajoelhada, virou-se de costas e inclinou a cabeça para trás. O maldito veuzinho estava lá, pronto para ser fotografado em um ângulo perfeito.

Aproveitei cada movimento que aquela louca fazia. Do nada, ela decidiu ficar de pé ao lado da cama. Continuou de costas e fingiu, mais uma vez, tirar a calcinha. Não consegui conter um suspiro imenso. Amande sorriu diante da minha demonstração clara de desejo, e eu tirei a foto de seu primeiro sorriso, por incrível que pareça. Eu podia ter pedido para que sorrisse antes, mas a minha ideia era deixar acontecer. A espontaneidade do momento me pareceu ser uma boa opção.

Vi quando ela começou a abaixar ainda mais a calcinha, então decidi que aquela era a hora de parar.

– Pronto, Amande. Já temos muitas fotos.

Ela se virou de frente e me encarou.

– Quero mais uma... – murmurou, tornando a ficar de joelhos na cama. Não tinha ideia do que ia fazer. Se soubesse, talvez tivesse saído correndo antes que acontecesse.

Com as mãos para trás, a maldita começou a tirar o próprio sutiã.

Continuei a observando, estupefato. Mal dava para acreditar naquilo, porém tive que fazê-lo quando seus seios maravilhosos saltaram para frente. Parei no tempo, imaginando minha boca exatamente ali, sugando-a com vontade.

Inexplicavelmente, Amande não corou. Apenas continuou me observando, até que seu semblante se transformou em uma súplica.

– Caleb... – sussurrou. Meu nome saindo da sua boca era tão sexy que chegou a me irritar.

– O quê?

– Algumas fotos... – Apontou para a minha câmera.

A irritação atingiu o limite. O que Amande queria? O que raios aquela maldita queria comigo? *Que porra!*

Balancei a cabeça, indignado.

– Chega, Amande. É sério, não vou tirar fotos suas assim – falei com calma, porém sério.

– Por que não?

– Porque não. Vista-se.

– Caleb, eu estou pagando para...

"Ah! Pagando? Foda-se você e seu dinheiro!"

– Vista-se, Amande – rosnei, agora morrendo de ódio. Meu Deus, quem ela pensava que eu era? Que tipo de monstro Amande achava que habitava em mim?

Ela fez uma careta muito feia, parecendo contrariada. Logo em seguida, corou de vergonha. Pensei que ia rebater, mas apenas pegou o sutiã e começou a vesti-lo silenciosamente.

– Ajude-me – falou, virando-se um pouco para que eu pudesse fechar a peça íntima. Eu não queria tocá-la sob nenhuma hipótese, mas era melhor fazer aquele sacrifício do que ter que vê-la sem sutiã.

No entanto, assim que me aproximei e fiz o que pediu, ela se virou de frente. Nossos olhares se cruzaram por um raio de segundo. Estávamos perigosamente perto um do outro. Amande pegou minhas duas mãos e, contra toda a lógica, depositou-as em sua barriga.

Sua pele estava deliciosamente quente. Já tinha me esquecido do quanto era bom pegá-la. Seu olhar não me deixou nem por um segundo. Se outrora eu queria ver certeza em seus olhos, naquele momento eu realmente tive. Sim, a certeza de que ela ainda me desejava, mesmo estando prestes a se casar.

A ideia foi como um tiro no meu coração. As coisas começavam a ficar claras para mim: aquela mulher estava perdida, mais perdida do que eu. Ela não sabia o que fazer nem o que sentir. Amande achava que tinha que se casar, talvez nem tivesse pensado no contrário, porém, era óbvio, óbvio demais: ela não queria se casar. Seus pensamentos e sentimentos, de novo, estavam se chocando.

Como para confirmar minhas reflexões, Amande tentou me tocar. Simplesmente não pude permitir, não daquele modo. Eu não me prestaria mais para fazer o que ela quisesse. Amande precisava entender de uma vez por todas que eu não estava brincando.

Tirei minhas mãos da sua pele e lhe agarrei os pulsos com força. Não queria machucá-la, mas também não quis largá-la. Ou ela me levava a sério ou juro que não sei o que faria.

– Já chega, Amande – sussurrei em um rosnado rouco. Logo em seguida, gritei a plenos pulmões: – Chega disso, que droga!

50º Capítulo
Lavando a roupa suja

Amande ficou muito assustada com a minha reação. Seus olhos se esbugalharam, e a pele dourada clareou alguns tons até se transformar numa coloração pálida.

– De quê está falan... – tentou murmurar, mas eu a interrompi. Minha paciência havia se esgotado.

– Não aguento mais! Olha só o que está fazendo consigo mesma! Olha o que está fazendo comigo! Acha isso justo? Diga-me, acha que está sendo justa? – gritei, enquanto ainda a segurava pelos punhos.

Agora sim a coloração pálida deu lugar a um vermelho intenso.

– Caleb, eu...

– Por que está fazendo isso, Amande? – continuei. – Por quê? Com que objetivo? Até que ponto pretende me humilhar? – Soltei suas mãos depressa, pois percebia que estava começando a machucá-la, embora ela ainda não tivesse reclamado.

Seus olhos se apertaram, e então a raiva também a alcançou.

– Humilhar? A única pessoa que humilhou alguém aqui foi você! – Amande falou muito alto, foi quase um berro. Aquilo acabou me assustando. Não esperava essa reação, haja vista que eu nada havia feito além de amá-la com todas as minhas forças.

– Eu? O que eu te fiz?

– Nada, Caleb. Isso não me importa mais. – Ela balançou a cabeça freneticamente. Os olhos escuros começaram a brilhar mais do que o normal, sinalizando a chegada das lágrimas.

Só queria saber o que tinha feito de tão ruim para que reagisse assim. Entretanto, sua indiferença fez minha raiva se intensificar.

– Nunca te importou de verdade... Fui muito idiota em achar que você podia se importar com a gente... Se importar comigo. Fui um otário!

Amande continuou balançando a cabeça, como se não acreditasse nas minhas palavras.

– De quê está falando, Caleb? Não entendo, eu me importo contigo!

Argh!

– Como não entende, Amande? Será possível que não deixei claro? Você é tão inteligente, é difícil acreditar que não entendeu porcaria alguma do que aconteceu entre nós – falei, tentando amansar um pouco o meu tom.

Amande desviou os olhos por uns segundos, totalmente desconcertada, mas voltou a me encarar. Sua expressão era de alguém absolutamente perdida e desesperada. Por incrível que pareça, não senti pena. Só raiva.

– Não consegui dizer com todas as palavras, está bem? – prossegui, olhando-a fixamente. – É difícil para mim... Você não faz ideia. Eu não tinha certeza das coisas, mas... simplesmente não pude ignorar!

– Continuo sem saber do que está falando, Caleb... – Amande admitiu. Seus olhos ainda estavam marejados, mas nenhuma lágrima parecia capaz de cair.

Como ela podia ser tão burra? Puta merda, a louca não tinha entendido nadinha! NADA!

Todos os meus esforços não lhe disseram nada relevante.

Morrendo de ódio, desta vez de mim mesmo, cerrei os punhos e choquei meus dentes um contra o outro até sentir uma dor aguda. Quase vi faíscas saindo dos meus olhos e se encontrando com os dela. Amande não fazia ideia de que eu a amava, estava pensando aquele tempo todo que eu nunca me importei, que tudo o que fizemos não tinha passado de sexo. Seu semblante dizia claramente o quão desesperada estava diante de um casamento sem sentido.

Naquele momento, tudo o que me perguntei foi: por quê? Por que a maldita não entendia as coisas? E, pelo amor de Deus, por que ainda não havia cancelado aquela insanidade?

– Você não ama esse cara, Amande! – berrei, expondo as verdades do modo mais claro possível. – Vai se casar com ele sem amá-lo! Acha isso certo? Acha isso justo? Ele não sabe te dar prazer, não sabe fazer você se sentir bem, não consegue extrair o melhor de você! Ele não te modifica, não te acrescenta, não te entende! E você vai casar com ele para quê?

Amande desviou um pouco os olhos. Parecia envergonhada de si mesma. Ela sabia que eu estava falando a verdade, mas alguma parte de si tentava lutar contra aquilo. Não me pergunte por quê. Acho que, para uma mulher sensata como ela, uma situação adversa deve ser o fim do mundo.

– Pare de dizer besteiras... – murmurou, mas suas palavras foram incapazes de nos convencer.

O fato de ela querer maquiar a verdade me fez sentir ainda mais ódio.

– Como tem coragem de achar que os momentos que vivemos não significaram nada? Eu duvido, Amande. DUVIDO! – berrei. – Conheço muito do desejo para compreender que aquilo não foi só sexo. Eu não fazia amor há anos, Amande – admiti, diminuindo o volume, porém tornei a aumentá-lo. – Entendeu agora? Não foi só um momento, não foi só um ato. Como não conseguiu sentir isso? Sei que você sentiu muito mais, só está tentando se enganar! Sei muito bem disso, não sou burro!

Ela desviou os olhos novamente. Minha vontade foi de agarrá-la e sacudi-la, mas permaneci congelado no espaço. Sua expressão emitia o mais puro terror. Amande estava desesperada, mas eu não podia sentir pena dela naquele momento. Não até mostrar o quanto ela havia sido idiota.

– Mas você decidiu me humilhar... – murmurei. Meus olhos marejaram instantaneamente, só de lembrar o quanto sofri por causa daquilo. Tirei o maldito cheque do bolso, erguendo-o em minhas mãos. – Por que fez isso comigo, Amande?

Ela franziu o cenho como se, por um segundo, não soubesse o que era o papel que eu segurava.

– Acha que pode pagar pelo que te dei? – perguntei baixinho. Estava prestes a abrir o maior berreiro, mas me segurei ao máximo. Não queria chorar na frente dela. – Acha que sou seu brinquedo? Seu objeto?

Amande finalmente identificou o cheque que eu sacudia bem na sua frente. A expressão que fez foi para além do desespero.

– Eu... Eu não... – Sua voz simplesmente falhou, de tão horrorizada que estava.

– Olha, pretendia te devolver isso educadamente – prossegui, visto que ela parecia incapaz de dizer alguma coisa a respeito. – Afinal, pensei que você sabia bem o que queria para si. Pensei que eu realmente tinha me enganado, me iludido... Tentei acreditar que você seria feliz com esse casamento. Só que acaba de vir para cima de mim como se não estivesse

prestes a se casar. É absurdo demais, Amande!

– Caleb, eu não... – Amande balançou a cabeça, sinal de que buscava algum jeito de negar as verdades.

– Pare de se enganar! – gritei em fúria. Comecei a ficar tão desesperado quanto ela. Buscava um pouco de autocontrole, mas a situação estava tensa demais. Era difícil demais vê-la daquele jeito sem poder abraçá-la. – Amande... Acorda. Raciocine. Seja o que pensa, sente e quer. Você não está sendo nada além de uma boba! Sinceramente, peço desculpas por não ter sido claro. É estranho para mim... É novo demais... Nunca senti coisa igual – finalmente confessei. – Fiquei perdido, mas já me encontrei. Sei o que quero e sei o que posso fazer. Posso fazer tudo por você, Amande.

Ela entreabriu os lábios, absolutamente chocada. Depois, seus olhos se amuaram. De repente, ela não estava mais surpresa. Estava triste.

– Não... Você não pode – murmurou.

Então percebi que ela estava se referindo à vida de garoto de programa. Amande realmente achava que eu não era capaz de largar tudo para ficar com ela.

Fiquei disposto a deixar aquilo muito claro.

– Você sabe o que fiz a minha vida inteira e também sabe quem eu era. Sim, eu era... Porque não sou mais. Prometi a mim mesmo que nunca mais me venderia. Não depois de te ver chorar daquele jeito no restaurante...

Seu rosto, de repente, ficou muito vermelho. Uma fúria incontrolável se instalou na sua voz, e eu fiquei surpreso demais com aquela reação.

– Não é mais? Então me diga o que fazia quando te liguei na quinta-feira! Você estava "trabalhando"! – Gesticulou as aspas. – Nos braços de uma vagabunda qualquer!

Droga!

Bem que a Júlia havia dito que Amande iria pensar besteira. Pudera, eu estava tão magoado que não me importei em magoá-la também. Depois daquele cheque, acreditei piamente que aquilo não iria fazer tanta diferença para Amande. Quero dizer, o fato de estar com outra mulher, trabalhando normalmente.

– Eu menti! Estava com muito ódio de você por causa disso – falei, voltando a sacolejar o cheque. – Nunca me senti tão arrasado em toda a minha vida! Foi a primeira vez que me senti, de fato, um objeto. Um mísero e desprezível objeto. – Amande fez uma careta grotesca, como se sentisse verdadeira dor. – Mal conseguia falar contigo, principalmente tendo a certeza de que tinha me procurado só para me usar de novo!

– Não foi isso... – murmurou, desesperada. – Não foi, eu juro... Não queria te tratar assim...

Amande levou uma mão à boca, aterrorizada. Aquilo me fez encontrar verdades em suas palavras. Ela realmente não fazia ideia do quanto o cheque iria me abalar. Minha primeira reação ao entender isso foi o alívio. Amande não era cruel como imaginei, só não sabia o que estava fazendo.

Ouvi alguns ruídos ao lado. Com uma rápida olhada, percebi que tínhamos público; suas amigas estavam todas ali, assistindo a tudo de camarote. Provavelmente haviam entrado pela porta lateral que dividia os quartos. Fiquei um pouco desconcertado, mas nada me impediria de dizer o que eu precisava.

– Você não pode pagar pelo que te dei, Amande – concluí, finalmente rasgando o maldito

cheque com as mãos trêmulas. Ele não seria mais necessário, queria me desfazer dele o mais rápido possível. – Meu próprio prazer foi comprado por muito tempo, mas o que eu te dei não tem preço. O que você me deu também não tem. Senti cada fibra. Só espero que não perceba isso tarde demais. E espero, de coração, que não venha me procurar com um anel na mão esquerda. Não te quero pela metade.

Sinceramente, pior do que ver Amande casada com outro cara, era a certeza de que ela ia me procurar depois. Eu não suportaria de modo algum. Dividi-la com alguém seria o mesmo que dividir o meu próprio coração. Deixei claro que ela precisava sair do muro; se me quisesse de verdade, teria que se decidir antes da cerimônia.

Seus olhos estavam muito abertos. Ela não se mexeu ou mostrou qualquer reação além da completa surpresa. Calei-me e caminhei até a porta, disposto a partir. Não tinha mais nada para falar ou fazer, agora tudo dependia apenas dela.

– Preciso fazer uma pergunta – ela murmurou. Sua voz estava rouca demais. Virei na sua direção, percebendo que seus olhos haviam voltado a marejar.

– Faça logo – falei, sentindo um nó grotesco se formando na minha garganta.

Ela estava tão linda... e tão perdida! Finalmente a pena me alcançou, e a minha única vontade foi de abraçá-la e beijá-la como se não houvesse amanhã. Eu a tomaria em meus braços e a tiraria dali em dois tempos. Levaria aquela mulher para a minha casa e nunca mais a deixaria partir.

– O que você quer?

Apesar de saber o que iria perguntar, simplesmente não sabia o que responder. Por mais que a amasse, queria que fizesse as coisas de acordo com o próprio desejo. O meu desejo não era tão importante assim, pois a decisão precisava partir dela. Entretanto, sabia que Amande precisava saber o que eu queria. Do contrário, talvez não tivesse coragem de tomar uma decisão.

Passei as mãos pelo rosto. Estava nervoso demais, os dedos trêmulos, os olhos marejados. Sabia que ia chorar a qualquer momento, mas precisava dizer alguma coisa. Alguma coisa muito sincera, que traduzisse, de fato, meu maior desejo.

– Se eu tiver significado alguma coisa para você, Amande, por favor... Por favor, se puder... Eu te imploro... Me surpreenda. É o meu maior desejo – respondi, deixando uma lágrima solitária escorrer. Logo em seguida, completei: – Mando as fotos quando ficarem prontas. Não precisa pagar por elas, considere um presente de casamento.

Antes de fechar a porta, no entanto, vi que Amande também havia iniciado o próprio choro. Ela não me impediu de ir embora. Não me pediu para ficar. Não pediu socorro. Não gritou.

Era claro para mim: Amande não ia desfazer o casamento, mesmo que eu tivesse significado alguma coisa. Ela chorava porque sabia que não me surpreenderia daquela vez.

51º Capítulo
A derrota

Droga! Droga! Droga! Por que ela tinha que ter feito aquilo comigo? As coisas podiam ter sido mais simples. Ou não... Acho que tudo se complicou desde que me envolvi com aquela mulher. Por que tinha que ser tão linda? Meiga, gentil, educada... Por que tinha que me olhar daquela forma o tempo todo? Com uma inocência evidente, um fogo que só esperava ser aceso pela pessoa certa. Eu não queria ser essa pessoa, juro que não, mas foi impossível. Ela precisava de ajuda... Por que simplesmente não fiz o meu trabalho? Por que tive que me envolver? Que feitiço ela fez comigo para me deixar completamente apaixonado?

Fechei a porta do quarto com força. Precisava sair daquele hotel. Tudo ali me sufocava; a ideia de saber que Amande estava chorando me fazia chorar feito um otário. Como fui idiota! Devia ter dito que estava apaixonado. Devia ter confessado, ter deixado claro. Amande estava tão perdida... Por que tinha que pensar tanto nas coisas? Maldita sensatez! Eu fugiria com ela se me pedisse. Iria até o inferno para tê-la comigo, mas ela me pareceu estar incapaz de fazer alguma coisa.

Amande ia se casar. Não havia dúvidas, ela não seria capaz de fazer algo sem estar planejado e calculado. Ela tem medo de ficar comigo pelo que fui, pelo que fiz... Sim, transei por dinheiro com todos os tipos de mulheres, nem consigo contar quantas foram. Muitas... Centenas, milhares... Não faz diferença. O que ofereci a elas não foi nem um por cento do que ofereci à Amande. E o pior é que a boba não entendeu isso.

Sou mesmo um desprezível, só pode. Claro que não ia querer nada com um homem como eu. O que diria à sua família? “Mãe, pai, larguei meu noivo no altar para ficar com um garoto de programa”. Deprimente. Loucura demais. Na verdade, nem sei se queria que ela fizesse aquilo. Imagina as coisas que teria que enfrentar? A fúria da família, do noivo, das amigas... Amande não merecia a confusão que armei em sua vida.

Entrei no elevador, enxugando as lágrimas que tinham surgido. Nunca havia chorado por uma mulher na minha vida inteira, mas aceitei que existe uma primeira vez para tudo. Pelo menos a mulher pela qual chorava merecia minhas lágrimas. Agora eu sabia que Amande merecia tudo meu: lágrimas, sorrisos, carinho, atenção... Eu que não a merecia, ela é demais para mim. Uma perfeição que nunca vi em ninguém. Talvez esteja só apaixonado, cego, sei lá... Não sei explicar, só sei que meu coração não suporta a ideia de perdê-la.

Idiota, Caleb. Você é um idiota. Chorando feito uma criança na frente de um monte de gente esquisita.

Entrei no meu carro nem sei como, e admito que depois não consegui achar as chaves. Acho que estavam em meu bolso, mas não encontrava o caminho até ele. Segurei o volante e... soltei um enorme soluço, carregado pela mais completa dor. Ia perdê-la... para sempre. Ela seria de outro cara, e os veria juntos quando ele fosse visitá-la em sua loja. Também a veria todos os dias, desejaria do mesmo modo a cada segundo... Não. Não podia comprar aquele espaço ao lado da loja dela. Cancelaria tudo na segunda-feira. Adeus contrato, adeus estúdio.

Precisava voltar a ser o que era. Precisava continuar com as minhas clientes, parar de

desmarcar os malditos encontros. Só nesta semana havia desmarcado mais de dez. Tudo por causa daquela paixão sem sentido. Tudo por causa de um par de olhos castanhos brilhantes, que inundavam minha vida com uma felicidade e um aconchego que me tiravam o foco.

O que seria de mim sem ela? Sem seu sorriso, seus lábios deliciosos, sua inteligência e meiguice? O que seria de mim quando percebesse que jamais a sentiria de novo em meus braços? Jamais provaria o seu sabor, jamais teria sua companhia sempre perturbadora... Que maldita vida levaria de agora em diante?

Sem nenhuma dignidade, pus-me a chorar. Eu, um homem feito e maduro, debulhando-me em lágrimas dentro de um carro, um maldito carro comprado com o dinheiro que havia conseguido transando feito um louco com uma ministra. Provavelmente a maldita me pagou com algum desvio de dinheiro público. Ótimo, uma reforma em algum hospital se transformou em um BMW. Maravilha! Venderia a Charlotte amanhã mesmo, e então doaria essa merda de dinheiro sujo a alguma instituição.

Por que isso me preocupava tanto? Nunca me importei com essa ideia, mas desde que conheci Amande e seu jeitinho perfeito de ser, não conseguia sequer jogar um chiclete no chão. Estava ficando tão doido quanto ela, com essa mania sem fim de querer fazer tudo politicamente correto.

Balancei a cabeça, tentando parar com aquela palhaçada. De que adiantaria mudar agora se Amande jamais seria minha?

Meu telefone começou a tocar sem pausas. Toque irritante aquele. Puxei-o do bolso, sem saber direito o que pensar. Só queria que fosse Amande, mas não era. Mesmo assim, senti-me melhor quando ouvi a voz da minha irmã ao telefone.

– Leb? Cadê você, maninho? Estou na frente do seu *apê*.

– Júlia? – murmurei. Minha voz quase não saiu.

Claro que ela percebeu que eu estava chorando. Júlia sempre repara no meu humor, e é por isso que a amo tanto.

– Lebinho... Não me diga que...

Aquiesci, balançando a cabeça. Só então percebi que Júlia não podia me ver através do telefone.

– Sim – respondi, entre lágrimas doloridas. – Ela vai se casar. Eu a perdi, Ju. Perdi o amor da minha vida.

52º Capítulo
Surpreendido

Eu não tinha mais o que fazer. Sabia perfeitamente onde aconteceria o casamento da Amande – tinha o convite e tudo –, mas achei que seria ridículo e doloroso demais comparecer, além de que meu objetivo não era forçá-la ou deixá-la confusa. Sabia muito bem que ficar comigo exigiria sacrifícios. Amande passaria por coisas que preferiria que não passasse, embora a quisesse tanto que chegava a doer.

Sem saídas e sem ter para onde ir, decidi voltar para casa. Júlia estava me esperando no hall de entrada do prédio – insisti para que tivesse uma chave, mas ela se negou, alegando que não queria invadir a minha privacidade – e me abraçou assim que me viu. Tentei não chorar. Fiz uma força absurda, porém as lágrimas vieram muito depressa.

– Foi melhor assim – sussurrei aos prantos, enquanto minha querida irmã alisava meus cabelos para trás e me puxava para si com ainda mais força.

– Vamos subir, daí você me conta tudo o que aconteceu.

– Ok – expirei todo o ar dos pulmões, enxugando as lágrimas com as costas dos dedos. – Eu faço aquele café cheiroso de que você gosta.

Ju apenas sorriu e me acompanhou até o elevador. Permanecemos abraçados até chegarmos ao décimo sétimo andar. Como prometido, fui diretamente para a cozinha, tirando apenas a minha camisa durante o percurso. Coloquei a água para ferver e separei alguns grãos de café moído.

– Leb... Conta pra mim o que houve... Por favor – Júlia falou baixinho, meio temerosa.

– Tiramos as fotos... Ficaram lindas. – Abri um armário e peguei duas xícaras.

– Não estou falando sobre isso. Vocês conversaram?

– Não foi bem uma conversa. Eu meio que gritei com ela depois que tirou o sutiã e me pediu para fotografá-la. Ah, e depois que veio para cima de mim.

Júlia abafou sua surpresa com as mãos. Puxou uma cadeira da mesa redonda da cozinha, a mesma onde tinha jantado com a Amande na quarta-feira.

– Sério? Não acredito! Que loucura!

– Um absurdo... Mas pelo menos descobri que ela estava mais perdida do que eu. Agora creio que não está mais. Deve estar seguindo para a igreja agora.

– Como assim? Se ela te quer, por que se casaria?

– Porque ela é a Amande. Aquela mulher tem uma cabeça tão dura que acho que, se eu lhe desse um cascudo, minha mão quebraria.

Júlia riu de verdade, e aquilo ajudou a manter o ambiente um pouco menos afetado.

– Olha, ela pode ser teimosa o que for... Duvido de que se case. Quem em sã consciência dá em cima de alguém antes de casar? Só se ela for uma, desculpe-me a expressão, vagabunda.

Aquilo estava definitivamente fora de questão. Amande era uma mulher valorosa, cheia de moral e ética. Eu sabia, tinha certeza de que ela não era uma qualquer.

– Ela não é, acredite – respondi prontamente. – Só está perdida. A cerimônia vai ser enorme, sabe? Daquelas que tem muitos convidados, recepção cheia de luxo e cada detalhe

pensado com maestria. Resumindo, um casamento caro pra cacete.

Ju balançou a cabeça, meio incrédula.

– Deve estar sendo difícil demais para ela... É sério, Lebinho.

– Eu sei... – murmurei. A imagem da Amande entrando na igreja e subindo no altar me deu vontade de gritar.

Peguei uma cafeteira térmica e coloquei um filtro em cima. Logo, estava jorrando a água quente – que se misturava com os grãos de café e incensava o ambiente inteiro. Eu podia achar aquilo uma delícia se não estivesse me sentindo tão arrasado.

– Pelo menos agora ela sabe que o que fizemos não foi apenas sexo. Deixei isso muito claro.

– E o cheque? – perguntou Ju.

Soltei um longo suspiro.

– Rasguei na frente dela, dizendo-lhe que não podia me pegar pelo que fizemos.

– E ela?

– Ficou lá com cara de bocó. Olha, Ju, eu disse tudo o que precisava dizer.

Servi nossas xícaras e me sentei ao lado dela na mesa. De repente, estava muito cansado. Tomei um bom gole do café. Delicioso. Júlia também bebericou sua xícara, sorrindo logo quando voltou a colocá-la em cima da mesa.

– Disse que a amava? – ela perguntou.

– Isso não.

– Devia ter dito.

– Não ia ajudar muito se eu dissesse – afirmei. – Até porque, vamos ser realistas, nos conhecemos há apenas uma semana. Mesmo assim deixei meu interesse por ela muito claro e, no fim, fizemos aquele nosso diálogo feito. Só que dessa vez foi ela quem perguntou o que eu queria.

Ju assoprou o café, fazendo um biquinho de lábios rosados antes de beber um pouco mais.

– Aquele lance de surpreender? – questionou.

– É. Eu implorei para que ela me surpreendesse. Foi bem embaraçoso... Comecei a chorar e ela também. Depois, apenas fui embora. Amande não me impediu de ir...

Ju me encarou por longos segundos. Coçou um pouco a cabeça, o que acabou fazendo uma madeixa escura escorrer para frente. Fiquei apenas a observando, tomando o meu café como se fosse fácil demais engolir alguma coisa. A verdade é que eu estava quase transbordando, como uma grande represa que ultrapassa o seu limite.

– O que você queria que ela fizesse, Caleb? Simplesmente fugisse? Não é assim que as coisas são. Sei que você está ansioso, mas tenha paciência. Duvido de que Amande vá se casar desse jeito.

Apoiei minha cabeça entre os dedos.

– Não tenho tanta certeza assim – disse baixinho, em tom de desabafo.

– Ela vai te surpreender. Acredite.

Ju olhou para o lado, mirando o relógio da cozinha. Eram quase sete e meia da noite, e o casamento se realizaria às oito. Se Amande tivesse desistido, já teria me ligado ou algo assim. Pelo que a conhecia, jamais largaria a cerimônia em andamento. Essas coisas só acontecem em filmes.

Sentia que a minha própria existência estava em jogo; como se o relógio fosse o carrasco, aquele que decidiria se eu permaneceria vivo ou não. Era ruim demais não ter controle sobre as coisas, naquele instante consegui entender por que Amande gostava tanto de manter tudo em ordem.

Larguei a xícara de café pela metade e perguntei à Júlia se estaria tudo bem se eu fosse tomar um banho rápido. Estava me sentindo sujo, cansado e estressado. Achei que depois de um bom banho estaria mais relaxado para suportar a dor de ver as horas passarem, porém não adiantou. Quando me vi limpo e vestido com trajes de casa – bermuda cinza simples e camiseta branca de algodão –, percebi que não fazia diferença. Viver era um terror.

Encontrei Ju sentada no sofá de um jeito confortável. Sua expressão não negava o nervosismo; com uma olhadinha básica no relógio, confirmei que já passava das oito horas. Era óbvio que minha irmã estava errada com relação à Amande, embora desejasse acreditar nela.

Deitei-me no sofá, apoiando minha cabeça nas pernas da Júlia. Ela me aninhou em seus braços, consolando-me como se fosse um garotinho indefeso. Suas mãos leves começaram a alisar os meus cabelos, e me senti tão seguro que simplesmente comecei a chorar baixinho. Ju não disse nada; chegou até a evitar olhar para mim, apenas fixou seus lindos olhos azuis em algum ponto inexistente da sala e continuou me puxando para si. Eu nada fui capaz de dizer. Meu sofrimento era silencioso, nenhuma palavra seria capaz de trazer alívio.

Foi quando a campainha tocou inúmeras vezes seguidas, sem pausas. O barulho era alto e irritante, de modo que Ju e eu tomamos um susto.

– Você pediu pizza? – perguntei, franzindo o cenho. Claro que a minha pergunta não teve lógica, pois certamente o porteiro me interfonaria antes de permitir que o entregador entrasse no prédio.

– Não... – Júlia também parecia meio confusa.

A campainha não parou de tocar, portanto achei que fosse uma emergência. Podia ser problemas com algum vizinho, sei lá, um acidente ou algo assim.

Levantei do sofá com bastante pressa e, mais rápido do que pude acompanhar, destranquei a porta e a abri sem conferir o olho mágico antes.

O que vi me deixou...

Surpreendido.

Amande estava rente à minha porta, trajando um vestido de noiva imenso. Parecia esbaforida, como se tivesse corrido muito. Seus olhos me prenderam no mesmo instante, e fui obrigado a prender a respiração. Cada nervo do meu corpo pareceu se contrair. O coração diminuiu, o cérebro congelou. Meu mundo parou por um segundo. O segundo em que busquei entender que aquela mulher tinha largado o casamento. O segundo em que percebi que ela havia feito aquilo por mim. O segundo em que compreendi que Amande, nos próximos segundos e até que eu deixasse de respirar, seria apenas minha.

53º Capítulo
Enfim, sós...

– Não vai me convidar para entrar? – Sua linda voz despertou em mim uma coisa louca. Era um sentimento de posse e submissão ao mesmo tempo. Não sei explicar, mas mexeu comigo de um jeito tão intenso que fui incapaz de reagir.

Ela estava tão linda... Como sempre. O vestido em seu corpo havia ficado perfeito, era todo em detalhes perolados. Não tinha alças, mas o acabamento nos seios era incrível – um decote discreto e sensual ao mesmo tempo. O enorme véu ainda estava lá, ocupando metade do hall de entrada, juntamente com a cauda do vestido. Uma parte de mim se perguntou se ela ainda usava a calcinha deliciosa com o veuzinho atrás.

Como se tivesse despertado de um longo período de hibernação, puxei Amande para dentro do apartamento. Ela veio imediatamente, como se eu tivesse passe livre para fazer o que bem entendesse. Oh, eu faria. Só não sabia por onde começar, visto que mal podia respirar direito.

Fechei a porta atrás de nós e imprensei Amande na primeira parede que surgiu. Olhava-a fixamente, como se o fato de reparar em cada movimento seu fosse mais importante do que minha própria respiração.

Amande derreteu em meus braços, cedendo com uma facilidade impressionante. Linda! Perfeita! Maravilhosa!

Chegava a ser inacreditável que estivesse ali. Parecia um sonho. Podia até me beliscar se não tivesse tanta pressa, tanta sede.

– Nunca pensei que te diria isso... – murmurei, e já percebi que não conseguiria completar a ideia sem que as lágrimas viessem. – Mas você é louca, Amande. Não acredito que... Achei que já estivesse casada.

Ela sorriu de leve e depositou seus braços em volta do meu pescoço.

– Só se eu fosse muito burra.

Tomei aquela mulher linda pela cintura, sentindo o tecido grosso de seu vestido nos meus braços. Não conseguia vê-la direito, pois as lágrimas deixavam minha visão bastante turva. Ela não chorou, apenas ergueu uma mão e limpou o meu rosto com uma delicadeza impressionante. Simplesmente me deixei levar, afundado em seus lagos negros, que não paravam de me dizer coisas lindas, sem necessidade de utilizar palavras.

Assim que Amande se curvou na direção da minha boca, Júlia apareceu. Por um momento havia me esquecido de que ela estava ali. Sinceramente eu ainda não conseguia assimilar direito o que estava acontecendo.

– Caleb, quem era na...

Amande me soltou muito depressa, de um jeito brusco. Ela encarou Ju com pesar e balançou a cabeça. O semblante que fez foi muito esquisito; demorei alguns segundos para entender que ela não tinha reconhecido a minha irmã. Pensava que eu estava com outra mulher. Àquela altura do campeonato aquilo soou ridículo demais, porém não quis prolongar a situação.

– Amande, acalme-se... – falei, voltando a puxá-la para mim. – Esta é a Júlia, minha irmã. Ju... Amande realmente me surpreendeu.

A frase parecia simples, mas encheu meu coração de uma alegria tão grande que achei que fosse explodir.

Amande se acalmou consideravelmente.

– Oh, meu Deus! – Ju gritou, eufórica. – Eu disse, Lebinho! Falei que ela não ia se casar!

Acompanhei seu vulto abraçando a Amande como se ela fosse uma celebridade. De repente percebi que estava rindo enquanto ainda chorava. Que doideira, não?

Foi então que Amande começou a chorar nos braços da Ju, como se estivesse por um fio o tempo todo.

– Amande... Você é linda! – disse Ju, sem largá-la. – Meu irmão estava tão triste... Ele pensava que ia te perder, sabia? – Amande me olhou por trás da Júlia, mostrando-me um sorriso maravilhoso. – O bobo se apaixonou logo de cara. Quase que não ia te procurar essa semana. Tive que obrigá-lo! Sou uma irmã muito irritante quando quero!

Agora, ela não apenas riu como também gargalhou. Lágrimas ainda saíam de seus olhos, fazendo da cena algo encantador de ser observado. Eu ainda não conseguia acreditar que Amande estava ali.

Júlia a soltou devagarinho, depois pegou suas mãos e as abriu como que para observá-la melhor.

– Você é encantadora, Amande... Vai fazê-lo muito feliz! Fez a escolha certa! – disse e, logo em seguida, beijou-a no rosto. Depois, virou-se na minha direção e me ofereceu um sorriso cúmplice perfeito. Um sorriso que dizia: "eu estava certa o tempo todo!". Sinceramente, nunca estive tão feliz por ela estar certa.

– Leb, vou indo. Vocês têm muito para conversar! Eu disse, não disse? Nunca erro!

Ri feito um idiota e a puxei para mim, abraçando-a com força. Aquela louca havia me ajudado tanto que jamais conseguiria agradecê-la à altura. Por mais coisas que fizesse, por mais que falasse, nada seria suficiente para retribuir o que tinha feito por mim.

– Obrigado, maninha – murmurei emocionadíssimo.

– "Obrigado" nada! Está me devendo uma agora! – Gargalhamos em uníssono.

Ju foi até o sofá e pegou sua bolsa, passando por nós alegremente. Era óbvio que estava feliz por mim. Um dos motivos para eu amá-la tanto: minha linda irmã se importa comigo de verdade, incondicionalmente, por mais idiota e estúpido que eu possa ser.

– Se cuidem, crianças! *Bye, bye!* – Caminhou até a porta, porém, antes de sair, virou-se na direção da Amande. – Ah, Amande... Quero sobrinhos logo, nada de demorar.

Amande soltou uma gargalhada gostosa, acompanhada pela Ju. Eu sorri, um pouco envergonhado. Ter um filho? *Puts*... Ainda não conseguia sequer assimilar que ela estava em meu apartamento, imagina a ideia de termos um filho?

Ju finalmente foi embora, deixando o ambiente subitamente silencioso.

Amande me encarou de um modo selvagem. O monstro que habitava em mim despertou imediatamente, e uma excitação poderosa vibrou no meu corpo.

– Enfim, sós... – ela murmurou com uma voz que inspirava promessas deliciosas. Depois, praticamente se atirou em cima de mim.

“Meu Deus... Prometo nunca mais largar essa mulher”, pensei.

54º Capítulo
Maior desejo

Beijei-a com uma vontade aterradora. Tinha necessidade dela, da sua boca, do seu cheiro, do seu corpo inteiro. Era uma urgência que me tirava do sério. Sabia que precisava tê-la imediatamente, do contrário poderia morrer de tanto desejo. Prendi-a em meus braços e a apoiei na parede, deixando-a sem saídas. Adorava a ideia de sua incapacidade de se afastar. Já estávamos quase sem fôlego, mas não parecíamos dispostos a nos afastar nem tão cedo.

Amande apertou os braços ao redor do meu pescoço, assanhou os meus cabelos e gemeu baixinho entre os meus lábios. Deliciosa. Já a queria tanto que chegava a doer. Entretanto, era uma dor diferente, distinta da que eu estava sentindo antes de ela chegar. Aquela era gostosa, causava-me um prazer indescritível.

Havia uma tonelada de vestido que me impedia de tocá-la melhor, por isso Amande se manteve na vantagem. Com as mãos apressadas, puxou a minha camiseta para fora, sacudindo-a em um canto desconhecido. Logo, seus dedos iniciaram uma sessão frenética de exploração; tocou-me o peito, os ombros e o abdome. Deixei-me levar pela sensação incrível das suas mãos macias pegando para si o que, de fato, lhe pertencia.

Não pude esperar nenhum segundo a mais. Já morria de tesão, de modo que minha ereção já não cabia direito dentro da bermuda.

Peguei Amande nos braços, do mesmo jeito que os recém-casados costumam fazer. Se parássemos para pensar, a situação chegava a ser hilária; ela não havia se casado, e nem eu não era seu marido, mas, mesmo assim, lá estávamos nós, agindo de um jeito surpreendentemente natural.

Guiei-a através do corredor, sabendo exatamente onde a queria: na minha cama. Não ousei tirar meus olhos dos seus. Também não consegui conter as lágrimas, que eram devidamente enxugadas pela Amande. Não me julgue, eu tinha fortes motivos para chorar, que se resumiam na emoção de compreender que Amande era minha, que aquela palhaçada inteira havia se resolvido, que eu finalmente tinha ganhado a guerra depois de tanto lutar... O alívio era imenso, como se eu pudesse finalmente voltar a respirar depois de quase ter me afogado em um mar de amargura e decepção.

Seu vestido se misturava com a cauda comprida, deixando o corredor tomado por uma onda branca. Aquele momento poderia acontecer apenas uma vez na vida de uma pessoa, mas algo dentro de mim sabia que se repetiria. Eu guiaria Amande nos braços dentro de um vestido de noiva, só que, quando acontecesse, estaríamos com nossas alianças na mão esquerda. Exatamente, eu queria me casar com ela. Na verdade, podia fazer aquilo no dia seguinte, se permitisse. Para quê esperar? Só não o faria naquela noite porque não a tiraria da minha cama nem tão cedo.

Um raio de lucidez me fez pensar no noivo dela. O idiota otário. O cara devia estar, no mínimo, arrasado. Não me permiti sentir pena do sujeito. Depois conversaria com a Amande sobre ele, tenho certeza de que o fato de tê-lo magoado a constrangia. Entretanto, não podia permitir que o nosso momento fosse estragado pelos problemas que certamente teríamos que

enfrentar. Juntos.

Sorri para a Amande, achando lindo seu gesto de enxugar minhas lágrimas com tamanha delicadeza. Ela sorriu de volta e enterrou o rosto no meu pescoço, dando-me um cheirinho que foi capaz de me deixar arrepiado. Ainda era impressionante para mim o fato de amá-la tanto. Nunca pensei que fosse sentir algo tão forte na minha vida, o que me fazia ter certeza absoluta de que a amaria para sempre.

Depositei Amande na minha cama, deixando-a de bruços. Minha ideia era retirar aquele vestido, que estava me atrapalhando bastante. Precisava tocar seu corpo dourado, tinha que senti-la entre meus dedos. O tecido se fechava atrás com fitas brilhantes, semelhante a um espartilho. Ia ser complicado e um pouco demorado, mas não queria que nosso clima se partisse. Decidi fazer daquele momento algo íntimo para nós, portanto fui retirando as amarras devagar, parando vez ou outra para massagear a carne que ia ficando exposta aos poucos. Amande derreteu entre os meus dedos, permanecendo quietinha e calada, embora sua respiração ofegante indicasse o desejo que sentia. Às vezes eu me curvava e lhe distribuía beijinhos doces e úmidos ao longo de sua espinha, fazendo-a se arrepiar.

Quando todas as amarras foram desfeitas, puxei Amande para cima, fazendo-a ficar de pé. Seu corpo obedeceu ao meu comando com muita facilidade, o que me deixou ainda mais louco. Era incrível o modo como ela reagia a mim; alguma coisa estava diferente, mas de um jeito positivo. Definitivamente não era como antes. Percebi que tocá-la jamais seria a mesma coisa, afinal, não estávamos mais cometendo um erro nos desejando daquela forma. A sensação de liberdade reinava, deixava-me despreocupado e aumentava o meu desejo a um nível quase insuportável.

O tecido pesado, agora livre do que o prendia, caiu no chão com força. As curvas da Amande surgiram, belíssimas, moldadas apenas pela maldita calcinha fina. Sim, a mesma que tinha o veuzinho atrás. Deliciosa! Já estava com água na boca, principalmente porque seus seios à mostra praticamente berraram por mim.

Mal soube por onde começar. Podia passar anos a fio admirando o corpo dourado daquela mulher, contudo sabia que ia ter tempo de sobra para fazê-lo. Peguei o longo vestido e, com cautela, ajudei Amande a sair dele. Depositei-o aberto em cima de uma cadeira decorativa, no canto esquerdo do quarto. Depois, voltei-me na direção dela, sentindo meus olhos em brasa.

– Estava rezando para que ainda estivesse com essa calcinha – murmurei em seu ouvido, abraçando-lhe o corpo como se não suportasse viver longe dele. Isso era verdade.

Amande pareceu relaxar em meus braços, sem nada dizer. Minhas mãos navegaram pelo seu corpo, parando na calcinha sexy. Puxei o pequeno véu na parte de trás, brincando com ele por alguns minutos. Logo, explorei cada centímetro do que aquela calcinha tentava, em vão, esconder. Simplesmente guiei meus dedos por dentro dela, ouvindo Amande gemer baixinho no meu ouvido. Achei que fosse morrer de excitação. Se fosse possível, certamente eu já estaria morto.

– Não vai tirar o meu véu? – ela perguntou com a voz vacilante, repleta do mesmo desejo que me infiltrava.

– Qual dos dois? – Ri de leve. – Pretendo tirar só este daqui. – Puxei o minivéu que saía da calcinha. Apenas depois de ter respondido, notei que nunca foi minha intenção retirar o véu comprido que escorria de seu penteado e inundava o chão de um jeito disforme. Por incrível

que pareça, achei-o sexy demais. Cheguei até a imaginar nossos corpos nus se enroscando nele, enquanto nos amávamos como nunca.

Fui descendo a calcinha da Amande. Aos poucos, seu sexo bem depilado veio à tona. Não contive o ímpeto de me ajoelhar diante dela, deixando meu rosto na altura de seu ventre. Queria vê-la de perto.

Comecei a lhe distribuir beijos em todas as partes que me foi possível. Minhas mãos percorriam o seu corpo e apertavam o seu traseiro a fim de puxá-la para mim. Terminei de retirar a calcinha, recebendo sua ajuda durante o processo.

Sentia a pele dela relaxando ainda mais a cada beijo que lhe oferecia. Não tive pressa; beijei o sexo, as coxas, a parte inferior ao umbigo, os joelhos. Cada parte do meu corpo ia cedendo e se desmanchando, fazendo-me entender que nada no mundo era melhor do que estar com ela.

Escorri meus dedos entre as meias brancas de renda, extremamente sensuais, que Amande usava. A combinação delas com o sapato branco elegante era incrível. Muito, muito excitante.

– Os sapatos e as meias também vão ficar – decidi, apertando sua bunda gostosa mais uma vez.

Amande riu, puxando meus cabelos com as duas mãos.

– Não sabia que você tinha fantasias com noivas.

Ergui a cabeça e lhe encarei fixamente. A visão era privilegiadíssima: seus seios maravilhosos saltados para frente e sua linda face me encarando de volta com ar divertido. Um pequeno sorriso deixava seus lábios desenhados de tal forma que me deixou incapaz de não sorrir também.

– Desde que a noiva seja você – respondi, achando que enlouqueceria a qualquer instante. – Quer casar comigo?

Eu sei. Saiu no impulso. Não que eu não quisesse casar com a Amande – era um dos meus maiores desejos –, mas reconheço que o pedido veio cedo demais. Bom, cedo ou tarde, jamais ousaria querer uma mulher que não fosse ela.

Amande arregalou os olhos, mas começou a gargalhar como se eu tivesse dito uma grande besteira. Ah... Ela veria o quão sério eu estava falando...

Levantei-me depressa e a puxei com força calculada na direção na cama, obrigando-a a se deitar. O véu gigantesco se espalhou por toda parte, mas não liguei. Depositei meu corpo em cima do seu logo em seguida, deixando-a completamente sem saídas.

Encarei-a com seriedade.

– Falo sério. Quero você pelo resto da minha vida, Amande. Finalmente encontrei quem eu procurava... Alguém que conseguiu me salvar de uma existência sem sentido. Alguém para amar, de verdade. – Beijei sua boca suavemente. – Entenda que preciso e quero você para mim – murmurei entre seus lábios.

Pode ter sido esquisito ter confessado aquilo tão cedo, mas incrivelmente não tive receio. Ela podia ficar assustada à vontade, pois nada tiraria a veracidade das minhas palavras.

Vi quando os olhos da Amande ficaram lindamente marejados.

– Eu sou sua – sussurrou.

Imediatamente fechei os olhos. Se eu dissesse que aquela frase mexeu comigo, estaria sendo muito injusto. Tudo o que eu apenas imaginar dizer sobre o que Amande falou não vai traduzir nem um terço do que senti. Tudo em mim se agitou, meu corpo inteiro se contraiu, e

todas as minhas prioridades se moveram na velocidade da luz. O mundo podia se explodir naquele instante, eu não daria a mínima. Amande era minha. Fim de história.

Apenas quando ela beijou meus olhos, percebi que estava chorando.

– Repete – pedi, sentindo a minha alma gritando aos quatro cantos.

– Sou sua, Caleb, meu... Meu amor – disse Amande, dando-me um beijinho estalado.

A palavra. A maldita usou a palavra que eu tanto temia. Sim, temia, no passado. Não temo mais. Muito pelo contrário, ela fazia tanto sentido que seria absurdo usar outra no lugar.

– Só minha? – perguntei. Simplesmente não podia acreditar naquilo.

– Sim. E você?

Voltei a abrir os meus olhos. O que vi foi uma mulher encantadora, com olhos brilhantes pelas lágrimas contidas e um sorrisinho bobo nos lábios.

– Sou só seu desde que fui seu pela primeira vez – respondi. – Serei para sempre.

– É sério isso? – Ela abriu bem os olhos, surpresa.

– É sim. Eu me apaixonei por você, Amande. Desde o fim de semana. Não consegui ter mais ninguém... Não pude. Pensei em te procurar, mas... – Suspirei. – Desculpa pela confusão que arranjei na sua vida. Não queria que fosse assim – falei, achando que devia aquele pedido de desculpas há muito tempo.

– Foi a confusão mais necessária do mundo. Não me arrependo de nada... Faria tudo de novo, só que de um modo melhor. Sequer colocaria essa droga de vestido.

O clima, de repente, havia ficado um pouco tenso. Sabíamos que muitas coisas haviam ficado pendentes, mas eu queria fingir que nada mais existia além de nós. Pelo menos naquela noite.

– Nem vestiria a calcinha deliciosa? – perguntei, rindo torto.

Amande começou a rir, e então voltamos a deixar o ambiente leve em apenas um segundo.

Ela se curvou para frente e me deu um beijo delicioso e demorado. Logo, nossos corpos já queimavam de desejo um pelo outro. Deixei minha mão descer até o seu sexo exposto para mim, queria conferir se estava pronto. Amande gemeu sob o meu toque. *Linda!* Meus dedos se lambuzaram com o líquido do seu prazer, e então eu mal podia esperar para estar dentro dela.

– Sim! – gritou. – Aceito!

Por um instante, não soube de quê ela estava falando. Meus dedos trabalhando lá embaixo me tiravam toda a concentração.

– Casar comigo? – questionei.

– Aham.

Nossa... Acho que nunca tinha sentido tanta felicidade na minha vida. Qualquer grande alegria parecia fichinha perto daquilo. Não soube o que dizer, portanto a beijei profundamente, sem deixar de tocá-la. Fiquei com medo de que tudo não passasse de um sonho, mas seus lábios nos meus traziam uma sensação tão real que não pude duvidar.

– Vai ser na praia – Amande prosseguiu, entre gemidos deliciosos. – Sem planejamento algum.

– Sem planos – murmurei.

– Sem cálculos.

– Uma desorganização completa – concluí, sorrindo entre seus lábios apetitosos.

– Sim. A cor do bolo nem vai combinar com o buquê. – Amande se esgueirou e

praticamente me arrancou a bermuda, liberando a minha ereção latejante. Pronta para tê-la.

Comecei a rir, do nada. Ela também. Estávamos fazendo planos? *Puts*...

– Vou ser tão feliz quanto jamais fui – sussurrei em seu ouvido e, com um movimento lento, encaixei nossos corpos.

Sequer pensei em usar preservativos. Na verdade, dei a mim mesmo o direito de esquecer. Queria senti-la em mim, tê-la completamente. Pele com pele.

Amande estava deliciosamente quente e molhada, cedendo muito fácil ao meu sexo, que empurrava e retrocedia, explorando cada centímetro. Ela gemia baixinho, provocando-me. Dentre um desses gemidos, murmurou:

– Eu também.

E nada poderia dizer o contrário. Seríamos felizes. Juntos.

Afinal, é o nosso maior desejo.

Continua em...
Despedida de Solteira – Amande e Caleb

Gostou do livro? Detestou? Tem algo a dizer?

Vou adorar receber seu comentário!

Facebook Despedida de Solteira: https://www.facebook.com/pages/Despedida-de-Solteira-Mila-Wander/184148235066652?ref=hl

Skoob Despedida de Solteira: http://www.skoob.com.br/livro/317946-despedida-de-solteira

Sobre a autora:

Mila Wander nasceu e mora em Recife. É pedagoga, brinquedista, maquiadora profissional e escritora. "Meu Conselheiro de Luz" foi sua primeira obra concluída e publicada em 2012. É organizadora da coletânea "Em Contos de Amor", que será publicada em 2013, contando com a participação de quinze autores nacionais. Despedida de Solteira é o seu romance de estréia na literatura erótica.

CONTATO: camilavnw@gmail.com

Copyright© – Todos os direitos reservados. Qualquer cópia parcial ou total é proibida.

Table of Contents

Agradecimentos
1º Capítulo
2º Capítulo
3º Capítulo
4º Capítulo
5º Capítulo
6º Capítulo
7º Capítulo
8º Capítulo
9º Capítulo
10º Capítulo
11º Capítulo
12º Capítulo
13º Capítulo
14º Capítulo
15º Capítulo
16º Capítulo
17º Capítulo
18º Capítulo
19º Capítulo
20º Capítulo
21º Capítulo
22º Capítulo
23º Capítulo
24º Capítulo
25º Capítulo
26º Capítulo
27º Capítulo
28º Capítulo
29º Capítulo
30º Capítulo
31º Capítulo
32º Capítulo
33º Capítulo
34º Capítulo
35º Capítulo
36º Capítulo
37º Capítulo
38º Capítulo
39º Capítulo
40º Capítulo
41º Capítulo

42º Capítulo
43º Capítulo
44º Capítulo
45º Capítulo
46º Capítulo
47º Capítulo
48º Capítulo
49º Capítulo
50º Capítulo
51º Capítulo
52º Capítulo
53º Capítulo
54º Capítulo
Sobre a autora